



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Tratamento da Informação Espacial



Nádia Cristina da Silva Mello

**DIVINÓPOLIS: uma cidade média na região  
Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG**

Belo Horizonte  
2015

Nádia Cristina da Silva Mello

## **DIVINÓPOLIS: uma cidade média na região Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho

Belo Horizonte  
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M527d Mello, Nádia Cristina da Silva  
Divinópolis: uma cidade média na região Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG / Nádia Cristina da Silva Mello. Belo Horizonte, 2015.  
295 f. : il.

Orientador: Oswaldo Bueno Amorim Filho  
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial.

1. Geografia urbana - Divinópolis (MG). 2. Geografia regional - Divinópolis (MG). 3. Zoneamento. 4. Crescimento demográfico. 5. Planejamento urbano. I. Amorim Filho, Oswaldo Bueno. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 911.3:711

Nádia Cristina da Silva Mello

## **DIVINÓPOLIS: uma cidade média na região Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Doutora em Geografia.

---

Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho (Orientador) - PUC Minas

---

Prof. Dra. Geraldine Marcelle. Moreira Braga Rosas - PUC Minas

---

Prof. Dr. Alexandre Magno Alves Diniz - PUC Minas

---

Prof. Dr. Alfio Conti- UFMG

---

Prof. Dr. Wagner Barbosa Batella- UFV

Belo Horizonte, 31 de agosto de 2015

*Dedico esta tese à minha mãe, ABGAIL (in memoriam), aquela que sempre me dava o cobertor quando ela sentia frio, e que em todos os planos da vida sempre me apoiou na conquista de um novo horizonte pessoal e profissional.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a Deus, pelo dom da vida, por direcionar os meus passos e cuidar de mim ao longo desta caminhada, permitindo-me chegar até aqui, e por colocar em minha vida as pessoas e as instituições que colaboraram com este trabalho.

Ao CEFET-MG, pelo apoio na liberação das atividades profissionais e na concessão da bolsa de estudos para a realização desta tese.

Ao prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho, orientador deste trabalho, por sua incansável e incomensurável dedicação e compromisso com a vida acadêmica, e, de modo especial, com a Geografia. Pela sabedoria no rigor científico, pela confiança depositada, seriedade, ensinamentos e experiências compartilhados na sala de aula durante as disciplinas cursadas, nos intensivos trabalhos de campo e nos momentos de orientação. Pela disponibilidade e atenção nas orientações, pelos conselhos e sempre gentis intervenções. E, por fim, pela paciência, compreensão e por dar-me as coordenadas necessárias, que foram essenciais à conclusão deste trabalho. Minha eterna admiração e gratidão.

Meus agradecimentos a todos aqueles que, em momentos e de formas diversas, colaboraram e apoiaram na elaboração desta tese: aos professores do programa de Pós-Graduação em Geografia em Tratamento da Informação Espacial, que compartilharam momentos de informação, sabedoria e conhecimento nas disciplinas cursadas para fins de crédito. Aos Profs. Doutores: Alexandre Magno Alves Diniz, Ana Márcia Moreira Alvim, Aurélio Muzzarelli, Duval Magalhães Fernandes, João Francisco de Abreu, José Flávio Morais Castro, Leônidas Conceição Barroso. Em especial a Ana Márcia e José Flávio, pelos importantes diálogos e sugestões no exame de Qualificação, que muito contribuíram para este trabalho.

Agradeço aos funcionários Fátima, Délio, Alisson e Tatiane, pela atenção e solicitude nos serviços institucionais prestados.

À minha família, meu pai Paulo, meus irmãos, cunhadas e sobrinhas: Claire, Clério (Beatriz), Norma e Rayner (Daiane) pelo apoio incondicional, carinho, incentivo e a torcida constante. Aos meus irmãos também pelos presentes que me deram, as amadas sobrinhas, Sabrynna, Paula Maria, Anna Carolina e Gabriella, que representam o futuro e me motivam a caminhar. Em especial, a Sabrynna, pelo apoio na revisão do inglês.

Ao meu marido, Luiz Antonio Castro de Mello, pela parceria, estímulo e compreensão a este projeto de vida, sempre presente na superação das barreiras. Em especial, pelo apoio nas pesquisas de campo, e, principalmente, por suportar minhas ausências.

Aos órgãos públicos e privados da cidade de Divinópolis, Belo Horizonte e demais cidades do Centro-Oeste Perimetropolitano de Belo Horizonte, pela liberação dos dados e informações. Em especial a Secretaria Municipal de Cultura nas pessoas do Marquinhos e Faber.

Aos colegas da Pós-Graduação em Geografia, pelo prazer da convivência, o aprendizado da vivência e pelas oportunidades de reflexão e diálogo, pelo carinho e gestos de amizade. Em especial, àqueles que muito apoiaram na realização deste trabalho: Elisângela Gonçalves Lacerda, no tratamento dos dados, Vania Kele Evangelista Pinto, pela preciosa colaboração na condução dos projetos e atividade docente, Rosália Caldas Sanábio de Oliveira e Erico Anderson de Oliveira, pela indicação deste programa de pós-graduação e constantes palavras de incentivo e apoio.

Agradecimentos especiais a Márcia Andréia Ferreira Santos, pelo tempo dedicado e todo trabalho realizado na revisão de normalização e correção gramatical deste trabalho.

Aos colegas professores e técnicos administrativos do CEFET-MG, campus Divinópolis, em especial às professoras Rosânia Maria Resende, pelo apoio na condução dos projetos, a Sandra Vaz Martins e Maria de Lourdes Couto, pelo apoio com dados e informações e a Leninha pelo apoio de sempre.

A todos os meus alunos e ex-alunos, em especial, o apoio técnico de Vinícius Almeida Gonçalves, Rodrigo Bernardino de Oliveira e Lauro Guimarães Mansur Nascimento.

Ao amigo Heber Fonseca, que colaborou fornecendo preciosas informações.

Às professoras do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, onde concluí o mestrado, e que me motivaram a estar aqui, em especial, a Beatriz Ribeiro Soares, Vera Lúcia Salazar Pessôa, Suely Regina Del Grossi, Vânia Rubia Farias Vlach e Marlene de Muno Colessanti.

A todos os meus amigos, pela presença, mesmo quando distantes.

Enfim, a todos, que de forma direta ou indireta, tornaram este momento possível e fazem parte desta conquista.

**Minha cidade hoje é grande  
Mas começou pequenina  
Não tinha prédios, nem fábricas  
Não possuía oficina  
....  
Do oeste mineiro eu canto  
Nossa terra é capital  
Vem conhecer Divinópolis  
A minha terra natal  
(Adélia Prado)**



## RESUMO

Esta pesquisa analisa o papel da cidade média de Divinópolis, considerada uma cidade *Carrefour* por sua posição privilegiada, na Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte (RCOPm-BH), que é o recorte espacial desta pesquisa. Realizou-se um levantamento bibliográfico sobre a temática das cidades médias, a partir de estudos clássicos e recentes no Brasil e no mundo, buscando compreender esta categoria de cidades e, em particular, o papel de Divinópolis em sua região. Foram utilizadas técnicas estatísticas de hierarquização a partir de um conjunto de variáveis socioeconômicas, a fim de confirmar seu posicionamento hierárquico e o nível de suas relações com as demais cidades da região. Finalmente, realizou-se um intensivo trabalho de campo para a aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional (AMORIM FILHO, 2007). Divinópolis é uma cidade primaz, apresenta importante papel regional, sendo identificada dentre as hierarquias urbanas superiores nas diversas classificações realizadas para as cidades de Minas Gerais. Possui um espaço intraurbano complexo e atrai pessoas e capitais, promovendo a ampliação e alteração do seu tecido urbano e modificando a morfologia do seu espaço intraurbano, sendo este um espaço complexo.

Palavras-chave: Geografia Urbana, Cidades médias, Relações regionais, Divinópolis

## **ABSTRACT**

This search analyzes the role of the medium-sized city of Divinópolis, considered a Carrefour-city, for its privileged position, in the Midwest Region Perimetropolitan of Belo Horizonte (RCOPm-BH), which is the spatial area of this research. We conducted a literature review on the issue of medium-sized cities from the recent classical studies in Brazil and in the world, trying to understand the role of city category and in particular of Divinópolis in spatial area of research. Applied hierarchical statistical techniques from a set of socioeconomic variables in order to review and confirm their hierarchical position and the level of its relations with other cities in the region, and finally held an intensive field work for the implementation of a Model morphofunctional organization (Amorim Filho, 2007). Divinópolis is a primate city, has important regional role, being identified among the urban upper hierarchies in the various urban classifications made in Minas Gerais. The city has a complex intra-urban space, it attracts people and capital, promoting the expansion and modification of its urban fabric and modifying the morphology of its intra-urban space, which is a complex space.

**Keywords:** urban geography, medium-sized cities, regional relation, Divinópolis

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do município de Divinópolis na região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG .....	21
Figura 2 - Roteiro metodológico .....	22
Figura 3 - Localização da Megalópolis de Gottmann .....	33
Figura 4 - As oito zonas de aplicação da política do <i>Aménagement du Territoire</i> - as metrópoles de equilíbrio (1963) .....	35
Figura 5 - Mudanças das referências temáticas em estudos sobre as cidades médias na Europa .....	46
Figura 6 - Centros regionais e intermediários (LELOUP, 1960) .....	73
Figura 7 - Cidades de Minas Gerais selecionadas como prioritárias no PROECI .....	75
Figura 8 - Níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais, identificados por Amorim Filho e associados .....	81
Figura 9 - Os três modelos clássicos da estrutura intraurbana .....	86
Figura 10 - Modelo elaborado por Amorim Filho .....	88
Figura 11 - Modelos de Zoneamento Morfológico Funcional aplicados a cidades mineiras .....	94
Figura 12 - A Região Metropolitana de Belo Horizonte e sua Zona Perimetropolitana – 2008 (limites exploratórios e hipotéticos) .....	98
Figura 13 - Regionalização e hierarquia dos centros urbanos da região Perimetropolitana de Belo Horizonte .....	105
Figura 14 - Municípios e cidades da Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte .....	108
Figura 15 - Sobreposição dos mapas das regiões: Mesorregião Oeste, Centro-Oeste de Minas e Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG .....	110
Figura 16 - Principais vias de acesso entre as cidades do RCOPm-BH .....	113
Figura 17 - Quilombos localizados na região do Campo Grande .....	122
Figura 18 - Desmembramento das vilas da Capitania de Minas Gerais, no século XVIII .....	123
Figura 19 - Vilas de origem dos Municípios do Centro-Oeste Perimetropolitano .....	125
Figura 20 - Formação administrativa das cidades médias do Centro-Oeste Perimetropolitano .....	126
Figura 21 - Distribuição da população nos municípios da Região Centro-Oeste Perimetropolitana-BH .....	129

Figura 22 - Distribuição da população urbana nos municípios da Região Centro-Oeste Perimetropolitana-BH .....	131
Figura 23 - Municípios com as dez principais cidades médias da RCOPm-BH, conforme a técnica da ACP .....	139
Figura 24 - Redes de cidades formadas pelo fluxo de ônibus coletivos intermunicipais na RCOPm-BH.....	149
Figura 25 - Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte – tendência de nova configuração.....	153
Figura 26 - Divinópolis: Localização na RCOPM-BH e os principais eixos rodoviários, hidroviários e ferroviários .....	156
Figura 27 - Divinópolis-MG: Fluxo de transporte coletivo que chega e parte da estação rodoviária (principais direções).....	169
Figura 28 - Divinópolis-MG: quantitativo de viagens diárias de transporte coletivo partindo da estação rodoviária .....	171
Figura 29 - Divinópolis-MG: áreas de atuação do 10º Batalhão do Corpo de Bombeiros Militar e da Gerência do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) .....	173
Figura 30 - Divinópolis-MG: espaço de atuação dos órgãos públicos com sede na cidade.....	175
Figura 31 - Divinópolis-MG: origem e classificação dos sacoleiros que vêm em excursões de compra para a cidade de acordo com a pontuação de compras - 1º semestre de 2015.....	179
Figura 32 - Divinópolis-MG: níveis de relações externas na região Centro-Oeste Perimetropolitana-BH .....	186
Figura 33 - Croqui da malha urbana de Divinópolis-MG (2015).....	189
Figura 34 - Divinópolis-MG: Hipsometria .....	192
Figura 35 - Perfil Topográfico da cidade de Divinópolis .....	194
Figura 36 - Rio Itapecerica em período de intensa pluviosidade e de seca .....	195
Figura 37 - Tecido urbano de Divinópolis-MG.....	198
Figura 38 - Tecido Urbano de Divinópolis- Morro da Mineira e Bairro Niterói .....	201
Figura 39 - Planta Urbana de Divinópolis- 1922 .....	202
Figura 40 - Divinópolis-MG: evolução da mancha urbana (1980,1990,2000,2010) .....	204
Figura 41 - Divinópolis-MG: Mata do Noé e o corredor ecológico no tecido urbano .....	205
Figura 42 - Centro funcional principal de Divinópolis-MG: Avenidas 1º de Junho (1), Getúlio Vargas, Antônio Olímpio de Moraes, Goiás e Pernambuco .....	212

Figura 43 - Praça Benedito Valadares e Praça Dom Cristiano .....	215
Figura 44 - Equipamentos estabelecidos no subcentro não linear da Avenida Paraná .....	218
Figura 45 - Mercado central municipal de Divinópolis-MG.....	220
Figura 46 - Bens tombados pelo Conselho do Patrimônio Histórico, artístico e cultural de Divinópolis-MG .....	222
Figura 47 - Vista parcial do subcentro da Avenida Juscelino Kubitschek, em Divinópolis-MG .....	230
Figura 48 - Vista parcial do subcentro da Avenida Paraná, em Divinópolis-MG .....	232
Figura 49 - Vista parcial do subcentro do bairro Niterói, em Divinópolis-MG.....	233
Figura 50 - Vista parcial do subcentro da área de localização do Hospital São João de Deus.....	236
Figura 51 - Vista parcial do subcentro da Rua Rio de Janeiro, em Divinópolis-MG.....	238
Figura 52 - Vista parcial do subcentro linear da Avenida Governador Magalhães Pinto em Divinópolis-MG .....	242
Figura 53 - Vista parcial do Lago das Roseiras, na divisa municipal de Divinópolis com o município de Carmo do Cajuru .....	244
Figura 54 - Modelo de zoneamento morfológico-funcional intraurbano aplicado a cidade de Divinópolis-MG .....	245
Figura 55 - Área Central da cidade de Divinópolis-MG.....	246

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dinâmica demográfica das cidades médias da RCOPm-BH: crescimento geométrico da população - 1970-2010 .....	141
Gráfico 2 - Dinâmica demográfica das cidades médias da RCOPm-BH: imigração e emigração – 2010.....	142
Gráfico 3 - Divinópolis-MG: taxa de admissões e desligamentos nos dois principais setores de geração de emprego .....	182

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conceituação e/ou caracterização de cidades médias segundo fragmentos da obra de alguns pesquisadores.....	38
Quadro 2 - Conceitos de cidades médias: palavras e expressões mais utilizadas nos textos escolhidos e citados.....	42
Quadro 3 - <i>Territoire 2040</i> : Grupos de aconselhamento científico e as questões tratadas.....	48
Quadro 4- Algumas publicações sobre cidades médias, de Beatriz Ribeiro Soares (individuais ou com pesquisadores associados).....	59
Quadro 5 - Trabalhos sobre cidades médias produzidos por Amorim Filho.....	61
Quadro 6 - Dissertações e teses orientadas por Amorim Filho.....	63
Quadro 7 - Síntese da hierarquia das cidades de Minas Gerais (LELOUP, 1970).....	71
Quadro 8 - Tipologias de centros regionais e cidades locais em Minas Gerais.....	72
Quadro 9 - Cidades prioritárias do Programa Cidades Intermediárias.....	74
Quadro 10 - Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais (AMORIM FILHO; BUENO; ABREU, 1982).....	78
Quadro 11 - Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais (AMORIM FILHO; ABREU, 1999).....	79
Quadro 12 - Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais (AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2006).....	80
Quadro 13 - Níveis hierárquicos e hierarquias funcionais das cidades médias da região Perimetropolitana de Belo Horizonte (CONTI, 2009).....	83
Quadro 14 - Cidades médias da Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte (1950, 1960, 1970, 1980, 1982, 1999, 2006 e 2009).....	100
Quadro 15 - Níveis hierárquicos e tipologias funcionais das cidades médias e centros emergentes da RCOPm-BH.....	112
Quadro 16 - Municípios da RCOPm-BH com nomes de origem indígena.....	118
Quadro 17 - Cidades de porte médio no Centro-Oeste Perimetropolitano, de acordo com critério demográfico.....	132
Quadro 18 - Hierarquia das cidades do Centro-Oeste Perimetropolitano: técnica da ACP.....	135
Quadro 19 - RCOPm-BH: agrupamento das cidades pela técnica K-Médias.....	138
Quadro 20 - RCOPm-BH: Dinâmica populacional - emigração e imigração - 2010.....	143

Quadro 21 - Os dez municípios da RCOPm-BH de maior atração de trabalhadores da região .....	145
Quadro 22 - RCOPm-BH: classificação dos centros urbanos que fazem a ligação com Divinópolis por transporte coletivo.....	150
Quadro 23 - Níveis hierárquicos das cidades médias mineiras e a classificação de Divinópolis .....	162
Quadro 24 - Hierarquias funcionais dos centros urbanos do Centro-Oeste Perimetropolitano .....	163
Quadro 25 - Matriz de relações externas de Divinópolis.....	165
Quadro 26 - Divinópolis-MG: saldo de empregos no setor de comércio-2010 e 2014 .....	184
Quadro 27 - Espaço de relações de Divinópolis no Centro-Oeste Perimetropolitano: extensão e população por níveis de intensidade de relacionamento potencial .....	188

## LISTA DE SIGLAS

AGU	Advocacia Geral da União
ANPEGE	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia
BBM	Batalhão de Bombeiro Militar
BDMG	Banco de Desenvolvimento do Estado de Minas Gerais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior
CED	Conselho Estadual de Desenvolvimento
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
CSM	Circunscrição do Serviço Militar
CEFET-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
DATAR	Délégation interministérielle à l'aménagement du territoire et à l'attractivité régionale
Del. SM	Delegacia do Serviço Militar
EFOM	Estrada de Ferro Oeste de Minas
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais
FCA	Ferrovia Centro Atlântica
FUNEDI	Fundação Educacional de Divinópolis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGA	Instituto de Geociências Aplicadas
INSEE	Institut National de la Statistique et des Études Économiques
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
JSM	Junta do Serviço Militar
PNV	Plano Nacional de Viação
PRISIURB	Programa de Consolidação do Sistema Urbano Nacional (Portugal) - Política de cidades médias em Portugal
PROECI	Programa Estadual de Cidades Médias
PSFNDIVMG	Procuradoria Seccional da Fazenda Nacional de Divinópolis-Minas Gerais
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RCOPm-BH	Região Centro Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte
RECIME	Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias
RFFSA	Rede Ferroviária Federal S.A.
RPM	Região da Polícia Militar
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SEPLAN	Secretaria de Planejamento do Estado de Minas Gerais

SINVEDS	Sindicato das Industrias do Vestuário de Divinópolis
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
SER	Superintendência Regional de Ensino
SUCO	Sistema Urbano do Centro Oeste
SUS	Sistema Único de Saúde
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSJ	Universidade Federal de São João Del Rei
UFTO	Universidade Federal do Tocantins
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UGI	União Geográfica Internacional
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade de Campinas
VRM	Villes Régions du Monde
ZPmBH-MG	Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte- Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>2. AS CIDADES MÉDIAS E SEUS ESTUDOS: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS</b> .....	<b>29</b>
2.1 Uma Introdução .....	29
2.2 O que é uma “cidade média”? .....	30
2.3 Estudos internacionais sobre o tema das cidades médias .....	44
2.4 Estudos sobre cidades médias no Brasil .....	50
2.5 Estudos sobre cidades médias em Minas Gerais .....	56
2.5.1 Os trabalhos pioneiros .....	56
2.5.1.1 As cidades médias na academia .....	58
2.5.1.2 As cidades médias nas políticas públicas .....	64
2.5.2 As hierarquias e tipologias .....	68
2.5.3 A estrutura e a morfologia intraurbana .....	84
2.5.4 As cidades médias na Região Perimetropolitana de Belo Horizonte .....	96
<b>3. A ZONA PERIMETROPOLITANA DE BELO HORIZONTE E A REGIÃO PERIMETROPOLITANA CENTRO-OESTE DE MINAS GERAIS: CONTEXTOS GEOGRÁFICOS</b> .....	<b>103</b>
3.1 A Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte – MG .....	103
3.2 A Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte (RCOPm-BH) .....	107
3.3 A Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte e as cidades médias: formação histórica, cultural, administrativa e econômica .....	115
3.4 As cidades de porte médio e as cidades médias na Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte .....	127
3.5 As cidades médias da RCOPm-BH e as relações regionais .....	141
<b>4. UM PONTO NO ESPAÇO, A POSIÇÃO GEOGRÁFICA DE DIVINÓPOLIS</b> .....	<b>155</b>
4.1 Divinópolis nas redes regionais .....	155
4.2 Divinópolis nas hierarquizações urbanas regionais .....	161
4.3 As relações externas e a “região polarizada” de Divinópolis .....	163
<b>5. DIVINÓPOLIS: UM ESPAÇO INTRAURBANO COMPLEXO</b> .....	<b>189</b>
5.1 O sítio de Divinópolis-MG .....	190
5.2 A evolução da mancha urbana de Divinópolis .....	200
5.3 O zoneamento morfológico funcional de Divinópolis-MG .....	208
5.3.1 A zona central e o centro funcional principal .....	210
5.3.2 A zona pericentral e seus subcentros funcionais .....	225
5.3.2.1 Os subcentros lineares e não lineares da zona pericentral .....	227
5.3.3 As periferias e seus subcentros funcionais .....	239
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>249</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>259</b>

<b>ANEXOS.....</b>	<b>284</b>
ANEXO 1 – Variáveis utilizadas na análise da ACP.....	284
ANEXO 2 – Migrações pendulares de trabalho entre os municípios da região Centro-Oeste Perimetropolitana de BH.....	289
ANEXO 3 – Relação dos bens patrimoniais tombados em Divinópolis .....	292

## 1. INTRODUÇÃO

---

A temática das cidades médias tem sido tratada como objeto de pesquisa acadêmica, desde os anos 1960, na Europa, em particular na França. No Brasil, o tema ganha relevância a partir dos anos de 1970, com o estudo pioneiro de Amorim Filho (1973), realizado na França, sobre a cidade média mineira de Formiga.

Na Europa, em particular na França, as políticas que priorizaram as cidades médias foram importantes para a busca de um melhor equilíbrio territorial, fortalecendo cidades que se apresentam como espaços de conexão entre os centros maiores e menores, assim como entre as próprias cidades e os espaços rurais.

As cidades médias, sobretudo no Brasil, desde os anos de 1970, têm sido objeto de estudos e discussões sobre diversos aspectos como o econômico, o social e outros, realizados também com distintas abordagens. Estes estudos têm sido realizados por pesquisadores geógrafos e não-geógrafos, em diversas universidades do país, organizados ou não em redes, como os da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), da Rede Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias (REDBCM) ou nos programas de pós-graduação de diversas universidades públicas e privadas do país.

Estes estudos, realizados com diferentes abordagens, contemplam diversas cidades médias brasileiras. Sobre as cidades médias de Minas Gerais, a maior parte dos estudos não está voltada para os espaços intraurbanos dessas cidades. Nesta abordagem foram encontrados estudos geográficos sobre as cidades médias em geral e alguns que analisam, em particular, o espaço intraurbano das cidades, com a aplicação de um modelo de zoneamento morfológico-funcional (AMORIM FILHO, 2007). Neste caso estão, por exemplo, os das cidades de: Manhuaçu, Caratinga, Viçosa, Itabirito, Barão de Cocais, Pirapora, Oliveira, Teófilo Otoni e Arcos.

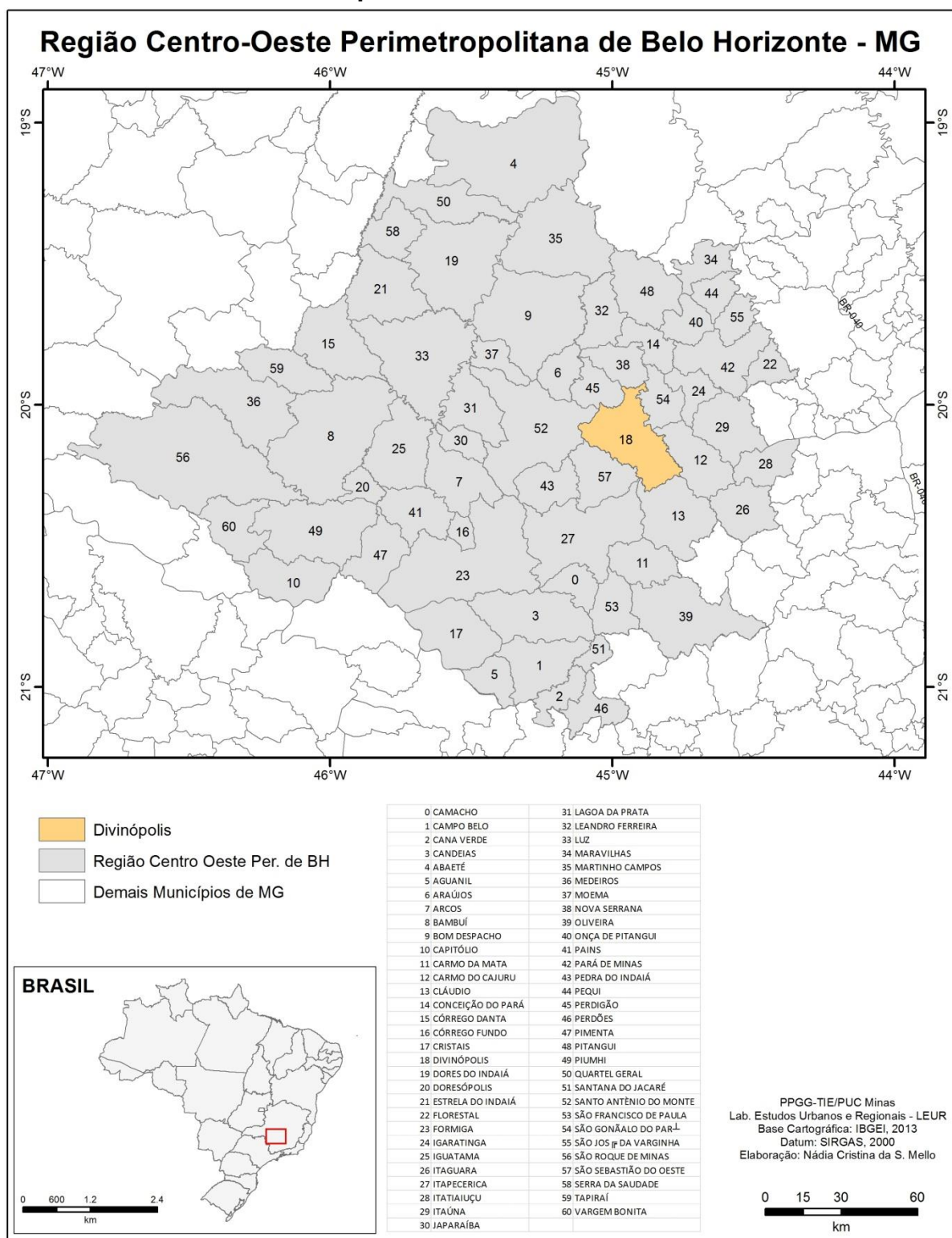
Dos estudos específicos e individuais sobre as cidades médias mineiras, além das já citadas, foram encontradas pesquisas sobre: Formiga, Patos de Minas, Uberlândia, Montes Claros e outras, mas com diferentes abordagens.

Sobre Divinópolis, uma cidade média de nível superior (AMORIM FILHO, 2007), localizada na Região Centro-Oeste Perimetropolitana (CONTI, 2009), observou-se uma carência de estudos nesta abordagem que mostrassem seu nível de polarização regional e como se estrutura seu espaço interno.

Nesse âmbito, este trabalho se coloca no cerne dessa problemática, uma vez que esta categoria de cidade se apresenta como um elemento importante na estrutura regional e, até o momento, Divinópolis ainda não foi contemplada com pesquisas nesta abordagem. Desta forma, evidencia-se a relevância dos estudos sobre as cidades médias, em particular sobre Divinópolis, compreendendo seu real papel regional. Por meio de pesquisas como esta, pode-se contribuir para ações de políticas públicas, em especial para aquelas relacionadas ao ordenamento territorial dessas cidades.

No mundo globalizado, as cidades guardam múltiplas relações com diversos continentes, mas para a pesquisa científica é importante estabelecer um recorte espacial de análise do objeto a ser estudado. Neste sentido, o recorte espacial selecionado para a pesquisa é a Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte, tendo, portanto, como referência, o estudo pioneiro de Conti (2009) sobre o espaço perimetropolitano de Belo Horizonte-MG. O objeto central da pesquisa é Divinópolis-MG, que será analisada no contexto do recorte espacial, que se apresenta na Figura 1.

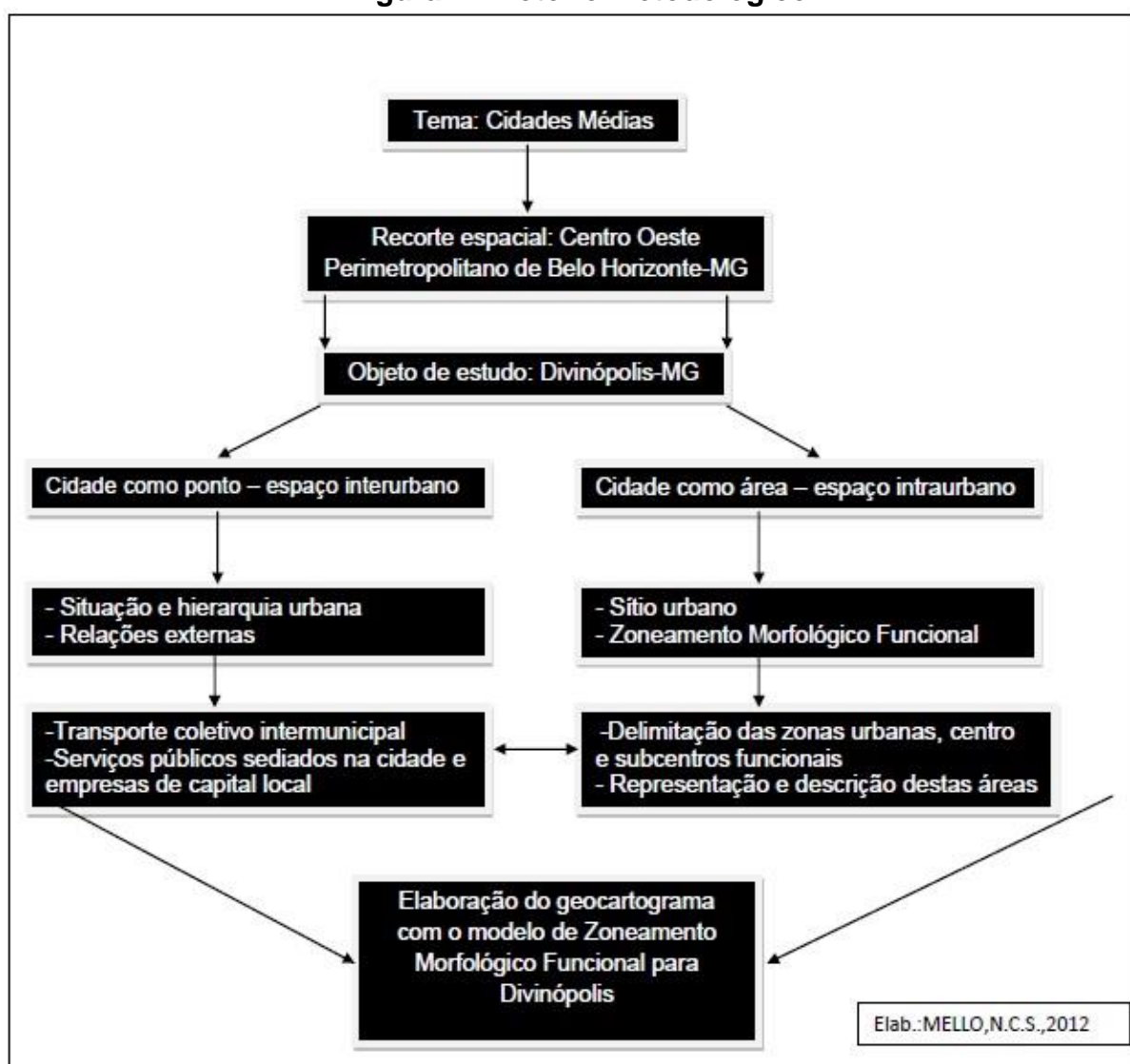
**Figura 1 – Localização do município de Divinópolis na região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG**



Elaborada pela autora

Neste contexto, Divinópolis será tratada como ponto, analisando-a na escala regional, com destaque para as relações interurbanas entre ela e as demais cidades da região, independente do nível hierárquico urbano, e como uma área com ênfase para a delimitação de seu zoneamento morfológico-funcional (AMORIM FILHO, 2007) e de sua centralidade intraurbana. Assim, este estudo se apresenta conforme o esquema metodológico representado na Figura 2.

**Figura 2 - Roteiro metodológico**



Elaborado pela autora

O cumprimento deste esquema de trabalho gerou a presente tese, que se estrutura em cinco capítulos que se seguem, apresentados juntamente com a metodologia aplicada para se atingir os objetivos propostos.

Pelo fato de a Introdução desta tese apresentar-se numerada, os capítulos terão a sequência da numeração utilizada. Sendo assim, o segundo capítulo tratou da origem e do significado das cidades médias, buscando mostrar a evolução desses estudos e sua retomada na presente década. Isto, levando em consideração alguns estudos clássicos, como os de Gravier (1947), que chamou a atenção para o “gigantismo” de Paris e outros que trataram exclusivamente ou em parte, desta categoria de cidades, realizados por: Rochefort (1960), Amorim Filho (1973), Lajugie (1974), Michel (1977), Barrère (1980) e recentes, como os de Amorim Filho (1982, 1999, 2005, 2007), Farias et al. (1998), Commerçon (1999), Soares (1999), Santamaria (2000), Costa (2000), Charbonneau, Lewis e Manzagol (2003), Sposito (2007), dentre outros, sobre essa temática, realizados em diferentes países: França, Espanha, Reino Unido, Canadá, Chile, Argentina e Brasil. Ressalta-se que, além de refletir sobre o embasamento teórico dos trabalhos dos autores citados, procura-se chamar a atenção quanto à importância da cidade média e dos elementos necessários para que ela possa assim ser considerada.

No terceiro capítulo, Divinópolis foi tratada como um ponto, sendo compreendida na Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte (CONTI, 2009). Assim, apresentou-se a região com ênfase na classificação hierárquica urbana das cidades deste espaço. Isto, a partir de algumas variáveis socioeconômicas que foram submetidas à aplicação de técnicas de hierarquização que mostraram a polarização e primazia de Divinópolis neste recorte espacial.

O quarto capítulo tratou exclusivamente de Divinópolis, que foi abordada como capital regional. Analisou-se sua posição geográfica e nas diversas hierarquizações urbanas regionais, bem como o nível das relações regionais que a cidade mantém com os diversos municípios da região.

No quinto e último capítulo, Divinópolis foi analisada como uma área. Seu espaço intraurbano foi explorado, considerando-se seu sítio e a evolução da mancha urbana. Neste espaço foi aplicado o modelo de zoneamento morfológico-funcional (AMORIM FILHO, 2007) para se entender como esta cidade se estrutura internamente.

Busca-se, portanto, nesta tese, compreender a dinâmica, as funções, os processos e os fluxos que condicionaram e definem o significado desta cidade no espaço onde está inserida a região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG. Dessa forma, este trabalho retoma os estudos sobre cidades médias

mineiras, ressaltando sua importância e a necessidade de um reposicionamento destas nos contextos regionais e nacionais.

Pretende-se, portanto, que a presente tese possa se colocar junto aos demais trabalhos sobre o tema como uma contribuição e um alerta para a importância da continuidade de outros estudos sobre Divinópolis e outras cidades mineiras. Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo geral analisar e entender o papel de Divinópolis-MG como uma das cidades médias de referência na Região Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG.

Abaixo serão listados alguns objetivos específicos deste trabalho através dos quais se pretende alcançar o objetivo geral:

- 1) Conhecer as bases teóricas a partir de alguns estudos clássicos sobre as cidades médias no Brasil e em alguns países do mundo;
- 2) Conhecer alguns estudos recentes sobre cidades médias no Brasil e no mundo, analisando as metodologias aplicadas;
- 3) Selecionar e aplicar algumas técnicas de hierarquização para estudos de cidades;
- 4) Criar e organizar as bases cartográficas para o presente estudo;
- 5) Mapear, a partir de bases estatísticas e cartográficas, os resultados obtidos com a aplicação das técnicas do geoprocessamento e da Análise Espacial;
- 6) Analisar o papel de Divinópolis no recorte espacial da pesquisa, suas relações externas e áreas de influência;
- 7) Delimitar e identificar níveis do espaço de relações de Divinópolis;
- 8) Aplicar o modelo de zoneamento morfológico-funcional na cidade de Divinópolis para compreender a complexidade do seu espaço intraurbano.

Desta forma, para atingir os objetivos propostos, foi realizado o percurso metodológico que será apresentado a seguir, partindo-se da caracterização geral acerca do método.

Apesar de terem sido utilizados vários procedimentos de pesquisa na elaboração da presente tese (empíricos, comparativos, quantitativos, semiológicos, computacionais entre outros), a perspectiva metodológica predominante no conjunto do trabalho é de natureza hipotético-dedutivo, na medida em que se parte de uma revisão bibliográfica sobre conceitos, princípios e, até mesmo, um modelo sobre o

tema das cidades médias. Assim, apenas quando esta base teórica está estabelecida, é que se parte para as etapas seguintes. Portanto, sendo esta base teórica a referência de toda a pesquisa, a metodologia é principalmente dedutiva.

Em síntese, o que se procurou nesta opção metodológica foi introduzir alternativas mais recentes em termos de tratamento e representação das informações, sem perder a fidelidade a certas orientações clássicas e permanentes da geografia. Se há, enfim, uma ideia matriz (tanto teórica quanto metodológica) que está presente mesmo que de maneira implícita em toda esta tese, esta ideia é a de sistema<sup>1</sup>. Desta forma, o trabalho se estrutura em cinco capítulos, iniciando-se com uma introdução na qual são apresentados a justificativa, o problema, os objetivos, as hipóteses da pesquisa e os métodos e as técnicas utilizados.

No segundo capítulo, nas reflexões introdutórias, apresenta-se um panorama dos estudos sobre cidades médias, iniciando-se com os estudos fundadores e algumas contribuições teóricas para pensar seu conceito. Em seguida, se apresenta como essas cidades têm sido estudadas no estrangeiro, no Brasil e em Minas Gerais, segundo diversas abordagens. As referências bibliográficas que embasarão este capítulo são preferencialmente os autores geógrafos, seguindo o que expressa Langenbuch (1968, p.6), de que estes [os geógrafos], são os cientistas interessados no fato urbano e que tem na cidade um objeto ou um campo de pesquisa, que fornecem a administração pública [ou outros setores de interesse na pesquisa]-através de seus estudos- subsídios necessários a sua obra.

A estratégia técnica da investigação empírica foi uma análise de dados secundários, tendo em vista a disponibilidade destes dados, em especial aqueles relacionados ao recorte temporal de análise, que foi o ano de 2010. Este período foi escolhido porque, em 2010, realizou-se um censo demográfico pelo IBGE, que disponibilizou uma série de microdados relevantes.

No terceiro capítulo realiza-se uma análise da posição geográfica das 61 cidades que compõem a Zona Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte (CONTI, 2009), que é o recorte espacial deste trabalho. Espaço este ainda pouco explorado, pois ele é identificado e apresentado pioneiramente em uma tese defendida em

---

<sup>1</sup> Isto se propõe partindo-se da clássica compreensão sistêmica, entendendo que no espaço urbano o comportamento dos elementos se dá através da definição e análise de seus componentes e suas estruturas funcionais. Isto posto, partindo-se da definição de sistema proposta por Hall e Fagen (CHRISTOFOLETTI, 1979, p.106), como sendo “[...] um conjunto dos elementos e das relações entre eles e seus atributos”, e a de Bertalanffy (1973, p.62), definido como “[...]um conjunto de elementos em interação”.

2009 e premiada em 2010 pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia.

Divinópolis é a cidade polo regional neste espaço, sendo o objeto central desta tese, e será analisada inicialmente como um ponto na região, no capítulo 4, e como área, no capítulo 5, quando será realizado também um estudo do seu espaço interno. Assim, uma base de dados secundários coletados em diversos órgãos comporá uma matriz que será explorada na aplicação de duas técnicas estatísticas de hierarquização, sendo: Análise de Componentes Principais (ACP) e *K-Médias*. Estas técnicas serão aplicadas utilizando-se o software *NinnaPCA* e *NinnaCluster*, o que é feito buscando-se rever o posicionamento das cidades do Centro-Oeste Perimetropolitano.

As fontes consultadas para a obtenção dos dados secundários, que foram utilizados na aplicação das técnicas da ACP e *K-Médias*, foram as seguintes:

O **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, que proporcionou o acesso aos dados referentes aos quantitativos relacionados à população em diversos censos, estimativas e projeções em nível nacional, estadual e municipal. Também os microdados do censo 2010 foram utilizados para elaborar a matriz de dados. Desta instituição também foram utilizadas as bases cartográficas para a realização dos mapeamentos. Do IBGE Cidades foram coletadas informações relativas ao processo histórico de formação territorial das cidades pesquisadas.

O **DATASUS**, com os dados governamentais do Sistema Único de Saúde (SUS), os indicadores e as estatísticas vitais de saúde. As variáveis relacionadas à natalidade, mortalidade, esperança de vida ao nascer, fecundidade e o número de habitantes por médico. Estes dados foram utilizados para a elaboração da matriz e cruzamentos com outros dados para a obtenção de outras informações.

O **Departamento Estadual de Estradas de Rodagem (DER) e da Secretaria de Estado de Transportes e Obras Públicas**, com os dados relativos ao sistema de transportes, como o número de vias com cobertura de asfalto que ligam os municípios, o fluxo de veículos e passageiros em transportes coletivos. Alguns destes dados puderam ser obtidos via internet e outros através de solicitação por meio de ofício à Superintendência de Transporte Intermunicipal, com o recebimento dos dados através de documento eletrônico.

A **Fundação João Pinheiro (FJP)**, instituição de pesquisa e ensino vinculada à Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão de Minas Gerais, da qual coletou-

se, via internet, os dados relacionados à segurança, saúde pública como coleta de lixo, abastecimento de água, saneamento básico e outros e variáveis econômicas como Produto Interno Bruto (PIB), PIB per capita, Valor Adicionado Fiscal (VAF), renda, renda per capita, empregos, razão de dependência, índice de GINI, Índice L de Theil, IDH-M e o Índice Mineiro de Responsabilidade Social (IRMS). Outros dados importantes, também coletados desta instituição, foram aqueles que se relacionam ao índice, este elaborado pela própria fundação.

No Capítulo 4, Divinópolis passa a ser o foco central do trabalho, sendo, no referido capítulo, analisada como um ponto no espaço, interpretada como a capital regional do Centro-Oeste Perimetropolitano.

Analisando-a como um ponto na RCOPm-BH, Divinópolis será apresentada à luz do conceito de posição geográfica, principalmente na ótica de Blanchard (1928), Dolfus (1970) e Beaujeu-Garnier (1997), e na sequência, no contexto histórico da Região Oeste de Minas. Após sua apresentação, a cidade será identificada dentro das hierarquizações urbanas regionais de Leloup (1970), IBGE (1972), IGA (1980), Fundação João Pinheiro (1988), Amorim Filho (1982, 1999, 2007) e Conti (2009).

Para analisar o nível de intensidade de relações de Divinópolis dentro da RCOPm-BH, considerou-se o fluxo de ônibus coletivos que partem da estação rodoviária<sup>2</sup> para as cidades da região, metodologia esta utilizada por Amorim Filho desde 1973 nos estudos sobre as cidades de Minas Gerais, em particular no estudo sobre Patos de Minas (1978)<sup>3</sup>. Também se elaborou uma matriz com os 61 municípios da RCOPm-BH: na linha foram listados os 61 indivíduos e na coluna dos

---

<sup>2</sup> Esta metodologia foi utilizada por Juergen Richard Langenbuch (1968), instrutor da cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro da Universidade de Campinas, em sua tese de doutoramento apresentada nesta faculdade, trabalho este que foi orientado pelo prof. Dr. Pasquale Petrone. Em sua tese, dentre outros objetivos, o autor utilizou-se desta metodologia para analisar o desenvolvimento suburbano da Grande São Paulo apoiado na circulação rodoviária, que na época viria servir a crescente população, tanto as atendidas pelo domínio geográfico das ferrovias como aquelas dos municípios vizinhos a São Paulo, apartados da ferrovia. Para isto levantou o número diário das partidas das estações centrais, nos dias úteis, de trens e ônibus suburbanos no entorno da Grande São Paulo. O autor tinha por objetivo naquela seção reconhecer a vinculação genética existente entre as várias porções da periferia paulistana e a parte central da metrópole, entendendo que as ferrovias e rodovias eram um instrumento direto de desenvolvimento suburbano, portanto, os principais eixos de expansão suburbana de São Paulo. Estas, proporcionavam a migração pendular e o desenvolvimento das indústrias. Por fim, o autor mostrou que aumentaram as linhas de trens e ônibus naqueles percursos, mas, no entanto, o crescimento demográfico foi maior, mostrando a necessidade de ampliação dos serviços deste sistema que interligavam a Grande São Paulo ao subúrbio. (LANGENBUCH, 1968, p.277-302).

<sup>3</sup> Neste trabalho, Amorim Filho (1978) analisou, dentre outros aspectos, as direções das relações externas de Patos de Minas a partir da análise das relações de longa distância utilizando-se, dentre outras variáveis, as viagens de ônibus diárias a partir desta cidade (1975).

atributos os principais órgãos públicos e as empresas de capital local que têm sede em Divinópolis e filiais em cidades da região. Isto entendendo que os órgãos públicos e as empresas atraem pessoas e capitais. Esta metodologia permitiu aferir o nível de intensidade das relações de Divinópolis com a região, o que é, posteriormente, representado em um mapa.

No Capítulo 5, a cidade foi analisada como área, sendo dedicado um olhar ao espaço intraurbano de Divinópolis, analisando-o como um espaço complexo, apresentando algumas considerações acerca do seu sítio e sua estrutura morfológico-funcional. E para isto, procederam-se a pesquisas de gabinete e de campo. Assim, em gabinete foram coletas imagens de satélite Landsat5 com as quais foi mapeada a evolução da sua mancha urbana. Ainda neste capítulo, aplicou-se o modelo de zoneamento morfológico-funcional de Amorim Filho (2005) à cidade de Divinópolis. Foi realizado um intenso e exaustivo trabalho de campo, percorrendo toda a área em estudo, comportando observação da paisagem com anotações em mapa-base (planta da cidade) acerca da intensidade dos fluxos de pessoas e veículos, sendo esta a principal ferramenta para se detectarem os limiares das zonas intraurbanas, bem como as áreas caracterizadas como centro principal e subcentros. Nesta etapa, a pesquisadora pôde contar com sua experiência pessoal por ser residente na cidade objeto desta pesquisa.

Realizadas estas etapas, foram feitas as considerações finais, um balanço geral da tese e apresentadas algumas perspectivas acerca do estudo realizado.

## 2. AS CIDADES MÉDIAS E SEUS ESTUDOS: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

---

### 2.1 Uma Introdução

Desde os primeiros estudos sobre cidades médias, em meados do século XX, na França, diversos trabalhos vêm sendo realizados na Europa e em outros continentes; porém, ainda não se reconhece um padrão conceitual para este nível hierárquico de cidade. É certo que estes trabalhos foram e estão sendo elaborados com diferentes enfoques e acabam por chegarem a conceitos de acordo com a abordagem utilizada.

Com base nessa premissa, este capítulo trata de estudos que foram referência para a elaboração desta tese sobre a temática das cidades médias, sobretudo na França, no Brasil e, em menor escala, em outros países. O capítulo se divide em duas seções: a primeira apresenta um panorama desses estudos, que conduziram a diversos conceitos de cidade média. Ressalta-se, ainda, que o panorama dessas pesquisas é apresentado, inicialmente, com os estudos aqui considerados fundadores sobre as cidades médias. Em seguida, destaca-se um quadro no qual são listados os autores selecionados como referência para esta análise, bem como as principais palavras ou expressões citadas nos conceitos dos referidos autores, com o objetivo de se encontrar a palavra ou expressão mais comum nestes conceitos.

A segunda seção trata, especificamente, de como estas cidades têm sido estudadas no Brasil e, em particular, em Minas Gerais. Nesse sentido, serão apresentados também estudos realizados em algumas universidades brasileiras, enfatizando os estudos de Amorim filho sobre cidades médias que são referências teóricas determinantes para este trabalho.

O referido autor é pioneiro nos estudos acadêmicos desta temática. Publicou, em 1976, nos Anais do II Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Belo Horizonte-MG, o artigo intitulado “Um esquema metodológico para o estudo das Cidades Médias”. Neste artigo, pela primeira vez no Brasil, apresenta-se uma lista de critérios definidores das cidades médias<sup>4</sup>.

---

4 De acordo com Amorim Filho (1976, p. 7-9), a noção de cidade média pode ser assim sintetizada: 1 - A cidade média deve ser capaz de manter interações constantes e de um nível razoável de intensidade e de qualidade tanto em seu espaço regional, quanto com aglomerações urbanas de

Finalizando este capítulo, apresenta-se uma das últimas obras deste autor, que foi a elaboração de um modelo geocartográfico de zoneamento morfológico-funcional para as cidades médias mineiras. Tais orientações epistemológicas serão as referências para o estudo que se propõe apresentar nesta tese sobre a cidade de Divinópolis-MG.

## 2.2 O que é uma “cidade média”?

A primazia da capital francesa, Paris, sobretudo no período pós-Segunda Guerra Mundial, chamou a atenção do geógrafo francês Jean François Gravier, que publicou, em 1947, a obra *Paris et le désert français (Paris e o deserto francês)*. Este trabalho<sup>5</sup> é um importante marco para as políticas do *Aménagement du Territoire*, desenvolvidas na França, a partir dos anos de 1960. Segundo este autor, a capital concentrava atividades políticas, intelectuais, comerciais, financeiras, administrativas, industriais e uma considerável população, criando um contraste inaceitável com o restante do território.

---

hierarquia superior; 2 - A cidade média deve ter as condições necessárias para estabelecer relações de dinamização com o espaço rural microrregional que o envolve; 3 - Uma cidade média só deve ser considerada média na medida em que já apresente uma certa autonomia na criação de, pelo menos, uma parcela de seus equipamentos de relações externas; 4 - O sistema de redes de cada cidade média deve apresentar uma intensidade e um grau de conectividade tais que facilitem as já referidas interações com o espaço microrregional e com os níveis superiores da hierarquia urbana; 5 - A estrutura morfológica interna da cidade média, em consonância com sua posição no processo de evolução deve apresentar: 5.1 - Um centro já relativamente complexo (com grande número de equipamentos servindo a um espaço que ultrapasse os limites puramente locais); 5.2 - Um número variável de subcentros (cuja forma-funções e espaço de relações variem grandemente de cidade para cidade, mas que atendem, em sua maioria, apenas as necessidades de populações locais); 5.3 - Uma periferia que evolua muito mais através de “saltos” (descontinuidades espaciais repentinas, resultando numa estrutura polinuclear), do que através de uma expansão lenta e homogênea de toda a “coroa periférica” do tecido urbano; 6 - Por outro lado, não deve ser desprezado o fato de que aspectos tais como tamanho, estrutura interna e relações externas das cidades médias podem variar bastante de região para região, sendo naturalmente função do nível de desenvolvimento, da posição geográfica e das condições históricas sociais de formação de cada uma destas regiões; 7 - Finalmente (e essa é uma de nossas hipóteses de trabalho mais importantes), a noção de “cidade média” não deve ser confundida, necessariamente, com a de “centro de polarização regional ou microrregional”. A coincidência não ocorre sempre. Além disso, as relações da “cidade média” com seu “environment” nem sempre são relações de “dominação”, podendo ser também de estímulo e dinamização (e é nesse sentido que a política das cidades médias deve ser encaminhada) e, em certos casos, até de dependência.

<sup>5</sup> Sobre a obra de Gravier (1947), ressalta-se que é analisada ora de forma positiva ora negativa, no seu todo ou em partes, por alguns estudiosos. Todavia, destaca-se que a obra foi de grande importância para o desenvolvimento de outros estudos e para as políticas públicas das cidades, como as pesquisas de Rochefort (1957) e a política do *Aménagement du Territoire*, na França, a partir dos anos 1960.

Gravier, (1947 *apud* MARCONIS, 2006, p. 37, tradução nossa), afirmava:

Paris devora a França. O desenvolvimento urbano posterior à revolução industrial manifestou-se essencialmente na França pela formação de um monopólio intelectual, artístico, financeiro, comercial, industrial, demográfico - cujo crescimento foi provocado por uma estrutura administrativa descentralizada [...]. Assim, a firma Paris paga e faz a França pagar as conseqüências de seu gigantismo. Ela é deficitária em todos os domínios. Ela devora os homens e as riquezas da França. [...]. Desde 1933, Albert Demangeon concluía seu estudo sobre a capital por essas frases angustiadas: "Esta concentração urbana vai ainda crescer? É bom que ela cresça? É bom que esta cidade de tipo colossal sempre se estenda sempre, devorando os habitantes dos campos? Não há um risco de que um dia esta grande cabeça seja muitíssimo pesada para o equilíbrio do país? E não se chegará a desejar que as aldeias e povoados não morram para aumentar a cidade plétórica<sup>6</sup>

Gravier (1947, p. 60, tradução nossa) acrescenta que dentre todos os domínios, a aglomeração parisiense comportou-se, desde 1850, não como uma capital animando o conjunto da nação, mas como um grupo monopolista devorando a substância da nação.<sup>7</sup> Nesse sentido, o gigantismo parisiense apresentado por Gravier (1947) mostra que seria prudente uma política de descentralização, e a proposta era que esta se iniciasse a partir do plano demográfico. Diante desta visão, elabora-se, na França, uma política de descentralização, com o programa das metrópoles de equilíbrio. Isto foi concretizado com a política do *Aménagement du Territoire*, que será descrita mais à frente neste trabalho.

O desenvolvimento de políticas de descentralização espacial, realizadas a partir do alerta de Gravier (1947) sobre os rumos da França com a elevada concentração demográfica e de atividades em Paris e seus arredores, conduziu pesquisadores à elaboração de estudos regionais, como aqueles desenvolvidos pelo

---

<sup>6</sup> Texto original: Paris dévore la France Le développement urbain consécutif à la révolution industrielle s'est essentiellement manifesté en France par la formation d'un trust parisien - trust intellectuel, artistique, financier, commercial, industriel, démographique – dont la croissance a été provoquée par une structure administrative décentralisée. [...] Ainsi la firme Paris, paie et fait payer à la France les conséquences de son gigantisme. Elle est déficitaire dans tous les domaines. Elle dévore les hommes et les richesses de la France [...] Dès 1933, Albert Demangeon concluait son étude sur la capitale par ces phrases angoissées : "Cette concentration urbaine va-t-elle s'accroître encore ? Est-il bon qu'elle s'accroisse ? Est-il bon que cette ville de type colossal s'étende toujours, dévorant les habitants des campagnes ? N'y a-t-il pas de risque qu'un jour cette grosse tête soit trop lourde pour l'équilibre du pays? Et n'en viendra-t-on pas à souhaiter que les villages et les hameaux ne meurent pas plus pour grossir la ville pléthorique ? "Extraído de: Gravier, 1947, Paris et le désert français, Le Portulan, cité par MARCONIS R., 2006, "France, recompositions territoriales", La documentation photographique, La Documentation française, p. 37.

<sup>7</sup> Texto original: Dans tous les domaines, l'agglomération parisienne s'est comportée depuis 1850 non pas comme une capitale animant l'ensemble de la nation, mais comme un groupe monopoleur dévorant la substance de la nation" .(GRAVIER, 1958, p. 60, tradução nossa).

geógrafo Michel Rochefort (1954, 1959, 1960, 1964, 1965). Os trabalhos deste autor dão ênfase a diversos temas relacionados às cidades francesas, como: a estrutura profissional das cidades (1954), o papel do setor terciário na economia das cidades (1959,1960,1964), os métodos de pesquisa das redes urbanas, a distribuição das cidades e o equilíbrio da rede urbana (1960, 1965).

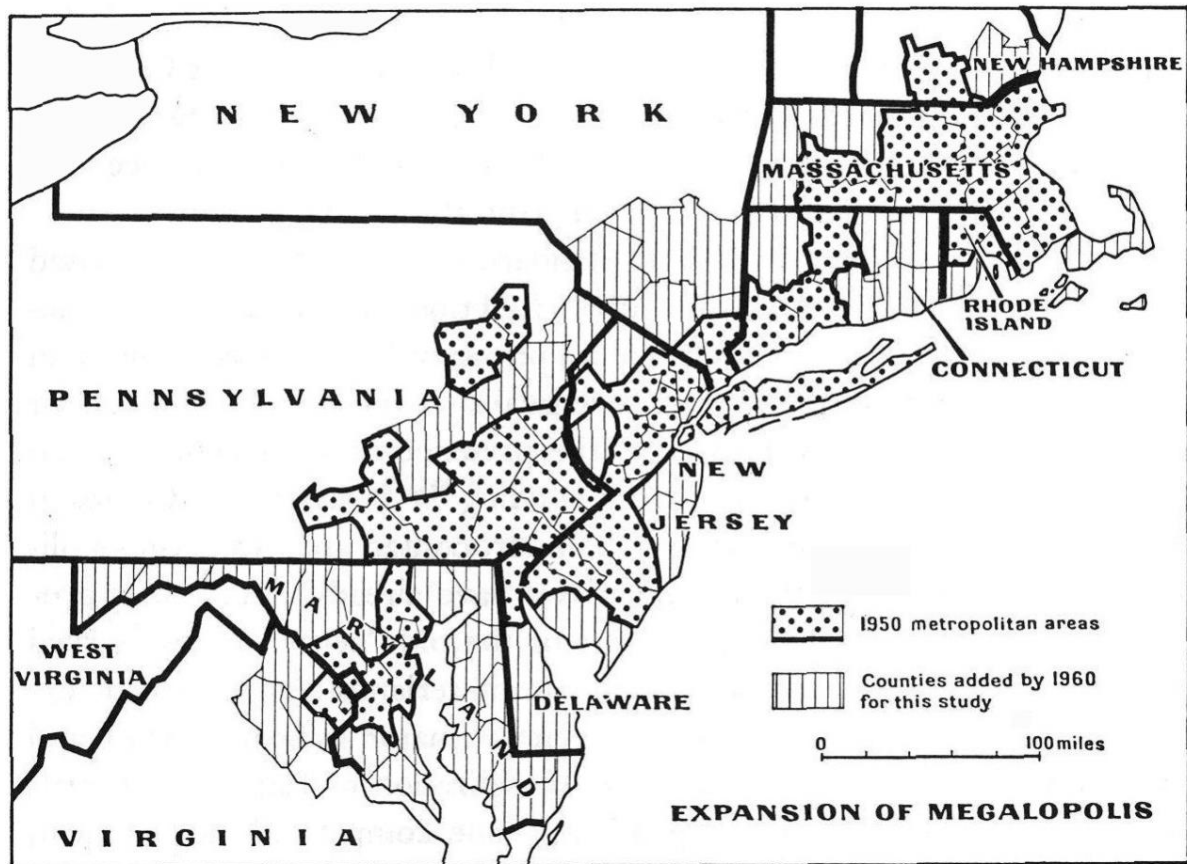
A tese de Rochefort, *L'organisation urbaine de l'Alsace* (1960), é uma importante referência metodológica para estudos sobre a hierarquia urbana. O autor atentava para as desigualdades sociorregionais na França, tendo como objeto, neste caso, a região da Alsácia. O autor definiu nesta área três níveis hierárquicos e funcionais: grandes cidades, cidades médias e organismos urbanos elementares. Para esta classificação, foram considerados os limiares demográficos, a organização interna das cidades e suas relações externas.

Para Rochefort (1960), os centros urbanos em sua região e em geral, desempenham um papel fundamental no equilíbrio e funcionamento das redes urbanas nacionais e regionais. É importante ressaltar que, em sua abordagem, o autor utilizou a terminologia *places centrales* (lugares centrais) para aquelas cidades consideradas “intermediárias”, cujo papel seria o de se colocar entre as cidades maiores, as cidades pequenas e o mundo rural.

Outro estudo de geografia urbana e regional que merece destaque neste trabalho é o do francês Pierre George (1953): *La ville: le fait urbain à travers le monde* (A cidade: o fenômeno urbano através do mundo), no qual o autor analisou as redes urbanas como referência para o entendimento da organização espacial do país e das regiões. Ainda neste período, destacou-se o trabalho publicado por outro geógrafo francês, Jean Gottmann (1961). A obra não trata especificamente das cidades médias, mas da *Megalópolis*, que é uma área de concentração de grandes metrópoles e vários outros tipos de cidades. O autor analisou a região nordeste dos Estados Unidos, nos anos 1950, e a obra foi publicada em 1961.

A *Megalópolis*, descrita por Gottmann (1961), apresentava a região como uma vasta área metropolitana, tendo cerca de 700 quilômetros de comprimento, por cerca de 400 de largura, estendendo-se desde os subúrbios do norte de Boston até os subúrbios ao sul de Washington, DC. (FIG. 3).

Figura 3 - Localização da Megalópolis de Gottmann



Fonte: GOTTMANN, 1973, p.26.

Esta região estava interligada formando, assim, a chamada *Megalópolis*, através das atividades econômicas, transportes de mercadorias, migrações pendulares e meios de comunicação.

O reflexo da concentração de atividades na *Megalópolis*, conforme mostrou Gottmann (1961), vai ao encontro do estudo realizado por Gravier (1947), que destacava a concentração parisiense, contribuindo para formar o deserto francês. Nesse sentido, a difusão espacial da urbanização, também nos Estados Unidos, ocorreu de forma desigual, centralizando-se nas grandes metrópoles, onde ocasionou problemas estruturais. Com base nestas premissas, destaca-se, portanto, a importância dos estudos acadêmicos sobre o espaço urbano para as políticas de ordenamento do território, em particular na França, onde estes estudos foram essenciais para as políticas de descentralização espacial. De igual modo, as pesquisas desenvolvidas na atualidade são utilizadas nas políticas urbano-regionais do *Aménagement du Territoire*.

Sobre estas políticas de planejamento urbano regional, ressalta-se que elas já existiam no Reino Unido desde o início do século XX, com a lei de ordenamento

territorial *Town and Country Planning Act* (1947). Todavia, no presente trabalho, destaca-se o esforço realizado na França, cujas políticas se caracterizaram como as primeiras a se preocuparem com as cidades médias.

Acerca destas políticas, Amorim Filho (2001, p. 5-7) acrescenta que essa forma de intervenção do homem sobre o território e a sociedade na qual vive assume proporções novas no período de reconstrução do pós-guerra na Europa, sobretudo na França, com a política do *Aménagement du Territoire*.

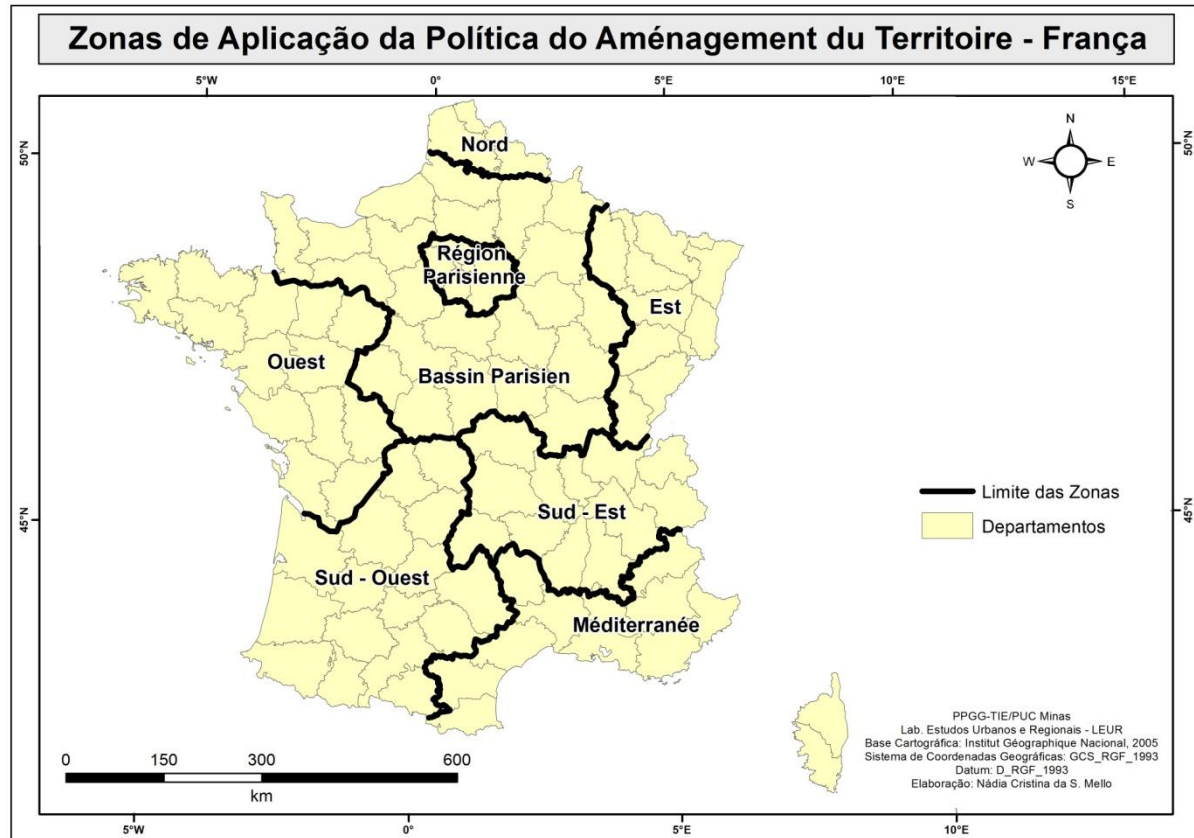
A aplicação de princípios desta política na França, como a descentralização e desconcentração espacial da população e das atividades econômicas para algumas cidades gerariam, no início dos anos 1960, um programa de fortalecimento das chamadas “metrópoles de equilíbrio”<sup>8</sup>.

Inicialmente, foram criadas oito áreas, na implantação deste programa, envolvendo as cidades consideradas polos (FIG. 4) sendo, portanto, oito grandes áreas socioeconômicas que possuíam certa homogeneidade econômica e, concomitante a isso, eram distintas das vizinhas: a bacia parisiense tendo, ao centro, a região parisiense, a região mediterrânea (Marseille), as zonas localizadas ao norte (Lille-Roubaix-Tourcoing), a oeste (Nantes-Saint-Nazaire), a leste (Strasbourg, Metz, Thionville, Nancy), a sudeste (Lyon) e a sudoeste (Toulouse, Bordeaux).

---

<sup>8</sup> Na França, a expressão “metrópoles de equilíbrio” é definida demograficamente em referência às aglomerações metropolitanas com população variando de 100 mil até mais de 1 milhão de habitantes.

**Figura 4 - As oito zonas de aplicação da política do *Aménagement du Territoire*- as metrópoles de equilíbrio (1963)**



Fonte: ECONOMIE ET STATISTIQUE, 1969, p. 45, adaptado.

Progressivamente, estas áreas foram aumentando para incluir outras cidades que, com o passar do tempo, acabaram por equilibrar mesmo que ainda apenas levemente Paris, em relação às suas funções. Por sua vez, Guy (2008) afirma que ainda há uma grande concentração populacional parisiense ao relatar que,

No final do século XIX, o crescimento de Paris representa quatro quintos do crescimento natural total do país e os efetivos populacionais da aglomeração parisiense não param de crescer: 2 milhões em 1861, 5,5 milhões em 1946, 8,5 milhões em 1962 e 9,3 milhões em 1968. No nível migratório, a atração parisiense é concomitante a um êxodo de trabalhadores jovens de áreas periféricas, agravando as dificuldades destas últimas. O efeito dos vasos comunicantes é tal que, na primeira metade do século XX, 62 departamentos veem sua população diminuir. (GUY, 2008, p. 78, tradução nossa)<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Texto original: À la fin du XIXe siècle, la croissance de Paris représente les 4/5 de l'accroissement naturel total du pays et les effectifs de population de l'agglomération parisiense ne cessent de s'accroître: 2 millions d'habitants en 1861; 5,5 millions en 1946; 8,5 millions en 1962; 9,3 millions en 1968. Au niveau migratoire, l'attraction parisiense est concomitante d'un exode des actifs jeunes des zones excentrées aggravant les difficultés de ces dernières. L'effet des vases communicants est tel que, dans la première moitié du XXe siècle, 62 départements voient leur population diminuer. (GUY, CA., 2008, p. 78).

A migração proporciona a descentralização de pessoas, capitais e atividades, contribuindo para o crescimento de outras áreas dentro de um país; mas, segundo a autora supracitada, mesmo com o programa das metrópoles de equilíbrio, criado pela política do *Aménagement du Territoire*, no caso da França, Paris continua sendo um foco de concentração.

Dentro dessa política foi criada, em 1963, a *Delégation à l'Aménagement du Territoire et à l'Action Régionale* (Delegação para a Organização do Território e para a Ação Regional), a DATAR, que ainda se encontra em ação, na França. Esta delegação tem como missão ser uma rede de administração para apoiar o desenvolvimento local e implementar a política de criação das metrópoles de equilíbrio em etapas, que se iniciaram pelas intervenções de tipo setorial ou pontual. Sobre isto, Amorim Filho (1984, p. 7) destaca que

Numa primeira etapa (1954-1962), a ação empreendida no marco dessa política se limita às intervenções de tipo setorial, isto é, fomento à indústria, à produção energética, à reconversão econômica regional, etc., ou pontual: localização de certas atividades nesta ou naquela cidade. Mas, já nessa época, o alvo procurado é a descentralização e a desconcentração espaciais. (AMORIM FILHO, 1984, p. 7).

Sendo assim, as intervenções setoriais eram necessárias, mas a partir de uma planificação do tempo e do espaço em busca de uma harmonia maior e de um equilíbrio mais amplo e duradouro. Desta forma, algumas cidades francesas passaram a receber um tratamento privilegiado em função da importância destas na articulação de todo o sistema territorial, o que poderia, portanto, equilibrar, regionalmente, as cidades, e minimizar os efeitos de um modelo de cidade excessivamente primaz. Nesse contexto, surgem, então, as chamadas cidades médias, escolhidas para servirem de *relais* entre as metrópoles de equilíbrio, as pequenas cidades e o mundo rural, buscando, assim, promover, também, uma melhor distribuição dos recursos.

As cidades médias<sup>10</sup> foram contempladas no Sexto Plano de Desenvolvimento Econômico e Social (1971-1975), sem abandonar, contudo, a política das metrópoles de equilíbrio; e a partir de 1975 incluiu-se na atuação da DATAR uma política de apoio às pequenas cidades e aos seus espaços rurais.

---

<sup>10</sup> No critério demográfico as cidades médias da França neste período eram aquelas que possuíam população entre 20.000 e 100.000 habitantes.

Sobre os problemas de desequilíbrio regional, é importante ressaltar a consideração de Amorim Filho e Serra (2001), ao apontarem que

A política das cidades médias, na França, não é solução para todos os problemas espaciais, mas, representa uma etapa importante no processo de *Aménagement du Territoire*. A experiência francesa mostrou uma alternativa para aqueles países e regiões nos quais os problemas de desequilíbrio urbano-regional e interurbano se apresentam mais agudos. (AMORIM FILHO; SERRA, 2001, p. 7).

É importante, ainda, destacar que, na França, as políticas públicas de cidades médias não se constituíram num trabalho exclusivo da DATAR, conforme descreve Costa (2002, p. 104):

Para além da menção das cidades médias no VI Plano, vários outros organismos como a *Délégation à l'Aménagement du Territoire et à l'Action Régionale* (DATAR,1971), a *Direction de l'Aménagement Foncier et de l'Urbanisme* do Ministério do Equipamento (DAFU,1972), o *Système d'Étude du Schéma d'Aménagement de la France* (SESAME,1971 e SESAME-DATAR,1972) e ainda o *Conseil National des Économies Régionales et la Productivité* que, em Outubro de 1972, organizou em Nice o seu XXI Congresso, desenvolveram relatórios de diagnóstico e de avaliação que frisavam a importância das cidades médias.

Assim, reconhece-se a importância das cidades médias na organização urbana, mas este objeto continua um pouco vago em termos de conceituação, sendo entendido de acordo com critérios diversos. A cidade média chega a ser, até mesmo, citada e entendida como um mito (MICHEL, 1977) ou, ainda, conforme relata Sposito (2010), tem sido tratada com diferentes terminologias. Isto pode-se confirmar em estudos de alguns pesquisadores de língua castelhana, conforme seguem, que utilizam os termos: *ciudades intermedias* (BELLET; LLOP, 2004), *ciudades medianas* (PARRA y WOLMAN, 2007), *ciudades medias* (CASAS; IBARZ, 2003), ou entre os de língua francesa *villes intermédiaires* (NADOU, 2010, GAULT, 1989). Mesmo no Brasil, onde é mais comum entre muitos pesquisadores o termo cidades médias, como: Amorim Filho (1973, 1976, 1982, 2007), Sposito (2007, 2008), Soares (1999, 2005) e outros, encontram-se estudos acerca deste objeto, citando-o com outro termo, como as cidades de porte médio tratadas nos estudos do IBGE (2010) e de Stamm et al. (2013), por exemplo.

Para exemplificar as diferentes qualificações utilizadas para as cidades médias, serão apresentados os Quadros 1 e 2. No primeiro constam os conceitos ou

caracterizações apresentadas por alguns autores estudiosos desta temática, e que são referência teórica neste trabalho. No segundo, apresenta-se uma síntese com as principais expressões utilizadas pelos referidos autores ao conceituar e caracterizar as cidades médias. Ressalta-se que será analisado neste trabalho apenas o fragmento citado, e não a obra completa do autor.

**Quadro 1 - Conceituação e/ou caracterização de cidades médias segundo fragmentos da obra de alguns pesquisadores**

(continua)

Autor (ano, página)	Citação
Amorim Filho (1973, p. 1, tradução nossa)	Todo o mundo reconhece, hoje, que uma organização urbana equilibrada exige o desenvolvimento e o reforço das aglomerações de nível intermediário suscetíveis de interromper - temporariamente ou definitivamente - uma parte ao menos dos fluxos demográficos e econômicos que esgotam as pequenas cidades e o campo e hipertrofiam as grandes cidades. <sup>11</sup>
Lajugie (1974, p. 11, tradução nossa)	Entretanto, não se deve esquecer que, mesmo que o volume de população seja um elemento importante, ele não indica imediatamente o verdadeiro papel da cidade. Uma cidade de tamanho médio não é forçosamente uma cidade média no sentido funcional do termo. <sup>12</sup>
Michel (1977, p. 666,667, tradução nossa)	A cidade média é considerada capaz de manter o equilíbrio entre as forças de sentido contrário que agitam o mundo. Ela é célebre como a única capaz de manter a boa medida entre o velho e o novo, de conservar o equilíbrio entre a tradição e a modernidade, dosar em proporção equitativa o conformismo e a inovação. [...] À cidade média é reputada conhecer um crescimento harmonioso. Aqui, nada de choques, de abalos, de perturbações, mas uma lenta e pacata transformação [...]. Mais geralmente, a evolução das cidades médias se produz de maneira muito brusca e irregular. Ela faz se sucederem fases curtas de crescimento rápido, até mesmo galopante e bruscas diminuições de velocidade. <sup>13</sup>

<sup>11</sup> Texto original: Tout le monde reconnaît aujourd'hui qu'une organisation urbaine équilibrée exige le développement et le renforcement des agglomérations de niveau intermédiaire susceptibles d'interrompre - temporairement ou définitivement - une partie, au moins, de ces flux démographiques et économiques qui épuisent les petites villes et les campagnes et hypertrophient les grandes Villes. (AMORIM FILHO, 1973, p. 1).

<sup>12</sup> Texto original: cependant il ne faut pas oublier que même si le volume de population est un élément important, il n'indique pas d'emblée le véritable rôle de la ville. Une ville de taille moyenne n'est pas forcément une ville moyenne au sens fonctionnel du terme. (LAJUGIE, 1974, p. 11).

<sup>13</sup> Texto original: La ville moyenne est réputée capable de maintenir la balance égale entre les forces de sens contraire qui agitent le monde. Elle est célèbre comme la seule apte à garder la bonne mesure entre l'ancien et le nouveau, à tenir le juste milieu entre la tradition et le modernisme, à doser en équitable proportion le conformisme et l'innovation.[...] La ville moyenne est réputée connaître une croissance harmonieuse Ici point de heurts, point de secousses, point de perturbations mais une lente et paisible transformation.[...] Le plus généralement évolution des villes moyennes se produit de façon très saccadée et très irrégulière Elle fait se succéder des phases courtes de croissance rapide voire galopante et de brusques ralentissements.(MICHEL, 1977, p. 666-667).

(continuação)

Autor (ano, página)	Citação
Michel (1977, p. 666,667, tradução nossa)	A cidade média é, então, em grande parte, um mito. Uma imagem, única e estereotipada, oriunda de representações herdadas, fundadas sobre as aparências, sobre os sentimentos, ou sobre visões folclóricas ou parciais, encobrindo aspirações saudosistas sob os temas da moda, substitui uma realidade que é extremamente diversificada e mais frequentemente diferente. <sup>14</sup>
Barrère et Cassou-Mounat (1980, p. 98, tradução nossa)	A definição real de pequenas cidades (e as cidades médias) requer, necessariamente, a combinação de vários critérios geográficos: o peso demográfico, mas também a função do centro local influenciando sobre uma pequena região, e a morfologia urbana, bem servida através das características do habitat, da concentração de comércio, início da animação da cidade <sup>15</sup> .
Amorim Filho (1984, p. 9)	Seja como for, não pode ser desprezado o fato de que os aspectos, tais como tamanho demográfico, tamanho funcional, relações externas, estrutura interna e problemas sociais das cidades médias, podem variar bastante de país para país e de região para região, sendo, naturalmente, função do nível de desenvolvimento alcançado, da posição e das condições geográficas e do estágio de processo de formação histórico-social de cada um desses países ou regiões.
Desmarais (1984, p. 355, 356, tradução nossa)	Do centro regional ao subúrbio, passando pela cidade de fraca influência, só podemos nos questionar sobre seu verdadeiro papel na armadura urbana. De tamanho pequeno ou médio, estas cidades não são, necessariamente, pequenas ou médias no sentido funcional. Mas, como precisar esta noção que vai além do tamanho? E segundo quais critérios se pode qualificar a cidade como pequena ou média? Habitualmente, estas questões são deixadas sem respostas, e empregam-se os termos <i>pequena</i> e <i>média</i> cidade de maneira evasiva, referindo-se, unicamente, ao tamanho. Este critério permanece, entretanto, como o ponto de partida de uma definição que considerará também o papel da cidade e sua importância relativa no contexto global do sistema urbano. <sup>16</sup>

<sup>14</sup> Texto original: La ville moyenne est, donc, em grande partie, um mythe. Une image, unique et stéréotypée, issue de représentations héritées, fondée sur des apparences, sur des sentiments, ou sur des vues folkloriques ou partielles, voilant des aspirations passeistes sous des thèmes à la mode, remplace une réalité qui, elle, est extrêmement diversifiée et le plus souvent différente. (MICHEL, 1977, p. 670).

<sup>15</sup> Texto original: La définition réelle des petites villes (et des villes moyennes) passe nécessairement par la conjonction de plusieurs critères géographiques: le poids démographique, mais aussi la fonction de centre local rayonnant sur un petit pays, et la morphologie urbaine, fort bien ressentie à travers les caractères de l'habitat, la concentration des commerces, un début d'animation citadine (BARRÈRE *et al.*, 1980, p. 98).

<sup>16</sup> Texto original: Du centre régional à la banlieue, en passant par la ville à faible rayonnement, on ne peut que s'interroger sur leur rôle véritable dans l'armature urbaine. De taille petite ou moyenne, ces villes ne sont pas nécessairement de véritables petites ou moyennes villes au sens fonctionnel. Mais comment préciser cette notion qui va plus loin que la taille? Et selon quels critères peut-on qualifier la ville de petite ou moyenne? Habituellement, ces questions sont laissées sans réponse, et on emploie les termes de petite et moyenne ville de manière évasive en se référant uniquement à la taille. Ce critère demeure néanmoins le point de départ d'une définition qui tiendra compte aussi du rôle de la ville et de son importance relative dans le contexte global du système urbain. (DESMARAI, 1984, p. 355-356).

(continuação)

Autor (ano, página)	Citação
Farias et al. (1998, p. 2, tradução nossa)	[...] O conceito de “Cidade Média” é, essencialmente, relativo, dependendo de seu tamanho, dos limites demográficos estabelecidos com base em diversos fatores, entre os quais se destaca, principalmente, a extensão geográfica do respectivo contexto nacional. <sup>17</sup>
Commerçon (1999, p. 2, 3, 4, tradução nossa)	O que significa, igualmente, que estas cidades permanecem em posição de ponto de junção entre as áreas urbanizadas regidas por grandes aglomerações e as áreas rurais, ou melhor, semirurais, mais ou menos organizadas em torno de povoados e pequenas cidades. <sup>18</sup>  [...] estas cidades de transição não se fecham em uma definição camisa de força, pois representam uma variedade de situações, mas o seu papel comum responde bem ao de cidades intermediárias. <sup>19</sup>
Soares (1999, p. 60-61)	[...] devem ser consideradas para identificação das cidades médias diversas variáveis, como: tamanho demográfico, qualidade das relações externas, especialização e diversificação econômica, sua posição e importância na região e na rede urbana de que faz parte, organização espacial e índices de qualidade de vida, atributos que podem variar de região para região e de país para país, tendo em vista sua formação histórico/geográfica, que é diversificada segundo sua localização espacial. Desse modo, pode-se dizer que as cidades médias ou intermediárias são definidas pelo lugar que ocupam não apenas na rede urbana, mas também no sistema econômico global
Santamaria (2000, p. 227, tradução nossa)	A noção geográfica de “cidade média” é vaga. Entretanto, ela é correntemente empregada, tanto na França, quanto em outros países, como Espanha e Reino Unido. Nestes países (utilizados aqui como exemplos), as realidades assim designadas se recortam sem, todavia, se confundirem. Assim, ao passo que as abordagens francesas e espanholas desta noção em termos de tamanho e papel funcional estão bastante próximas, a expressão “cidades de porte médio” constitui para os pesquisadores britânicos apenas uma facilidade de linguagem, fazendo, essencialmente, referência ao tamanho das cidades. <sup>20</sup>

<sup>17</sup> Texto original: ... el concepto de "Ciudad Intermedia", es esencialmente relativo, dependiendo de su tamaño, de los límites demográficos establecidos en base a diversos factores, entre los cuales se destaca principalmente el de la extensión geográfica del contexto nacional respectivo. (FARIAS et al., 1998, p. 2).

<sup>18</sup> Texto original: Ce qui signifie également que ces villes demeurent en position de charnière entre des espaces urbanisés gouvernés par des grandes agglomérations et des espaces ruraux ou plutôt semi-ruraux, plus ou moins organisés autour de bourgs et de petites villes. (COMMERÇON, 1999, p. 2,3.).

<sup>19</sup> Texto original: ...ces villes de transition ne s'enferment pas dans une définition-carcen, quelles représentent des situations variées, mais que leur rôle commun répond bien à celui de villes de l'entre-deux. (COMMERÇON, 1999, p. 3-4).

<sup>20</sup> Texto original: La notion géographique de "ville moyenne" est vague. Toutefois, elle est couramment employée aussi bien en France que dans d'autres pays comme l'Espagne et le Royaume-Uni. Dans ces pays (utilisés ici comme exemples), les réalités ainsi désignées se recoupent sans toutefois se confondre. Ainsi, alors que les approches française et espagnole de cette notion en termes de taille et de rôle fonctionnel sont assez proches, l'expression "medium-sized town" ne constitue, pour les chercheurs britanniques, qu'une facilité de langage faisant essentiellement référence à la taille des Villes. (SANTAMARIA, 2000, p. 227).

Autor (ano, página)	Citação
Costa (2000, p. ix)	As cidades médias afiguram-se fundamentais na condução dos processos de desenvolvimento regional e local, bem como na configuração de um sistema urbano mais equilibrado.
Charbonneau, Lewis e Manzagol (2003, p. 20, tradução nossa)	Consideram-se como médias as cidades que, por seu tamanho e funções, aparecem abaixo do nível das cidades capitais e metrópoles regionais maiores; quer dizer, daquelas cujos sistemas de interdependência integram, plenamente, as dimensões internacionais. <sup>21</sup>
Sposito (2007, p. 9)	Na bibliografia brasileira, as cidades médias são aquelas que desempenham papéis de intermediação entre cidades maiores e menores no âmbito de diferentes redes urbanas e que, portanto, diferem das denominadas “cidades de porte médio”, cujo reconhecimento advém de seu tamanho demográfico.
Sobarzo (2009, p. 151)	[...] as cidades médias, na atualidade, caracterizam-se pela função de intermediação na rede urbana, que responde a uma combinação de verticalidades e horizontalidades num jogo de forças globais e locais. Esses vetores e forças se articulam e/ou se contrapõem e definem um espaço de geometria variável, ou seja, não se trata somente de intermediação entre um nível e outro da rede urbana ou entre a cidade e o campo, numa concepção hierárquica rígida, mas trata-se de relações seletivas que conectam pontos específicos, segundo interesses também específicos e instáveis que obedecem às demandas e requerimentos externos.

Fonte: Os autores acima citados  
Elaborado pela autora

<sup>21</sup> Texto original: On considère comme moyennes les Villes qui, par leur taille et par leurs fonctions, apparaissent en deçà des niveaux des Villes capitales et des métropoles régionales majeures, c'est dire de celles dont les systèmes d'interdépendance intègrent pleinement les dimensions internationales. (CHARBONNEAU; LEWIS; MANZAGOL, 2003, p. 20).

**Quadro 2 - Conceitos de cidades médias: palavras e expressões mais utilizadas nos textos escolhidos e citados**

<b>Autor (ano, página)</b>	Ilusão estatística	Categoria numérica	Relativa no tempo e no espaço	Equilíbrio	Harmonia	Mito	Cidade meio	Volume/peso demográfico	Função urbana e regional	Animação	Relações externas/Contexto regional	Estrutura interna	Qualidade de vida	Posição de articulação/relais/ regional	Transição	Alternativa às grandes cidades	Interdependência
Amorim Filho (1973, p. 1), (1984, p. 9)																	
Lajugie (1974, p. 11)																	
Michel, Michel (1977, p. 642)																	
Barrère (1980, p. 98)																	
Desmarais (1984, p. 355-356)																	
Farias et al. (1998, p. 2)																	
Commerçon (1999, p. ix)																	
Soares (1999, p. 60-61)																	
Santamaria (2000, p. 227)																	
Costa (2000, p. ix)																	
Charbonneau; Lewis; Manzagol (2003, p. 20)																	
Spósito (2007, p. 9)																	
Sobarzo (2009, p. 151)																	
<b>Total de citações</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Fonte: Os autores citados  
Elaborado pela autora

Analisando o quadro supracitado, foram classificadas as expressões a partir do quantitativo de vezes que, diretamente, elas são utilizadas pelos treze autores selecionados, exclusivamente, nos fragmentos citados.

Em primeiro lugar, especificou-se a expressão “volume e peso demográfico” (57%), citada por Amorim Filho (1973, 1984), Lajugie (1974), Barrère (1980), Desmarais (1984), Farias et al. (1998), Soares (1999) e Santamaria (2000), além de Charbonneau, Lewis Manzagol (2003). Observou-se, também, que isso ocorreu em períodos diferentes: de 1973 a 2003. Entendeu-se, portanto, que o critério demográfico é uma importante referência para categorizar as cidades, mesmo que seja para uma primeira aproximação.

Em segundo lugar, está a expressão “posição de articulação, de ligação (*relais* em francês)” no nível regional, citada por 50% dos pesquisadores. As cidades médias são, portanto, elos entre aquelas de diversos níveis e, também, com o mundo rural. De acordo com as afirmações, essa é a compreensão dos seguintes pesquisadores: Amorim Filho (1973,1984), Commerçon (1999), Soares (1999), Santamaria (2000), Costa (2000) e Charbonneau, Lewis e Manzagol (2003).

Em terceiro lugar, foram citadas por 35% dos autores, as expressões “relações externas/contexto regional”. Isto mostrou que a cidade média é mais precisamente caracterizada a partir de uma escala regional de análise e não como uma unidade isolada.

A expressão “função urbana e regional”, e a palavra “equilíbrio”, aparecem em seguida, citadas, respectivamente, por 28% e 21% dos autores analisados. A primeira, citada por Lajugie (1974), Michel (1977), Barrère (1980) e Charbonneau, Lewis e Manzagol (2003) e a segunda, por Amorim Filho (1973, 1984), Desmarais (1984), Farias et al. (1998) e Soares (1999). Em seguida, a expressão “qualidade de vida”, que é mais recente nas abordagens sobre a temática, foi apontada por 15% dos autores, dentre eles Farias et al. (1998) e Soares (1999). Já a palavra “transição” foi citada pelas autoras Commerçon (1999) e Sposito (2007).

As demais expressões: “ilusão estatística”, “categoria numérica”, “relativa no tempo e no espaço”, “harmonia”, “mito”, “cidade meio”, “animação”, “estrutura interna”, “transição”, alternativas às “grandes cidades” e “interdependência” são citadas pontualmente por alguns autores.

Observou-se que algumas das palavras ou expressões, como “ilusão estatística”, “categoria numérica”, “relativa no tempo e no espaço”, “harmonia”, “mito”

e “cidade meio” são citadas, exclusivamente, por Michel (1977). Estas palavras constam no artigo publicado por Michel, nos *Annales de Géographie* em 1977, o qual contém, conforme apontado por Amorim Filho (2007, p. 70), as mais completas críticas realizadas na França sobre esta temática.

É importante ressaltar que a visão dos autores citados não se limita aos fragmentos selecionados para esta análise; no entanto, estes serviram de referência na consideração de que, mesmo que suas referências temáticas e abordagens nos estudos sobre as cidades médias não sejam convergentes, há um certo consenso em relação ao conceito desta categoria de cidade. Nesse sentido, no próximo tópico serão relatados como têm sido estudadas essas cidades na França, Canadá, Brasil e, em particular, em Minas Gerais, com ênfase nos estudos de Amorim Filho, precursor destes estudos no País.

### **2.3 Estudos internacionais sobre o tema das cidades médias**

O papel das cidades médias tem se redefinido, também, em função das transformações que influenciam as hierarquias, redes urbanas e regiões em várias partes do mundo. Dessa forma, as referências relacionadas a essas cidades também vêm se alterando com o tempo.

Sobre a hierarquia das cidades médias, reconhece-se na França os estudos de Rochefort (1960), que buscou compreender a organização urbana da região da Alsácia, pesquisando algumas cidades médias da bacia do rio Reno. Tal a importância deste estudo, que Badariotti (1999, p. 91-96), pesquisador do Laboratoire Société Environnement Territoire (SET) da Université de Pau et des Pays de L' Adour, realizou uma revisão do mesmo. Para o autor (1999, p. 69-70), Rochefort foi o primeiro pesquisador a considerar as cidades médias como uma categoria em si e que estas cidades devem ser analisadas na rede regional a qual pertencem<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Texto original: Les travaux de Michel Rochefort sur l'organisation urbaine de l'Alsace sont les premiers à envisager les villes moyennes comme une catégorie en soi. Rompant en partie avec la tradition de la monographie urbaine qui prévalait jusque là, il est le premier à mettre en avant l'idée que les villes d'Alsace ne constituent plus des éléments autonomes, mais les maillons d'une organisation régionale beaucoup plus vaste qui est le réseau urbain. (BADARIOTTI, 1999, p. 69-70).

O trabalho de Badariotti (1999) teve como objetivo atualizar o conhecimento das cidades médias da região da Alsácia, pesquisando a evolução do seu papel atual na organização do espaço regional (Badariotti, 1999, p. 69). Em sua metodologia de análise, para uma primeira classificação e hierarquização, o referido autor efetuou uma série de análises fatoriais. Isto a partir da coleta de dados referentes a um certo número de variáveis oriundas de recenseamentos gerais da população dos anos de 1975, 1982 e 1990. As variáveis eram relacionadas a temas demográficos (estrutura por idade, salário natural), econômicos (principais indústrias, população ativa e setor econômico de atividade, migração domiciliar, trabalho) e sociográficos (categorias socioprofissionais, equipamentos domésticos, população estrangeira). Em seguida, foram aplicadas técnicas de análise fatorial, das quais foi possível obter os principais resultados, permitindo descrever, sinteticamente, os centros urbanos estudados. Desta forma, foram identificadas as tipologias posteriormente confrontadas com aquelas apontadas por Rochefort (1960).

É importante destacar que na descrição metodológica de seu trabalho, Badariotti (1999) não relata ter realizado trabalhos de campo, o que se sabe, foram intensivos nas pesquisas de Rochefort. Fica ainda evidente que seu estudo foi essencialmente socioeconômico, percebendo-se ser este, bastante regional, menos geográfico que o de Rochefort. Assim, Badariotti (1999) apresentou novas nomenclaturas para identificar as tipologias das cidades da região da Alsácia<sup>23</sup>.

Passados, portanto, quase quarenta anos do estudo realizado por Rochefort (1960), e mesmo ele tendo criado outras tipologias, Badariotti (1999) percebeu que a maior parte das cidades analisadas apresentaram certa estagnação ou até mesmo um declínio em relação ao seu posicionamento hierárquico urbano. Neste caso, o referido autor observou apenas duas exceções, as cidades de Haguenau e Molsheim, e expressou que a primeira continua a assumir seu verdadeiro papel de cidade média em relação à hierarquia urbana da rede em que está inserida e em relação às cidades que ela serve. Já a segunda se desenvolveu quantitativamente, sobretudo em relação à população. Além destas duas cidades, Badariotti (1999,

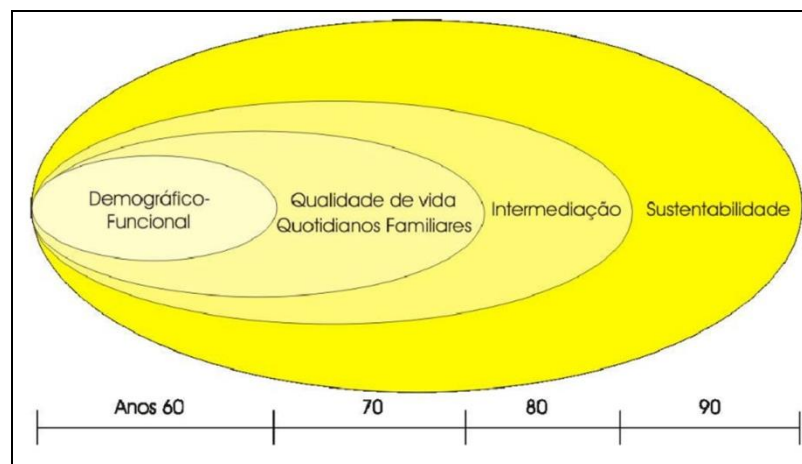
---

<sup>23</sup> As tipologias apresentadas por Badariotti (1999) são:1) centro dinâmico (*centre régional dynamique*);2) centros regionais em desaceleração (*centre régionaux en perte de vitesse*);3) centros locais de primeira ordem em expansão (*centre local de 1<sup>er</sup> ordre progressant dans la hiérarchie*);4) centros regionais rebaixados (*centres régionaux déclassés*);5) cidade atípica (*ville atypique*). A descrição destas tipologias é apresentada no artigo nas páginas 92 a 95)

p.101) relata que as outras vegetam, ou pior, perdem sua influência com o tempo. Entende-se, no entanto, por esta estagnação, um certo equilíbrio desta rede urbana francesa.

Ainda no continente Europeu, uma pesquisadora de cidades médias de Portugal, Costa (2000, 2002), que é investigadora do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, analisa esta categoria de cidades numa visão crítica. A autora também reconhece que o conceito de cidade média surge, inicialmente, na França, no final dos anos 1960. Mas, a partir de então, muitos princípios e critérios foram se associando à sua definição, de acordo com o pensamento e interesses de pesquisadores, técnicos e políticos que trabalhavam com esta categoria de cidade, conforme se representa na Figura 5.

**Figura 5 - Mudanças das referências temáticas em estudos sobre as cidades médias na Europa**



Fonte: COSTA, 2002, p. 117

Nos anos de 1970, os estudos passam a se focar mais nas cidades médias como aquelas que têm a função de intermediação ou, ainda, como alternativa às grandes cidades em crise. Na segunda metade dos anos de 1980, firmada sua posição no sistema urbano regional, passam a ser analisadas mais na visão crítica, sendo pensadas de acordo com seu papel dentro do processo de internacionalização da economia (COSTA, 2002, p. 101).

Segundo a autora, neste momento, incorpora-se a estes estudos, a expressão “cidade intermédia”, idealizada por Gault (1989), e cuja definição ultrapassa os critérios demográfico funcionais, incorporando outros que a relacionam com a sua posição nas redes de nível regional, nacional e global (COSTA, 2002, p. 123),

conceito este que tem por base os pressupostos que definem “meio inovador” ou “território em rede”, analisados pela autora em seus estudos.

Já nos estudos realizados na década de 1990, Costa (2002) entende que está a noção de cidade sustentável, conferindo a estas cidades um novo quadro de potencialidades, mas, também, de exigências em face de um sistema econômico cada vez mais competitivo e globalizado, levando as cidades médias a um quadro de exclusão econômica, social e cultural (COSTA, 2002, p. 101), ou seja, estas cidades que foram criadas como espaço de equilíbrio, como alternativas ao abrandamento dos problemas dos grandes centros passam a reproduzir estes mesmos problemas.

Cabe destacar que todas essas referências são importantes nos estudos sobre cidades médias na atualidade: a variável demográfica como uma primeira aproximação, a qualidade de vida e os quotidianos familiares como um índice de referência, a intermediação como função essencial para a classificação e a sustentabilidade como anseio para o equilíbrio espacial. Sendo assim, entende-se que um estudo geográfico sobre qualquer categoria de cidade deve contemplar elementos qualitativos e quantitativos, que juntos devem representar sua realidade de forma mais ampla e menos compartimentada. Tais referências e abordagens têm sido utilizadas, sobretudo nos estudos sobre cidades médias na França, no Canadá e em alguns países da América Latina.

Na França, estudos com a temática das cidades médias têm evoluído desde 1970, havendo, atualmente, estudos também realizados por instituições como a DATAR (*Delégation à l'Aménagement du Territoire et à l'Action Régionale*). Este órgão é responsável pela publicação da revista *Territoire*, que reúne pesquisadores e coordenadores de importantes trabalhos com objetivos de planejamento territorial, numa perspectiva de prover o órgão com informações para o futuro das cidades francesas. Na atualidade, realizam estudos prospectivos para as cidades francesas, com vistas à década de 2040; por isto, a revista denomina-se, hoje, *Territoire 2040*.

Sobre a temática, nos estudos da revista *Territoire 2040*, os pesquisadores utilizam a expressão *villes intermédiaires*, ou seja, *cidades intermédias*, para se referirem às cidades médias. Para os estudiosos desta revista, essa expressão explica melhor o papel das cidades médias francesas, que é elo entre as outras cidades maiores ou menores e, também, o mundo rural.

Nas análises desta revista, estão sendo estudados sete tipos de espaços, considerados como sistemas urbanos. E, com estes estudos, pretende-se alcançar 28 cenários prováveis, que se destacam nestas sete questões-chave, descritas no Quadro 3.

**Quadro 3 - *Territoire 2040*: Grupos de aconselhamento científico e as questões tratadas**

7 Sistemas	7 Questões
A rede de metrópoles francesas	Abertura
Os sistemas metropolitanos integrados	Capacitação
As portas de entrada na França	Vulnerabilidade
Os territórios industriais	Mobilidade
As cidades intermediárias	Redes
Os territórios residenciais e turísticos	Meio Ambiente
Os espaços de fraca densidade	Governança

Fonte: DATAR, 2014  
Nota: Quadro original<sup>24</sup>

Os estudos realizados em cada sistema pretendem buscar respostas a algumas questões, tais como: o que a França vai enfrentar no futuro e quais seriam as possíveis respostas?

De acordo com o periódico, os projetos estão correlacionados às propostas de planejamento territorial da *DATAR*, que se encontram no *site* da revista<sup>25</sup>. Assim, os trabalhos são realizados por pesquisadores acadêmicos com o intuito de subsidiar certas políticas públicas.

No Canadá, destaca-se o grupo que reúne pesquisadores acadêmicos que formaram o *Villes Régions Monde - VRM*<sup>26</sup>, uma rede interuniversitária dedicada ao diálogo, à promoção da investigação e da formação para o desenvolvimento e divulgação de resultados de pesquisa em estudos urbanos e espaciais. No diretório do *site* do grupo são divulgados outros *sites* relacionados a estudos urbanos e

<sup>24</sup> Texto original:

7 SYSTEMES	7 ENJEUX
Le réseau des métropoles françaises	Ouverture
Les systèmes métropolitains intégrés	Capacitation
Les portes d'entrées de la France	Vulnérabilité
Les territoires industriels	Mobilité
Les villes intermédiaires	Réseau
Les territoires résidentiels et touristiques	Environnement
Les espaces de faibles densités	Gouvernance

Fonte: DATAR, 2014.

<sup>25</sup> DATAR, 2014.

<sup>26</sup> VRM, 2014.

espaciais na cidade de Quebec e em diversos países do mundo. Os registros incluem o nome da organização, um resumo dos temas científicos analisados e os tipos de produções disponíveis online.

Pesquisando a palavra *Villes* (cidades), com o tema geral *Aménagement, développement et infrastructures* (planejamento, desenvolvimento e infraestruturas), observou-se que em diversos países um número significativo de organismos públicos ou privados desenvolvem pesquisas e/ou ações de cunho social e/ou científico, tendo como objeto de estudo a cidade.

Pesquisadores da temática sobre as cidades da Universidade de Montréal, no Canadá, realizaram, em 2003, um programa em parceria com o Vietnã, culminando na efetivação de um colóquio que gerou a publicação de um livro: *Villes moyennes et mondialisation. Renouvellement de l'analyse et des stratégies*,<sup>27</sup> organizado pelos professores François Charbonneau, Paul Lewis (*Institut d'urbanisme*) e Claude Manzagol (*Département de Géographie*).

A obra reuniu contribuições acerca da temática das cidades médias, a partir de visões e situações variadas. São 28 textos ordenados no livro em quatro seções: 1) *Les Villes moyennes à l'épreuve*; 2) *Physionomie et aménagement des Villes moyennes*; 3) *Les stratégies de repositionnement*; 4) *Villes moyennes, tourisme et culture*.

Os artigos apresentam estudos sobre as cidades médias na África do Oeste, América Latina, Canadá, China, Estados Unidos, França, Hungria, Turquia e Vietnã, realizados por pesquisadores geógrafos e de outras áreas do conhecimento, com abordagens diversas.

Na América Latina, estudos sobre as *ciudades intermedias* têm sido realizados por pesquisadores como Farias e González (1998), do Chile. As autoras apresentaram uma proposta metodológica básica para medir a qualidade de vida nas cidades intermédias daquele país. Esta é a abordagem que tem sido mais utilizada pelos pesquisadores desta temática no Chile e em outros países do mesmo continente, em particular os de língua castelhana, como Argentina, Colômbia e outros.

---

<sup>27</sup> CHARBONNEAU, François; LEWIS, Paul; MANZAGOL, Claude. **Villes moyennes et mondialisation**, Renouvellement de l'analyse et des stratégies. Université de Montréal, Trames éditions: 2003. 334 p.

No Brasil, as cidades médias têm sido estudadas, também, por diversas áreas do conhecimento, com diferentes abordagens. Destaca-se, aqui, os estudos realizados pela Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias, a ReCiMe e a Rede Brasileira de Estudos sobre cidades Médias, RedBCM. No site<sup>28</sup> da RedBCM, após a descrição da sigla, há uma afirmação de que se trata de uma abordagem multidisciplinar, isto porque no grupo reúnem-se não somente pesquisadores geógrafos, mas também aqueles de diversas formações, como Economia, Arquitetura, Ciências Sociais, Sociologia, Ciência Política e outras, bem como técnicos e especialistas associados a universidades ou outras instituições que desenvolvem estudos ou trabalham com a temática em questão. Estas redes e seus respectivos estudos fazem parte do que será abordado na próxima seção.

#### **2.4 Estudos sobre cidades médias no Brasil**

Os estudos sobre cidades médias no Brasil, como citado anteriormente, se iniciaram com Amorim Filho (1973), a partir de sua tese de doutorado defendida no *Institut de Geographie da Universite de Bordeaux III*, cujo objeto foi a cidade de Formiga-MG e sua região. Sendo assim, nesta seção haverá um espaço maior dedicado aos trabalhos sobre esta temática, desenvolvidos por este pesquisador, que tem sido referência em muitos estudos realizados no país e no exterior.

As pesquisas de Amorim Filho têm sido, portanto, referência no âmbito acadêmico, mas também de políticas públicas, dentre os quais pode-se citar o trabalho “Minas Gerias do Século XXI”, elaborado por solicitação do Banco de Desenvolvimento de Minas com o objetivo central de atualizar o conhecimento da rede de cidades do Estado.

Na academia há diversos pesquisadores que se dedicam a esta temática<sup>29</sup>, alguns, como já se mencionou, organizados em rede, como a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias, a ReCiMe e a Rede Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias, a REDBCM. Estes grupos são formados por uma rede de pesquisadores que analisam os espaços não metropolitanos, em especial as cidades médias. A primeira rede é coordenada por duas geógrafas: Maria

---

<sup>28</sup> REDBCM, 2014.

<sup>29</sup> No Brasil, na área de Geografia, desenvolvem estudos acadêmicos na temática das cidades médias, pesquisadores de diversas universidades: UNESP, UFU, PUC Minas, UFRJ, UECE, UFPB, UERJ, UFPE, UFAM, UFS, UFPA, UFGD, UFTO, dentre outras.

Encarnação Beltrão Sposito, da Universidade Estadual Paulista (UNESP –Campus de Presidente Prudente) e Beatriz Ribeiro Soares, da Universidade Federal de Uberlândia. A segunda rede é coordenada por professores da Universidade Federal de Pernambuco das áreas de Filosofia, Marcos Costa Lima, e da Arquitetura, Maria de Jesus de Britto Leite e Gilson Gonçalves.

A ReCiMe reúne um grupo de pesquisadores associados a diferentes instituições de ensino superior da América do Sul<sup>30</sup>, e conforme relata Sposito (2010, p. 1), com interesses convergentes, mas não idênticos, do ponto de vista teórico ou temático. Estes pesquisadores pertencem a diferentes áreas e níveis de formação acadêmica, o que, para Cortezzi (2011, p. 40), tende a valorizar o resultado da pesquisa, visto que essa composição multiescalar e/ou multidisciplinar é necessária para que se mantenha a essência plural da geografia.

Segundo Sposito (2010, p.7), a dimensão econômica e socioespacial das transformações recentes vividas pelas cidades médias são as que orientam a análise metodológica das pesquisas da ReCiMe. Ao se referir ao interesse das pesquisas do grupo, a pesquisadora declara que

Nosso interesse com esse tema era o de tratar de dinâmicas associadas às formas capitalistas de produção do espaço urbano presentes em cidades de diferentes portes e importância nas redes urbanas, mas que têm suas peculiaridades nas cidades médias, no que tange a intensidade e o ritmo das alterações.

As pesquisas do grupo são norteadas por três temas e quatro eixos, conforme Sposito (2007, p. 5-8), que são: Temas: desigualdades socioespaciais, centro e centralidade urbana, reestruturação regional e da cidade<sup>31</sup>; Eixos: I) Ramos de atividades econômicas representativas da atuação dos novos agentes econômicos;

---

<sup>30</sup> Universidades que participam da ReCiMe, no Brasil em 2015: Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó/SC, Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí/SC, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza/CE, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Presidente Prudente/SP, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados/MS, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa/PB, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife/PE, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Ituiutaba/MG, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus/AM, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém/PA, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/RJ, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó/SC; em outros países: Universidad Nacional da Provincia de la Buenos Aires, Buenos Aires/ARG, Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago/CHI. ( RECIME, 2015).

<sup>31</sup> RECIME, 2015.

II) Dinâmica populacional e mercado de trabalho; III) Equipamentos e infraestruturas; IV) Condições da moradia.

Dentro destes temas e eixos, um projeto recente do grupo analisa as cidades médias com enfoque nos agentes econômicos e na reestruturação urbana e regional. São analisados, dentre outros aspectos, os processos de reestruturação urbana, considerando as funções destas cidades, seus papéis regionais na rede urbana, assim como sua articulação em circuitos e redes que extrapolam a escala regional, para âmbitos nacionais e, inclusive, globais. Este projeto também avalia em que medida mudanças recentes têm desdobramentos nas estruturas de seus espaços urbanos, bem como em suas morfologias urbanas<sup>32</sup>.

Além de projetos, vêm sendo publicadas teses, dissertações, artigos científicos e livros pelos integrantes do grupo acerca da proposta de estudo. Dentre outras obras<sup>33</sup>, a coleção de livros “Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional” traz os resultados de pesquisas recentes, já finalizadas, que tiveram como objeto as cidades de Passo Fundo-RS e Mossoró-CE (2010); Tandil-Argentina e Uberlândia-MG (2010); Chillán-Chile e Marília-SP (2012); Campina Grande e Londrina (2013).

Os estudos da ReCiMe contribuem para as gestões públicas, mas não têm vínculos diretos com o poder público. As pesquisas, apesar de terem apoio e fomento público, não são realizadas por iniciativas ou solicitações governamentais. Desenvolvem-se em âmbito acadêmico e os resultados são apresentados com

---

<sup>32</sup>RECIME, 2015.

<sup>33</sup> SPOSITO, M. E.B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo, Editora Unesp. 2013. 360p.

ELIAS, Denise. SPOSITO, M. E. B.; SOARES, B. R. (orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional** - Campina Grande e Londrina. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 336p.

\_\_\_\_\_. **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Chillán e Marília**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 284p.

\_\_\_\_\_. **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Tandil e Uberlândia**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 288p.

\_\_\_\_\_. **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 288p.

SPOSITO, M. E.B.; WHITACKER, A. M. **Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (orgs.) **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPOSITO, M. E. B. (org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2007.

LLOP, J. M.; SPOSITO, M. E. B.; MELAZZO, E. S.; BELLET, C. (Eds.). **Urbanización, producción y consumo en ciudades medias/intermedias Urbanização, produção e consumo em cidades médias/intermediárias**. Lleida: Ed. Milenium, 2015. 514p.

divulgação pública, editoração de livros, publicação em revistas científicas e congressos, sendo divulgados pela mídia virtual e outras.

Outro grupo que tem realizado relevantes trabalhos sobre cidades médias é a REDBCM, formada por pesquisadores de universidades brasileiras e estrangeiras, tendo, também pesquisadores da ReCiMe e profissionais de instituições não acadêmicas com interesses afins, formando, portanto, uma equipe multidisciplinar.

Conforme é citado, a rede

[...] foi pensada como um mecanismo de integração de pesquisas e de divulgação científica numa perspectiva multi-interdisciplinar, direta e indiretamente ligada à vida destas cidades e de seus habitantes. Pretende ser uma estratégia intra-universidades e pluri-institucional, alavancada pela Universidade Federal de Pernambuco, através do seu Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e do Desenvolvimento – D&R. Tem a intenção de integrar pesquisadores e respectivas pesquisas sobre as cidades de porte médio e seus territórios de sinergia em todos os estados da Federação. Além disso, conta com o apoio do Centro Internacional Celso Furtado de políticas para o Desenvolvimento e é financiada pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia. [...]. Esta iniciativa pretende se transformar em um mecanismo de concepção dinâmica, interativa e contemporânea de compreensão das cidades médias; que possam se transformar em instrumentos de apoio às ações de melhoria física, social e econômica para as localidades e às ações de planejamento dos crescimentos sustentados dos territórios de sinergia das cidades médias. (REDE BRASILEIRADE ESTUDOS SOBRE CIDADES MÉDIAS, 2015).

Assim como a ReCiMe, esta rede também tem o apoio de instituições públicas de fomento e dentre seus objetivos específicos busca estabelecer pontes com as administrações públicas e os técnicos destas cidades e construir a possibilidade de apoiar projetos, novas metodologias e reflexão teórica que venham a subsidiar o estudo das cidades médias<sup>34</sup>. Dentro desta visão, a rede possui seis linhas de pesquisa para o desenvolvimento dos trabalhos: 1) Consolidação, alimentação e manutenção do Portal; 2) Dinâmica das Cidades Médias; 3) Espaço e Território das Cidades Médias; 4) Inovação nas Cidades Médias; 5) Conservação Ambiental nas Cidades Médias; 6) Políticas Públicas nas Cidades Médias.

Nestas propostas de trabalho sobre as cidades médias, no portal da rede REDBCM<sup>35</sup> é disponibilizada a produção científica em pesquisas e publicações realizadas por membros e voluntários, no formato de artigos científicos, resultados de pesquisas, resenhas, teses, dissertações e livros.

---

<sup>34</sup> REDBCM, 2014

<sup>35</sup> REDBCM, 2014

A criação destas redes de estudos sobre cidades médias mostra a intensidade da produção científica nesta temática no Brasil. Emonsulta realizada no banco digital de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (CAPES), no período de 2010 a 2015, foram encontradas onze teses de doutorado, cujo título enfocava as cidades médias.<sup>36</sup> Esta consulta foi realizada no site, refinando-se os resultados por área do conhecimento (Geografia) e nível do curso (Doutorado).

Em relação a este quantitativo, sabe-se que há, certamente, mais que onze trabalhos produzidos neste período. Para se confirmar este fato, consultou-se o banco digital de teses de quatro universidades, uma por possuir no corpo de pesquisadores o precursor destes estudos e as outras pelas coordenações das redes de pesquisa sobre cidades médias, sendo respectivamente: PUC Minas, UNESP Presidente Prudente, UFU e UFPE<sup>37</sup>.

No banco digital destas instituições já se encontram outras teses que não estão no banco da CAPES. Na PUC Minas, no Programa de Pós-Graduação em Geografia em Tratamento da Informação Espacial, há três teses, orientadas pelos professores: duas por Oswaldo Bueno Amorim Filho (2013, 2014)<sup>38</sup> e uma por Leônidas Conceição Barroso (2011)<sup>39</sup>. No Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) há seis teses depositadas, orientadas pelos professores: duas por Arthur Magon Whitacker (2010, 2013)<sup>40</sup>, uma por Eliseu Saverio Sposito (2011)<sup>41</sup>, duas por

<sup>36</sup>CAPES, 2015. Consulta realizada no dia 28 de mai. 2015 às 10h.

<sup>37</sup> Consultou-se o banco de teses destas quatro universidades em função de que na PUC Minas atua o pesquisador que é o pioneiro nos estudos sobre cidades médias, prof. Amorim Filho, na UNESP, Presidente Prudente e UFU estão as pesquisadoras coordenadoras da ReCiMe Maria Encarnação Sposito e Beatriz R. Soares e a UFPE é a origem da REDBCM.

<sup>38</sup> COSTA, Marco Rodrigo. **Arcos-MG: contextos regionais e dinâmica interna**. 2013. 248f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia em Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

DINIZ, Carlos Henrique Vasconcelos. **BR-459: o corredor tecnopolitano do alto e médio Sapucaí, um estudo de três cidades médias**. 2014. 230f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia em Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

<sup>39</sup> CARVALHO, Margareth Alves. **O espaço intraurbano de Teófilo Otoni/MG**. 2011. 146f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia em Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

<sup>40</sup> FERREIRA, Sandra Cristina. **Rede urbana, cidade de porte médio e cidade média: estudos sobre Guarapuava no estado do Paraná**. 2010. 350f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010.

MIYAZAKI, Vitor Koiti. **Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista**. 2013. 307f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2013.

Maria Encarnação Beltrão Sposito (2012, 2014)<sup>42</sup> e uma por Everaldo Santos Melazzo (2013).<sup>43</sup> No Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) há duas teses orientadas pelos professores: uma por Beatriz Ribeiro Soares (2012)<sup>44</sup> e uma por Jorge Luís Silva Brito (2011)<sup>45</sup>. Na UFPE, no Programa de Pós-Graduação em Geografia encontra-se depositada uma dissertação de mestrado com o tema “cidade de porte médio”<sup>46</sup>.

Tendo em vista que no estado de Minas Gerais há três programas de pós-graduação em Geografia reconhecidos e recomendados pela CAPES, PUC Minas, UFU e UFMG, consultou-se também o bando de teses da UFMG, sendo encontradas duas pesquisas depositadas, uma dissertação e uma tese orientadas pelo professor Ralfo Edmundo da Silva Matos (2011, 2013)<sup>47</sup>. Assim, com estas consultas confirma-se que sobre a temática das cidades médias há realmente uma produção maior de dissertações e teses de doutoramento do que aquelas disponibilizadas no banco da CAPES. Acredita-se que os autores não têm depositado seus trabalhos neste banco, que é de referência nacional.

---

<sup>41</sup> BOMTEMPO, Denise Cristina. **Dinâmica territorial, atividade industrial e cidade média:** as interações espaciais e os circuitos espaciais da produção das indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília-SP. 2011. 455f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

<sup>42</sup> CATELAN, Marcio José. **Heterarquia urbana:** interações espaciais interescolares e cidades médias. 2012. 227f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

SALES, Andrea Leandra Porto. **A situação espacial de franquias a América do Sul:** morfologia e centralidade urbanas em cidades médias da Argentina, Brasil e Chile. 2014. 299f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

<sup>43</sup> BATELLA, Wagner Barbosa. **Os limiares das cidades médias:** reflexões a partir da cidade de Teófilo Otoni-MG. 2013. 228f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2013.

<sup>44</sup> FRANÇA, Iara Soares de. **Aglomerado urbano descontínuo de Montes Claros/MG:** novas configurações socioespaciais. 2012. 399f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

<sup>45</sup> LEITE, Marcos Esdras. **Geotecnologias aplicadas ao mapeamento do uso do solo urbano e da dinâmica da favela em cidade média:** o caso de Montes Claros/MG. (2011). 287f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

<sup>46</sup> SILVA, Kleber Costa da. **Dinâmicas regionais de cidades de porte médio:** um estudo de caso sobre a concentração de serviços de saúde em Caruaru-PE. 2007. 270f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Ciências Geográficas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

<sup>47</sup> RAMOS, Edivaldo Fernandes. **As cidades médias em perspectiva.** Uma análise dos papéis e tendências de um grupo de cidades médias brasileiras. 2011. 164f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BARBOSA, Adriana Mota. **Educação, desenvolvimento e migração em cidades médias de Minas Gerais equipadas com Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.** 2013. 202f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

Cabe salientar que pesquisas científicas importantes na área da geografia das cidades médias do Brasil<sup>48</sup> e, em particular, em Minas Gerais, com diferentes enfoques e em diversos níveis de formação, vêm se intensificando nos últimos 20 anos. Alguns destes trabalhos serão analisados na próxima seção que tratará dos estudos das cidades médias em Minas Gerais.

## **2.5 Estudos sobre cidades médias em Minas Gerais**

Conforme mencionado na seção anterior, em Minas Gerais há três programas de pós-graduação em Geografia no nível de doutorado e 6 de mestrado reconhecidos pela CAPES. Mas os estudos sobre a rede urbana, com enfoque nas cidades médias, não iniciaram com a implantação destes programas.

Reconhece-se como estudos pioneiros sobre as cidades mineiras os trabalhos de Leloup (1970) e a tese de doutoramento de Amorim Filho, defendida na França em 1973, que teve como objeto a cidade média mineira de Formiga, sendo este, portanto, o estudo pioneiro no país sobre esta categoria de cidade.

### **2.5.1 Os trabalhos pioneiros**

Nos anos de 1970 são apresentados os primeiros trabalhos acadêmicos realizados em instituições de Minas Gerais sobre as cidades do Estado. Um deles foi a tese de doutorado de Yves Leloup (1970)<sup>49</sup>, professor francês lotado na UFMG, sobre a organização regional de Minas Gerais. Este pesquisador, segundo Fukui (1971, p. 230) permaneceu no Brasil no período de 1959 a 1963, quando foi docente na Faculdade de Filosofia, da UFMG. Realizou intensos estudos de Geografia Regional e com grande rigor metodológico apresentou em sua tese investigações sobre as cidades de Minas Gerais. Ressalta-se que o trabalho de Leloup (1970) não tratou, especificamente, das cidades médias, mas estudou a organização regional do Estado com dados quantitativos e qualitativos relativos às décadas de 1950 e 1960.

---

<sup>48</sup> No site da CAPES: <<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursos>> estão recomendados e reconhecidos 57 cursos de mestrado e 29 de doutorado. É certo que nem todos os programas tem no seu quadro pesquisadores que estudam as cidades médias. Para isto, seria necessária uma busca mais refinada em cada programa, não sendo este o foco desta tese.

<sup>49</sup> LELOUP, Y., **Les villes du Minas Gerais**. 1970. 301 p. (Thèse de Doctorát) - Institut des Hautes Etudes de L'Amérique Latine, Paris, 1970.

Na introdução, o autor compara o Estado com seu país de origem, ao dizer que é um estado brasileiro com superfície superior à da França<sup>50</sup>, e como expõe Fukui (1970, p. 230), o autor também relata que é um Estado sem acesso ao mar e tem posição intermediária entre o subdesenvolvimento econômico do Nordeste e a industrialização de São Paulo e Rio de Janeiro.

Analisa a relação tamanho de cidade e complexidade do equipamento urbano: comércio, bancos, governo local, direção industrial, saúde e bem-estar, meios de comunicação de massas e transportes (FUKUI, 1971, p. 232), conseguindo, assim, através de um sistema de pontos atribuídos ao equipamento em função de sua raridade, distinguir, além da Metrópole Belo Horizonte, quatro categorias de cidades: os centros locais, os centros intermediários, os centros regionais e os grandes centros regionais. Os centros regionais, aqueles que estão no nível abaixo das metrópoles, o autor ainda os classificou em quatro categorias: centros superequipados, centros equipados, centros subequipados e centros com equipamentos irregulares. Estas categorias serão apresentadas com mais detalhes, ainda neste capítulo, na seção onde serão tratadas a hierarquia e tipologia das cidades médias mineiras.

Este importante trabalho de Leloup (1970) continua sendo uma imprescindível referência para os estudos de hierarquia urbana das cidades mineiras, mas tratando-se especificamente da categoria cidades médias, o primeiro trabalho foi a tese de Amorim Filho. Apresentada em um volumoso trabalho, em dois tomos, no *Institut de Geographie da Université de Bordeaux III*, a tese intitulada *Contribution à l'étude des Villes moyennes au Minas Gerais-Formiga et le Sud-Ouest du Minas Gerais*, conforme relatado no título, teve como objeto de estudo a cidade de Formiga e a região do Centro-Oeste mineiro.

Um estudo também marcado pelo rigor metodológico, que já em sua introdução deixa evidente os caminhos a seguir:

Para iniciar o estudo das "cidades médias" de Minas Gerais tínhamos inicialmente duas opções: ou usar critérios gerais, essencialmente com base na população e analisar o conjunto das cidades do Estado, ou pegar como exemplo uma cidade e sua região e estudá-la o mais profundamente possível. Graças a este último tipo de estudo, poder-se-ia esperar extrair uma série de princípios de definição de cidade média, bem como alguns

---

<sup>50</sup> Texto original: L'etat du Minas Gerais, l'un des 22 Etats da la Fédération brésilienne couvre une superficie supérieure à celle de la France: 593 000 Km<sup>2</sup>, soit 7% du territoire brésilien. (LELOUP, 1970, p. 7).

critérios gerais suscetíveis de serem testadas posteriormente em outras cidades ou regiões. É esta segunda via que escolhemos ao estudar a cidade de Formiga, situada em uma região que é, em si, um assunto muito interessante de estudo. Com efeito, o sudeste de Minas Gerais se encontra também em uma posição intermediária entre o Brasil rico e urbanizado, representado pelo Estado de São Paulo e a região menos urbanizada e de economia mais rural do centro do país.<sup>51</sup> (AMORIM FILHO, 1973, p. 2, tradução nossa).

A cidade de Formiga é apresentada em seus aspectos geográficos, analisada nos seus espaços de relações e em um intenso estudo do seu espaço interno. Tudo isto levou o autor a constatar que características ligadas às funções de intermediação dentro das redes urbanas, assim como a posição geográfica da aglomeração são tão ou mais importantes do que o tamanho demográfico na caracterização das cidades médias. (Amorim Filho, 2007, p. 73).

O autor confirma que sua obra marca o início dos estudos do tema sobre cidades médias em Minas Gerais, no Brasil e, possivelmente, na América do Sul (AMORIM FILHO, 2007, p. 73), e, após o doutoramento, deu sequência aos estudos nesta temática no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (IGC-UFMG), iniciando, portanto, estes estudos na academia brasileira.

### **2.5.1.1 As cidades médias na academia**

Dentre os estudos sobre a temática das cidades médias, nas academias em Minas Gerais, pode-se citar, entre outros, aqueles realizados sobre a cidade de Uberlândia e outras cidades médias mineiras, desenvolvidos na UFU por pesquisadores como Beatriz Ribeiro Soares e Vítor Ribeiro Filho.

Numa abordagem marxista, os estudos de Soares têm como objeto diversas cidades médias do estado de Minas Gerais ou outros estados brasileiros, mas cabe ressaltar que são vários os trabalhos sobre Uberlândia que têm sido objeto de

---

<sup>51</sup>Texto original: pour commencer l'étude des "villes moyennes" du Minas Gerais, nous avons, au départ, deux options: ou bien utiliser des critères généraux, basés essentiellement sur la démographie, et analyser l'ensemble des villes de cet Etat, ou bien prendre pour exemple une ville et sa région et l'étudier le plus profondément possible. Grâce à ce dernier type d'étude, on pouvait espérer dégager un certain nombre de principes de définition de ville moyenne, ainsi que quelques critères généraux susceptibles d'être testés ultérieurement en d'autres villes ou régions. C'est cette seconde voie que nous avons choisie en étudiant la ville de Formiga, située dans une région qui est, elle-même, un sujet d'étude très intéressant. En effet, le Sud-Ouest du Minas Gerais se trouve aussi dans une position intermédiaire entre le Brésil riche et urbanisée, représenté par l'Etat de São Paulo et les régions moins urbanisées et d'économie plus rurale du Centre du pays. (AMORIM FILHO, 1973, p. 2).

análise relacionados a diversos temas, desde o doutoramento, em 1995, da referida autora. O Quadro 4 reúne algumas contribuições de Soares e pesquisadores associados, através de publicações em livros ou artigos em periódicos<sup>52</sup>:

**Quadro 4- Algumas publicações sobre cidades médias, de Beatriz Ribeiro Soares (individuais ou com pesquisadores associados)**

(continua)

	Publicação	Ano	Autor (s)	Tipo
01	Uberlândia: da “Cidade Jardim” ao “Portal do Cerrado” - imagens e representações no Triângulo Mineiro	1995	SOARES, Beatriz Ribeiro	Tese de Doutorado
02	Cidade média: uma proposta metodológica a partir de indicadores ambientais, culturais e sociais	2014	OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SOARES, Beatriz Ribeiro	Artigo de periódico
03	Cidade média: apontamentos metodológicos e tipologia	2014	OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SOARES, Beatriz Ribeiro	Artigo de periódico
04	Centralidade e Cidades Médias: o setor de saúde em Montes Claros/MG.	2012	FRANÇA, Iara Soares de; SOARES, Beatriz Ribeiro	Artigo de periódico
05	Cidade médias, polarização regional	2011	FRANÇA, Iara Soares; PEREIRA, Anete Marília; SOARES, Beatriz Ribeiro; MEDEIROS, D. L.	Artigo de periódico
06	A centralidade nas pequenas e médias cidades: uma análise da microrregião de Frutal no Triângulo Mineiro.	2010	Reis de Paula, A; SOARES, Beatriz Ribeiro	Artigo de periódico
07	A espacialidade dos agentes econômicos em Uberlândia (MG): a análise de uma cidade média.	2010	SILVA, D. B; OLIVEIRA, Hélio Carlos de; SOARES, Beatriz Ribeiro	Artigo de periódico
08	Os desafios da reflexão sobre as cidades médias e pequenas	2010	SOARES, Beatriz Ribeiro; SILVA, Paulo Fernando Jurado da; FREITAS, M. P.; ARAÚJO, F. A. V.	Artigo de periódico
09	O espaço intra-urbano de uma cidade média e suas centralidades: uma análise de Montes Claros no Norte de Minas Gerais	2007	FRANÇA, Iara Soares; SOARES, Beatriz Ribeiro	Artigo de periódico
10	Las vegetaciones en los centros: consideraciones sobre los espacios verdes en ciudades medias brasileñas	2003	SOARES, Beatriz Ribeiro; GOMES, Marcos Antônio; SILVESTRE, MARIA, Luciene Xavier de	Artigo de periódico
11	Circulação viária em áreas centrais de cidades de porte médio: a questão do pedestre	1997	SOARES, Beatriz Ribeiro; FERREIRA, Willian	Artigo de periódico

<sup>52</sup> É importante salientar que as contribuições de Soares para os estudos sobre cidades médias mineiras não se restringem às publicações listadas no quadro; estas são apenas aquelas que serviram como referência para esta tese.

(conclusão)

Publicação		Ano	Autor (s)	Tipo
12	Rede Urbana Regional: uma reflexão sobre as interações espaciais existentes entre a cidade média de Montes Claros e os centros emergentes de Pirapora, Janaúba e Januária no Norte do Estado de Minas Gerais	2014	FRANÇA, Iara Soares de; SOARES, Beatriz Ribeiro	Capítulo de livro
13	Planejamento Urbano e o Novo Urbanismo: uma discussão para Cidades Médias	2013	SOARES, Beatriz Ribeiro; FLORESTA, L. Z.	Capítulo de livro
14	Cidades médias: contribuição para o debate	2011	OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SOARES, Beatriz	Capítulo de livro
15	Uberlândia (MG): leituras geográficas de uma cidade média	2010	SOARES, Beatriz Ribeiro; RAMIRES, Júlio César de Lima; OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; MELO, Nágela Aparecida de; SOUZA, Marcus Vinicius Mariano de; RIBEIRO FILHO, Vitor	Capítulo de livro
16	Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais	2010	SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida de.	Capítulo de livro
17	Os estudos dos espaços urbanos não metropolitanos em Uberlândia: a experiência da pesquisa em rede e na pós-graduação.	2008	SOARES, Beatriz Ribeiro	Capítulo de livro
18	O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica	2007	SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, D.; SOARES, Beatriz Ribeiro; MAIA, D. S.; AGUIAR, E. T.	Capítulo de livro
19	A diversidade de usos da periferia: um estudo de caso na cidade média: Uberlândia	2006	MOURA, G. G. ; SOARES, Beatriz Ribeiro	Capítulo de livro
20	Cidades médias: uma revisão bibliográfica	2005	SOARES, Beatriz Ribeiro	Capítulo de livro

Elaborado pela autora

Além destes trabalhos sobre cidades médias, Soares publicou muitos outros em anais de congressos nacionais e internacionais ou ainda em palestras sobre o tema proferidas no país e fora deste. Somam-se ainda estudos realizados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por pesquisadores como Ralfo Edmundo da Silva Matos Matos, como já citado anteriormente, ou ainda estudos sobre cidades médias mineiras realizados em outras academias fora do estado, como a pesquisa de doutoramento de Batella (2013), realizada na Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, sobre os limiares das cidades médias, que teve como objeto a cidade de Teófilo Otoni.

Mas esta pesquisa foi influenciada diretamente pelos trabalhos realizados por Amorim Filho e pesquisadores associados, que trataram da temática das cidades médias com as mesmas abordagens do pesquisador pioneiro. Por isto nesta seção apresenta-se os estudos de Amorim Filho, que, após seu doutoramento, prosseguiu os estudos de cidades médias na academia.

Este autor, em 1976, apresentou no II Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Belo Horizonte, o artigo intitulado “Um esquema metodológico para o estudo das cidades médias”. Neste trabalho, o autor apresenta, pela primeira vez, atributos para se identificar uma cidade média no Brasil, que se entende, ainda podem ser aplicados em outros estudos com esta finalidade. Acrescenta-se que o autor dedicou mais de quarenta anos de pesquisa<sup>53</sup> à temática das cidades médias. No Quadro 5 estão registrados os trabalhos (tese, livros, artigos e capítulos de livros) realizados pelo pesquisador, acerca da temática em questão.

#### Quadro 5 - Trabalhos sobre cidades médias produzidos por Amorim Filho

(continua)

	Publicação	Ano	Tipo
01	<i>Contribution à l'étude des Villes moyennes au Minas Gerais- Formiga et le Sud-Ouest du Minas Gerais</i>	1973	Tese de doutorado
02	Um esquema metodológico para o estudo das cidades médias	1976	Anais de Congresso
03	Patos de Minas: uma cidade média em Minas Gerais e sua região	1978	Artigo de periódico
04	Middle size cities and Brazil's territorial planning. Brazil's Spatial Organization	1980	Anais de Congresso
05	Cidades de porte médio e o Programa de Ações Socioeducativas para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais.	1982	Artigo de periódico
06	Níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais	1982	Artigo de periódico
07	Cidades Médias e organização do espaço no Brasil	1984	Artigo de periódico
08	<i>Middle Size Cities and Brazil's Territorial Planning</i> <sup>54</sup>	1986	Capítulo de livro publicado na Índia
	A rede urbana da Bacia do Mucuri	1990	Artigo de periódico
09	Um cuarto de siglo de una ciudad media em Minas Gerais: Formiga	1998	Livro publicado no Chile

<sup>53</sup> Amorim Filho atuou no IGC-UFMG de 1970 a 1995, e continuou suas pesquisas na PUC Minas a partir de 1996. Nesta instituição, foi um dos criadores do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial em 1996, onde desenvolve suas pesquisas até a presente data.

<sup>54</sup> Texto apresentado no Congresso Internacional da União Geográfica Internacional (UGI) em Tóquio (1980) que se transformou no capítulo *Middle Size Cities and Brazil's Territorial Planning* do livro *Urban Planning and Policies*, organizado por C.S. Yadav. *Concept Publishing Company*, 1986 (New Delhi).

(conclusão)

	Publicação	Ano	Tipo
10	Níveis hierárquicos das cidades médias em Minas Gerais	1999	Relatório de pesquisa
11	Evolução e Perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional	2001	Capítulo de livro
12	Os limiars demográficos na caracterização das cidades médias	2002	Anais de Congresso
13	Cidades Médias e Descentralização Tecnológica	2002	Artigo de periódico
14	Minas Gerais do século XXI. Reinterpretando o espaço mineiro. Tipologias de regiões.	2002	Capítulo de livro
15	Boa Vista, Roraima: uma cidade média na fronteira setentrional do Brasil	2005	Capítulo de livro
16	A embrionária rede urbana de Roraima	2005	Artigo de periódico
17	Morfologia das cidades médias	2005/2007 <sup>55</sup>	Livro
18	Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais <sup>56</sup>	2007	Artigo de periódico
19	Origens, evolução e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias	2007	Capítulo de livro

Elaborado pela autora

É intensa a contribuição de Amorim Filho para estudos das cidades médias, em particular, de Minas Gerais. O autor começou seus estudos analisando a cidade na região, suas relações regionais, sua posição até chegar à sua estrutura interna, morfológica, paisagística. Para isto, realizou intensivos trabalhos de campo visitando mais de 100 cidades no Estado. É importante ressaltar que as atividades de campo estão presentes em todos os trabalhos deste pesquisador, sempre aliadas às pesquisas de gabinete.

Das cidades mineiras, em publicações individuais de Amorim Filho constam estudos de Formiga e Patos de Minas, no Centro-Oeste e da Bacia do Rio Mucuri. Mas é importante destacar que ao longo de seu trabalho, em particular na PUC Minas, orientou diversas teses e dissertações que tiveram como objeto de estudo as cidades de Minas Gerais, conforme pode ser observado no Quadro 6.

---

<sup>55</sup> 2ª edição.

<sup>56</sup> O artigo reunia as pesquisas realizadas sobre a hierarquia urbana das cidades médias de Minas Gerais, nos anos de 1982, 1999 e 2006.

**Quadro 6 - Dissertações e teses orientadas por Amorim Filho**

Nº	Autor	Cidade pesquisada (s)	Hierarquia Urbana (AMORIM FILHO, 2007)	Nível	Ano
01	ALVIM, Ana Marcia Moreira	Formiga-MG e Ovalle (Chile)	Cidades médias propriamente ditas	Mestrado	1998
02	TORRES, Maria Elizabeth Leite de Oliveira Quintão	Ouro Preto-MG e Ovalle (Chile)	Cidades médias propriamente ditas	Mestrado	2000
03	SA, Patrícia Rodrigues Costa de	Guanhães-MG	Centro emergente	Mestrado	2001
04	RIBEIRO, Cláudia R. Vial	Diamantina	Centro emergente	Doutorado	2006
05	SENNA FILHO, Nelson	Viçosa, Manhuaçu e Caratinga	Cidades médias propriamente ditas	Doutorado	2006
06	BOTELHO, Ivana Arantes	Araxá	Cidade Média de nível superior	Mestrado	2007
07	NOGUEIRA, Sandra Maria Antunes	Itaúna	Cidade média propriamente dita	Mestrado	2008
08	BRAGA, Fernanda de Souza	Itabira	Cidade média de nível superior	Mestrado	2011
09	BERTINI, Glauciene da Costa	Pitangui	Centro emergente	Mestrado	2011
10	CORTEZZI, Francisco Martins	Oliveira	Centro emergente	Mestrado	2011
11	COELHO, Pablo Cristiano Alves	Lagoa da Prata	Centro emergente	Mestrado	2011
12	SILVA, Mariza Ferreira da	Congonhas	Centro emergente	Mestrado	2011
13	COSTA, Marco Rodrigo	Arcos	Centro emergente	Doutorado	2013
14	DINIZ, Carlos Henrique Vasconcellos	Itajubá, Santa Rita do Sapucaí e Pouso Alegre	Itajubá - Cidade média propriamente dita, Pouso Alegre- cidade média de nível superior, Santa Rita do Sapucaí- Centro emergente	Doutorado	2014
15	MELLO, Nádia Cristina da Silva	Divinópolis	Cidade Média de nível superior	Doutorado	2015

Elaborado pela autora

Nas primeiras pesquisas, Alvim (1998) e Torres (2000) realizaram trabalhos comparativos com cidades médias do Chile, com o objetivo de mostrar as diferenças e semelhanças das cidades médias em países da América do Sul e analisar a evolução de duas cidades médias, além de avaliar o papel das mesmas nas regiões em que se inserem (ALVIM, 1998, p. 4).

De lá para cá, vários outros trabalhos foram orientados por Amorim Filho (Quadro 5), como a tese de Conti (2009), sobre a região perimetropolitana de Belo Horizonte, que não trata exclusivamente de uma cidade média, mas dedica parte do trabalho à hierarquia urbana das cidades deste recorte espacial e realiza um estudo de caso sobre a região Centro-Oeste Perimetropolitana, propondo categorias e tipologias de cidades.

Mas os estudos sobre cidades médias no Estado, a partir dos anos de 1970, não ficaram somente no âmbito acadêmico, pois, em função do processo de urbanização, passou também a ser objeto de interesse das políticas públicas.

### **2.5.1.2 As cidades médias nas políticas públicas**

Políticas Públicas não são o foco deste trabalho, mas é importante salientar que a partir da década de 1970, as cidades médias do Estado de Minas Gerais passam também a constar nesta pauta. Isto ocorreu paralelo às políticas urbanas do país, em função das políticas desenvolvimentistas. Portanto, as políticas públicas urbanas que contemplaram as cidades médias no Estado apoiaram-se nas diretrizes federais para o desenvolvimento econômico, que constaram do II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND, 1975-1979).

De acordo com a Fundação João Pinheiro (1979, p. 4), a partir dos anos de 1960, o governo de Estado atentou para a necessidade de planejamento urbano para uma sociedade industrial que se formava, canalizando este processo para maiores benefícios ao desenvolvimento do Estado. Isso culminou na elaboração do I Plano de Mineiro de Desenvolvimento Estadual - I PMDES, que não deu muito enfoque à questão urbana.

Instituições governamentais, como a Fundação João Pinheiro, o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais - BDMG e o Conselho Estadual de Desenvolvimento - CED, realizaram estudos que abrangiam o conjunto das cidades mineiras, visando a ter uma visão mais compreensiva da rede urbana, de forma a permitir a definição de uma Política Estadual de Desenvolvimento Urbano. (FJP, 1977, p. 5)<sup>57</sup>. Estes estudos se constituíram numa base importante para as diretrizes federais destinadas à região Sudeste, e também para políticas estaduais que definiram os objetivos e as intenções do Programa Estadual de Cidades Intermediárias - PROECI.

---

<sup>57</sup> Neste período, foram realizados por estes órgãos dois estudos, um de regionalização e hierarquização funcional da rede urbana mineira, definindo os centros urbanos principais e classificando-os em dez níveis, segundo sua força de polarização e grau de oferta de comércio e serviços nas suas funções de polos urbanos de suporte ao desenvolvimento estadual. O segundo estudo visou a definição de uma política de desenvolvimento urbano para o Estado, reunida no conjunto de estudos da "Série MG-75/79 - Estudos Básicos para o Plano de Governo", consolidada no II PMDES. (FJP, 1979, p. 5).

Sobre o PROECI, está disponível no site da biblioteca digital da Fundação João Pinheiro<sup>58</sup> um vasto arquivo de documentos referentes a este programa. Estes documentos esclarecem e ao mesmo tempo deixam dúvidas em relação ao seu nome, pois há divergências em relação ao nome do programa, que aparece diferente em alguns documentos, como: “Programa Estadual de Cidades Médias (Cidades Dique)”, “Programa Estadual de Cidades Intermédias”, “Programa Estadual de Cidades Intermediárias” e no corpo do texto, em alguns destes documentos, às vezes lê-se “cidade de porte médio”. Mas, mesmo com estas divergências, entende-se que o objetivo era descentralizar o capital em relação à metrópole, e também vários equipamentos terciários, excessivamente concentrados na capital do Estado. Para isto buscava-se investir e aplicar capitais nas cidades que iriam servir como centro regional de influência, receptação e disseminação de fluxos, que aqui denominamos cidade média. Ressalta-se que neste período já havia também estudos acadêmicos das cidades mineiras. Cita-se o trabalho de Leloup (1970) sobre as cidades mineiras criando, inclusive, uma hierarquia para estas cidades, e a tese de Amorim Filho (1973) sobre a cidade de Formiga e o Centro-Oeste mineiro.

Neste período, os projetos governamentais eram realizados em parceria com a Fundação João Pinheiro, que também produzia outras pesquisas acerca das cidades mineiras. E em parceria com esta instituição, através da Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral e com recursos fornecidos pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o governo de Minas Gerais implementou, na década de 1970, o Programa Estadual de Cidade Médias (Cidades Dique/BID) - o PROECI.

A justificativa para a elaboração deste programa foram as transformações estruturais que o estado de Minas Gerais vinha sofrendo à medida que se diversificava economicamente com a passagem de uma sociedade rural para uma sociedade urbano-industrial.

De acordo com a Fundação João Pinheiro (FJP, 1977, p. 13), o programa compreendeu vários projetos e subprojetos em diversas áreas, como saúde, educação, transportes, infraestrutura, cultura e outras. Baseou-se na premissa de que o Estado de Minas Gerais é caracterizado por fortes desigualdades regionais, que sua rede urbana revela desequilíbrios e descontinuidades, onde a metrópole,

---

<sup>58</sup> Fundação João Pinheiro (2015).

que é a capital Belo Horizonte, apresenta-se como uma cidade primaz; no entanto, não havia, até então, alcançado importância e funções que lhe permitissem polarizar todo o Estado. Havia, desta forma, intenso fluxo de pessoas para as regiões mais industrializadas, levando a um forte desequilíbrio socioeconômico entre as regiões do Estado.

Assim, os objetivos básicos do programa foram: a integração espacial, o potencial de desenvolvimento, a dinâmica demográfica e a qualidade de vida da população de baixa renda. Estes objetivos estavam previstos dentro das intenções do programa<sup>59</sup>, que foram: evitar o agravamento destes desequilíbrios regionais e a diminuição de vazios urbanos em regiões menos dinâmicas do Estado, fortalecendo, assim, aqueles centros urbanos que apresentavam manifesto crescimento, seja em nível demográfico ou industrial (FJP, 1977, p. 7). Desta forma, conforme definidas no II PND, o projeto também se propôs a atingir as seguintes metas: a) ocupação do espaço interior; b) ordenação do processo de desenvolvimento do sistema urbano; c) dinamização de regiões deprimidas (FJP, 1977, p. 1).

A diretriz básica foi distribuir os recursos, concentrando-os geograficamente em áreas e centros urbanos prioritários para sustentar uma mudança na estrutura espacial e alcançar os objetivos econômicos estaduais e nacionais (FJP, 1977, p.1). Esta ação seria concentrada e coordenada em um grupo de cidades, que foram selecionadas e chamadas no texto do programa de “cidades de porte médio”.

Mesmo utilizando o termo “cidades de porte médio”, as variáveis utilizadas neste processo não se pautaram somente em critérios demográficos, mas obedeceram, prioritariamente, critérios socioeconômicos, em termos de bens, serviços e fluxos sociais. Entende-se que mesmo com estas variações em relação ao termo utilizado, o objeto central do programa era, de fato, as cidades médias.

Através de investimentos nestes centros, o Estado pretendia, portanto, ampliar seu processo de urbanização, dotando-os de equipamentos necessários, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida do habitante urbano e para a

---

<sup>59</sup> A) A necessidade de fortalecimento da rede urbana principal do Estado, particularmente através daqueles centros regionais que vêm desempenhando, com alguma tradição, um papel polarizador no conjunto das cidades mineiras, conferindo-se atenção especial à localização geográfica desses centros em relação aos demais. Dessa forma, busca-se evitar o agravamento de desequilíbrios regionais e a manutenção de vazios urbanos em regiões menos dinâmicas do Estado; B) A necessidade de fortalecer aqueles centros urbanos que apresentam notório crescimento, implicando em acentuadas demandas adicionais por serviços de suporte ao desenvolvimento local e regional, seja este crescimento evidenciado por um significativo aumento populacional, seja pela concentração de novos investimentos industriais. (FJP, 1979, p. 7).

racionalização do crescimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Sendo assim, para isto seria necessário visualizar um sistema de cidades claramente hierarquizadas, conforme sua área de influência e o nível de sua polarização nacional, regional ou microrregional. Destaca-se que a hierarquia criada por este programa será explicitada na próxima seção, mas cabe, ainda aqui, apresentar algumas considerações sobre este programa retirada basicamente do artigo de Aires (1992).

Para Aires (1992, p. 67), alguns problemas foram detectados, como uma morosidade no encaminhamento das atividades, o que levou o BID a reduzir a parcela que cabia ao Estado no montante dos recursos. E também a ausência de alguns atores, como representantes das prefeituras que não participaram diretamente da elaboração do projeto ficando, portanto, algumas especificidades locais não contempladas no mesmo. O autor ressalta que os projetos oriundos deste programa não resultaram de uma discussão entre as instituições do Estado, especificamente o governo municipal e a população interessada.

Dentre outros comentários, Aires (1992, p. 67) expõe que a concepção do projeto era interessante, mas o PROECI enfrentou problemas políticos, como o fato de ter sido implementado em um período que passou por 4 mandatos de gestores estaduais e, conseqüentemente, por diversos secretários de Estado. Mudaram, também, os prefeitos, enfrentando falta de prioridade na agenda governamental local, que nem sempre estava alinhada ao partido político do governo do Estado.

Aires conclui (1992, p. 71) que o programa só teve continuidade por pressão do BID junto ao Estado para que se cumprisse o contrato de empréstimo e por interesses de alguns coordenadores dos projetos e algumas prefeituras, e tudo isto se somou aos problemas institucionais, tanto do Estado, como das prefeituras em relação à administração dos recursos financeiros e/ou dos recursos humanos qualificados para operacionalizar tal proposta.

Sabe-se que a continuidade foi um problema para as políticas públicas no país, mas o programa contribuiu para reforçar a ideia de que as cidades médias eram importantes elementos para a organização espacial. Assim, desconhece-se no momento políticas públicas exclusivamente direcionadas para as cidades médias mineiras, mas no Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado-PMDI 2007-2023 (2007, p.16), no item 3.2.5 que trata das redes de cidades, baseando-se na visão de Ruiz (2004), argumenta que no Brasil e em Minas Gerais, as cidades médias têm

baixa capacidade polarizadora e seu desenvolvimento não aproveita todo o seu potencial, o que faz com que a polarização seja acentuada em favor das maiores cidades. Desta forma, no documento descreve-se que,

[...] nos próximos anos, a sociedade mineira deverá perseguir o desenvolvimento de uma rede de cidades criativas, dinâmicas, seguras e bem cuidadas, com ampla gama de serviços públicos e privados e detentora de amenidades urbanas. Isso requer o fortalecimento da capacidade de polarização das cidades médias, mediante a prestação de serviços que atendam sua própria demanda e aquela proveniente dos municípios de sua área de influência. [...] Por esse motivo, nos próximos anos, Minas Gerais reforçará seus instrumentos de planejamento e gestão de cidades, principalmente das cidades-pólo e irradiadoras do desenvolvimento, tendo sempre como foco a otimização da rede de serviços por todo o território. (GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, 2007, p.16,17).

E no item 4.11 que trata da Rede de cidades e Serviços, argumenta-se que

O desenvolvimento de uma rede urbana equilibrada requer o fortalecimento da capacidade de polarização das cidades, através da prestação de serviços públicos e privados para as demandas oriundas de seu entorno regional. A melhoria desse sistema, por sua vez, requer a elaboração de um quadro de referência, baseado na compreensão da rede urbana mineira como importante subsídio à formulação de políticas territoriais. (GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, 2007, p. 37).

Assim, entende-se que neste período, ou seja, até o ano de 2023 (período de duração deste PMDI), devem estar sendo elaboradas políticas públicas para as cidades médias mineiras, em particular destas cidades na rede ou na região a qual pertence. Isto reforça o entendimento da importância dos estudos desta categoria de cidades no Estado com suas hierarquias e tipologias, o que será objeto da próxima seção.

### **2.5.2 As hierarquias e tipologias**

Sobre a classificação das cidades médias na hierarquia urbana, em particular as de Minas Gerais, alguns estudos foram realizados. Aqui serão apresentadas as hierarquias propostas por Leloup (1970), Fundação João Pinheiro (1970), Amorim Filho (1982, 1999, 2006) e o trabalho de Conti (2009).

As hierarquias e as tipologias elaboradas nestes estudos foram baseadas em métodos, técnicas e análises estatísticas variadas, assim como a escolha das variáveis que compuseram estas análises, conforme se mostrou na seção 1.4.1.

Para a elaboração destas propostas, além do embasamento teórico e o tratamento técnico, os pesquisadores realizaram intensivos trabalhos de campo.

O capítulo II da obra de Leloup (1970) apresenta a organização regional do Estado de Minas Gerais. Como já citado por outros pesquisadores, o autor (1970, p. 164) salienta que o peso demográfico tem sido, às vezes, o único critério para se compreender o papel das cidades. Para ele, é certo que isto não pode ser desprezado, e para medir a influência das cidades na sua região e também a sua hierarquia, dois métodos podem ser empregados<sup>60</sup>: um mais abstrato e estático, que se baseia na classificação dos equipamentos existentes em cada cidade e o outro mais concreto e dinâmico, que seria complementar ao primeiro, que avalia a importância e a polarização dos fluxos de todos os tipos de equipamentos de cada cidade. Ao final, a comparação dos dois resultados permitiu a elaboração de uma hierarquia e um delineamento de zonas de influência.

As variáveis utilizadas por Leloup (1970) foram: comércio de atacado e distribuição de produtos industriais, bancos, determinados serviços administrativos, ensino secundário e superior, saúde, meios de informação e transportes (os dados utilizados são de 1958 a 1964, de acordo com o caso); quanto à distribuição de produtos industriais, foi utilizado o critério do Conselho Nacional de Geografia, considerando 25 produtos industriais distribuídos pelas maiores empresas de distribuição nacionais. Em seguida, estes dados foram comparados entre os grupos de municípios, cujas sedes tinham população entre os limites de 25.000, 10.000, 5.000 e 2.000 habitantes<sup>61</sup> (LELOUP, 1970, p. 164. Tradução nossa). Nesta metodologia, cada equipamento e/ou atividade recebeu um peso diferente e foram classificadas 72 cidades que tinham mais de 9 mil habitantes em 1960, excetuando-se a capital Belo Horizonte.

---

<sup>60</sup> Texto original: le critère le plus communément employé pour comparer le poids des villes est tout simplement leur population; se critère démographique n'est pas à dédaigner. Pour mesurer l'influence des villes sur leurs régions et leur hiérarchie, on peut employer deux méthodes: la première et abstraite, statique; elle consiste à établir un classement d'après les équipements existant dans chaque ville. La deuxième, plus concrète et dynamique, est complémentaire; connaissant les équipements, il faut ensuite mesurer l'importance et le rayonnement spatial des flux ou relations de toutes natures émanant de chaque ville ou y aboutissant; la comparaison des résultats permet d'établir une hiérarchie urbaine et de délimiter des zones d'influence... (LELOUP, 1970, p. 164).

<sup>61</sup> Texto original: Le commerce de gros et la distribution de produits industriels, les banques, certains services administratifs, l'enseignement secondaire et supérieur, la santé, les moyens d'information et les transports (les données utilisées datent de 1958 à 1964 suivant les cas); en ce qui concerne la distribution de produits industriels, on a utilisé le critère retenu par le Conseil national de Géographie, en considérant 25 produits industriels distribués par les plus grandes firmes à rayonnement national. Si ces données sont comparées avec le nombre des Municipales, dont le chef-lieu possède une population urbaine supérieure à 25.000, 10.000, 5.000 ou 2.000 habitants. (LELOUP, 1970, p. 164).

Com esta metodologia, Leloup (1970) propôs 4 categorias de cidades para o estado de Minas Gerais, que são:

1. Os centros locais: compreendem a maioria das cidades do Estado com população entre 5000 e 9000 habitantes (com muitas abaixo de 5000 habitantes), são aqueles menos equipados em especial em relação a indústrias e oferecem poucos empregos. Nesta categoria, o autor ainda distinguiu aqueles centros bem equipados (como Patrocínio e Três Corações) e os muito mal equipados (como Piumhi e Almenara), caracterizados por grandes desigualdades sociais e baixo nível de vida.<sup>62</sup>(LELOUP, 1970, p. 167).

2. Os centros intermediários: também chamados de centros sub-regionais, estes centros são caracterizados, principalmente em função dos equipamentos industriais. São assim chamados por se encontrarem no nível intermediário entre os centros locais e os regionais. Os centros locais também se encontram em contrastes com os diversos centros menos industrializados, chamados de centros de serviços intermediários (Passos, Caratinga, Ubá e São Sebastião do Paraíso) e os centros intermediários industriais (Sete Lagoas, Conselheiro Lafaiete, Coronel Fabriciano, Ipatinga)<sup>63</sup>. (LELOUP, 1970, p. 167).

3. Os centros regionais: os centros regionais são aqueles que estão em uma categoria abaixo dos grandes centros regionais, os quais, analisando-os no período (1950-1960), o autor encontrou pouco contraste entre os centros industrializados (a maioria): Itajubá, Barbacena, Divinópolis. Sendo que alguns são promovidos a esta

---

<sup>62</sup> Texto original: Centres locaux: c'est là qu'apparaissent les plus grandes différences en ce qui concerne l'équipement industriel, puisqu'un peloton important de centres locaux n'atteint pas le seuil de 500 employés industriels, tandis que 9 dépassent 2000 employés...d'autre part cette catégorie s'échelonnant de 42 à 7 points comprend la grand majorité des agglomérations de l'Etat, dont la population est comprise entre 9000 et 5000 habitants (et même souvent en dessous de 5000 habitants); pour plus de précision il faudrait distinguer les centres locaux bien équipés, comme par exemple Patrocínio et Três Corações et des centres locaux très mal équipés comme Piumhi ou Almenara; ce classement peut dépendre de la hiérarchie, mais souvent des disparités régionales: ainsi par rapport à l'équipement de l'Etat, Paracatu, Pirapora, Januária, Nanuque et a fortiori Almenara apparaissent comme peu ou très mal équipés, mais ce sont les seuls centres locaux importants de leurs zones respectives...caractérisées par de grandes inégalités sociales et un faible niveau de vie. (LELOUP, 1970, p. 167).

<sup>63</sup> Texto original: Centres Régionaux: les villes rencontrées plus bas dans la hiérarchie urbaine peuvent être appelées centres sous-régionaux ou centres intermédiaires comme précédemment. On retrouve ici la même opposition entre les nombreux centres peu industrialisés (de Caratinga à Passos et d'Ubá à São Sebastião do Paraíso) appelés en 1950 centres de services intermédiaires et les centres intermédiaires industriels, Sete Lagoas, Conselheiro Lafaiete, Coronel Fabriciano, Ipatinga (en 1964, mais non en 1960), Leopoldina, São João Del Rei et Curvelo. Le cas de promotion le plus rapide et évidemment de Coronel Fabriciano, Ipatinga, tandis que Caratinga et São João del Rei ont rétrogradé. (LELOUP, 1970, p. 167).

categoria a partir de 1950: Varginha, Patos, Ituiutaba e Divinópolis<sup>64</sup>. (LELOUP, 1970, p. 167).

4. Grandes Centros Regionais: abaixo da capital Belo Horizontes estão quatro grandes centros que na sequência são: Juiz de Fora, a primeira, seguida por Uberaba, que era seguida de perto por Uberlândia, enquanto Governador Valadares se tornou também um importante centro na sua região<sup>65</sup>. (LELOUP, 1970, p. 167).

Assim, a hierarquia proposta por Leloup (1970) apresenta-se no Quadro 7.

**Quadro 7 - Síntese da hierarquia das cidades de Minas Gerais (LELOUP, 1970)**

Metrópole Regional	Belo Horizonte
Grandes Centros Regionais	Uberlândia, Uberaba, Juiz de Fora, Governador Valadares
Centros regionais	Barbacena, Montes Claros, Varginha, Poços de Caldas, Patos de Minas, Teófilo Otoni, Itajubá, Araguari, Ituiutaba, Divinópolis, Ponte Nova, Ubá, Caratinga
Centros intermediários	Sete Lagoas, São João Del Rei, Conselheiro Lafaiete, Pouso Alegre, Coronel Fabriciano, Muriaé, Passos, Lavras, Carangola, Formiga, Alfenas, Diamantina, Leopoldina, Curvelo, Araxá, São Lourenço, Oliveira, Guaxupé, São Sebastião do Paraíso
Centros locais	Patrocínio, Cataguases, Pará de Minas, Três Corações, Itaúna, Campo Belo, Manhumirim, Manhuaçu, João Monlevade, Três Pontas, Paracatu, Itabira, Viçosa, Além Paraíba, Dolores do Indaiá, Santos Dumont, Pirapora, Januária, Visconde do Rio Branco, Aimorés, Tupaciguara, Nanuque, Itabirito, São João Nepomuceno, Bom Despacho, Monte Carmelo, Corinto, Nova Lima, Caxambu, Ouro Preto, Boa Esperança, Sabará, Piumhi, Almenara, Betim, Caeté

Fonte: LELOUP, 1970

Esta hierarquia mostra que os grandes centros regionais se localizavam a sudeste, nordeste ou a oeste da capital Belo Horizonte; outras cidades importantes mais próximas a esta metrópole, como Divinópolis, Sete Lagoas, Diamantina e Curvelo foram classificadas como centros intermediários. Em parte, isto é um reflexo da primazia da capital.

<sup>64</sup> Texto original: Dans le lot des centres régionaux on notera l'opposition entre les centres peu industrialisés (la majorité) et quelques centres plus industriels, tels Itajubá, Barbacena, Divinópolis, on notera également la promotion depuis 1950 de nouveaux centres régionaux: Varginha, Patos, Ituiutaba et Divinópolis. (LELOUP, 1970, p. 167).

<sup>65</sup> Texto original: en dessous de Belo Horizonte devenue véritable métropole régionale. Juiz de Fora occupe toujours la 2 place mais l'écart s'est creusé vis-à-vis de la capitale de l'Etat, tandis que les poursuivants se sont rapprochés: Uberaba et toujours talonné par Uberlandia, tandis que Governador Valadares est devenu lui aussi un grand centre régional. Au total quatre grands centres régionaux, dont nous étudierons ensuite l'influence régionale assez différente. (LELOUP, 1970, p. 167).

Leloup (1970) constatou que as cidades, mesmo estando na mesma categoria hierárquica podem apresentar tipologias diferentes; isto ele comprovou em especial dentre os centros regionais e os centros locais, os quais considerou como mostra o Quadro 8.

**Quadro 8 - Tipologias de centros regionais e cidades locais em Minas Gerais (LELOUP, 1970)**

	<b>Categoria</b>	<b>Cidades</b>
<b>Centros regionais</b>	Centros superequipados	Juiz de Fora, Uberlândia
	Centros equipados	Uberaba, Governador Valadares
	Centros subequipados	Montes Claros, Varginha, Muriaé
	Centros com equipamentos irregulares	Barbacena, Poços de Caldas, Divinópolis, Teófilo Otoni, Patos de Minas, Ituiutaba
<b>Centros locais</b>	Bem equipados	Patrocínio, Três corações
	Mal equipados	Piumhi, Almenara

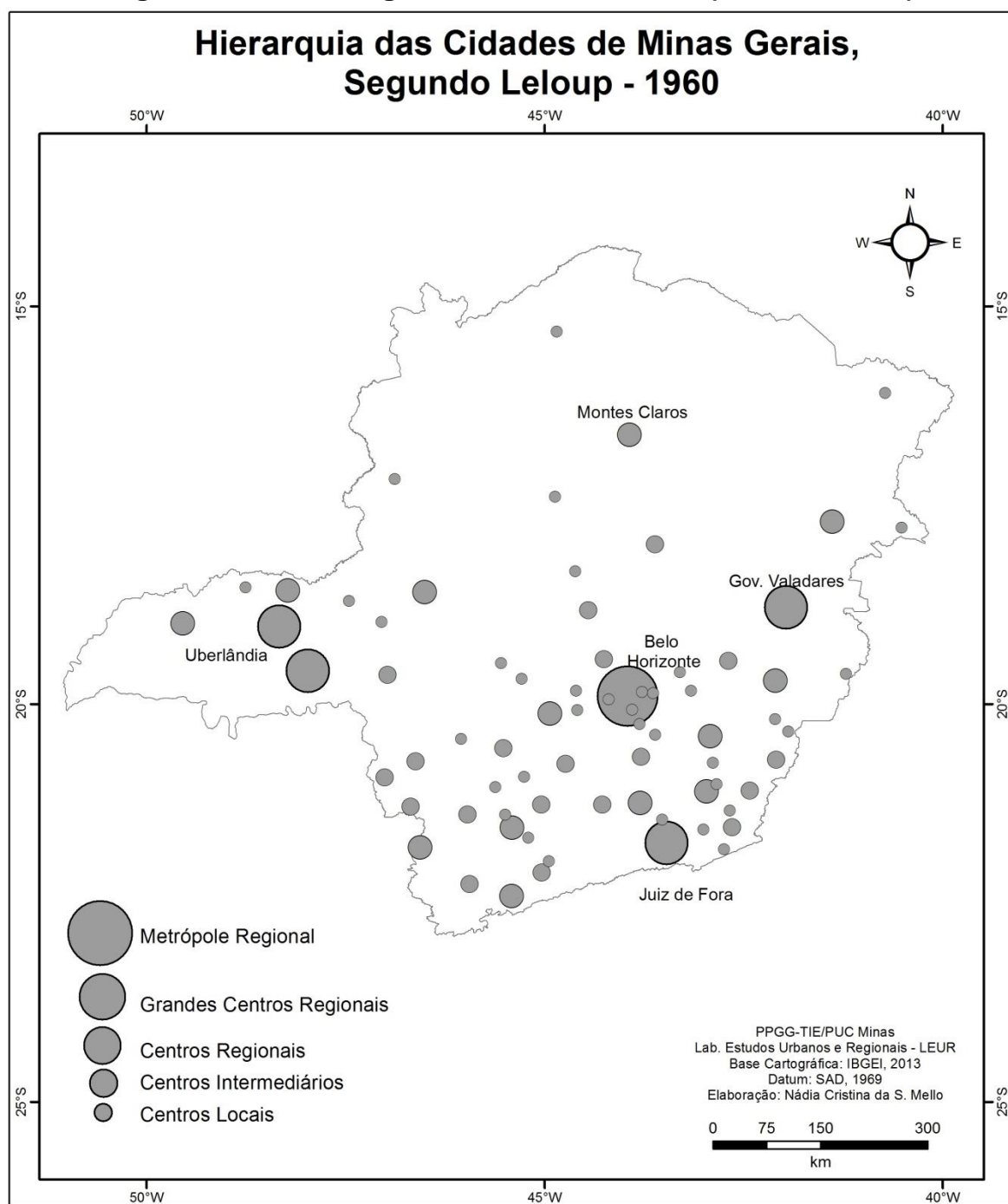
Fonte: LELOUP, 1970  
Elaborado pela autora

O autor ainda atenta para as disparidades regionais, em especial entre os centros locais, como no caso de Paracatu, Pirapora, Januária, Nanuque e Almenara, que são cidades pouco equipadas, ou muito mal equipadas, mas são centros locais importantes na região em que se localizam.

Para fins de análise neste trabalho, da classificação de Leloup (1970), considerar-se-ão como cidades médias aquelas classificadas como grandes centros regionais, centros regionais e centros intermediários, representadas na Figura 6.

Outra classificação para as cidades mineiras, que também apontou as cidades médias, foi aquela elaborada pela Fundação João Pinheiro (1974) para um programa do Governo do Estado, o PROECI, como já citado na seção anteriormente, com seus objetivos e intencões.

Figura 6 - Centros regionais e intermediários (LELOUP, 1960)



Para o levantamento das cidades médias, com a finalidade de aplicação no Programa, a FJP<sup>66</sup> adotou-se a seguinte metodologia: definiu-se um método<sup>67</sup> e

<sup>66</sup> É importante salientar, que para a seleção das cidades, a FJP baseou-se nos estudos anteriormente desenvolvidos no Sistema de Planejamento Estadual sobre a hierarquia funcional das cidades mineiras. Esta classificação serviu como uma das variáveis no levantamento da FJP.

aplicou-se uma série de variáveis<sup>68</sup> relacionadas com as duas intenções principais do projeto (variáveis 1, 2 e 3, intenção A e as variáveis 4, 5 e 6 à intenção B). A cada variável foi designada uma pontuação de acordo com o peso delas na análise. Do conjunto final dos pontos, que somariam ao total 22 (A+B), foram selecionadas aquelas que atingiram o nível médio de 11 pontos e as que, nos grupos A ou B, atingiram o mínimo de 7 pontos. Nestas condições, reuniu-se um primeiro grupo de 46 cidades prioritárias, que passaram por outras duas triagens mais rigorosas<sup>69</sup>, utilizando-se o mesmo método. Por fim, uma triagem que selecionou as 25 cidades de maior prioridade até atingir o grupo das 14 cidades que receberiam prioridade máxima na distribuição dos recursos, conforme mostra o Quadro 9 e na Figura 7.

**Quadro 9 - Cidades prioritárias do Programa Cidades Intermediárias (PROECI 1970) - Fundação João Pinheiro**

Cidades prioritárias (46)	Almenara, Araguari, Araxá, Barbacena, Belo Oriente, Carangola, Caratinga, Conselheiro Lafaiete, Coronel Fabriciano, Diamantina, Divinópolis, Extrema, Formiga, Frutal, Governador Valadares, Ipatinga, Itabira, Itajubá, Ituiutaba, Jaíba, João Monlevade, Juiz de Fora, Lagoa da Prata, Mateus Leme, Montes Claros, Morada Nova, Muriaé, Nanuque, Paracatu, Passos, Patos de Minas, Pirapora, Poços de Caldas, Ponte Nova, Pouso Alegre, São Gotardo, São João Del Rei, São Sebastião do Paraíso, Sete Lagoas, Teófilo Otoni, Timóteo, Três Corações, Ubá, Uberaba, Uberlândia, Unaí, Varginha, Várzea da Palma
Cidades de maior prioridade (25)	Araxá, Coronel Fabriciano, Diamantina, Divinópolis, Governador Valadares, Ipatinga, Itabira, Itajubá, Ituiutaba, Jaíba, Juiz de Fora, Montes Claros, Morada Nova, Nanuque, Patos de Minas, Pirapora, Poços de Caldas, Pouso Alegre, São Gotardo, Sete Lagoas, Teófilo Otoni, Timóteo, Uberaba, Uberlândia, Unaí, Varginha, Coronel Fabriciano, Governador Valadares, Ipatinga, Itabira, Itajubá, Juiz de Fora, Montes Claros, Patos de Minas, Poços de Caldas, Timóteo, Teófilo Otoni, Uberaba, Uberlândia, Varginha
Cidades com prioridade máxima (14)	Coronel Fabriciano, Governador Valadares, Ipatinga, Itabira, Itajubá, Juiz de Fora, Montes Claros, Patos de Minas, Poços de Caldas, Timóteo, Teófilo Otoni, Uberaba, Uberlândia, Varginha.

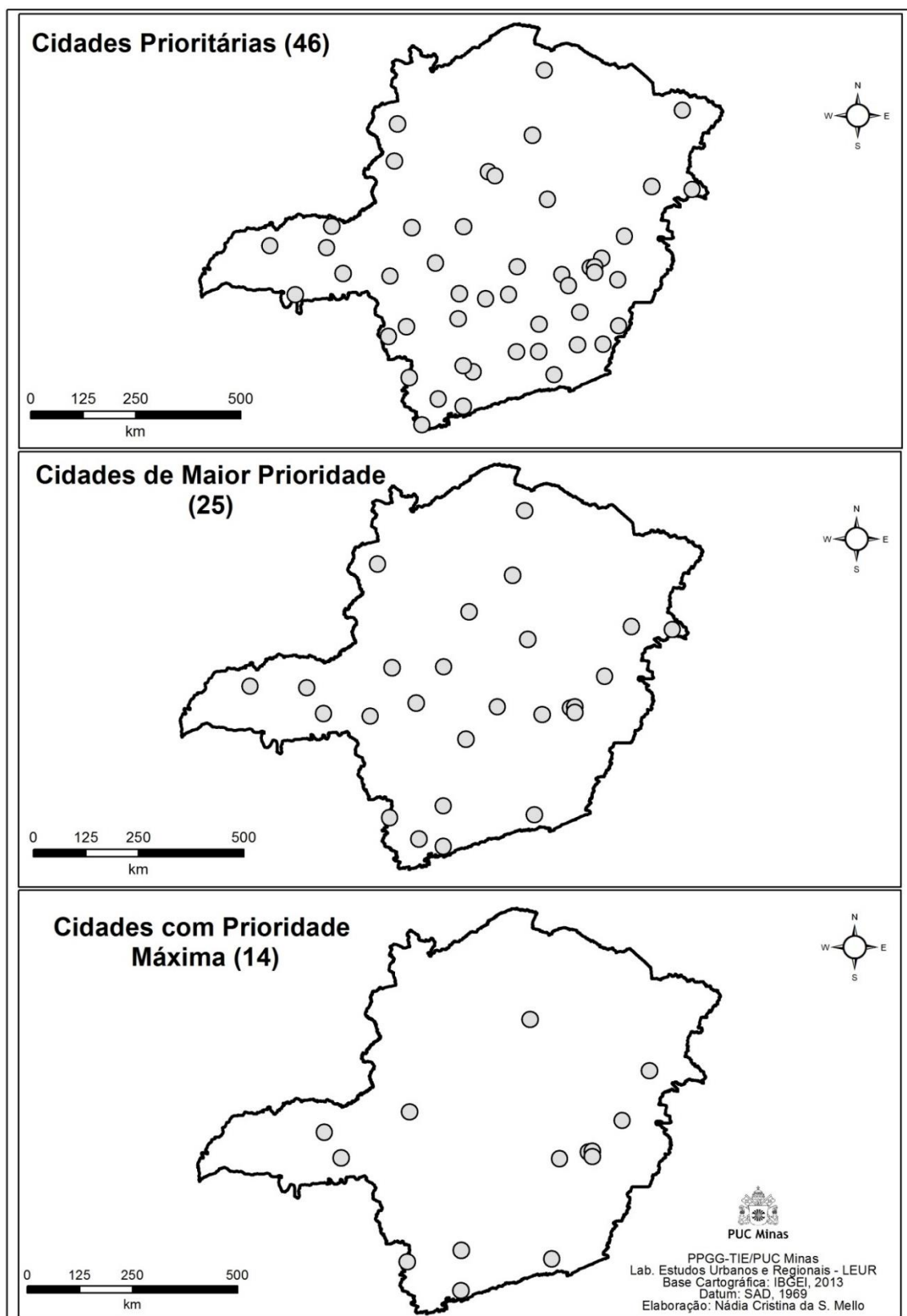
Fonte: PROECI, 1974  
Elaborado pela autora

<sup>67</sup> A reunião das duas intenções (A+ B) está expressa na totalidade de pontos dos critérios adotados. Por outro lado, a somatória de pontos do grupo A (variáveis 1, 2 e 3) ou do grupo B (variáveis 4, 5 e 6) superior a 7 pontos, indica uma importância significativa do centro urbano segundo determinada intenção. Assim sendo, foram selecionadas todas as cidades que, no conjunto dos pontos (A+B) atingiram o nível (11) pontos de um máximo de 22 pontos, acrescidas daquelas que, nos grupos A ou B, atingiram o mínimo de 7 pontos. (FJP, 1979, p. 8).

<sup>68</sup> As variáveis utilizadas para a seleção das cidades foram: 1) hierarquia funcional; 2) população urbana; 3) oportunidades intervenientes na região; 4) crescimento populacional urbano; 5) localização espacial relativa; 6) oportunidade de empregos industriais. (FJP, 1977, p. 8).

<sup>69</sup> Na primeira triagem foram consideradas apenas as cidades que atingiram, no mínimo, 15 pontos, de um máximo de 22 pontos nesta triagem. (FJP, 1979, p. 11).

Figura 7 - Cidades de Minas Gerais selecionadas como prioritárias no PROECI



Fonte: LELOUP, 1970  
Elaborada pela autora

A classificação do PROECI (1974) considera como médias todas as 46 cidades selecionadas inicialmente, pois as seleções realizadas posteriormente apenas serviram para saber quais seriam aquelas que teriam a prioridade máxima. Ressalta-se que a última seleção também priorizou a posição geográfica das cidades, tendo em vista que um dos objetivos do programa era uma distribuição mais equitativa do capital e dos serviços públicos também no sentido espacial de fortalecimento, assim, da rede urbana principal.

Paralelo aos estudos sobre cidades médias para as políticas públicas, desde os anos de 1970, Amorim Filho, sempre com alguns associados, realizava seus estudos sobre esta categoria de cidade na academia, e elaborou uma pesquisa criando níveis hierárquicos das cidades médias mineiras. O primeiro trabalho sobre esses níveis hierárquicos foi publicado em 1982 e outras duas atualizações foram realizadas em 1999 e 2006. Para as três, utilizou-se a mesma técnica da Análise de Componentes Principais, sempre aliada a um intensivo trabalho de campo. Variaram os limiares demográficos, algumas variáveis e certos indicadores utilizados para a seleção das cidades.

Em 1982, das cidades selecionadas foram excluídas aquelas localizadas na região metropolitana de Belo Horizonte, analisando-se as que possuíam população superior a 10.000 habitantes na sede municipal, de acordo com dados de 1970. Os 102 municípios que foram selecionados já haviam sido objeto de trabalhos de campo realizados pelo autor desde 1969.

As variáveis selecionadas foram 25, referentes aos seguintes parâmetros: crescimento da população urbana, migrações, distribuição setorial da população ativa, arrecadação municipal, equipamentos e relações dos setores comercial e de serviços, equipamentos e relações do setor industrial, infraestrutura de comunicação em geral, posição da cidade considerada na rede urbana regional (AMORIM FILHO, 2007, p. 8). O referido autor destaca que a técnica da ACP foi bem-sucedida, tendo em vista que o resultado da classificação das cidades médias mostrou compatibilidade com os dados e impressões obtidos empiricamente no campo e com as hipóteses teóricas.

Os estudos, e em especial os trabalhos de campo permitiram que Amorim Filho e associados identificassem pelo menos quatro níveis hierárquicos entre as cidades médias:

- **Grandes Centros Regionais<sup>70</sup> (nível 1):** o limiar superior, que serve para fazer a transição entra as **idades médias de nível superior** e as grandes cidades. Por isso, quando uma cidade é classificada na categoria de **grande centro regional**, haverá necessariamente certa imprecisão, encontrando-se pesquisadores e analistas que poderão incluí-la seja como cidade média, seja como cidade grande.
- **Cidades Médias de Nível Superior (nível 2):** São cidades que desenvolveram, paralelamente à indústria, dinâmicos setores de comércio e de serviços. Assim, essas cidades, além de fortalecerem sua posição e suas ligações no domínio regional, começam a estender essas ligações a pontos situados para além desses domínios. São, em síntese, cidades de estruturas já bem consolidadas e cujo crescimento futuro parece, sem dúvida, assegurado.
- **Cidades Médias Propriamente Ditas (nível 3):** são aquelas com características mais intermediárias, quando se trata do tamanho demográfico, da hierarquia e das funções econômicas[...] as cidades mais tipicamente médias, de acordo com os estudos pioneiros de pesquisadores franceses sobre o assunto (por exemplo, Joseph Lajugie, em 1974). [...] são caracterizadas por certos aspectos bem peculiares. De um lado, tendo em vista seu nível atual de desenvolvimento econômico, sua posição geográfica sempre nos eixos ou entroncamentos principais das vias de comunicação, essas cidades mantêm relações importantes com centros maiores (...). De outro lado, essas cidades médias continuam a manter relações intensas, constantes e diretas com as cidades menores e com o espaço microrregional a elas ligado. É essa função de ligação entre o espaço rural e as pequenas cidades microrregionais, de uma parte, e os centros urbanos mais importantes, de outra, que constitui a própria essência dessa noção de cidade média, tão bem identificada nesse grupo de cidades...
- **Centros Emergentes (nível 4):** formado por cidades que se encontram na faixa transicional entre as pequenas cidades e as cidades médias propriamente ditas. A economia desses municípios em geral se encontra em fase de estruturação, podendo, portanto, apresentar desequilíbrios intersetoriais. Em muitos desses centros emergentes, observam-se importantes ligações com o mundo rural que os envolve: ... para esses espaços rurais, os centros urbanos emergentes representam a primeira válvula de abertura em relação ao mundo exterior. (AMORIM FILHO, 2007, p. 9-10).

O Quadro 10 apresenta os resultados dos estudos de 1982.

---

<sup>70</sup> As cidades médias de nível 1 são aquelas consideradas grandes centros regionais, que os autores conceituam como o limiar superior, que serve para fazer a transição entra as **idades médias de nível superior** e as grandes cidades. Por isso, quando uma cidade é classificada na categoria de **grande centro regional**, haverá necessariamente certa imprecisão, encontrando-se pesquisadores e analistas que poderão incluí-la seja como cidade média, seja como cidade grande. (AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007, p. 9).

**Quadro 10 - Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais (AMORIM FILHO; BUENO; ABREU, 1982)**

NÍVEL 1 Grandes Centros Regionais	Juiz de Fora
NÍVEL 2 - Cidades Médias de Nível Superior	Uberlândia, Uberaba, Barbacena, Varginha, Poços de Caldas, Itajubá, Pouso Alegre, Governador Valadares, Sete Lagoas, Montes Claros, Divinópolis, São Lourenço e Caxambu.
NÍVEL 3 Cidades Médias Propriamente Ditas	Teófilo Otoni, Patos de Minas, Ituiutaba, Caratinga, Araguari, Passos, São João del Rei, Formiga, Curvelo, Diamantina, Ubá, Araxá, Machado, Viçosa, Carangola, Itabira, Ponte Nova, Lavras, Alfenas, São Sebastião do Paraíso, Oliveira, Conselheiro Lafaiete, Três Corações, Itaúna, Leopoldina, Ouro Preto, Ouro Fino, Santa Rita do Sapucaí, Guaxupé, João Monlevade, Além Paraíba, Coronel Fabriciano, Pará de Minas, Cataguases, Ipatinga, Congonhas, Santos Dumont, Visconde do Rio Branco, Boa Esperança, Muriaé, São João Nepomuceno, Campo Belo, Nanuque.
NÍVEL 4 Centros Emergentes	Patrocínio, Bom Despacho, Pirapora, Timóteo, Frutal, Tupaciguara, Manhuaçu, Sacramento, Manhumirim, Três Pontas, Arcos, Dolores do Indaiá, São Gonçalo do Sapucaí, Itabirito, Nova Era, Bambuí, Janaúba, Monte Carmelo, Carmo do Paranaíba, Pium-í, Abaeté, Ibiá, Lagoa da Prata, Mantena, Corinto, Pedra Azul, São Gotardo, Santa Bárbara, Itapeçerica, Resplendor, Raul Soares, Paracatu, Unaí, João Pinheiro, Itambacuri, Aimorés, Carlos Chagas, Januária, Bocaiúva, Conselheiro Pena, Araçuaí, Almenara, Salinas, Jequitinhonha, Mariana

Fonte: AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007, p. 10  
Elaborado pela autora

Já na PUC Minas, em 1999, Amorim Filho deu continuidade a estes estudos após um período de hibernação sobre a temática, dos anos de 1983 a 1990, dentre outros motivos, por escassez de recursos. Sendo assim, a atualização desta classificação ocorreu paralela a um estudo realizado pelo autor, em parceria com Abreu.

Os pesquisadores coordenaram um projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). O projeto teve o objetivo de atualizar os conhecimentos sobre a rede e a hierarquia das cidades médias mineiras, com a realização de trabalhos de campo, a fim de identificar aquelas com maior potencial para se tornarem tecnópoles ou manterem esta característica.

Segundo Amorim Filho (2007, p. 12), originalmente, as grandes cidades, as capitais e as metrópoles seriam os locais ideais para a criação de parques tecnológicos, e isto de fato aconteceu nas regiões mais desenvolvidas do globo, mas de acordo com conhecidos pesquisadores franceses (BURNIER; LACROIX, 1996), na França, a tendência era a da “criação de, pelo menos, uma tecnópole por cidade média”. Com recursos da FAPEMIG, os pesquisadores realizaram o trabalho, desta

vez não somente com o objetivo de identificar uma hierarquia das cidades médias mineiras, mas também de selecionar aquelas que teriam maior potencial para criar e desenvolver um parque tecnológico.

Para isto, utilizaram variáveis agrupadas em sete indicadores: 1) população urbana; 2) índice de desenvolvimento humano (IDH); 3) renda familiar *per capita* média; 4) número de indústrias de ponta; 5) total de eixos rodoviários que convergem para cada cidade; 6) presença de aeroportos; 7) presença e número de cursos superiores. (AMORIM FILHO, 2007, p. 13). Os resultados deste trabalho constam do Quadro 11.

**Quadro 11 - Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais (AMORIM FILHO; ABREU, 1999)**

NÍVEL 1 Grandes Centros Regionais	Juiz de Fora, Uberlândia
NÍVEL 2 Cidades Médias de Nível Superior	Alfenas, Araguari, Barbacena, Divinópolis, Governador Valadares, Ipatinga (aglomeração), Itajubá, Ituiutaba, Lavras, Montes Claros, Passos, Patos de Minas, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Sete Lagoas, Uberaba, Varginha.
NÍVEL 3 Cidades Médias Propriamente Ditas	Araxá, Caratinga, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Curvelo, Formiga, Frutal, Guaxupé, Itabira, Itaúna, João Monlevade, Leopoldina, Muriaé, Ouro Preto, Paracatu, Pará de Minas, Patrocínio, Ponte Nova, Santa Rita do Sapucaí, São João del Rei, São Lourenço, São Sebastião do Paraíso, Três Corações, Teófilo Otoni, Ubá, Viçosa.
NÍVEL 4 Centros Emergentes	Abaeté, Aimorés, Além Paraíba, Almenara, Andradas, Araçuaí, Arcos, Bambuí, Barão de Cocais, Boa Esperança, Bocaiúva, Bom Despacho, Campo Belo, Carangola, Carlos Chagas, Carmo do Paranaíba, Caxambu, Congonhas, Conselheiro Pena, Corinto, Diamantina, Dores do Indaiá, Ibiá, Itabirito, Itambacuri, Itapeçerica, Janaúba, Iturama, Januária, Jequitinhonha, João Pinheiro, Lagoa da Prata, Machado, Manhuaçu, Manhumirim, Mantena, Mariana, Monte Carmelo, Nanuque, Nova Era, Nova Serrana, Oliveira, Ouro Branco, Ouro Fino, Pedra Azul, Pirapora, Pium-í, Raul Soares, Resplendor, Sacramento, Salinas, Santa Bárbara, Santos Dumont, São Gonçalo do Sapucaí, São Gotardo, Três Pontas, Tupaciguara, Unaí, Visconde do Rio Branco.

Fonte: AMORIM FILHO, RIGOTTI; CAMPOS, 2007, p. 13  
Elaborado pela autora

O projeto teve continuidade, e em 2006, de acordo com Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007, p. 15), esta pesquisa foi atualizada, inicialmente com revisão do limiar demográfico para 14.000 habitantes, das quais foram selecionadas 131 cidades que podiam ser consideradas médias em Minas Gerais, em seus quatro níveis hierárquicos. Ainda segundo os autores, foram visitadas 60 cidades que faziam parte da lista daquelas que, nas pesquisas anteriores, sempre foram

classificadas como cidades médias. As cidades foram classificadas com base em três indicadores: 1) demografia; 2) atividades econômicas (agropecuárias e extrativas, industriais, comerciais e de serviços); 3) comunicações e transportes.

O resultado desta atualização que Amorim Filho intitula hierarquização exploratória (2007, p. 15), apresenta-se no Quadro 12.

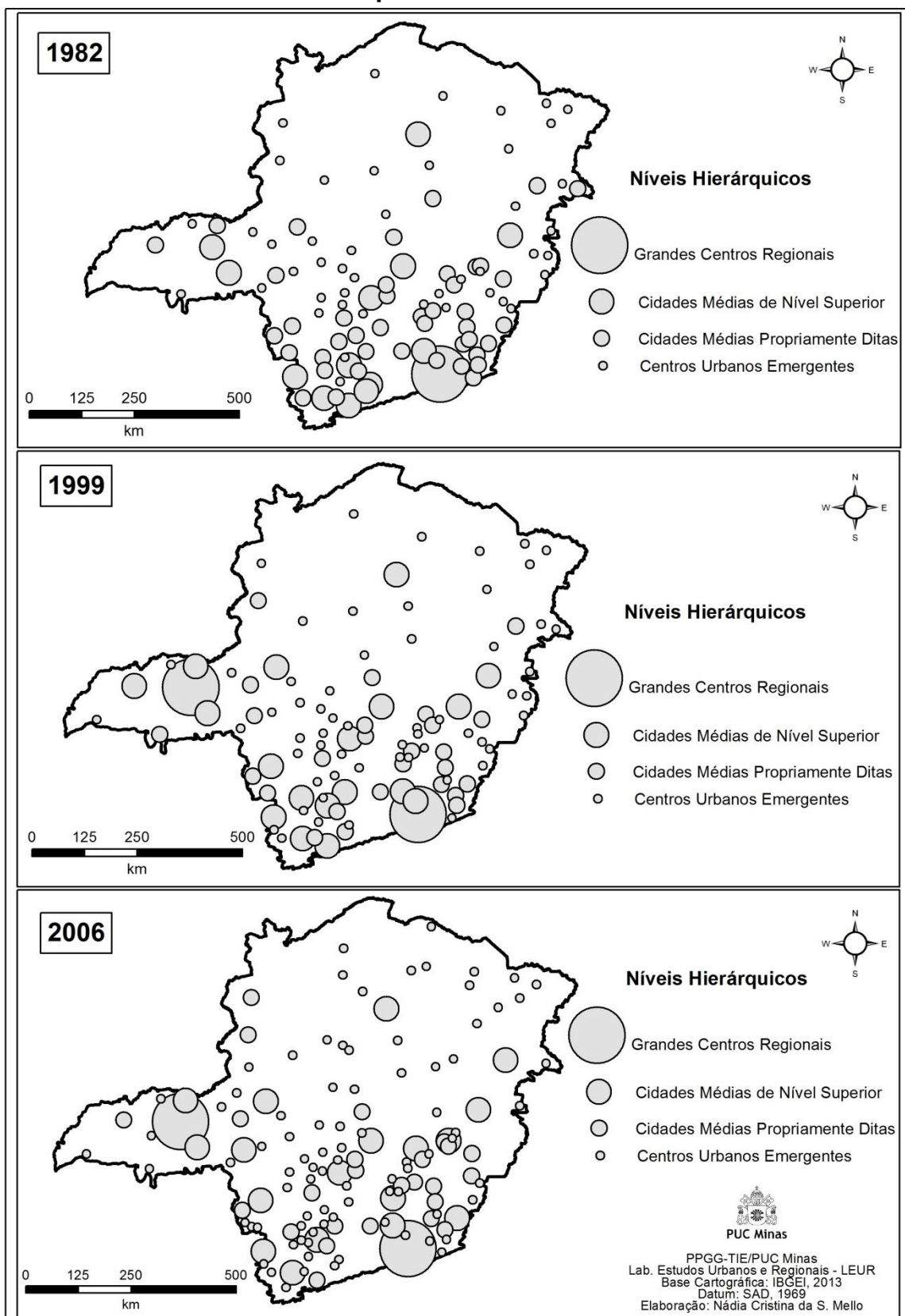
**Quadro 12 - Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais (AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2006)**

NÍVEL 1 Grandes Centros Regionais	Juiz de Fora, Uberlândia
NÍVEL 2 Cidades Médias de Nível Superior	Araguari, Araxá, Barbacena, Conselheiro Lafaiete, Divinópolis, Governador Valadares, Ipatinga, Itabira, Montes Claros, Muriaé, Passos, Patos de Minas, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Sete Lagoas, Teófilo Otoni, Uberaba, Varginha.
NÍVEL 3 Cidades Médias Propriamente Ditas	Alfenas, Caratinga, Cataguases, Coronel Fabriciano, Curvelo, Formiga, Itajubá, Itaúna, Ituiutaba, João Monlevade, Lavras, Manhuaçu, Mariana, Ouro Preto, Pará de Minas, Paracatu, Patrocínio, Ponte Nova, São João del Rei, São Sebastião do Paraíso, Timóteo, Três Corações, Ubá, Unaí, Viçosa.
NÍVEL 4 Centros Emergentes	Abaeté, Além Paraíba, Almenara, Andradas, Araçuaí, Arcos, Bambuí, Barão de Cocais, Barroso, Belo Oriente, Boa Esperança, Bocaiúva, Bom Despacho, Brasília de Minas, Buritizeiro, Cambuí, Campo Belo, Campos Gerais, Capelinha, Carangola, Carmo do Paranaíba, Caxambu, Cláudio, Congonhas, Corinto, Coromandel, Diamantina, Elói Mendes, Espinosa, Frutal, Guanhães, Guaranésia, Guaxupé, Ibiá, Itabirito, Itamarandiba, Itaobim, Iturama, Janaúba, Januária, Jequitinhonha, João Pinheiro, Lagoa da Prata, Leopoldina, Luz, Machado, Manhumirim, Mantena, Monte Carmelo, Monte Santo de Minas, Nanuque, Nepomuceno, Nova Era, Nova Serrana, Oliveira, Ouro Branco, Ouro Fino, Paraguaçu, Paraopeba, Pedra Azul, Perdões, Pirapora, Pitangui, Pium-í, Pompeu, Porteirinha, Prata, Sacramento, Salinas, Santa Bárbara, Santa Rita do Sapucaí, Santana do Paraíso, Santo Antônio do Monte, Santos Dumont, São Francisco, São Gonçalo do Sapucaí, São Gotardo, São João Nepomuceno, São Lourenço, Taiobeiras, Três Marias, Três Pontas, Tupaciguara, Várzea da Palma, Vazante, Visconde do Rio Branco.

Fonte: AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007, p. 15  
Elaborado pela autora

Os mapas representados na Figura 8 mostram a distribuição desta hierarquia nos três trabalhos de Amorim Filho (1982, 1999, 2006)

**Figura 8 - Níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais, identificados por Amorim Filho e associados**



Fonte: AMORIM FILHO, 2007, p. 10, 13, 15  
Elaborada pela autora, adaptado de Carvalho e Santos, 2007

Em um trabalho exploratório sobre a região Perimetropolitana de Belo Horizonte, Conti (2009) realizou estudos utilizando os mesmos níveis hierárquicos encontrados por Amorim Filho e associados (1982, 1999, 2006), apresentando tipologias para estes níveis neste recorte espacial.

Com um percurso metodológico semelhante ao de Amorim Filho e associados, o autor definiu o limiar demográfico que foi de 10.000 habitantes, selecionou 79 variáveis socioeconômicas<sup>71</sup> relativas ao ano de 2006, que foram submetidas à técnica da ACP e com a ordenação dos *factor scores*, definiu-se uma hierarquia dos centros urbanos da zona perimetropolitana de Belo Horizonte, identificada pelo autor. A hierarquia confirmou em muitos aspectos aquela proposta por Amorim Filho e associados (2006). Desta forma, o autor realizou uma caracterização hierárquica e também tipológico-funcional para estas cidades, o que foi possível a partir do trabalho de campo associado à utilização do programa de navegação Google Earth. As hierarquias funcionais identificadas por Conti (2009) estão representadas no Quadro 13.

---

<sup>71</sup> Uma variável estimando a população municipal (IBGE); nove variáveis relativas à infraestrutura viária existente para cada município e suas características e condições (Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais (DER/MG); quatro variáveis relativas ao produto interno bruto (IBGE - Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais); 16 variáveis relativas à dotação de infraestrutura de saúde (IBGE, Assistência Médica Sanitária); nove variáveis relativas à frota veicular (Ministério da Justiça, Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN); 19 variáveis relativas às finanças públicas (Ministério da Fazenda, Secretaria do Tesouro Nacional); 12 variáveis relativas à estrutura empresarial (IBGE - Cadastro Central de Empresas); nove variáveis relativas à dotação em termos de infraestrutura de educação. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, INEP). (CONTI, 2009, p. 486).

**Quadro 13 - Níveis hierárquicos e hierarquias funcionais das cidades médias da região Perimetropolitana de Belo Horizonte (CONTI, 2009)**

Níveis hierárquicos	Hierarquias funcionais dos centros urbanos
1. Cidades médias de nível superior <sup>72</sup>	Centro regional*
	Centro regional associado
2. Cidades médias propriamente ditas <sup>73</sup>	Centro regional associado
	Subcentro regional associado
	Centro de articulação sub-regional
	Centro de articulação sub-regional associado*
3. Centros emergentes <sup>74</sup>	Subcentro regional associado
	Centro de articulação sub-regional associado
	Centro urbano associado*
	Centro urbano*
4. Pequenas Cidades <sup>75</sup>	Centro menor associado
	Centro menor

Fonte: CONTI (2009, p. 495)

Nota (\*): Categorias analisadas neste trabalho  
Elaborado pela autora

Quando os níveis hierárquicos e tipologias funcionais das cidades médias são diferenciados, variam também sua morfologia funcional. Assim, Amorim Filho (2007), baseando-se nos seus mais de quarenta anos de estudos sobre esta

<sup>72</sup> Hierarquias funcionais das cidades médias de nível superior: **centro regional**: quando o centro urbano polariza uma região específica; **centro regional associado**: quando o centro urbano polariza uma região específica, mas, ao mesmo tempo, compartilha a polarização com outros centros urbanos próximos, que, mesmo não tendo a mesma tipologia, participam dela. Em geral, observa-se que, entre os centros, existem claros indícios da presença de processos de crescimento das periferias contínuas e descontínuas apontando, em alguns casos para a formação de possíveis conurbações. (CONTI, 2009, p. 494)

<sup>73</sup> Hierarquias funcionais das cidades médias propriamente ditas: **centro regional associado**: mantendo as mesmas funções da tipologia presente no nível hierárquico superior, inclusive no que diz respeito aos processos de crescimento e de possível conurbação; **subcentro regional associado**: quando o centro participa da polarização de uma região em parceria com um centro de nível hierárquico e dimensões maiores; **centro de articulação sub-regional**: quando o centro polariza parte de uma região específica, continuando a ser polarizado pelo centro regional de nível hierárquico superior; **centro de articulação sub-regional associado**: quando o centro, em parceria com outro, não necessariamente do mesmo nível hierárquico, polariza parte de uma região, continuando a ser polarizado pelo centro regional de nível hierárquico superior. (CONTI, 2009, p.494).

<sup>74</sup> Hierarquias funcionais dos centros urbanos emergentes: **subcentro regional associado**: quando o centro participa da polarização de uma região em parceria com um centro de nível hierárquico e dimensões maiores; **centro de articulação sub-regional associado**: quando o centro, em parceria com outro, não necessariamente do mesmo nível hierárquico, polariza parte de uma região, continuando a ser polarizado pelo centro regional de nível hierárquico superior; **centro urbano associado**: quando o centro, em parceria com outro, não necessariamente do mesmo nível hierárquico, não exerce uma polarização regional, limitando-se ao espaço do seu entorno, continuando a ser polarizado pelo centro regional de nível hierárquico superior; **centro urbano**: quando o centro polariza o espaço do seu entorno, podendo estar presentes, neste espaço, centros urbanos menores. (CONTI, 2009, p. 494, 495)

<sup>75</sup> Hierarquias funcionais das pequenas cidades: **centro menor associado**: quando o centro urbano se associa por causa da proximidade, a outro centro urbano, em geral um centro urbano maior, de tal maneira que a associação pode resultar em uma conurbação, sem que, com isso, ocorra uma mudança de nível hierárquico do centro urbano em questão; **centro menor**: quando o centro polariza a área rural do seu entorno. (CONTI, 2009, p. 495).

categoria de cidade, apresentou um outro trabalho pioneiro, no qual propôs um modelo de zoneamento-morfológico funcional, partindo destes aspectos das cidades médias mineiras, em que tomou como referência teórica os estudos franceses e intensivos trabalhos de campo em mais de 100 cidades do estado. Este modelo será apresentado a partir da próxima seção.

### **2.5.3 A estrutura e a morfologia intraurbana**

Do ponto de vista da Geografia Urbana, nas análises que se referem a morfologia urbana trata-se da forma geral da mancha urbana, características do traçado, as paisagens urbanas e, sobretudo, a integração das partes que compõem este tecido urbano. Desta forma, a análise do sítio e da situação ou posição geográfica são elementos importantes neste processo.

Dolffus (1973, p. 15) orienta que a posição de uma unidade geográfica resulta da conjunção de um ou vários sistemas em relação às atividades e às funções da unidade. Neste sentido, o autor expõe como exemplo uma propriedade rural e relata que a posição de uma fazenda é definida em relação ao seu sistema interno e externo. Dentre eles, a organização das vias de acesso para recepção e distribuição de matéria-prima e dos bens ali produzidos, respectivamente, devendo considerar também as relações sociais com os vizinhos, sobretudo para a vida de seus familiares<sup>76</sup>. Por isto, quando Dolffus (1970, p. 15) discute a questão da escala para este tipo de análise, orienta que, para a compreensão da posição de uma cidade, muitas vezes é melhor recorrer a um mapa de menor escala.

De acordo com Dolffus (1973, p. 18), o sítio é definido como o quadro topográfico no qual se enraizou a cidade, pelo menos em suas origens, e isto conduz ao reconhecimento dos sistemas que organizam o espaço<sup>77</sup>. Assim, Dolffus (1970, p. 15) propõe que, ao contrário da posição, para análise do sítio, seja mais sensato utilizar um mapa de escala maior. Para Miyazaki (2013, p. 31), quando nos

---

<sup>76</sup> Texto original: Ainsi la position d'une ferme se définit par rapport au système interne le l'exploitation agricole (disposition des parcelles et des chemins) et par rapport au système des relations qu'elle entretient avec l'extérieur (relations sociales avec les voisins, les habitants du village; relations économiques pour la vente de ses productions et l'achat des biens nécessaires à l'entreprise e à la vie du ménage). (DOLFFUS, 1970, p. 15-16).

<sup>77</sup> L'étude de La localisation, par l'analyse du site et de La position, conduit a La reconnaissance dès systèmes qui organisent l'espace.

referimos ao sítio urbano, estamos tratando, num primeiro momento, das formas naturais que influenciaram as ocupações humanas.

Neste contexto, Amorim Filho (2007, p. 71), nos seus estudos dos padrões fisionômicos de cidades mineiras, afirma que não é tão difícil constatar que cidades localizadas em vales, encostas e planaltos de relevos mais acidentados apresentem morfologias e paisagens diferentes daquelas situadas em planícies ou em topografias apenas levemente onduladas.

Numa visão crítica Miyazaki (2013), apresenta um estudo sobre a morfologia urbana, tendo como objeto cidades de porte médio da rede urbana paulista<sup>78</sup>, entendendo que o estudo das formas urbanas tem se apresentado como um importante ponto de partida para se compreender diferentes processos e fenômenos que estão atrelados às transformações em curso no espaço urbano.

Sendo assim, é também importante considerar o que expõe Miyazaki (2013, p. 34) em relação a análise da morfologia urbana,

A princípio, pode parecer desnecessário atrelar à morfologia urbana o conceito de situação ou posição. Porém, considerando-se o processo de urbanização a partir da articulação de escalas, esse elemento se torna relevante. A situação, vinculada aos sistemas de circulação (fluxos que irão, obviamente, ligar nós), pode ajudar a compreender a configuração de muitas morfologias urbanas, a partir das técnicas vigentes, do tipo de atividade econômica em destaque, ou ainda, o padrão de meio de transporte adotado.

É bem conhecido por geógrafos urbanos, urbanistas, sociólogos, e outras áreas do conhecimento, os modelos clássicos de zoneamento da cidade, baseados nas funções urbanas distribuídas por setores intraurbanos. Neste sentido, destaca-se o que relata Miyazaki (2013, p. 44) sobre estes estudos no âmbito da Geografia,

No caso da Geografia, por exemplo, mais especificamente da Geografia Urbana, os estudos sobre a forma urbana foram recebendo e incorporando as contribuições das diferentes áreas do conhecimento, passando por modificações ao longo dos anos. Além disso, as diferentes concepções teórico-metodológicas influenciaram tais pesquisas de maneira e intensidades variadas.

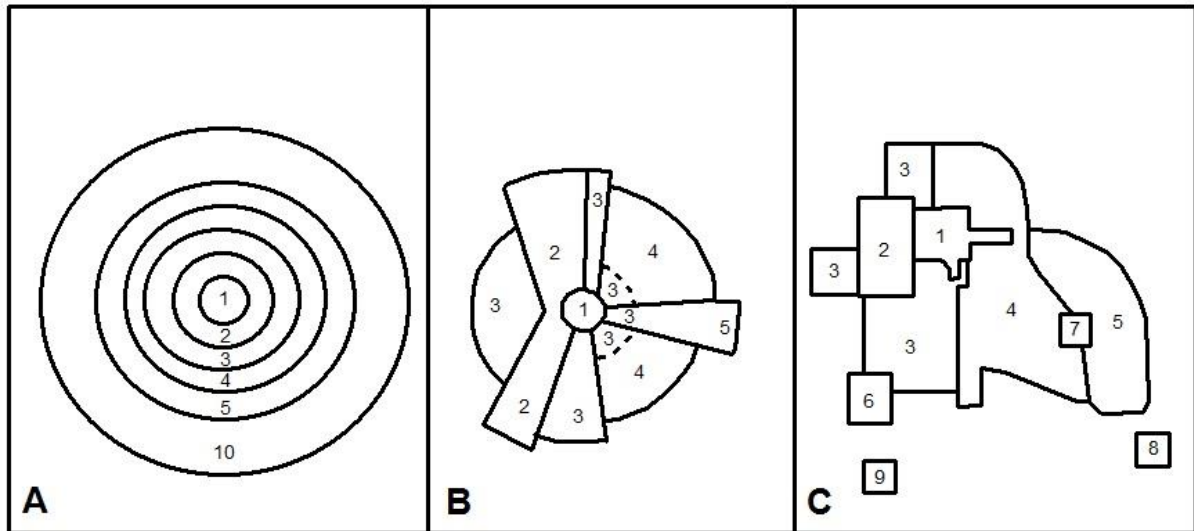
Os primeiros modelos foram elaborados, inicialmente, por pesquisadores norte-americanos, pelo sociólogo Ernest W. Burgess (1925; 1929) o *modelo das zonas concêntricas (A)*; pelo economista Homer Hoyt (1939), o *modelo dos setores*

---

<sup>78</sup> O autor pesquisou as cidades de Assis, Birigui, Caraguatatuba, Itapetininga e Itu, localizadas no Estado de São Paulo.

radiais (B) e pelos geógrafos C. D. Harris e E. L. Ullman (1945), o modelo dos núcleos múltiplos, conforme representado na Figura 9.

**Figura 9 – Os três modelos clássicos da estrutura intraurbana**



A - Zonas Concêntricas  
B - Setores Radicais  
C - Núcleos Múltiplos

1 - Centro  
2 - Zona de transição  
3 - Residência de classe popular  
4 - Residência de classe média  
5 - Residência de classe alta

6 - Indústria pesada  
7 - Centro de negócios secundários  
8 - Residência suburbana  
9 - Indústria suburbana  
10 - Zona de migrações pendulares

Fonte: RACINE, 1971; extraído de: AMORIM FILHO E SENNA FILHO, 2007, p. 42

Estes modelos geraram críticas, como a de Racine (1971, p. 400), em relação ao modelo de Hoyt (1939), entendendo que o modelo não leva em consideração o papel complexo dos sistemas socioculturais e o desenvolvimento da tecnologia, o uso de transportes e a generalização do automóvel individual, que transformaram as condições originais sobre as quais se fundamentou o modelo setorial.

No Brasil, o primeiro modelo proposto foi o do geógrafo Amorim Filho (2007), elaborado para as cidades médias mineiras. Este modelo é produto de estudos que o autor já realizava sobre este nível de cidades, desde 1970 na França. Os franceses realizavam estes estudos, e, dessa forma, diversos autores franceses influenciaram teóricamente Amorim Filho na elaboração do modelo morfológico-funcional que propôs.

De acordo com Amorim Filho (2007, p. 65), o estudo da morfologia urbana é o menos praticado pelos pesquisadores da temática das cidades médias. O autor supracitado acredita que isto talvez se deva ao fato de que esta seja uma das noções mais complexas sobre o espaço intraurbano, mesmo para os geógrafos

urbanos e/ou arquitetos e urbanistas. E também ressalta a necessidade absoluta da experiência de campo nas pesquisas morfológicas, tornando-as mais difíceis e custosas.

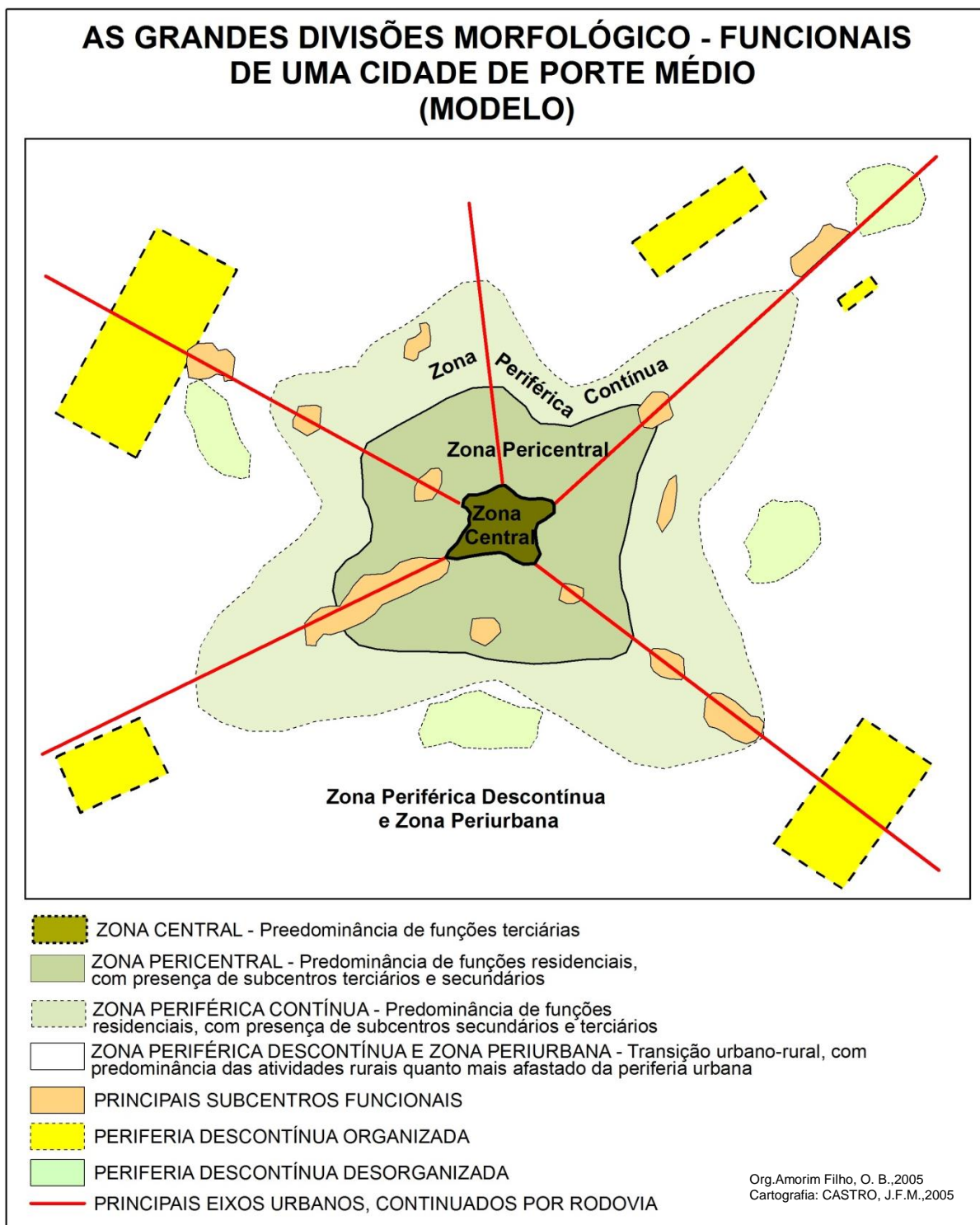
Amorim Filho, em trabalhos individuais ou com seus associados nas pesquisas sobre as cidades médias mineiras, visitou mais de 100 cidades médias no Estado. Durante as visitas, observou que, nas pequenas cidades, a função residencial predomina em quase todo o tecido urbano, à exceção de uma ou duas praças e poucas ruas, onde se localizam casas comerciais, uma igreja e certos equipamentos de serviços indispensáveis, como a prefeitura, a câmara de vereadores, cartórios, escolas e outros. Já nas cidades médias, mesmo considerando suas diferenças de desenvolvimento socioeconômico, cultural e de geografia física, verificou-se um certo padrão de zoneamento morfológico funcional. Isto o instigou a elaborar o modelo de zoneamento morfológico-funcional para este nível hierárquico de cidade do estado, sobretudo com o objetivo de chamar a atenção para este domínio de geografia urbana, tão pouco explorado pelos pesquisadores. O modelo proposto por Amorim Filho (2007) está, portanto, relacionado à organização do espaço intraurbano das cidades médias, realizando a identificação das suas funções com as respectivas localizações nos setores intraurbanos.

Segundo Amorim Filho (2007, p. 62), o estudo morfológico-funcional é indispensável não apenas como critério de caracterização das cidades médias, mas também de grande significado em qualquer análise da geografia das cidades contemporâneas em geral. Todavia, Sena Filho (2006, p. 157) declara que estudos com propostas de criar um zoneamento morfológico funcional para as cidades médias mineiras têm sido pouco contemplados nas pesquisas acadêmicas. Sendo assim, os estudos de zoneamentos morfológico-funcionais intraurbanos realizados na França, sobretudo por Borde et al. e Gervaise et al. (citados por Amorim Filho mais de uma vez) e o modelo desenvolvido por este último autor para as cidades médias mineiras formaram grande parte da base epistemológica que fundamenta as pesquisas dos espaços intraurbanos na presente tese.

O autor elaborou o modelo (FIG. 10) a partir de estudos dos geógrafos franceses (desde os anos 1960) e, sobretudo, com base em trabalhos pessoais que se iniciam com a tese de doutorado defendida na Université de Bordeaux III, em

1973, e que tornaram possíveis contatos “de campo” contínuos com as cidades médias de Minas Gerais até o ano de 2005.

**Figura 10 - Modelo elaborado por Amorim Filho**



Fonte: AMORIM FILHO, 2007, p. 73

As zonas intraurbanas (central, pericentral, periférica e periurbana, (esta última na transição urbano-rural), que aparecem no modelo acima, já tinham sido identificadas em cidades francesas por Borde et al. (1980) e Gervaise et al. (1997).

Sobre a zona central (*centre ville*), Borde et al. (p. 51) manifestava que:

Certamente, a animação é um dado imediato e a densidade de circulação de pedestres e veículos, lá alcança uma intensidade muito alta, facilmente sentida. A morfologia também fornece elementos de diferenciação muito perceptíveis: os espaços livres são reduzidos, os edifícios são mais elevados, a regularidade das elevações médias intervindo mais que o número de andares [...] Mas, sobretudo, os centros reúnem as atividades comerciais, os serviços, todas as manifestações da vida de relações.<sup>79</sup> (Tradução da autora desta tese).

Na visão destes autores, a área central, que nesta definição é chamada de centro, tem características distintas de outras áreas ou setores do espaço urbano. Estas características são perceptíveis, de acordo com George (1971, p. 9), que definiu a paisagem como um aspecto visível e perceptível no espaço geográfico. Podemos, então, ao descrever os espaços intraurbanos, utilizar a expressão paisagem da área central ou paisagem do centro.

Para Gervaise et al (1997)

É na parte central que se acumulam as funções essenciais da cidade, é lá que se exprimem sua centralidade, suas capacidades de comando. Com efeito, na ausência de função industrial, que só aparece excepcionalmente nesta parte da cidade (...), são as funções comerciais e de serviços que definem o papel desses bairros centrais. Três categorias de população frequentam este centro: a população residente nos bairros centrais (...), a população do conjunto da aglomeração, e aquela da região comandada pela cidade em questão. (...) É na lista dos serviços presentes na zona central que se medem as capacidades de direção da cidade e seu nível hierárquico. (...) No total, o conjunto de modificações realizadas nos *centres-villes* (nas últimas décadas) conduziu a uma renovação da *animação* dessas áreas, com o desenvolvimento de *funções culturais e turísticas* e resultou, também, na vontade de promoção de um programa de animação que contribua fortemente para a formação de uma imagem que as cidades queiram se dar. Desta maneira, transformando-se, o centro conserva seu papel de marcador do caráter de uma cidade. (GERVAISE et al., 1997, p. 116-117).

---

<sup>79</sup> Texto original: Certes l'animation est une donnée immédiate, et la densité de circulation des piétons et des voitures y atteint une intensité très forte, aisément ressentie. La morphologie fournit aussi des éléments de différenciation très perceptibles: les espaces libres sont réduits, les immeubles sont plus élevés, la régularité des elevations moyennes intervenant plus que le nombre d'étages [...] Mais surtout les centres rassemblent les activités commerciales, les services, toutes les manifestations de la vie de relations. (BORDE; BARRÈRE; CASSOU-MOUNAT, 1980, p. 51)

Na visão de Gervaise et al. (1997), para se delimitar a parte central da cidade, deve-se levar em consideração a acumulação de funções próprias àquele espaço. Estas funções devem estar ligadas a certas necessidades essenciais da sociedade, isto em termos de comércio e serviço, pois, para os autores, a atividade secundária é quase inexistente neste espaço, aparecendo somente em casos excepcionais.

O conceito de parte central de Gervaise et al. é bem amplo, tratando-se ainda dos frequentadores e dos tipos de serviços ali localizados, sendo estes os definidores do nível hierárquico da cidade numa rede urbana.

Além de intensivos trabalhos de campo, a influência destes autores é perceptível na visão de Amorim Filho (2007), que conceitua a área central das cidades médias de Minas Gerais como um

Centro principal bem definido funcionalmente (forte presença de equipamentos “raros”, de alcance regional); diferenciação funcional interna; paisagem e morfologia típicas (construções em altura; maior densidade de construções; forte movimento de veículos e de pessoas, animação); função residencial superada pelas funções terciárias; centro com polarização pelo menos microrregional, podendo alcançar o nível regional de polarização. (AMORIM FILHO, 2007, p. 72).

No contínuo espacial, após a área central, surge a zona pericentral, assim caracterizada por Gervaise et al.:

Os bairros pericentrais formam um invólucro mais ou menos contínuo em torno dos bairros centrais. (...) O limite externo destes bairros é difícil de traçar com precisão. [...] Por suas funções, estes bairros constituem também zonas de transição. Se a função residencial é essencial, a ela se juntam vastos domínios dissociados de habitat, herdados do processo de rejeição, para fora do centro, de funções menos valorizadas, mas que demandam muito espaço. É assim que podem se encontrar na zona pericentral: casernas, cemitérios, estações ferroviárias, entrepostos, ateliers. Lá, também, foram constituídos os subúrbios industriais do século XIX [...]. Tais bairros têm a sorte de possuir vastos espaços utilizáveis, como as antigas casernas e entrepostos, e são, por isso, objetos de grandes programas de reorganização<sup>80</sup>. (GERVAISE et al., 1997, p. 117-118).

---

<sup>80</sup> Texto original: Les quartiers péricentraux forment une enveloppe plus ou moins continue autour des quartiers centraux. [...] La limite externe de ces quartiers est difficile à tracer avec précision. [...] Par leurs fonctions aussi ces quartiers constituent des zones de transition. Si la fonction résidentielle est essentielle, il s'y ajoute de vastes emprises, dissociées de l'habitat, héritées souvent du rejet, à la périphérie de la zone urbanisée d'autrefois, des fonctions peu valorisées mais demandant beaucoup d'espace. C'est ainsi qu'on y trouve casernes, cimetières, gare, entrepôts, ateliers. C'est là aussi que se trouvent constituées les banlieues industrielles du XX siècle [...] Ils ont la chance cependant de disposer de vastes espaces utilisables comme les anciennes casernes ou entrepôts et sont, de ce fait, l'objet de gros programmes de réaménagement. (GERVAISE et al., 1997, p. 117-118).

Para os autores, as atividades terciárias são mais modestas nesta zona, atraindo um fluxo menor que no centro e os equipamentos presentes nestes espaços estão mais relacionados às necessidades locais. Mas a zona pericentral pode, eventualmente, conter certos equipamentos de maior alcance regional. Amorim Filho (2005, p. 60) encontra os seguintes atributos na zona pericentral:

Extensa espacialmente; com função residencial predominante; presença de subcentros especializados ou polifuncionais (estes últimos pequenos), ao longo dos eixos, de praças e de entroncamentos; diferenciação morfológica e paisagística em função de diferenças socioeconômicas; presença de equipamentos especiais como hospitais, universidades, casernas, estações rodoviárias e ferroviárias, etc.

Nesta zona, pode-se encontrar um grande número de subcentros, espaços estes que podem ser representados de forma linear, apresentados por eixos que dão continuidade à área central ou de forma não linear, formando polígonos que abrangem um espaço maior.

Para Duarte (1974, p. 86), os eixos comerciais são:

[...] ruas ou avenidas que, por constituírem importantes vias de acesso aos principais bairros, a circulação nelas concentrada provoca intenso movimento diário de pessoas que se desloca de um ponto a outro da cidade, atraindo para si lojas comerciais importantes.

Na visão de França (2010, p. 5),

[...] ao reunir comércio e serviços, os subcentros atraem equipamentos urbanos que, por sua vez, funcionam como atrativos para empreendedores interessados em investimentos. Além disso, atraem a população que procura espaços para morar que atendam aos seus anseios.

Dessa forma, os subcentros podem se estender para as zonas periféricas. Este espaço é, também, de difícil delimitação, e vem em seguida à zona pericentral.

Sobre a zona periférica, Gervaise et al. (1997) apresentam a seguinte explicação:

[...] A periferia tornou-se, pela construção de anéis rodoviários e pelo urbanismo de bairros de habitat coletivo privilegiando o uso de pequenas extensões do solo e as grandes vias de acesso, a parte mais acessível da cidade. Ela retira, assim, do centro alguns dos valores da centralidade, ao oferecer terrenos menos caros e o mercado constituído por uma população mais jovem. A periferia, cuja lógica primitiva era aquela de uma função residencial em razão do afastamento do centro, viu, entretanto, instalarem-

se funções comerciais e de serviços. São os super e hipermercados que mostraram o caminho, ao se instalarem, desde o começo dos anos sessenta, nos limites da franja urbana (o primeiro Carrefour instalado em Sainte-Geneviève-des-Bois, em 1963). Depois, em torno do hipermercado, implantou-se uma galeria comercial e, muitas vezes, uma área de serviços e de lazer. Finalmente, todos os serviços (...) vão se instalando: campus universitário, funções administrativas, funções hospitalares, espaços de lazer, centros de atividades culturais, feiras de exposição, mercados (...) e zonas de expedição de frutos e legumes. [...]. Uma cidade se reconstitui na periferia, com a complexidade de suas funções, mas com uma configuração espacial diferente e, portanto, uma prática espacial diferente, na qual o automóvel (e a acessibilidade- grifo nosso) desempenham um papel essencial.<sup>81</sup> (GERVAISE et al., idem, p. 124-125).

Segundo Amorim Filho (2007), nas cidades médias mineiras, podem ser encontrados dois tipos de zona periférica, a primeira pode ser caracterizada como

Uma contínua (como prolongamento da zona pericentral) e descontínua, ou polinuclear, formada por loteamentos (unidades organizadas) ou "vilas" (desorganizadas e, em certas regiões, verdadeiras favelas); presença de subcentros polifuncionais bem modestos (comércio e serviços de vizinhança) e de alguns subcentros especializados; extensão proporcional ao nível hierárquico e tamanho da cidade. (AMORIM FILHO, 2007, p. 72).

A segunda, já na transição urbano-rural, chamada de zona periurbana, é caracterizada pela

Presença de uma zona de transição urbano-rural mais ou menos extensa, e que se confunde, nas imediações da cidade, com a periferia polinuclear e descontínua; presença de alguns equipamentos terciários pontuais; aumento das casas de campo, de clubes campestres e hotéis-fazenda; diminuição das fazendas e aumento das pequenas propriedades com produtos para a cidade média. (AMORIM FILHO, 2007, p. 72).

---

<sup>81</sup> Texto original: La périphérie est devenue, par la construction de rocaes autoroutières et par l'urbanisme des quartiers d'habitat collectif privilégiant la faible emprise au sol et les larges voies d'accès, la partie de la ville la plus accessible. Elle dépossède ainsi le centre des certaines des valeurs de centralité, tout en offrant des terrains moins chers et le marché constitué par une population plus jeune. La périphérie, dont la logique primitive était celle d'une fonction résidentielle en raison de l'éloignement du centre, a donc vu s'installer des fonctions commerciales et des services. Ce sont les super et hypermarchés qui ont montré le chemin en s'installant dès le début des années soixant à la limite de la frange urbaine (premier Carrefour installée à Saint-Geniève-des-Bois en 1963). Puis autour de l'hypermarché s'est implantée la galerie commerciale, parfois l'aire de services et de loisirs. Finalement tous les services. [...] Se sont installés: campus universitaire, fonctions administratives (services préfectoraux, services judiciaires), fonctions hospitalières, zones de loisirs, centres d'activités culturelles, foires exposition, marchés d'intérêt national dans les zones d'expédition de fruits et légumes[...]. Une ville se reconstitue à la périphérie, avec la complexité de ses fonctions, mais dans une configuration spatiale différente, et donc une pratique spatiale différente où, l'automobile joue un rôle essentiel. (GERVAISE et al., idem, p. 124-125).

Gervaise et al. (1997) faz referência a uma auréola periurbana, que se confunde com o conceito de zona periférica e de zona periurbana. O autor explica a existência desta área da seguinte forma:

A lógica da concentração espacial, que prevaleceu por muito tempo, é substituída por uma ocupação difusa, geradora de intensos fluxos cotidianos. Para além do domínio da urbanização densa (sem que se possam definir, de maneira precisa, os limites externos), estende-se uma auréola periurbana. Esta auréola tem uma estrutura, na qual se podem distinguir, ao mesmo tempo, uma componente radial e uma componente concêntrica. A primeira se manifesta pela extensão de comércio especializado ao longo dos acessos rodoviários principais, algumas vezes pela constituição de verdadeiras zonas comerciais, ou zonas de atividade ao longo dos eixos rodoviários, para se beneficiar tanto da acessibilidade, quanto da publicidade fornecida pela boa visibilidade das construções. A segunda se manifesta, sobretudo, pela estrutura do habitat: na parte mais próxima da zona de urbanização contínua, multiplicam-se os loteamentos; mais distantes, esses loteamentos são menos importantes e se fixam exclusivamente nas proximidades dos núcleos dos povoados incluídos na auréola periurbana. As paisagens desta auréola são, então, caracterizadas pela justaposição de elementos da paisagem rural e elementos de urbanização. Habita aqui uma população mais jovem, que exerce seus empregos na cidade, o que gera os fluxos cotidianos<sup>82</sup>. (GERVAISE et al. 1997, p. 125).

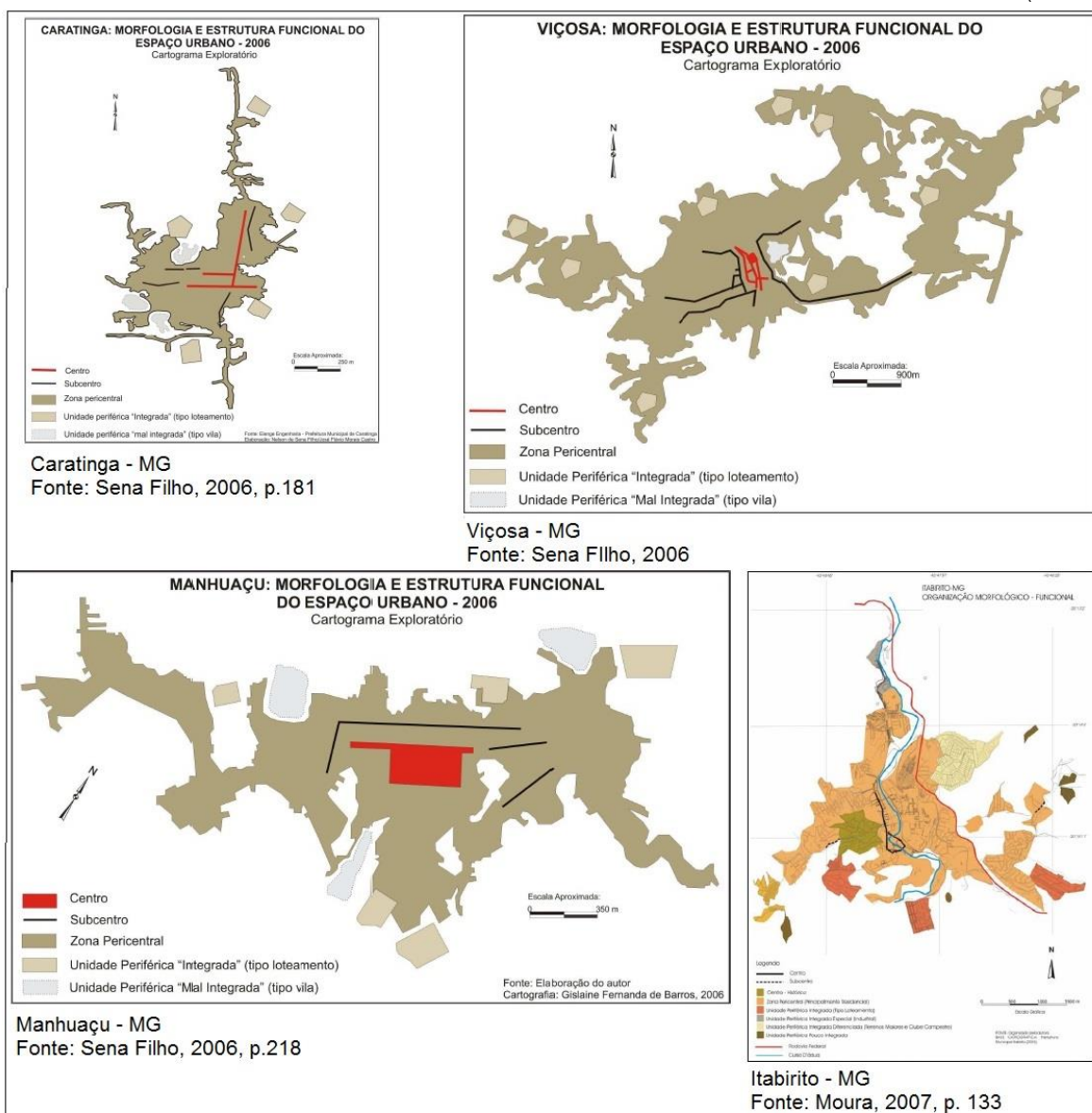
Partindo destes conceitos, alguns pesquisadores aplicaram o modelo de Amorim Filho para cidades médias mineiras. Na Figura 11 está representado o resultado da aplicação deste modelo em alguns trabalhos acadêmicos em nível de mestrado ou doutorado.

---

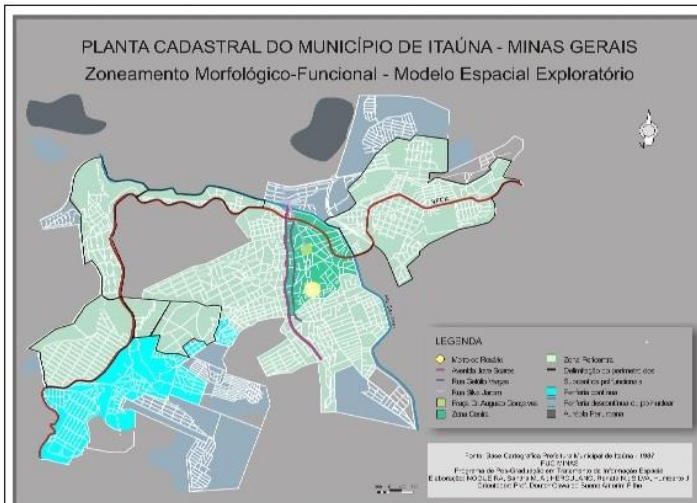
<sup>82</sup> Texto original: La logique de concentration spatiale qui a longtemps prévalu est substituée par une occupation diffuse génératrice d'intenses flux quotidiens. Au-delà du domaine de l'urbanisation dense, sans qu'on puisse en définir de façon précise les limites externes, s'étend une auréole suburbaine. Cette aureole a une structure où l'on peut distinguer à la fois une composante radiale et une composante concentrique, La première se manifeste par l'extension des commerces spécialisés le long des axes routiers principaux, parfois la constitution de véritables zones commerciales ou zones d'activités le long de axes autoroutiers pour bénéficier à la fois de l'accessibilité et de la publicité fournie par la bonne visibilité des bâtiments. La seconde se manifeste surtout par la structure de l'habitat: dans la partie la plus proche de la zone d'urbanisation continue se multiplient les lotissements, plus loin ces lotissements sont moins importants et se fixent exclusivement au niveau des noyaux des villages. Les paysages de cette auréole sont donc caractérisés par la juxtaposition d'éléments du paysage rural et agricole et d'éléments d'urbanisation. Habite ici une population plutôt jeune qui exerce des emplois en ville CE qui génère les flux quotidiens. (GERVAISE et al. 1997, p. 125)

**Figura 11 – Aplicações do modelo de Zoneamento Morfológico Funcional a cidades mineiras**

(continua)



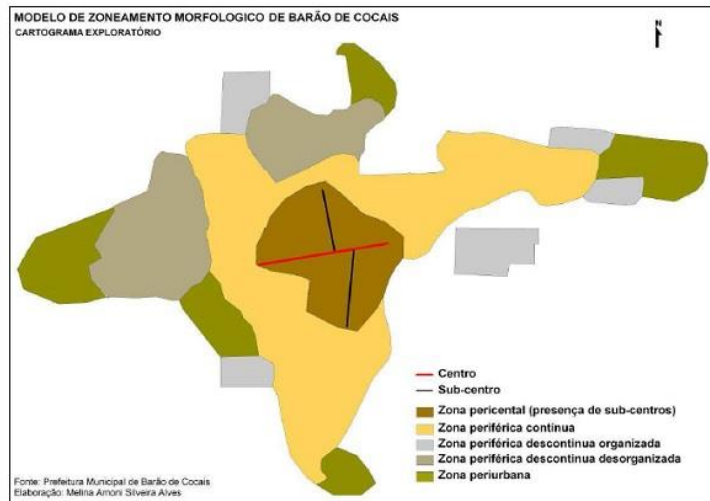
(continuação)



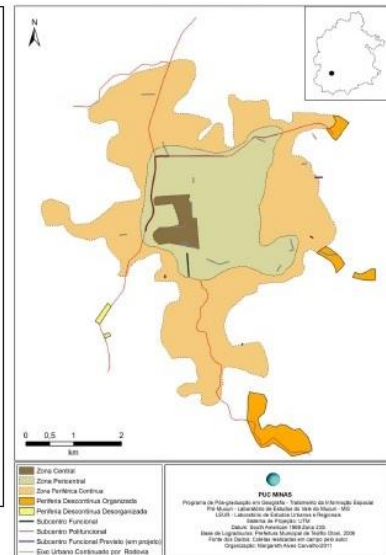
**Itaúna - MG**  
 Fonte: Antunes, 2008, p.183



**Pirapora - MG**  
 Fonte: Souza, 2008, p. 107

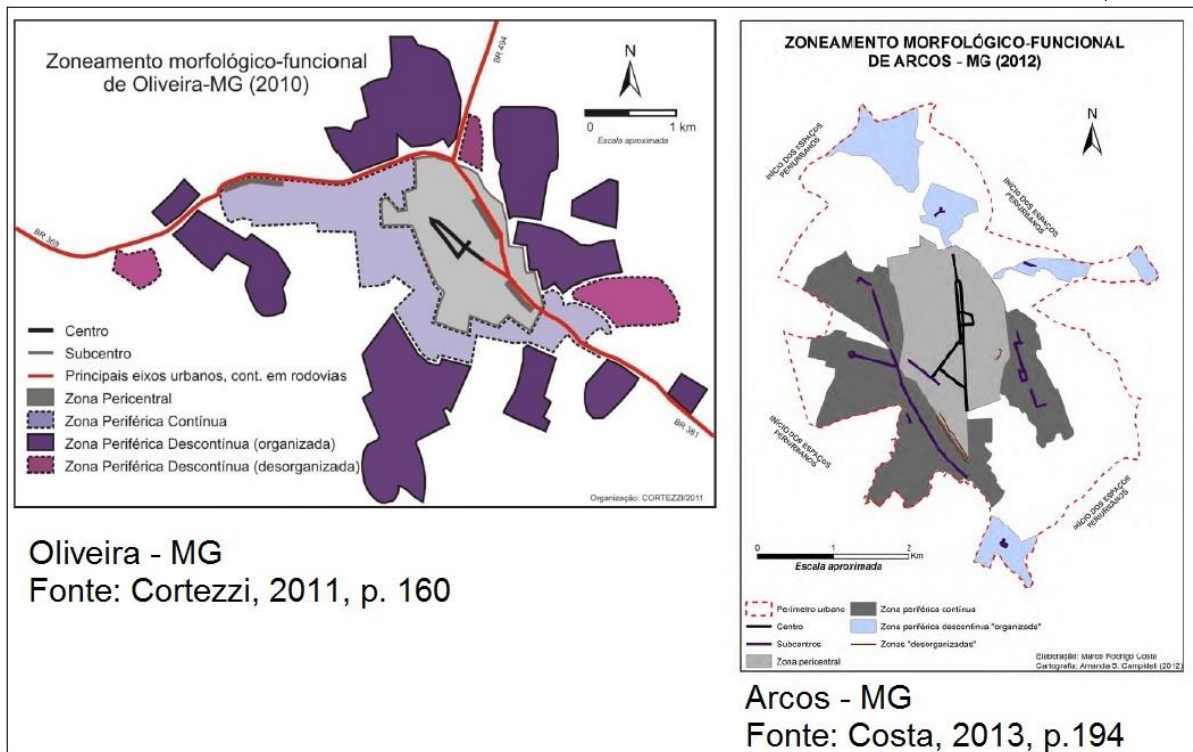


**Barão de Cocais - MG**  
 Fonte: Alves, 2010, p.119



**Teófilo Otoni - MG**  
 Fonte: Carvalho, 2011, p. 109

(conclusão)



Os geocartogramas representados mostram que o modelo para as cidades médias se mostrou eficiente e revela um certo padrão morfológico-funcional entre as cidades deste nível hierárquico. Dentre as cidades pesquisadas, apenas Teófilo Otoni (embora de dimensões menores) está no mesmo nível hierárquico de Divinópolis, que é o objeto central desta tese, podendo ser comparados com base nos critérios contidos no modelo.

Dentre as cidades médias e centros emergentes da RCOPm-BH, o modelo já foi aplicado para os centros emergentes de Oliveira e Arcos e a cidade média propriamente dita de Itaúna. Mas sendo esta região tão dinâmica em termos de rede urbana, nela há outras cidades médias ou centros emergentes que serão objeto de análise na próxima seção.

#### **2.5.4 As cidades médias na Região Perimetropolitana de Belo Horizonte**

O objeto de estudo deste trabalho é a cidade média de Divinópolis, que se localiza na região Perimetropolitana de Belo Horizonte. Acerca das metrópoles e seus espaços perimetropolitanos, Conti (2009) afirma que muitos estudos foram realizados no continente Europeu, em países como a Itália, França, Portugal e

Espanha. No Brasil e, em particular, em Minas Gerais, há uma escassez de estudos sobre estes espaços, isto mesmo com o estado mineiro possuindo duas regiões metropolitanas: a de Belo Horizonte e a do Vale do Aço, polarizada pela cidade de Ipatinga<sup>83</sup>. Sobre esta região metropolitana desconhecem-se estudos sobre sua zona perimetropolitana, mas sobre a região perimetropolitana de Belo Horizonte há um intenso e extenso<sup>84</sup> estudo pioneiro na tese de doutoramento de Conti (2009)<sup>85</sup>. São, portanto, exíguos os trabalhos dedicados à temática das cidades médias na sua respectiva zona perimetropolitana, em particular para a de Belo Horizonte. Desta forma, o estudo de Conti (2009) será a referência básica desta seção, que tratará das cidades médias localizadas neste espaço. E por seu pioneirismo discorrer-se-á, em síntese, sobre como foi definido este espaço.

Conti (2009, p. 437) expõe que os limites externos das zonas perimetropolitanas sempre são instáveis e difíceis de se definir. Assim, a caracterização geográfica, delimitação e definição da Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte (ZPBH) realizou-se preliminarmente a título exploratório:

[...] a zona perimetropolitana será definida a título exploratório por um critério de distância considerando-se, preliminarmente, a zona perimetropolitana como aquele espaço que, além dos limites da RMBH, não superasse um raio de 200 km a partir do centro da metrópole de Belo Horizonte.

O raio de 200 Km<sup>86</sup> foi definido por Conti (2009) como uma primeira aproximação para a delimitação desta zona, que ficou definida em caráter exploratório pelo que se representa na Figura 12.

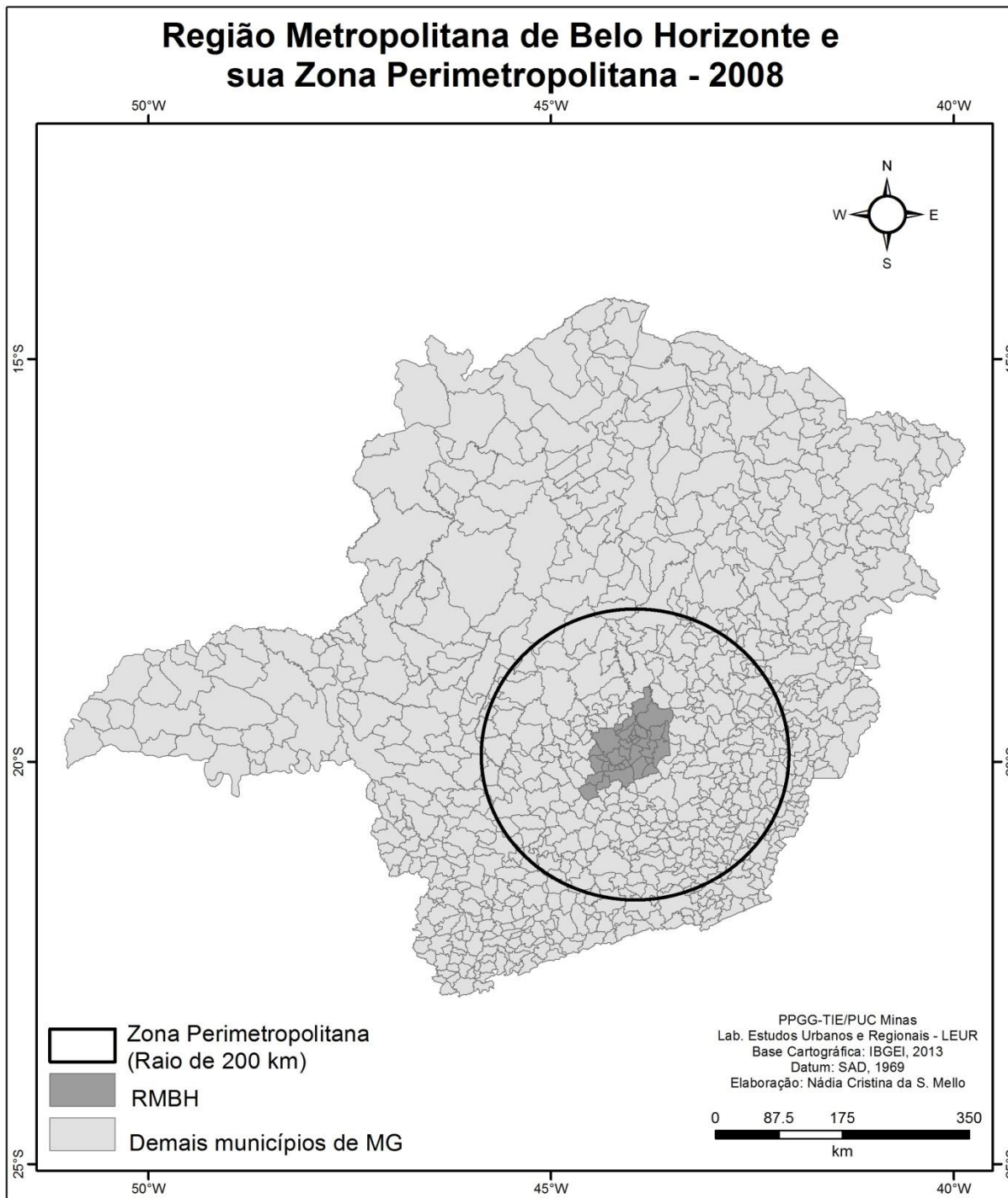
<sup>83</sup> Esta região metropolitana foi instituída em 1998, e definidos os municípios que fariam parte da mesma em 2006 (SILVA; BARROSO, 2012, p. 38).

<sup>84</sup> Intenso, porque conta com um exaustivo trabalho de pesquisa teórica e empírica, envolvendo também um intensivo e extenso trabalho de campo, pelo que se apresenta em 625 páginas, (excetuando-se os anexos) em dois volumes.

<sup>85</sup> Esta obra foi reconhecida pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), no mesmo ano de sua defesa, com o prêmio de melhor tese de Geografia. Em 2013, parte do trabalho foi publicado em livro pela editora Livre Expressão, com o título "A zona perimetropolitana de Belo Horizonte: uma análise exploratória".

<sup>86</sup> A distância do raio de 200Km também foi utilizada pela Fundação João Pinheiro (1977) nos estudos do PROECI.

**Figura 12 - A Região Metropolitana de Belo Horizonte e sua Zona Perimetropolitana – 2008 (limites exploratórios e hipotéticos)**



Fonte: CONTI, 2009, p. 436

A definição de sua dimensão e limiares considerou ainda os limiares externos de natureza físico-geográfica e geográfico-funcional<sup>87</sup>, limiares internos estáveis e

<sup>87</sup> Limiares externos: aqueles que se constituem como áreas de contato, separando a zona perimetropolitana do espaço para além dela, o qual, mesmo continuando sofrendo as influências da RMBH, perdeu as características de espaço perimetropolitano. (CONTI, 2009, p. 479).

instáveis<sup>88</sup> e as zonas de contato com a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH)<sup>89</sup>.

Argumenta Conti (2009, p. 467) que este não é um espaço homogêneo, mas que, ao contrário, caracteriza-se por uma heterogeneidade que relativiza o critério da distância do centro da metrópole e torna necessária uma análise cuidadosa dos elementos e das partes que compõem este espaço.

O espaço possui uma rede urbana complexa<sup>90</sup>, onde é possível encontrar algumas áreas com cidades médias bem articuladas entre si e estrutura urbana madura, e outras com cidades médias que polarizam isoladamente uma certa região. Esta delimitação ainda contou com ampla investigação estatística a partir da coleta de dados de todos os municípios com população superior a 10.000 habitantes, reunindo um conjunto de variáveis socioeconômicas<sup>91</sup>, inicialmente relativas ao ano de 2006, que foram, posteriormente, submetidas à técnica de Análise de Componentes Principais (ACP). Nesta, a ordenação dos *factor scores* da primeira componente definiu a hierarquia dos centros urbanos da Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte e suas respectivas regiões, que serão analisadas no capítulo II.

O autor (2009, p. 487) ressalta que os resultados da hierarquia dos centros urbanos confirmaram o trabalho realizado por Amorim Filho (2006). Sendo assim, as cidades médias desta região neste período são as mesmas representadas por Amorim Filho em 2006, nas quais Conti (2009), com base em trabalho de campo

---

<sup>88</sup> Limiares internos, aqueles que definem as regiões pelas quais é composta a zona perimetropolitana caracterizando-se como áreas de contatos entre as diferentes regiões. (CONTI, 2009, p. 479).

<sup>89</sup> As áreas de contato não são limiares, separando a zona perimetropolitana do espaço a ela externo, mas áreas onde há uma passagem mais ou menos gradual de um espaço geográfico regional para outro, mantendo características estruturais de continuidade. As zonas de contato com a RMBH, que são um tipo diferente de limiar interno próprio das regiões metropolitanas e que se sustenta do ponto de vista teórico pelo modelo morfológico-funcional de Amorim Filho (2007). (CONTI, 2009, p. 479, 484).

<sup>90</sup> A análise da rede urbana de Divinópolis não faz parte dos objetivos desta tese, mas sabe-se que a cidade está em uma rede que não se limita ao recorte espacial analisado, ou seja, a região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte.

<sup>91</sup> Uma variável estimando a população municipal (IBGE); Nove variáveis relativas à infraestrutura viária existente para cada município e suas características e condições (Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais (DER/MG); Quatro variáveis relativas ao produto interno bruto (IBGE - Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais); 16 variáveis relativas à dotação de infraestrutura de saúde (IBGE, Assistência Médica Sanitária); Nove variáveis relativas à frota veicular (Ministério da Justiça, Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN); 19 variáveis relativas às finanças públicas (Ministério da Fazenda, Secretaria do Tesouro Nacional); 12 variáveis relativas à estrutura empresarial (IBGE - Cadastro Central de Empresas); Nove variáveis relativas à dotação em termos de infraestrutura de educação (Ministério da Educação, INEP).

elaborou também uma caracterização tipológica e hierárquico-funcional para estes centros. Com este trabalho associado à utilização do programa de navegação *Google Earth*, o pesquisador definiu as nove hierarquias funcionais que já foram apresentadas na seção 1.4.2.

O Quadro 14 mostra as cidades médias mineiras da Região Perimetropolitana de Belo Horizonte, classificadas neste nível hierárquico em diversos períodos, em trabalhos realizados por diferentes pesquisadores ou com diferentes metodologias.

**Quadro 14 - Cidades médias da Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte (1950, 1960, 1970, 1980, 1982, 1999, 2006 e 2009)**

(continua)

Pesquisas	Cidades médias da Região Perimetropolitana de BH
Leloup (1950)	<b>Centros Regionais:</b> Caratinga, Ponte Nova, Barbacena, São João del Rei; <b>Centros Intermediários:</b> Diamantina, Formiga, Lavras, Ubá; <b>Centros Industriais:</b> Curvelo, Sete Lagoas, Divinópolis, Ouro Preto, Conselheiro Lafaiete.
Leloup (1960)	<b>Centros Regionais:</b> Ponte Nova, Barbacena; <b>Centros Regionais Industriais:</b> Divinópolis, Barbacena; <b>Centros Intermediários de Serviços:</b> Diamantina, Formiga, Lavras, Oliveira, Ubá, Caratinga*; <b>Centros Intermediários Industriais:</b> Curvelo, Sete Lagoas, Coronel Fabriciano*, Conselheiro Lafaiete, São João del Rei.
Fundação João Pinheiro (1970)	<b>Centros de Prioridade máxima-</b> Coronel Fabriciano*, Ipatinga*, Timóteo*; <b>Centros de maior Prioridade -</b> Diamantina, Divinópolis, Itabira, Sete Lagoas; <b>Centros Prioritários:</b> Barbacena, Caratinga*, Conselheiro Lafaiete, Formiga, João Monlevade, Lagoa da Prata, São João Del Rei.
Amorim Filho - IGA (1980)	<b>Centros Regionais (2ª ordem B):</b> Barbacena, Divinópolis; <b>Centros Sub-regionais (3ª ordem A):</b> Caratinga*, Conselheiro Lafaiete*, Formiga, João Monlevade*, Ponte Nova, São João del Rei, Sete Lagoas, Ubá; <b>Centros Sub-regionais (3ª ordem B)</b> Bom Despacho, Curvelo, Ipatinga, Lavras, Ouro Preto, Pará de Minas, Viçosa.
Amorim Filho et al. (1982)	<b>Cidade Média de nível superior:</b> Barbacena, Sete Lagoas, Divinópolis; <b>Cidade média propriamente dita:</b> Caratinga*, São João del Rei, Formiga, Curvelo, Diamantina, Ubá, Viçosa, Itabira, Ponte Nova; Lavras, Oliveira, Conselheiro Lafaiete, Itaúna, Ouro Preto, João Monlevade, Coronel Fabriciano*, Pará de Minas, Ipatinga, Congonhas, Santos Dumont, Visconde do Rio Branco, Campo Belo; <b>Centros emergentes:</b> Bom Despacho, Arcos, Dolores do Indaiá, Itabirito, Nova Era, Abaeté, Lagoa da Prata, Santa Bárbara, Itapeçerica, Raul Soares, Mariana.
Amorim Filho et al. (1999)	<b>Cidades médias de nível superior:</b> Barbacena, Divinópolis, Ipatinga* (aglomeração), Lavras, Sete Lagoas; <b>Cidades médias propriamente ditas:</b> Caratinga*, Conselheiro Lafaiete, Curvelo, Formiga, Itabira, Itaúna, João Monlevade*, Ouro Preto, Pará de Minas, São João del Rei, Ubá, Viçosa; <b>Centros emergentes:</b> Abaeté, Arcos, Barão de Cocais, Bom Despacho, Campo Belo, Congonhas, Corinto, Diamantina, Dolores do Indaiá, Itabirito, Itapeçerica, Lagoa da Prata, Mariana, Nova Era, Nova Serrana, Oliveira, Ouro Branco, Raul Soares, Santa Bárbara, Santos Dumont, Visconde do Rio Branco.

(conclusão)

Pesquisas	Cidades médias da Região Perimetropolitana de BH
Amorim Filho et al. (2006)	<p><b>Cidades médias de nível superior:</b> Barbacena, Conselheiro Lafaiete, Divinópolis, Ipatinga, Itabira, Sete Lagoas;</p> <p><b>Cidades médias propriamente ditas:</b> Caratinga, Coronel Fabriciano*, Curvelo, Formiga, Itaúna, João Monlevade*, Lavras, Mariana, Ouro Preto, Pará de Minas, Ponte Nova, São João del Rei, Timóteo*, Ubá, Viçosa;</p> <p><b>Centros emergentes:</b> Abaeté, Arcos, Barão de Cocais, Belo Oriente, Bom Despacho, Campo Belo, Cláudio, Congonhas, Corinto, Diamantina, Guanhães, Itabirito, Lagoa da Prata, Luz, Nova Era, Nova Serrana, Oliveira, Ouro Branco, Paraopeba, Perdões, Pitangui, Pompeu, Santa Bárbara, Santana do Paraíso, Santo Antônio do Monte, Santos Dumont, Visconde do Rio Branco.</p>
Conti (2009)	<p><b>Cidades médias de nível superior:</b> Barbacena, Conselheiro Lafaiete, Divinópolis, Ipatinga, Itabira, Sete Lagoas;</p> <p><b>Cidades médias propriamente ditas:</b> Caratinga, Coronel Fabriciano*, Curvelo, Formiga, Itaúna, João Monlevade*, Lavras, Mariana, Ouro Preto, Pará de Minas, Ponte Nova, São João del Rei, Timóteo*, Ubá, Viçosa;</p> <p><b>Centros emergentes:</b> Abaeté, Arcos, Barão de Cocais, Belo Oriente, Bom Despacho, Campo Belo, Cláudio, Congonhas, Corinto, Diamantina, Guanhães, Itabirito, Lagoa da Prata, Luz, Nova Era, Nova Serrana, Oliveira, Ouro Branco, Paraopeba, Perdões, Pitangui, Pompeu, Santa Bárbara, Santana do Paraíso, Santo Antônio do Monte, Santos Dumont, Visconde do Rio Branco.</p>

Fonte: Os autores supracitados

Nota: \*As Cidades do Vale do Aço passam a pertencer a outra região metropolitana (do Vale do Aço) a partir de 2006, e apresentadas no trabalho de Conti (2009) porque os dados do estudo foram relativos ao ano de 2006.

Elaborado pela autora

É importante observar que Leloup (1970) apresentou as cidades médias com base em dados dos anos de 1950 e 1960, a Fundação João Pinheiro (1988), dos anos 1970, Amorim Filho (1982, 1999, 2006), dos anos 1980, 1999 e 2005 e Amorim Filho e Arruda (2002), dos anos 1970.

Os trabalhos de Leloup (1970), da Fundação João Pinheiro (1988) e de Amorim Filho (1982, 1999, 2006) já foram descritos na seção 1.4.2. Um estudo sobre a rede urbana de Minas Gerais com base no fluxo de ônibus intermunicipais, foi coordenado por Amorim Filho (1980), no Instituto de Geociências Aplicadas- IGA. O trabalho buscou compreender a evolução dos sistemas urbanos na década de 1970. Para isto, analisaram a rede urbana estadual com base em análise que investigou dados sobre as populações municipais e urbanas e os fluxos de ônibus intermunicipais, naquela época, este já era um meio de transporte terrestre bastante utilizado nas conexões intermunicipais.

As considerações teóricas acerca das cidades médias até aqui apresentadas foram referências para os capítulos que seguem. Entende-se inicialmente que o fortalecimento destes centros na estrutura urbana regional, proporcionou a criação de sistemas urbanos polarizados pelas cidades médias, que são, normalmente,

líderes de redes de cidades que competem e cooperam entre si. Estas redes e sistemas organizam-se por suas funções e fluxos.

Sob a chefia de uma cidade de maior importância, novas modalidades de regiões, sistemas e zonas podem ser formadas, baseando-se em critérios geográficos, econômicos, sociais ou culturais, como no caso da Região Perimetropolitana de Belo Horizonte com suas sub-regiões e sistemas, que é o objeto de análise do próximo capítulo.

### 3. A ZONA PERIMETROPOLITANA DE BELO HORIZONTE E A REGIÃO PERIMETROPOLITANA CENTRO-OESTE DE MINAS GERAIS: CONTEXTOS GEOGRÁFICOS

---

#### 3.1 A Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte – MG

A Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG (ZPmBH-MG) é uma nova unidade regional regionalização do espaço mineiro, proposta por Conti (2009) em sua tese de doutoramento.

Na seção 1.4.4 foi apresentada a metodologia utilizada pelo autor para a implementação desta regionalização, bem como as cidades médias que compõem esta zona. Em síntese, a ZPmBH-MG foi estabelecida, inicialmente, partindo do critério de distância, e mais que isto, pelas relações estabelecidas com a metrópole Belo Horizonte, que é o centroide desta regionalização. Neste espaço, o autor identificou a presença de tipologias da urbanização difusa, que constituem parte do processo de periurbanização.

Neste capítulo será apresentada a regionalização dentro da zona perimetropolitana, com ênfase na sub-região Centro-Oeste perimetropolitana de Belo Horizonte (RCOPm-BH). Esta região é o recorte espacial escolhido para esta tese, espaço este no qual serão analisados os aspectos físicos, históricos, culturais, administrativos e econômicos. Também serão aplicadas algumas técnicas para analisar o processo de evolução hierárquica das cidades desta região, com ênfase naquelas classificadas como médias. Nesse sentido, Conti (2009, p. 467-474) delimitou cinco sub-regiões (FIG.13) na ZPmBH-MG, a saber:

1) Centro-Oeste<sup>92</sup>: é um sistema urbano maduro e articulado, tendo Divinópolis, cidade média de nível superior, como a principal cidade; três cidades

---

<sup>92</sup> Sobre a delimitação desta região, Conti (2009, p. 552-553) expõe que foram utilizados os mesmos critérios adotados para a delimitação da Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte, os limiares externos os seguintes critérios para cada direção: Leste, que corresponde à divisa administrativa com os municípios pertencentes à RMBH e é, por esta razão, um limiar geográfico-funcional considerado forte, pois se acredita que, pelo fato de a cultura da população local e de parte considerável da classe política e dos administradores ser contra a incorporação destes municípios à RMBH, isso possa garantir a estabilidade da situação atual; Nordeste, de natureza geográfico-funcional, corresponde ao espaço de interação entre a região Centro-Oeste e a região de Sete Lagoas; é limiar considerado “forte”, não obstante haver uma política estadual de recuperação da malha rodoviária; Norte, que corresponde à represa de Três Marias e é, por esta razão, um limiar físico-geográfico considerado forte; Noroeste, que corresponde às vertentes da Serra da Saudade e que por esta razão é considerado um limite físico-geográfico “forte”, que se torna “fraco” em concomitância com a porção

médias propriamente ditas: Itaúna, Pará de Minas e Formiga Nova Serrana e treze centros emergentes: Arcos, Bambuí, Bom Despacho, Campo Belo, Cláudio, Lagoa da Prata, Luz, Nova Serrana, Oliveira, Perdões, Pitangui, Piumhi e Santo Antonio do Monte. Possui relações importantes com a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), sustentada, principalmente, pela rede de infraestrutura viária que a liga também ao estado de São Paulo.

2) Norte-Noroeste: é pouco estruturada e articulada. Comandada por Sete Lagoas, cidade média de nível superior, que segundo o autor não comanda uma região tão bem articulada como Divinópolis, pois na sua rede, como cidade média de nível superior constam somente Curvelo e outros centros emergentes, como: Pompéu, Corinto e Paraopeba.

3) Deprimida Norte: predominantemente rural, a hipótese é de que é uma região de difícil ocupação em função de aspectos físicos (Serra do Espinhaço, que se coloca como um obstáculo de difícil transposição). Os centros urbanos são, em sua maioria, de pequeno porte, polarizados por Guanhães, que é um centro emergente.

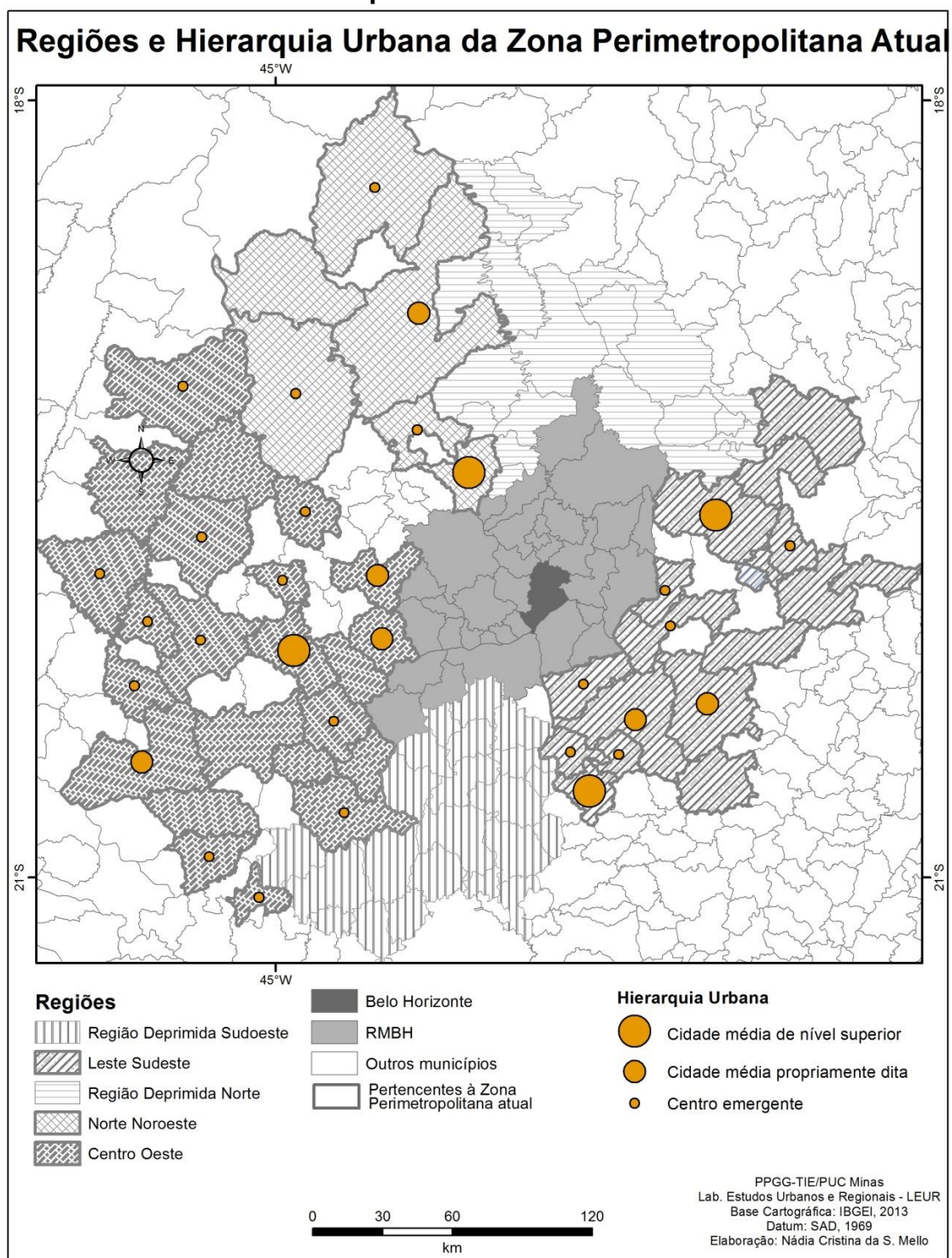
4) Os aglomerados urbanos da região Leste-Sudeste: formada por uma caracterização e articulação diferenciadas em relação às demais regiões, esta é formada por três aglomerados de cidades que pertencem a vários níveis hierárquicos, assentadas em um espaço geográfico complexo, do ponto de vista físico, o que, para o autor, dificultou a ocupação. São eles: a) aglomerado urbano João Monlevade (Nova era e Itabira); b) aglomerado urbano Ouro Preto (Mariana e Itabirito); c) aglomerado urbano Conselheiro Lafaiete (Congonhas e Ouro Branco).

---

norte da Serra da Canastra, onde a malha rodoviária possui, como importante corredor de entrada para o Triângulo Mineiro e o Alto Paranaíba, a BR-262; Oeste, que por corresponder às maiores elevações da Serra da Canastra, é considerado um limiar de natureza físico-geográfica forte; Sudoeste, que corresponde à represa de Furnas e é, por esta razão, um limiar físico-geográfico considerado forte; Sul e Sudeste, que corresponde à BR-381 e à zona de contato com a região da depressão sudoeste, que liga Belo Horizonte a São Paulo, e é considerado, por esta razão, um limiar geográfico-funcional considerado fraco. Já em relação aos limiares internos, para esta região são pouco importantes os de natureza físico-geográfica, tendo em vista a evidência de que a região caminha cada vez mais para maior integração da sua malha rodoviária. Sendo assim, considerou-se os de tipo geográfico-funcional, a partir de análises que associam a capacidade de polarização ao desenvolvimento econômico, ao crescimento demográfico e à densidade espacial, sendo eles: a) associado a áreas com crescimento demográfico e econômico negativo; b) associado à estruturação viária; c) associado a áreas com estrutura urbana pouco articulada; d) associado a áreas com estrutura urbana pouco articulada; e) dinâmico em fase de conformação e/ou transformação. (CONTI, 2009, p. 552-554).

5) Região deprimida Sudoeste: espaço também predominantemente rural, com presença de pequenos centros urbanos. Acidentes geográficos ao norte e a leste (serras) impedem uma maior articulação com o espaço da região RMPBH.

**Figura 13 - Regionalização e hierarquia dos centros urbanos da região Perimetropolitana de Belo Horizonte**



Fonte: CONTI, 2009, p. 516, adaptado.

Dentre estas regiões, a mais próxima em termos de relações e articulações com a RMBH é a região Centro-Oeste (COPm-BH), analisada detalhadamente em um estudo de caso, no último capítulo da tese de Conti (2009). Neste estudo, o autor denominou-a Sistema Urbano do Centro-Oeste de Minas Gerais, o SUCO-MG, tendo em vista sua forma de organização espacial e as diversas relações entre as cidades dos mais diferentes níveis hierárquicos.

O crescimento e o conseqüente progresso hierárquico das cidades médias da RPm-BH foram analisados, a título exploratório, por Conti (2009). Para este trabalho, o autor verificou o processo de evolução deste espaço, partindo de resultados apresentados nos estudos de Amorim Filho (1982, 1999, 2006) para todas as cidades médias do Estado.

Desta forma, foram identificados processos de mudanças interna ou, ainda, processos exógenos. Observou-se que os processos de mudanças neste espaço ocorreram ao longo do tempo e experimentou procedimentos de consolidação e fortalecimento da organização urbana, em algumas partes específicas<sup>93</sup> e ocorreu também processos de articulação e complexificação da estrutura urbana em outras, como no caso da região Centro-Oeste e Norte-Noroeste,

É o caso da região do Centro-Oeste Mineiro polarizada por Divinópolis e da Região Norte-Noroeste, onde se nota uma ascensão em termos de níveis hierárquicos, de um conjunto significativo de cidades, a maioria delas localizadas ao longo de eixos rodoviários importantes. (CONTI, 2009, p. 477).

O quadro comparativo da evolução destas cidades, desde os estudos de Amorim Filho (1982, 1999, 2006) e de Conti (2009) será apresentado na próxima seção, na qual, fundamentadas em dados do ano de 2010, serão aplicadas algumas técnicas de hierarquização para uma classificação das cidades médias da região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte.

---

<sup>93</sup> Este é o caso dos três aglomerados urbanos (João Monlevade-Nova Era e Itabira, Outro Preto-Mariana e Itabirito, Conselheiro Lafaiete-Congonhas-Ouro Branco, que pertencem à porção Leste-Sudeste, e que acabam desenvolvendo um processo de crescimento físico-funcional, que possibilita um salto em termos de níveis da hierarquia urbana. (CONTI, 2009, p. 476).

### 3.2 A Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte (RCOPm-BH)

O último capítulo da tese de Conti (2009) é dedicado, exclusivamente, a esta região, que possui um quadro regional complexo. Justificando-se, dentre outras razões, pelas intensas relações estabelecidas entre as cidades dos diversos níveis, o autor propôs, de maneira preliminar, que a região fosse abordada em termos de sistema<sup>94</sup>. Neste sentido, sugere o autor que, doravante, a região seja denominada de Sistema Urbano do Centro-Oeste, o SUCO-MG (Conti, 2009, p. 589). Salienta-se que a comprovação desta hipótese não é o objetivo deste trabalho. Sendo assim, em todas as referências a esta região será utilizada a expressão Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG, ou, ainda, a sua sigla RCOPm-BH.

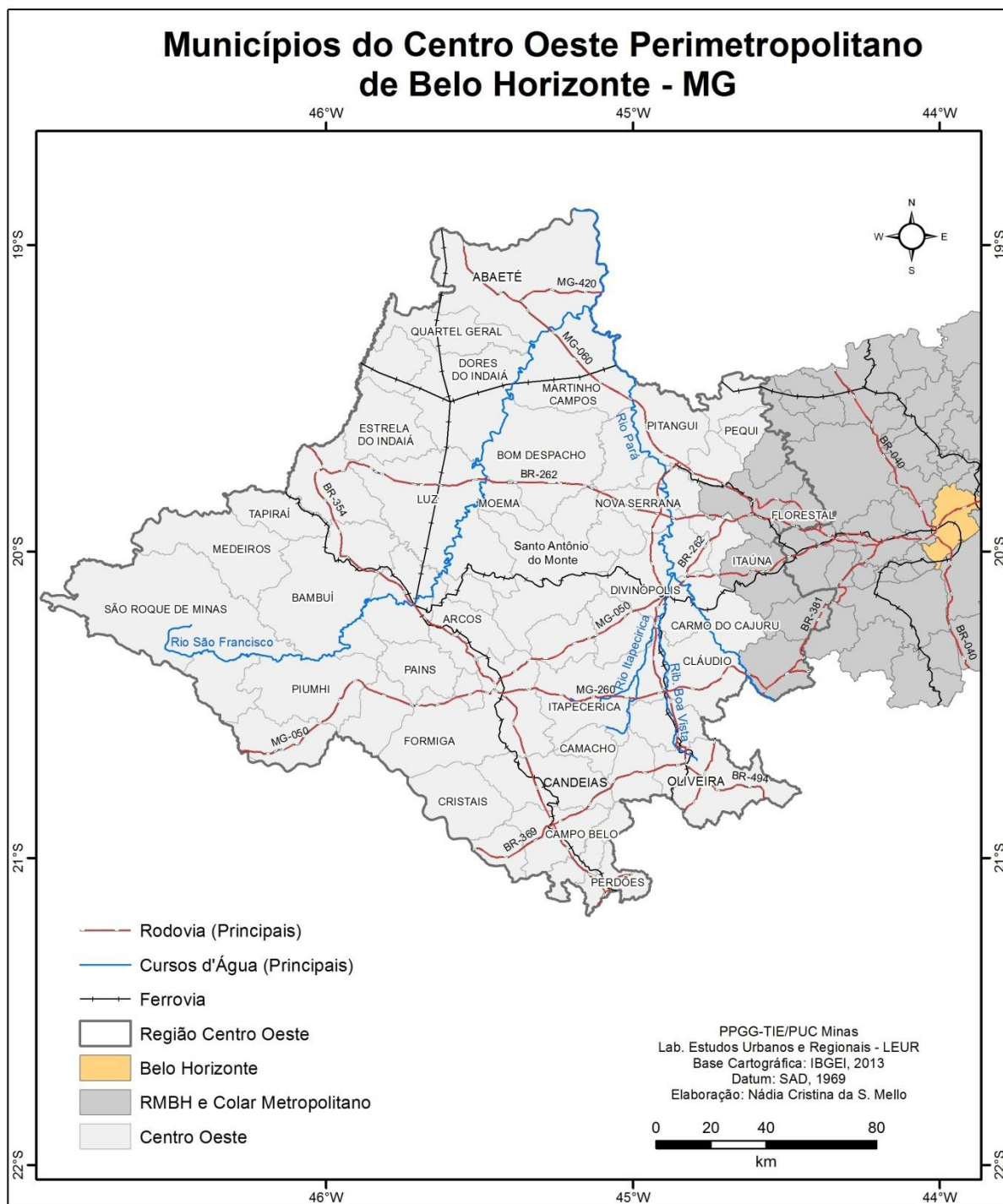
Segundo Conti (2009), a RCOPm-BH é a que apresentava o maior número de cidades pertencentes às hierarquias urbanas superiores (FIG. 13), sendo: uma cidade média de nível superior (Divinópolis) e três na categoria de cidade média propriamente dita (Itaúna, Pará de Minas e Formiga). Destacam-se, ainda, quatorze cidades que se apresentavam como centros emergentes (Abaeté, Bom Despacho, Pitangui, Lagoa da Prata, Santo Antonio do Monte, Arcos, Claudio, Oliveira, Campo Belo, Bambuí, Luz, Nova Serrana, Piumhi e Perdões. Estes municípios e os demais que formam a RCOPM-BH, estão representados na Figura 14. Ressalta-se que para a identificação desta hierarquia urbana, Conti (2009) utilizou diversas variáveis socioeconômicas relativas ao ano de 2006 e aplicou técnicas de hierarquização, que definiram a posição destas cidades na hierarquia urbana regional.

A região é composta por 61 municípios (FIG. 14), sendo que alguns extrapolam o arco de 200 Km, traçado a partir do centro de Belo Horizonte. Estes municípios foram incorporados a RCOPm-BH por razões geográficas, socioeconômicas, e especialmente em função dos critérios que definiram os limiares e as zonas de contato estabelecidos, já citados anteriormente. Este é o caso dos municípios localizados a oeste: Córrego Fundo, Tapiraí, Medeiros, São Roque de Minas, Vargem Bonita, Piumhi e Capitólio.

---

<sup>94</sup> Conti (2009, p. 598) sugere que futuros estudos trabalhem com esta proposta.

**Figura 14 - Municípios e cidades da Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte**



Elaborada pela autora

Já no sentido leste também foram incorporados os municípios de Florestal, Itatiaiuçu e Itaguara, que pertencem à RMBH. A incorporação de municípios ora numa região, ora em outra depende dos objetivos e dos critérios utilizados para cada proposta de regionalização. De acordo com Diniz e Batella (2005, p. 59), propostas

oficiais para o Estado de Minas Gerais vêm sendo produzidas ao longo das últimas décadas. Apresentando uma discussão teórica acerca do tema, o autor expõe as propostas do IBGE (1941, 1969, 1972, 1973, 1990) e da FJP (1992, 1996)<sup>95</sup>.

Para fins de políticas públicas, o governo de Minas Gerais tem utilizado a proposta de regionalização do Estado, elaborada pela FJP, como no caso do programa Governança em Rede<sup>96</sup>, que para fins de operacionalização, utiliza a divisão territorial do Estado em Regiões de Planejamento (FJP, 1992), como pode-se observar no Caderno Regional do Centro-Oeste de Minas<sup>97</sup>.

Em relação ao Centro-Oeste de Minas, foram analisadas as regionalizações do IBGE (1990), FJP (1992) e Conti (2009). Os municípios que compõem a RCOPm-BH (CONTI, 2009), não são equivalentes aos da mesorregião Oeste de Minas Gerais, estabelecidos pelo IBGE (1990), e da Região Centro-Oeste de Minas, definidos pela Fundação João Pinheiro (1992), tendo em vista que estas três regionalizações divergem, também, em conceito<sup>98</sup>. A sobreposição dos mapas destas regiões, representado na Figura 15, mostra este desacordo.

---

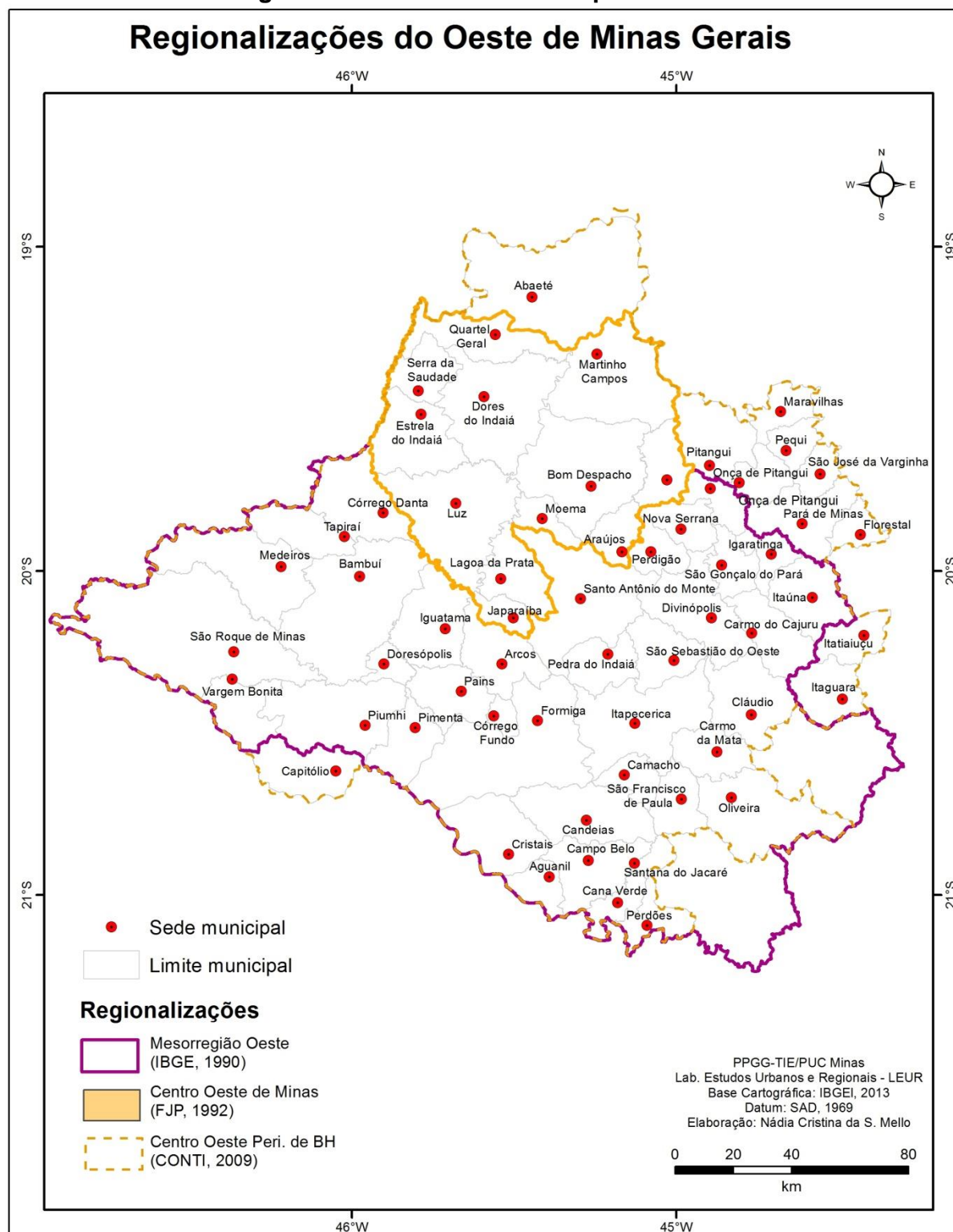
<sup>95</sup> De acordo com Diniz e Batella (2005, p. 64-74), o IBGE já propôs a divisão do Estado em: Zonas Fisiográficas (1941), microrregiões homogêneas (1969), regiões funcionais urbanas (1972), regiões para fins de planejamento (1973), meso e microrregiões geográficas (1990). Já a FJP, propôs as regionalizações: regiões de planejamento (1992) e regiões administrativas (1996).

<sup>96</sup> O programa Governança em Rede é uma proposta, desde 2011, do governo do Estado de Minas Gerais, e tem como base dois pilares: a gestão regionalizada e a gestão participativa. Busca-se com o modelo aproximar a estratégia central das necessidades e particularidades regionais, por meio da constituição de ambiente colegiado, intersetorial e capaz de realizar articulação horizontal e sistêmica entre os diversos órgãos e entidades da administração pública na discussão e priorização de estratégias regionais. (GOVERNO ESTADUAL DE MINAS GERAIS, 2014, p. 21).

<sup>97</sup> Este documento, publicado pelo Governo do Estado de Minas, é parte do projeto Governança em Rede, e é uma base de informações demográficas e socioeconômicas sobre a região, com indicadores e mapas que retratam, de forma inédita, a realidade da região do Centro-Oeste de Minas; por outro lado, indica as prioridades e trabalhos intersetoriais, promovidos para a atuação governamental, com vistas a atender as principais demandas e necessidades da região, nos diversos enfoques da política pública. (GOVERNO DE MINAS GERAIS, 2014, p. 23).

<sup>98</sup> Para o IBGE, a mesorregião é uma área individualizada, em uma Unidade da Federação, que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social como determinante, o quadro natural como condicionante, e a rede de comunicação e de lugares como elemento de articulação espacial. (IBGE, 1990, p. 8). A regionalização do estado em Regiões de Planejamento, elaborada pela FJP, realizou-se a partir de demandas da SEPLAN. De acordo com Diniz e Batella (2005, p. 72), a divisão é calcada no critério de interdependência, enfatizando as áreas de influência urbana, bem como alguns elementos de homogeneidade, uma vez que busca respeitar os limites das microrregiões geográficas, mas ressalta o autor, que segundo a FJP (1992, p. 3-11), os limites das regiões sofreram algumas correções de caráter político-administrativo, com o intuito de otimizar sua operacionalização.

Figura 15 - Sobreposição dos mapas das regiões: Mesorregião Oeste, Centro-Oeste de Minas e Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG



Fonte: IBGE, 2010; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2010.  
Elaborada pela autora

A RCOPm-BH (Conti (2009) compõe-se de 61 municípios, na região de planejamento Oeste de Minas (FJP, 1992) são 56, e na mesorregião Oeste (IBGE,

1990), 42. No caso, é consenso alguns municípios não constarem na regionalização proposta pela FJP (1992) e o IBGE (1990). Portanto, estes só se configuram na proposta de Conti (2009). São eles: Capitólio, a sudoeste, Abaeté, ao norte, Itatiaiuçu e Itaguara a leste e, por fim, Maravilhas, Pequi, Pitangui, Onça do Pitangui, Pará de Minas e Florestal a nordeste.

A delimitação espacial de Conti (2009) assemelha-se mais à da FJP (1992). São mais municípios em comum do que a da mesorregião Oeste (IBGE, 1990). Isto mostra que o trabalho realizado por Conti (2009) é, também, uma caracterização que pode ser utilizada para fins de planejamento, para políticas públicas e outros fins. O autor realizou um cuidadoso trabalho de campo, o que significa conhecimentos diretos da realidade local de cada município e cidade, e isto é essencial para a credibilidade de um trabalho em geografia regional.

A partir deste trabalho de campo, Conti (2009) também elaborou a caracterização “tipológica funcional e/ou hierárquico-funcional” dos centros urbanos que compõem este espaço. Explicando estas classificações, o autor (2009, p. 488-489) expõe que foram definidas, associando ao trabalho de campo, a utilização do programa de navegação *Google Earth* e um conjunto de visitas voltadas, exclusivamente, para um controle desta classificação.

No Quadro 15 apresentam-se os níveis hierárquicos e as tipologias funcionais das cidades classificadas como médias, bem como dos centros emergentes (CONTI, 2009; AMORIM FILHO, 2007). Isto por serem estes níveis hierárquicos de cidades temas de estudo fundamentais nesta parte deste trabalho e também porque a conservação desta classificação hierárquica para a RCOPm-BH será examinada em outra seção deste capítulo.

**Quadro 15 - Níveis hierárquicos e tipologias funcionais das cidades médias e centros emergentes da RCOPm-BH**

Níveis hierárquicos*	Tipologias funcionais dos centros urbanos**	Cidades do Centro-Oeste Perimetropolitano
1. Cidades médias de nível superior	Centro regional	Divinópolis
	Centro regional associado	
2. Cidades médias propriamente ditas	Centro regional associado	
	Subcentro regional associado	
	Centro de articulação sub-regional	
	Centro de articulação sub-regional associado	Itaúna, Pará de Minas, Formiga
3. Centros emergentes	Subcentro regional associado	
	Centro de articulação sub-regional associado	Bom Despacho, Campo Belo, Nova Serrana, Lagoa da Prata, Arcos, Oliveira, Santo Antonio do Monte, Perdões
	Centro urbano associado	
	Centro urbano	Cláudio, Pitangui, Abaeté, Itapeçerica
4. Pequenas Cidades	Centro menor associado	Carmo do Cajuru
	Centro menor	Luz, Martinho Campos,

Fonte: CONTI, 2009, p. 495

Nota: \*AMORIM FILHO, 2007; \*\*CONTI, 2009

As cidades do nível hierárquico das cidades médias propriamente ditas encontram-se todas na mesma tipologia funcional (Centro regional e Centro de articulação sub-regional associado). Já os centros emergentes são os níveis hierárquicos que mais se subdividem em hierarquias funcionais diferenciadas, e isso já sugere o quanto as cidades classificadas neste nível hierárquico urbano apresentam diferentes características e especificidades.

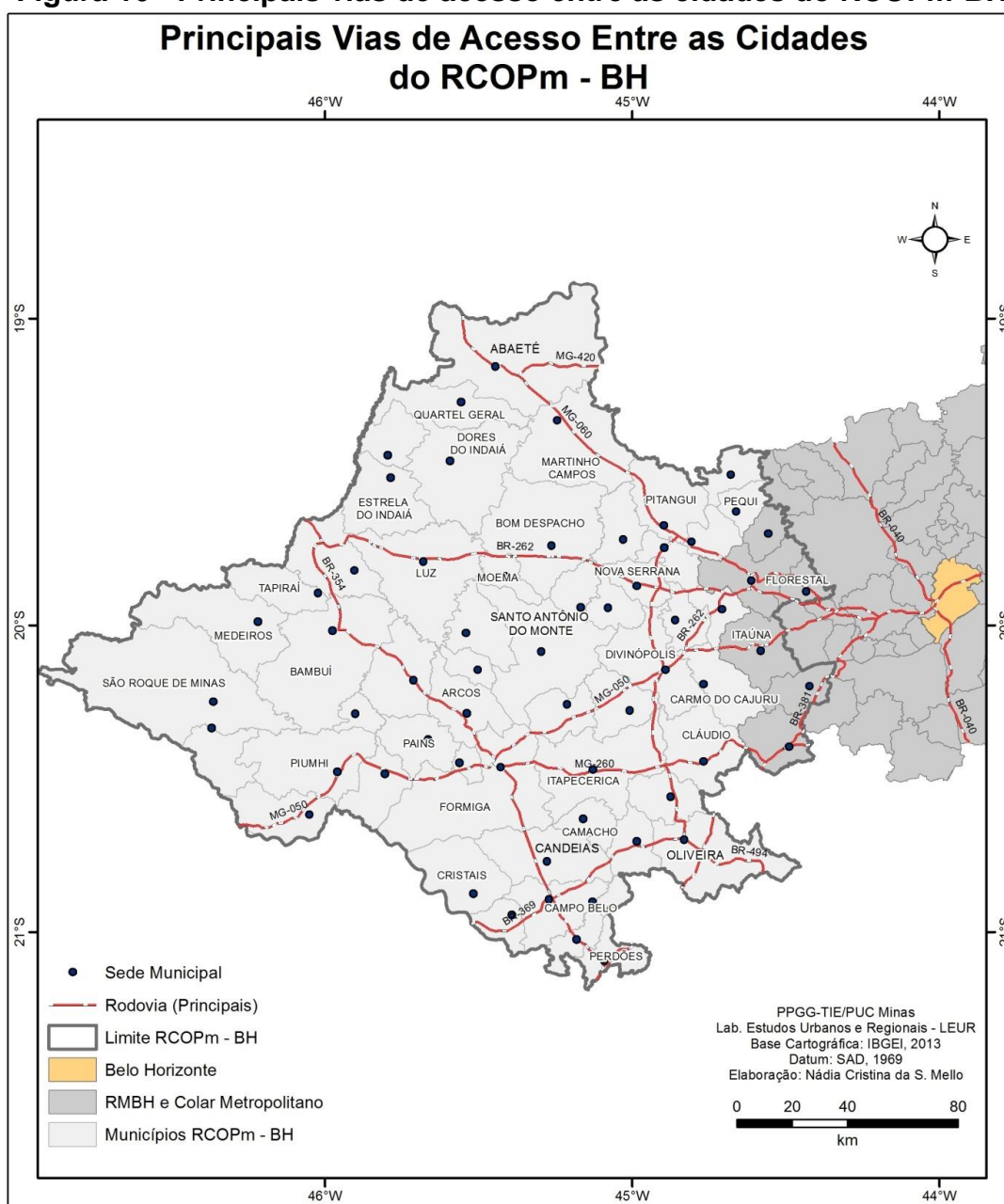
Dentre estes centros emergentes, alguns se classificam como Centros de articulação sub-regionais associados (Bom Despacho, Campo Belo, Nova Serrana, Lagoa da Prata, Arcos, Oliveira, Santo Antonio do Monte, Perdões) e outros como Centros Urbanos (Cláudio, Pitangui, Abaeté e Itapeçerica). Alguns dos centros de articulação sub-regionais associados já possuem alguns atributos das cidades médias propriamente ditas.

Conti (2009, p. 556-557) analisou o crescimento populacional anual no período de 1991 a 2006) de todas as cidades do COPm-BH, e dentre os centros emergentes, o que apresentou maior percentual de crescimento foi Nova Serrana (12,64%), ficando numa posição praticamente isolada, pois o segundo e terceiro maiores percentuais foram, respectivamente, os das cidades de Santo Antônio do Monte (3,54%) e Lagoa da Prata (2,99%). O crescimento populacional de Nova

Serrana está relacionado à sua base econômica, e recebe muitos migrantes, em particular da capital mineira, fenômeno que será abordado com mais detalhe na seção que analisará aspectos específicos das cidades médias da RCOPm-BH.

Segundo o autor, a articulação entre estas cidades e também com a capital Belo Horizonte é beneficiada, entre outros fatores, pelas boas condições das vias de acesso, tanto para o transporte de pessoas como de cargas. Estas vias estão representadas na Figura 16.

**Figura 16 - Principais vias de acesso entre as cidades do RCOPm-BH**



Fonte: IBGE, 2010  
Elaborada pela autora

A região é bem servida de rodovias federais e estaduais. Duas rodovias fazem ligação direta para a capital Belo Horizonte: a BR-262, que atravessa toda a região no sentido oeste-leste, e a BR-381, que cruza apenas algumas cidades da região e segue no sentido sul-norte. São também importantes na região as rodovias: BR-494, no sentido sul-norte, ligando as rodovias BR-381 e BR-262; MG-050, que também atravessa toda a região no sentido sudoeste-nordeste, ligando-se à BR-262; BR-354, no sentido noroeste-sudeste, que se liga à rodovia BR-381; BR-369, no sentido oeste-leste, que se liga à BR-494; MG-060, que cruza algumas cidades e segue no sentido noroeste-sudeste, até encontrar a BR-262, além de outras rodovias secundárias que ligam as cidades dentro da região.

Cruzam ainda a região alguns eixos ferroviários para transporte de cargas, que representaram para cidades, como no caso de Divinópolis, um motor de propulsão para o desenvolvimento. Sobre estas malhas ferroviárias é importante ressaltar que elas pertencem à Rede Ferroviária Federal S/A mas, de acordo com o Decreto nº 473/92, por um período de trinta anos, que podem ser prorrogáveis por mais trinta, elas passaram a ser operadas por uma empresa privada, a Ferrovia Centro Atlântica (FCA).

A importância das ferrovias no desenvolvimento da região será abordada com mais detalhe no último capítulo, que tratará da cidade de Divinópolis, tendo em vista que esta cidade teve benefícios em termos econômicos, sociais e políticos, com a implantação da rede ferroviária e, em especial, de oficinas de manutenção.

Este meio de transporte, na região, opera atualmente apenas na condução de cargas, mas é também um importante elemento de articulação entre as cidades da RCOPm-BH com outras regiões brasileiras, influenciando as hierarquias e áreas de influência destas cidades, no contexto regional. Desta forma, pautado em questões de natureza demográfica, econômica e infraestrutural, Conti (2009) definiu para a RCOPm-BH, quatro sub-regiões. Estão estruturadas com a liderança de uma cidade-polo, normalmente uma cidade média propriamente dita, e no caso de algumas regiões, associadas com centros emergentes, observando-se, ainda, ocorrências de alguns processos urbanos em curso, como o da conurbação e outros.

Estas sub-regiões são caracterizadas por Conti (2009, p. 580-589) e apresentadas a seguir, em síntese:

- 1) Noroeste: polarizada por Nova Serrana e Bom Despacho, que junto com os municípios mais próximos, Perdígão e São Gonçalo do Pará, formam,

segundo o autor, a parte mais dinâmica da região, em termos econômicos e demográficos.

- 2) Leste: polarizada pelos subcentros associados de Itaúna e Pará de Minas, que são os municípios dominantes do ponto de vista econômico.
- 3) Centro-Sudeste: chefiada por Divinópolis que, do ponto de vista econômico, é a mais importante, e acaba por polarizar também municípios da região leste, como Itaúna, Pará de Minas e Itatiaiuçu, tendo ainda, na área de influência, os municípios ao sul, como Cláudio e Carmo da Mata.
- 4) Sudoeste: polarizada por Formiga, que é uma cidade média propriamente dita, associada ao centro emergente de Arcos. Nesta região, apesar do domínio de Formiga, Conti (2009) observa que Arcos vem se fortalecendo e tem apresentado um crescimento contínuo, com indícios de um processo de conurbação, no qual, além de Formiga e Arcos, estariam envolvidos Pains e Córrego Fundo.

As cidades que compõem as sub-regiões estão articuladas não somente dentro da sua rede, mas mantêm, também, relações com as demais, em especial com Divinópolis, que é a cidade primaz na região. Mas, ao mesmo tempo, pode-se também dizer que elas são originárias de um mesmo processo de formação histórica, socioespacial, cultural e econômica. Esta história teve como referência a gênese da região Centro-Oeste de Minas, relatada no Caderno Regional do Centro-Oeste de Minas (2014), nos estudos de Corgozinho, Catão e Pereira (2009) e outros. Estes processos são importantes para se entender a estrutura da região e de cada cidade em particular, e isto será analisado na próxima seção, que tratará da Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte.

### **3.3 A Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte e as cidades médias: formação histórica, cultural, administrativa e econômica**

Conforme citado anteriormente, os estudos de Conti (2009) apontam a RCOPm-BH como a mais equilibrada, em termos de rede urbana, dentre as regiões perimetropolitanas de Belo Horizonte. Entende-se que este equilíbrio possa também estar relacionado ao processo de formação socioterritorial, que se propõe a apresentar nesta seção.

O estado de Minas Gerais foi descrito, histórica e geograficamente, por Auguste de Saint-Hilaire, naturalista francês que permaneceu no Brasil de 1816 a 1822 visitando extensas áreas do nosso território, compreendendo a atualidade dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em suas viagens coletou diversos materiais botânicos e foi grande observador de questões de interesse para a Geografia, como o meio físico, e das “gentes” que aqui viviam, seus costumes, tradições, política, história e as instituições. Seus relatórios foram publicados, primeiro na França, e depois traduzidos para o português e publicados no Brasil. Minas Gerais foi a primeira província visitada por Saint-Hilaire, assim descrita por ele:

Foi a província da Minas Gerais que percorri em primeiro lugar com minuciosidade, e comecei por fazer conhecida esta província que tornam tão digna de interesse as riquezas que em outro tempo possuiu, as que ainda hoje encerra, a imensa cadeia de montanhas que a percorre, a variedade de sua vegetação, a inteligência notável dos habitantes e as tribos indígenas que marginam suas fronteiras. (SAINTE-HILAIRE, 2000, p. 4-5).

Assim, para a apresentação do histórico de formação do espaço aqui analisado, recorreu-se ao processo de ocupação espacial do Oeste de Minas Gerais, extensa área do Estado diretamente influenciada, nos seus aspectos sociais, econômicos e culturais, por diversos processos, em especial o da mineração. Nisto, há convergência histórica entre os municípios da RCOPm-BH, o que também se confirmou com a leitura realizada do histórico de formação administrativa dos 61 municípios que compõem esta região, descrito no site do IBGE<sup>99</sup>.

Estudiosos da história e memória do Centro-Oeste mineiro, Corgozinho, Catão e Pereira (2009, p. 5-6), relatam que o modo de vida tradicional das populações existentes passou por uma profunda mudança no final do século XIX, momento em que foi construída a Estrada de Ferro Oeste de Minas-EFOM. Segundo os autores, a ferrovia foi a primeira via de comunicação mecanizada com o resto do país, injetando nas comunidades locais um novo dinamismo sociocultural e financeiro muito diferente daquele existente até então. Mas, o que existia até então?

Dulci (2009, p. 15) relata que a configuração do território mineiro resultou de decisões do governo de Portugal, decisões ligadas à política de exploração do ouro e do diamante, tendo mais tarde acréscimos de algumas áreas como o Triângulo

---

<sup>99</sup> IBGE, 2015.

Mineiro e Alto Paranaíba, que pertenciam a Goiás. Quando o Brasil se tornou independente, Minas Gerais já tinha seu formato atual, com seu “nariz”, o que mostra a intensidade das lutas pela consolidação do território.

Para esta configuração, a dinâmica da mineração aurífera e a agricultura marcaram o processo de ocupação de todas as regiões do Estado. As duas atividades se complementavam, pois a agricultura praticada era de subsistência, mas parte dos produtos era comercializada para abastecimento dos trabalhadores na indústria da mineração. Em função disso, Dulci (2009, p.17) relata que alguns escritores sugeriram diferenciar Minas das Gerais, significando as áreas do estado que se desenvolveram a partir da exploração do ouro (as Minas) e pelas atividades agrícolas (as Gerais). Na visão do autor, a mineração era mais ou menos concentrada, e ensejou a formação de uma rede urbana, sendo os espaços adjacentes áreas de circulação e de produção agrícola. Neste processo de formação da sociedade mineira, em particular da RCOPm-BH, diversos grupos sociais interferiram direta ou indiretamente nos espaços urbanos e rurais, sendo importantes, dentre outros, os indígenas, os quilombolas e os bandeirantes. Fazem parte da formação da sociedade mineira, conflitos e confrontos dos grupos sociais e de interesses, entre os quais podem-se citar: os negros, indígenas, bandeirantes<sup>100</sup> e emboabas<sup>101</sup>.

Estudos históricos apontam que os índios perseguidos, castigados, escravizados e dizimados, em sua maior parte pelos desbravadores bandeirantes,

---

<sup>100</sup> As bandeiras eram expedições organizadas por paulistas, em busca de metais preciosos, e aqueles que participavam destes grupos recebiam a alcunha de bandeirantes. Segundo Silva Filho (2011, p. 32), os bandeirantes organizavam-se em bases paramilitares, variavam em número e força, indo de uma reunião de vinte homens até centenas. Geralmente, eram acompanhados por frades que exerciam o papel de capelães. A maioria das bandeiras era composta por mestiços, paulistas e ameríndios, que executavam todas as atividades, como guias, carregadores, coletores, dentre outras. Esses aventureiros usavam o arco e a flecha como os mosquetes e demais armas de fogo; sua alimentação era geralmente composta de caça, pesca, raízes e mel silvestre. Geralmente plantavam mandioca nas clareiras das florestas, acampando as redondezas até a época da colheita. A bagagem de viagem era leve, usavam chapéu de aba larga, camisa, ceroulas e gibões de algodão acolchoado. Deslocavam-se quase sempre descalços, em fila indiana pelas trilhas e caminhos das matas. As bandeiras maiores eram marcadas ainda pela presença feminina, não pelas esposas, mas sim de mulheres ameríndias, que acompanhavam muitos paulistas na condição de concubinas e cozinheiras. [...] a palavra emboaba tem origem indígena, dos povos Carijós e Tapuias, e era genericamente usada para comparar todos que não eram paulistas a uma ave. Taunay, citado por Boxer (2000), define da seguinte maneira a palavra: Emboaba [...] um pássaro de pernas emplumadas, daí ser o termo aplicado como zombaria aos recém-chegados da Europa e do litoral, que usavam coberturas protetoras para pernas e pés, ao contrário dos paulistas, que andavam descalços e de pernas nuas pelos matagais (TAUNAY apud BOXER, 2000, p. 105).

<sup>101</sup> Os forasteiros, independentemente de serem portugueses - também chamados por reinos ou portugueses do reino - baianos, pernambucanos ou piauienses, eram comumente denominados pelos paulistas de emboabas. (SILVA FILHO, 2011, p. 39).

foram os primeiros habitantes da região. A fixação de aldeias indígenas em Minas Gerais deu-se, em grande parte, por situações de conflitos entre tribos, muitas delas vindas da região nordeste do país. Em relatos de estudiosos desta questão no Estado, Senna (1924), José (1965) e Vasconcelos (1974), podem-se encontrar narrativas que levam a admitir que existiram na região grupos oriundos de algumas nações indígenas, em especial dos Caiapós e Bororós, sendo que dos primeiros são originários os índios Candidés, que foram os primeiros povoadores de Divinópolis. No município de Martinho Campos, ainda se encontram fixados, na margem esquerda do rio Pará, um pequeno grupo descendentes dos índios Caxixó.

Ainda é possível identificar a influência indígena em alguns municípios da RCOPm-BH pelo nome destes. Sobre esta influência indígena no vocabulário brasileiro, Gonçalves (2009, p. 69-71) relata que isto ocorreu de forma mais intensiva com a ocupação do interior do Brasil pelas Entradas e Bandeiras. Os bandeirantes tinham como guias os índios, que eram grandes conhecedores das matas e dos sertões, com seus riscos e perigos dos acidentes físicos, da fauna, da flora e tribos hostis. Sabe-se que, por onde passavam, os índios nomeavam em sua língua peixes, animais, florestas e acidentes geográficos. Na RCOPm-BH, dos 61 municípios que a compõem, 19 têm origem indígena, como mostra o Quadro 16.

#### Quadro 16 - Municípios da RCOPm-BH com nomes de origem indígena

(continua)

Nº	Cidade	Origem tupi
1	Abaeté	abá = homem, o índio + eté = superlativo que significa excelência, muito bom - o bravo, o forte, o guerreiro, o homem de valor
2	Bambuí <sup>102</sup>	Palavra híbrida. <i>Hi</i> = rio + bambu=bambu (africano). Riodos Bambus.
3	Carmo do Cajuru	<i>Caá</i> = mata + <i>iuru</i> = boca da mata, entrada da mata
4	Conceição do Pará, Pará de Minas; São Gonçalo do Pará	<i>Pará</i> = significa grande caudal ou até mesmo mar; <i>Mbará</i> ou <i>Mara</i> - rio volumoso, por extensão, mar.
5	Dores do Indaiá; Estrela do Indaiá, Pedra do Indaiá	Indicativo de uma palmeira <i>anda-yá</i> : cocos que se desprendem.
6	Igaratinga	<i>Igara</i> = canoa + <i>tinga</i> = branca ou vela branca de canoa
7	Iguatama	<i>Y</i> = rio + <i>guá</i> = enseada + <i>tama</i> , <i>etama</i> , <i>terama</i> + região, terra: enseada de minha terra, alusão ao rio São Francisco, formando enseadas bem defronte à cidade.

<sup>102</sup> Segundo Gonçalves (2009, p. 81), para Bambuí muitos atribuem o significado de “Rio das águas sujas”, mas para o autor isto carece de fundamentação, pois *hi* = rio, mas bambu jamais significou águas sujas, em tupi seria *Ikiaí*.

(conclusão)

Nº	Cidade	Origem tupi
8	Itaguara	Nome de significação dúbia. <sup>103</sup> Corruptela de <i>ita</i> =pedra + <i>guaba</i> = comedouro: comedouro de pedra, alusão ao barreiro salitoso que os animais procuram para lamber ou <i>ita</i> = pedra + <i>guará</i> = lobo: pedra do lobo.
9	Itapecerica	<i>Ita</i> = pedra + <i>pé</i> = caminho + <i>cerca</i> = lisa, escorregadia: caminho de pedra escorregadia. <sup>104</sup>
10	Itatiaiuçu	<i>Ita</i> = pedra + <i>aia</i> = dente + <i>uçu</i> = grande: pedra grande que se levanta em pontas, à semelhança de dentes. <sup>105</sup>
11	Itaúna	<i>Itá</i> = pedra + <i>uma</i> = escura, preta, pedra preta, o ferro, o minério.
12	Japaraíba	<i>Yapara-yba</i> = madeira própria, rija, de que os índios faziam seus arcos, pau d'arco.
13	Moema	<i>Mo-ema</i> = nascida na dor, que tem origem na dor, a exausta, a desfalecida, a que sofre. <sup>106</sup>
14	Onça do Pitangui	Corruptela de <i>pitang-y</i> ou <i>mitang-y</i> - o verbete admite três significações: rio das pitangas, rio de águas avermelhadas e rio das crianças. <sup>107</sup>
15	Pequi	Da corruptela de <i>piqui</i> , <i>pyqui</i> = casca áspera, espinhenta.
16	Pitangui	<i>Pitang-y</i> , <i>pitang(a)</i> = pitanga + <i>y</i> = água, rio, Pitangui = rio das pitangas. Etimologicamente, pode ser também: <i>pitanga</i> , <i>mitanga</i> = criança + <i>y</i> = água, rio, PITANGUI = rio das crianças. <sup>108</sup>
17	Pihumi	<i>Pium</i> = mosquito, um mosquito conhecido por borrachudo + <i>hy</i> , <i>y</i> = água, rio, então <i>pium-hi</i> , rio dos mosquitos, podendo ser também: <i>perum</i> = lama, lodo + <i>hy</i> , <i>y</i> = água, rio. PIUMHI, rio de lama, lodo. <sup>109</sup>
18	Santana do Jacaré	Jacaré: <i>ya</i> = aquele + <i>caré</i> = torto, aquele que anda torto, sinuoso.
19	Tapiraí	<i>Tapira</i> = anta + <i>y</i> , <i>hi</i> = rio, água, então TAPIRAÍ = rio das antas.

Fonte: GONÇALVES, 2009  
Elaborado pela autora

<sup>103</sup> Poderia ser corruptela de *ita* = pedra + *guaba* = comedouro: comedouro de pedra, alusão ao barreiro salitoso que os animais procuram para lamber. Pedra rachada, lembrando os comedouros, tem respaldo popular e etimológico. A definição *ita* = pedra + *guará* = lobo: pedra do lobo seria uma informação lógica, mas não tem suporte etimológico, pois lobo não é *guara*, e sim *guará*, e muito menos sintático porque, em tupi, possuído e possuidor trocam de posição. Então, pedra do lobo deveria ser *guará-itá* ou *guaraitá*. (GONÇALVES, 2009, p. 114).

<sup>104</sup> Não fugindo a esta significação, é perfeitamente admissível esta composição, fruto de corruptela, *ita* = pedra + *peba* = chata, plana, *itapé (ba)* = pedra chata, plana, laje + *cerca* = lisa, escorregadia, temos então: lajeado escorregadio. (GONÇALVES, 2009, p.119).

<sup>105</sup> Etimologicamente, também é provável a decomposição da palavra em *itá* = pedra + *ti* = água + *aia* = dente + *uçu* = grande. Logo: pedra grande e úmida, de pontas eriçadas em forma de dentes. (GONÇALVES, 2009, p. 120).

<sup>106</sup> É personagem do poema de Santa Rita Durão, que morre nadando atrás da nau que levava para a França sua grande paixão, Diogo Álvares Correa, o Caramuru, ao lado da índia Paraguaçu. Pode significar também meiga, doce. (GONÇALVES, 2009, p. 134).

<sup>107</sup> Havia, na região, extração de ouro quando os bandeirantes encontraram uma pepita que pesou uma onça, denominando, assim o local que é banhado pelo Rio Pitangui.

<sup>108</sup> Existe, ainda, uma terceira hipótese, menos provável: *pitanga*, *mitanga* = criança + *i*, *im* = diminutivo, logo: PITANGUI = criançinha. Admite-se, também, como corruptela de *piranga*, *pitanga* = vermelho, *y* = rio, *Pitang-y* = rio vermelho. Essa hipótese não tem respaldo gramatical, porque o adjetivo sempre se pospõe ao substantivo, assim, Rio Vermelho seria Ypiranga ou Ypitanga. (GONÇALVES, 2009, p. 144).

<sup>109</sup> No entanto, o significado corrente entre a população é rio de muito peixe, que não corresponde ao étimo, para isto deveria ser grifada Pirahi: *pira* = peixe, *y* = rio. Etimologicamente, a significação é “rio dos piaus”, um peixe fluvial. A linguagem figurada generalizou a ideia, atribuindo a “piau”, todo e qualquer peixe. O nome antigo da cidade, fundada pelo bandeirante, Batista Maciel, era Piauí: *piau*, (peixe) e *y* = rio, comprovando a afirmação, rio dos piaus. (GONÇALVES, 2009, p. 144).

Observa-se que a influência indígena ocorre até mesmo naqueles municípios com nome composto, que às vezes faz alusão à religiosidade, juntamente com uma expressão indígena, como no caso de Carmo do Cajuru, São Gonçalo do Pará, Dolores do Indaia e Santana do Jacaré. Os índios foram os primeiros residentes locais da região, mas no período da mineração do ouro, os interesses de grupos geraram conflitos que dizimaram grande parte dos grupos povoadores da região, em especial os índios e negros.

Um estudo sobre os quilombos das Minas Gerais setecentistas, em particular daqueles localizados na região denominada Campo Grande, foi realizado por Silva Filho (2011), que expõe

O estudo em questão trata do conjunto de quilombos que se estenderam por uma grande área, localizada, nesse período, na Comarca do Rio das Mortes, abrangendo as nascentes do Rio São Francisco e as duas margens do Rio Grande, local que hoje corresponde ao Triângulo Mineiro, Sul, Sudoeste e Centro-oeste de Minas Gerais, bem como áreas do nordeste do estado de São Paulo. (SILVA FILHO, 2011, p. 90).

Segundo o autor, Campo Grande era a denominação desta região que, na época, era um espaço distante das vilas de maior expressão, pouco povoada, apesar de possuir água em abundância e solo favorável à agricultura. Estas características também favoreceram o surgimento dos quilombos<sup>110</sup> nesta região.

Os quilombos localizavam-se nas áreas que, na atualidade, referem-se aos municípios de Ibiá, São Gotardo, Formiga, Cristais, Bambuí e Piumhi. Dentre elas, três fazem parte do grupo de cidades pertencentes ao recorte espacial definido para esta tese, que são: Formiga, Bambuí e Piumhi. Entende-se que estes quilombos influenciaram no processo de formação do espaço territorial destas cidades, bem como de toda a sociedade da RCOPm-BH, com maior ou menor intensidade no tempo e no espaço.

A mineração aurífera utilizou intensamente a mão de obra escrava do elemento negro, e muitos deles, descontentes com a ordem escravista, organizaram movimentos de quilombos<sup>111</sup>, como expressa Silva Filho (2011, p. 25),

---

<sup>110</sup> Nas Minas Gerais do século XVIII, os escravos libertos ou fugitivos - esses últimos principalmente - organizavam-se em quilombos, também conhecidos como terra de pretos ou mocambos, que ocupavam extensas áreas nas "capitanias das Minas Gerais, Goiás e São Paulo. (MARTINS, 1995, p. 175-176).

<sup>111</sup> Toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles. (MOURA, 1987, p. 11).

[...] no Brasil, foi a mais elaborada forma de resistência e organização da população escravizada contra a ordem escravista. Eles variavam de extensão, organização social, militar e econômica, porém todos tinham o mesmo objetivo: fugir da ordem escravista.

Os quilombos, segundo este autor (2011, p. 55), localizavam-se normalmente no interior da mata, em locais estratégicos e de terras férteis, próximos a cursos d'água e fortificados. Em Minas Gerais, o Rio Grande, nas duas margens, e também os seus afluentes, foram importantes espaços de localização destes. Mas, mesmo a segurança, que se julgava obter nestes espaços, não impedia sua dizimação.

Com a intensificação dos processos repressivos destes grupos, a partir de meados do século XVIII e início do XIX, muitos quilombos foram destruídos. Dentre eles, os do Campo Grande, onde localizava-se, de acordo com estudiosos, o mais conhecido quilombo de Minas Gerais na época, o do negro Ambrósio. Isto ocorreu com a organização de expedições comandadas por capitães de tropa, como Diogo Bueno e seu primo Bartolomeu Bueno do Prado, que organizavam intensos planejamentos com medidas administrativas e arrecadações, para que tudo fosse efetivado. A destruição dos quilombos tinha por motivação a precaução, para que na Capitania de Minas não se repetisse um segundo Quilombo dos Palmares<sup>112</sup>.

De acordo com Silva Filho (2011, p. 100), em 1743, os quilombos existentes na região de Piumhi e de Formiga também foram destruídos, porém, os quilombolas que conseguiram fugir atravessaram o Rio São Francisco, refugiando-se no Quilombo do Ambrósio<sup>113</sup>.

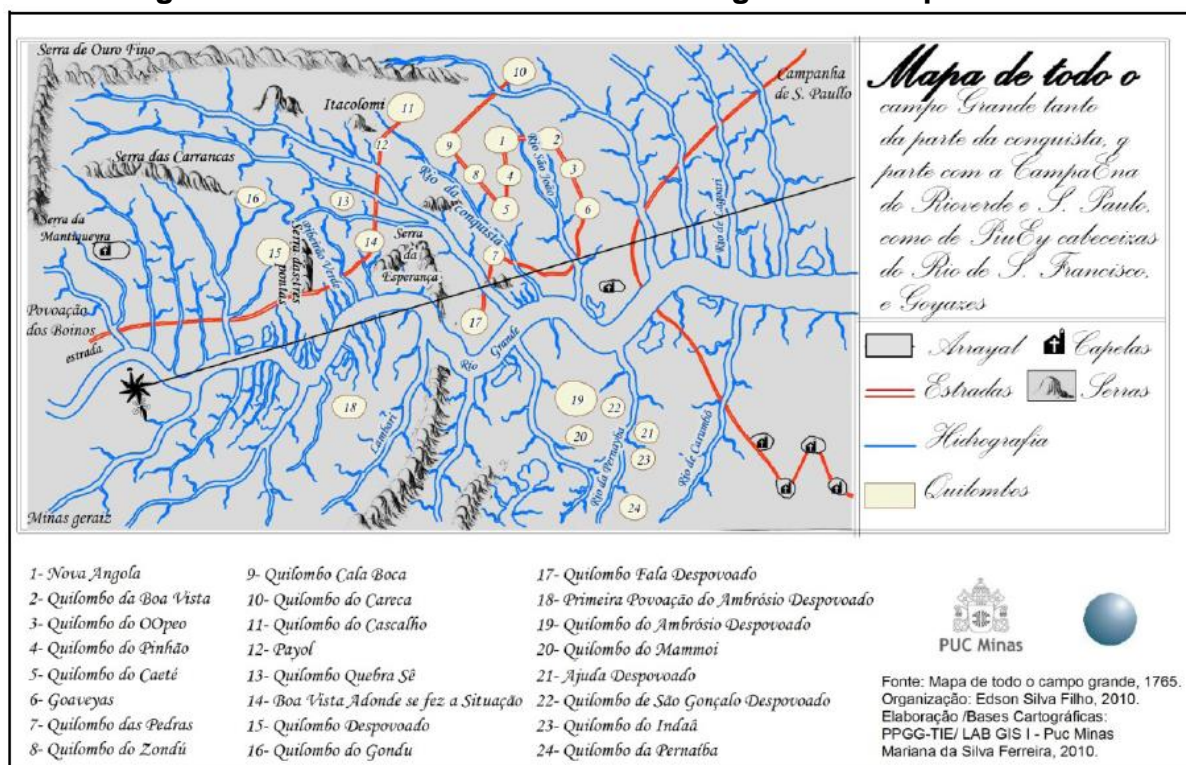
A Figura 17 foi adaptada por Silva Filho (2011, p. 105) e representa todos os quilombos alcançados e/ou destruídos pela expedição de 1759, comandada por Bartolomeu Bueno.

---

<sup>112</sup> Maior quilombo organizado no Brasil na segunda metade do século XVII. Localizado na Serra da Barriga, na época, a região pertencia à Capitania de Pernambuco, região hoje pertencente ao município de União dos Palmares, no estado de Alagoas.

<sup>113</sup> Quilombo do Ambrósio, também conhecido como Quilombo Grande, é assinalado no lugar conhecido por "Sertão da Farinha Podre, situado entre as Capitanias de Minas Gerais e Goiás" (MARTINS, 1995, p. 165), em um espaço que hoje corresponderia às regiões mineiras do médio São Francisco, Alto Paranaíba, Triângulo, Centro-Oeste e Sudoeste do estado.

Figura 17 - Quilombos localizados na região do Campo Grande



Fonte: SILVA FILHO, 2011, p. 105

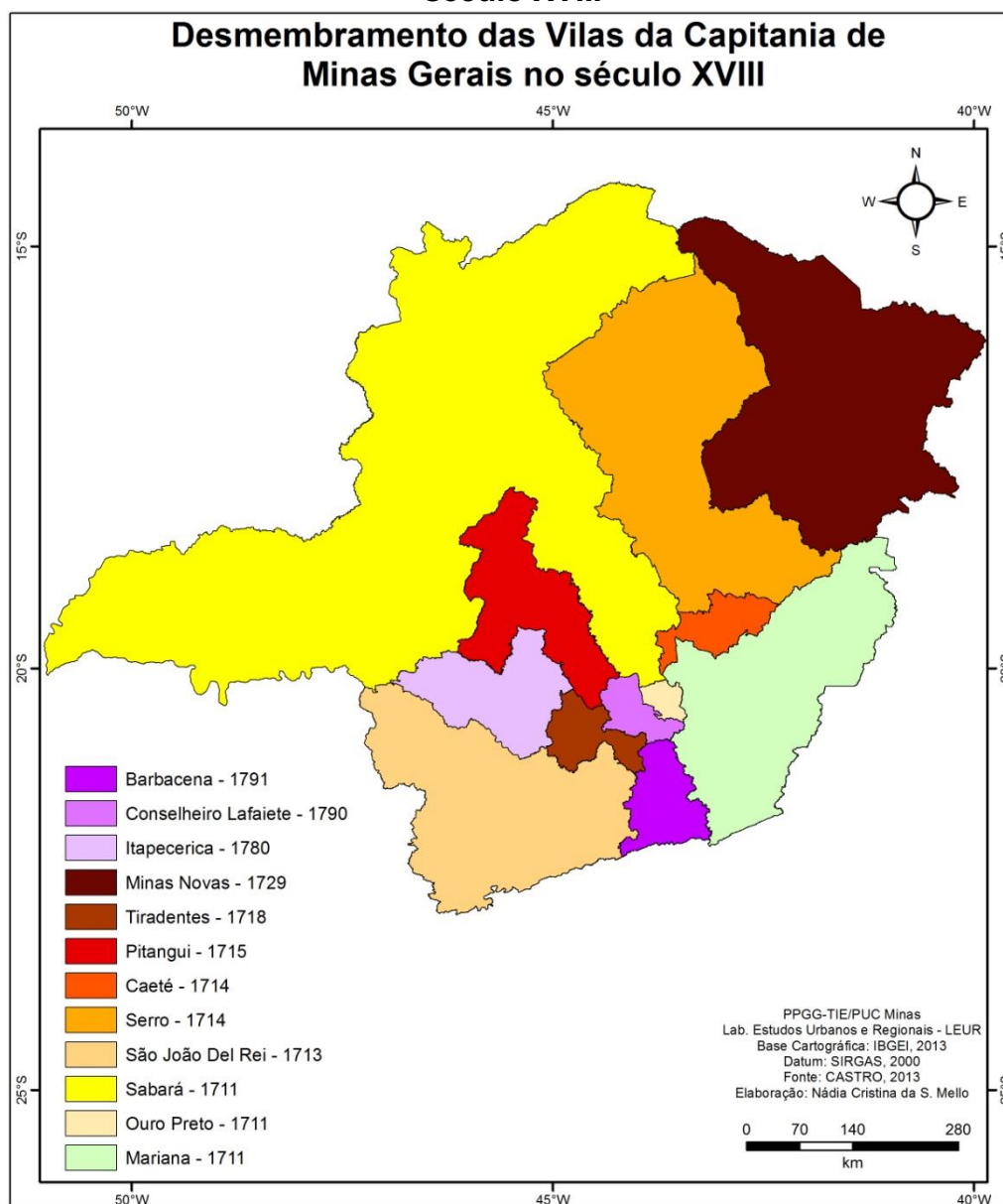
Para que as expedições de destruição dos quilombos pudessem se efetivar, o acesso a estas áreas teria que ser aberto; assim, estradas foram construídas para este fim e serviram, posteriormente, de referência para a implantação de vias de acesso importantes entre os municípios localizados nesta região. Neste sentido, diversos fatos históricos ocorridos em Minas Gerais nos séculos XVII e XVIII, como a mineração e a formação de quilombos, fazem parte da história de formação territorial da Região Oeste de Minas e, conseqüentemente, da RCOPm-BH, pois grande parte das cidades desta região formaram-se neste período ou, posteriormente, com o declínio desses processos. Isto pode ser confirmado pelo que expõe Corgozinho (2009, p. 20), nos seus estudos sobre Divinópolis, na região Centro-Oeste, ao descrever que,

[...] nos relatos sobre a origem das demais cidades dessa região, aparecem frequentemente alusões a pessoas que procuravam ali refúgio contra perseguições e local para desenvolvimento de atividades econômicas complementares ao declínio da exploração do ouro, como entrepostos comerciais, passagem ou paragem de tropeiros, etc.

Sendo assim, a origem dos municípios da RCOPm-BH é um importante fato que também os une pois, se analisadas as áreas municipais a partir do século XVIII,

nota-se que a maioria destes territórios teve origem nas capitânicas de Pitangui e Itapecerica. Neste período, a capitania de Minas Gerais era formada por 18 vilas, conforme mostra o trabalho de cartografia histórica de Castro (2013), representado na Figura 18. O autor reproduziu a divisão territorial do estado, aplicando técnicas cartométricas e de georreferenciamento nos mapas antigos da Capitania de Minas Gerais, que foram elaborados por José Joaquim da Rocha, em 1778 e 1793.

**Figura 18 - Desmembramento das vilas da Capitania de Minas Gerais, no século XVIII**



Fonte: CASTRO, 2013  
 Elaborada pela autora, (adptado)

O mapa mostra que, nesta época, Minas Gerais já tinha a configuração atual. De acordo com Silva Filho (2011, p. 55), o ano de 1711 foi importante no processo de urbanização da Capitania de Minas Gerais, com a inauguração da Vila Real de Nossa Senhora do Carmo - Mariana; Vila Rica de Albuquerque - Ouro Preto e a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição - Sabará. Estes locais foram bases para a instalação da burocracia administrativa e fiscal e também para o processo de mineração com a cobrança dos quintos do ouro, que era uma cobrança da coroa portuguesa sobre o ouro encontrado em suas colônias.

Com recursos de geoprocessamento, foi possível sobrepor os mapas da RCOPm-BH e o das vilas da capitania de Minas Gerais, no século XVIII. O resultado desta sobreposição de mapas mostra que, no geral, as cidades desta região tiveram sua origem em quatro vilas instaladas naquele período: Itapecerica, Pitangui, São João Del Rei e Tiradentes, conforme representa-se na Figura 19.

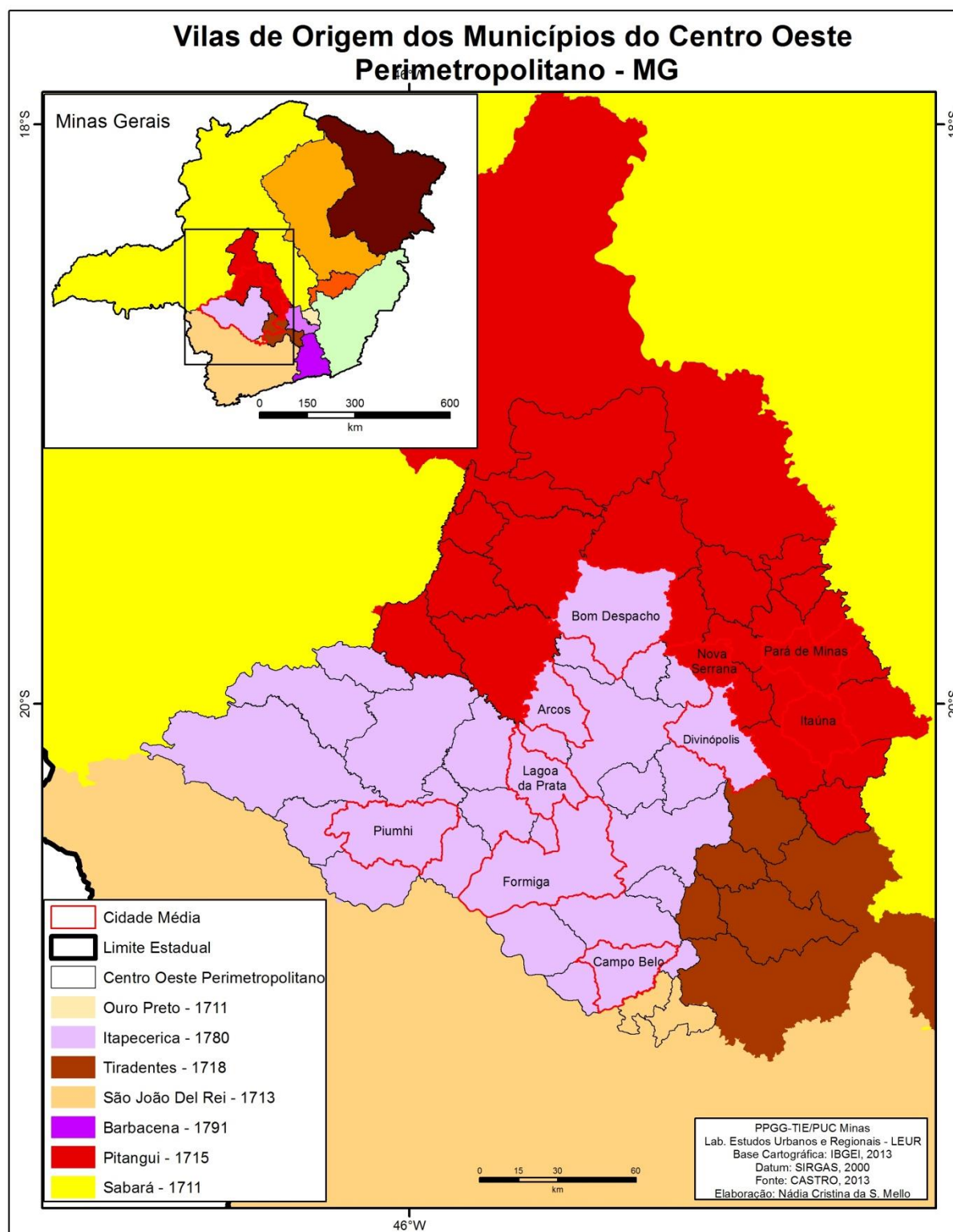
O mapa exhibe em destaque os municípios do COPm-BH, cujas cidades foram classificadas como médias por Amorim Filho (2006), e observa-se que a maioria destes municípios (Divinópolis, Formiga, Campo Belo, Arcos, Lagoa da Prata e Bom Despacho) foi desmembrada de Itapecerica. Já Nova Serrana, Pará de Minas e Itaúna, são originários de Pitangui.

Nem todos os municípios foram desmembrados diretamente das vilas de Itapecerica ou Pitangui; alguns foram emancipados de outros municípios, conforme observado na leitura do histórico de autonomia, de cada uma destes, descrito no site do IBGE.<sup>114</sup>

---

<sup>114</sup> IBGE, 2015

Figura 19 - Vilas de origem dos Municípios do Centro-Oeste Perimetropolitano

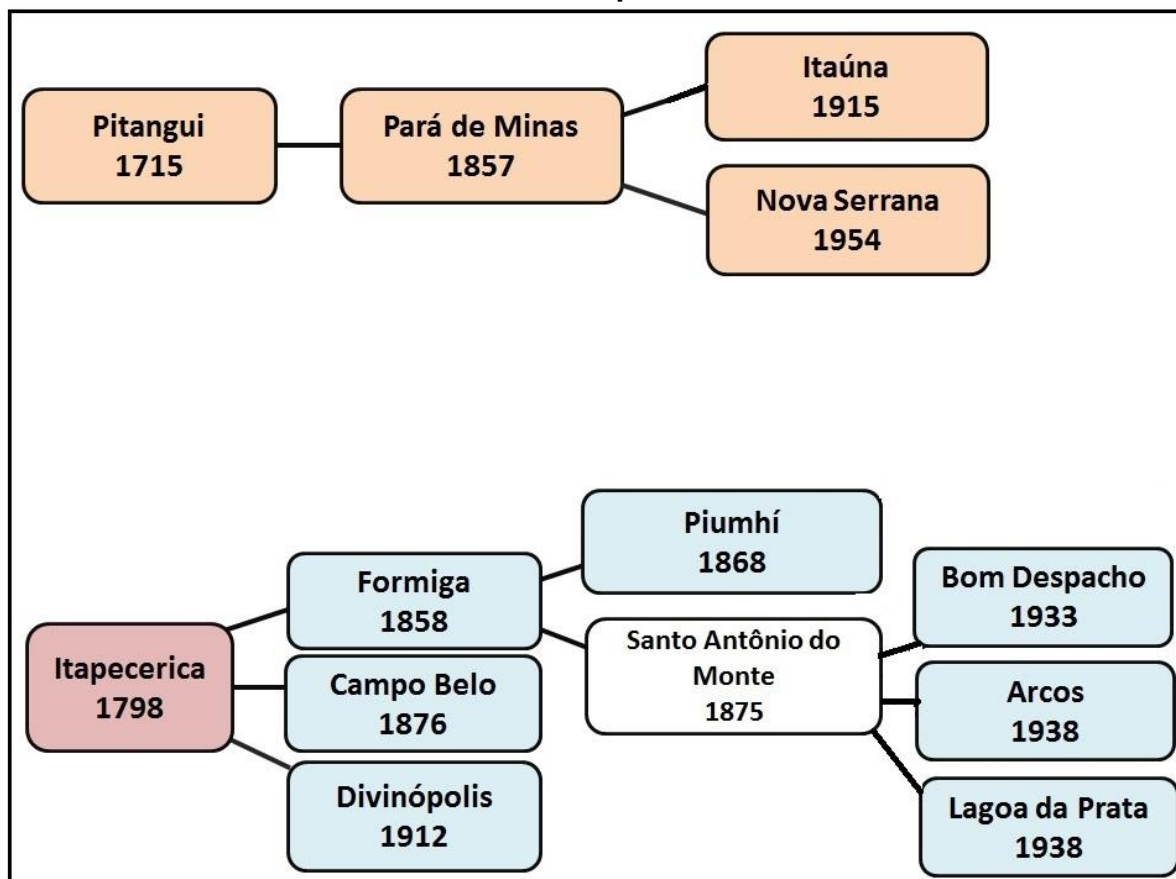


Fonte: CASTRO, 2013  
 Elaborada pela autora, (adaptado)

A partir destas informações, elaborou-se a Figura 20, que trata da formação administrativa de cada cidade média aqui analisada, considerando a origem de

formação do município ao apontar de quem se emancipou, ao ser decretada sua elevação à categoria de município.

**Figura 20 - Formação administrativa das cidades médias do Centro-Oeste Perimetropolitano**



Fonte: IBGE, 2014; CASTRO, 2013  
Elaborada pela autora

Na figura 20, Santo Antonio do Monte é representada em um retângulo em branco porque não faz parte do grupo da categoria de cidades no momento analisado, mas, no entanto, este município consta do fluxograma por terem sido desmembrados de seus territórios os municípios onde estão hoje as cidades médias de Bom Despacho, Arcos e Lagoa da Prata. Dentre as cidades analisadas, aquela cujo município foi emancipado mais recentemente é Nova Serrana (1954), desmembrando-se de Pará de Minas. Mas é interessante observar, também, que os que tiveram emancipação mais recente são justamente aqueles cujas cidades se posicionam em um nível hierárquico mais elevado. Nota-se que as mais antigas, Itapecerica e Pitangui, municípios dos quais se emanciparam quase todos os outros, ainda estão no nível das cidades pequenas. Sendo assim, poder-se-ia dizer que as

idades que têm menos tempo de emancipação político-administrativa coincidem com aquelas de maior potencial de evolução neste contexto geográfico.

Também é importante destacar a cidade de Santo Antônio do Monte que, dentro da hierarquia, não se classifica entre os centros maiores, mas que, historicamente, deu origem a municípios com cidades hoje classificadas em nível mais elevado: Lagoa da Prata, Bom Despacho e Arcos.

Ainda utilizando este exemplo, destaca-se que a data de criação de Santo Antônio do Monte (1875) é anterior à de Divinópolis (1912) e Itaúna (1915), e estas duas últimas cidades são consideradas, na atualidade, os dois maiores centros urbanos da região, mas observa-se, no entanto, que se tornaram independentes somente no início do século XX. Esta observação conduz ao entendimento de que os municípios da região que tiveram processo de emancipação mais recentes são, por coincidência, mais dinâmicos e apresentam-se com maior desenvolvimento.

A região Centro-Oeste Perimetropolitana também foi apontada por Conti (2009) como a mais equilibrada em termos de rede urbana; é a região que possui o maior número de cidades classificadas como médias, e sendo esta a temática central deste trabalho, tais cidades serão analisadas em uma seção à parte, conforme apresentado em seguida.

### **3.4 As cidades de porte médio e as cidades médias na Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte**

Conti (2009) dedicou o último capítulo de sua tese para um estudo de caso nesta região. Neste capítulo, as 61 cidades que compõem esta região foram submetidas a uma nova classificação e hierarquização, nesta mesma escala, para confirmar, ou não, aquela que havia sido realizada na escala da Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG.

Para Conti (2009, p. 533), essa visão mais regional e verticalizada permitiu um conhecimento mais detalhado deste espaço que, na sua visão, poderia ser tratado como um sistema. Nesta análise, as cidades com população inferior a 10.000 habitantes não foram excluídas pelo autor, o que ocorreu na classificação realizada na escala perimetropolitana.

O autor previu que, dentro desse sistema, havia um subsistema urbano específico, sendo este articulado e chefiado pela cidade de Divinópolis, que é uma

cidade média de nível superior e desempenha o papel de polo regional. Esta polarização de Divinópolis é justificada segundo o autor, dentre outras razões, pela sua posição geográfica, argumento este que será mais explorado no próximo capítulo, que tratará exclusivamente desta cidade.

A região Centro-Oeste Perimetropolitana, de acordo com Conti (2009, p. 537), é equilibrada, no que se refere à estrutura urbana, e consolidada em termos de hierarquia urbana, o que mais uma vez justifica a escolha desta escala de análise neste trabalho. Desta forma, esta seção tem por finalidade, mais uma vez, classificar, utilizando técnicas de hierarquização, as 61 cidades desta região, utilizando-se dados do ano de 2010. O foco principal desta classificação é apontar quais seriam as cidades médias da região ou aquelas com potencial para atingir este nível hierárquico, e ao mesmo tempo comparar com a classificação obtida por Conti (2009), que utilizou para este mesmo fim, dados do ano de 2006 e algumas variáveis distintas daquelas que serão aqui utilizadas.

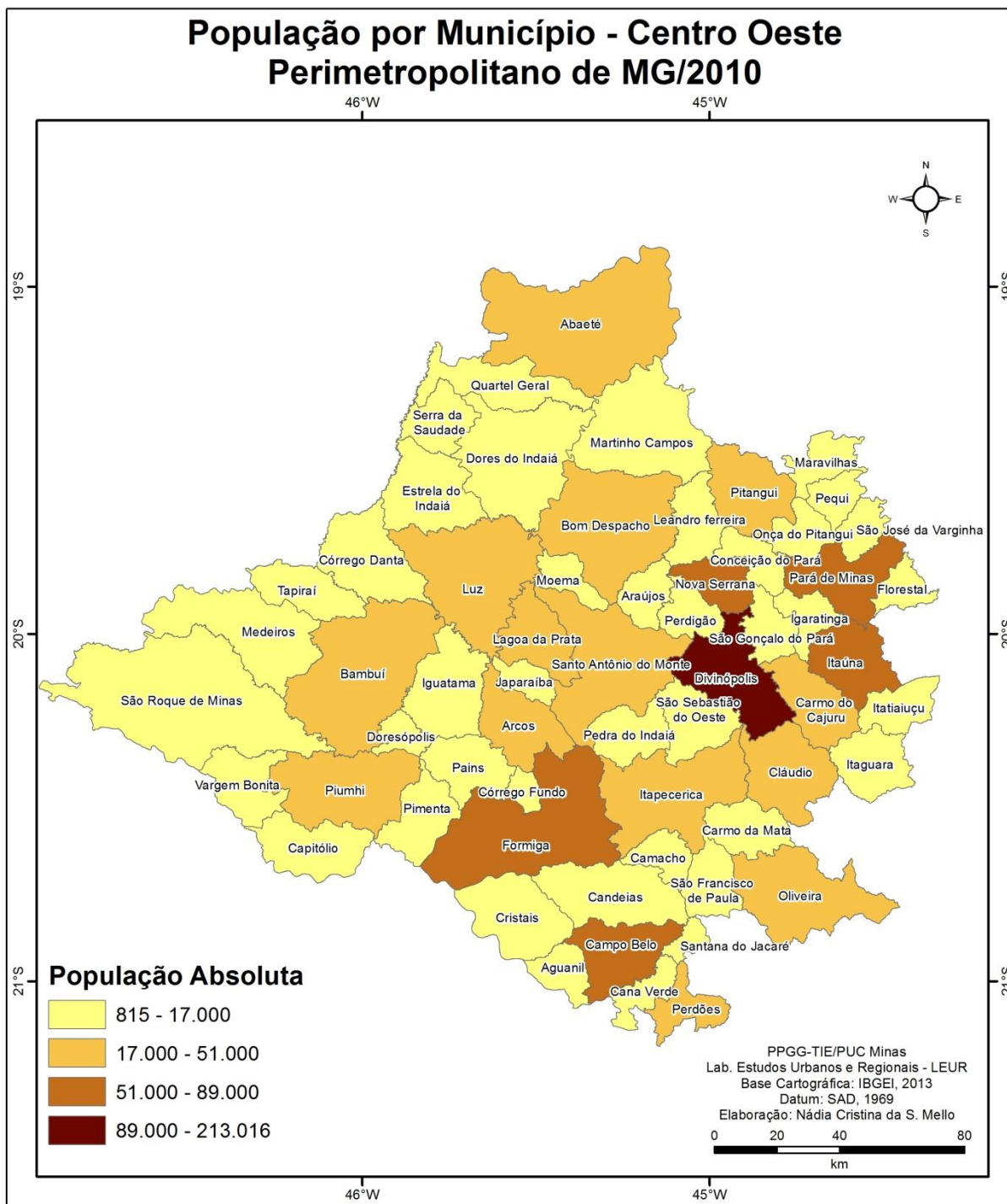
Para caracterizar e classificar as cidades médias, é consenso que o critério demográfico por si só não é suficiente, mas, ao mesmo tempo, é consensual entre diversos autores que esta variável pode ser uma primeira aproximação entre os critérios para classificação destas cidades.

Sposito (2006) salienta que, apesar de entender que não se deve conceituar uma cidade como média considerando apenas o critério demográfico, na escala do Brasil há um relativo consenso em considerar as “cidades de porte médio” como aquelas que apresentam o limiar inferior de 50 mil e o superior de 500 mil habitantes. E reforça uma visão, que também é consenso entre outros autores já citados no capítulo I, de que as cidades médias são aquelas que desempenham papel de intermediação em suas redes urbanas. Desta maneira, o critério demográfico não traduz a dinâmica e a natureza do conjunto desta categoria de cidades. Nesta abordagem, a Figura 21 apresenta a distribuição da população total dos municípios do Centro-Oeste Perimetropolitano<sup>115</sup>, classificando-os em quatro grupos.

---

<sup>115</sup> Mesmo sabendo que as cidades são, legalmente, as sedes municipais, foi utilizado o quantitativo total da população municipal. Isto por não se encontrar disponível nos bancos de dados estatísticos dos órgãos oficiais, dados relativos à população da sede do município.

**Figura 21 - Distribuição da população nos municípios da Região Centro-Oeste Perimetropolitana-BH**



Fonte: IBGE, 2010  
Elaborada pela autora

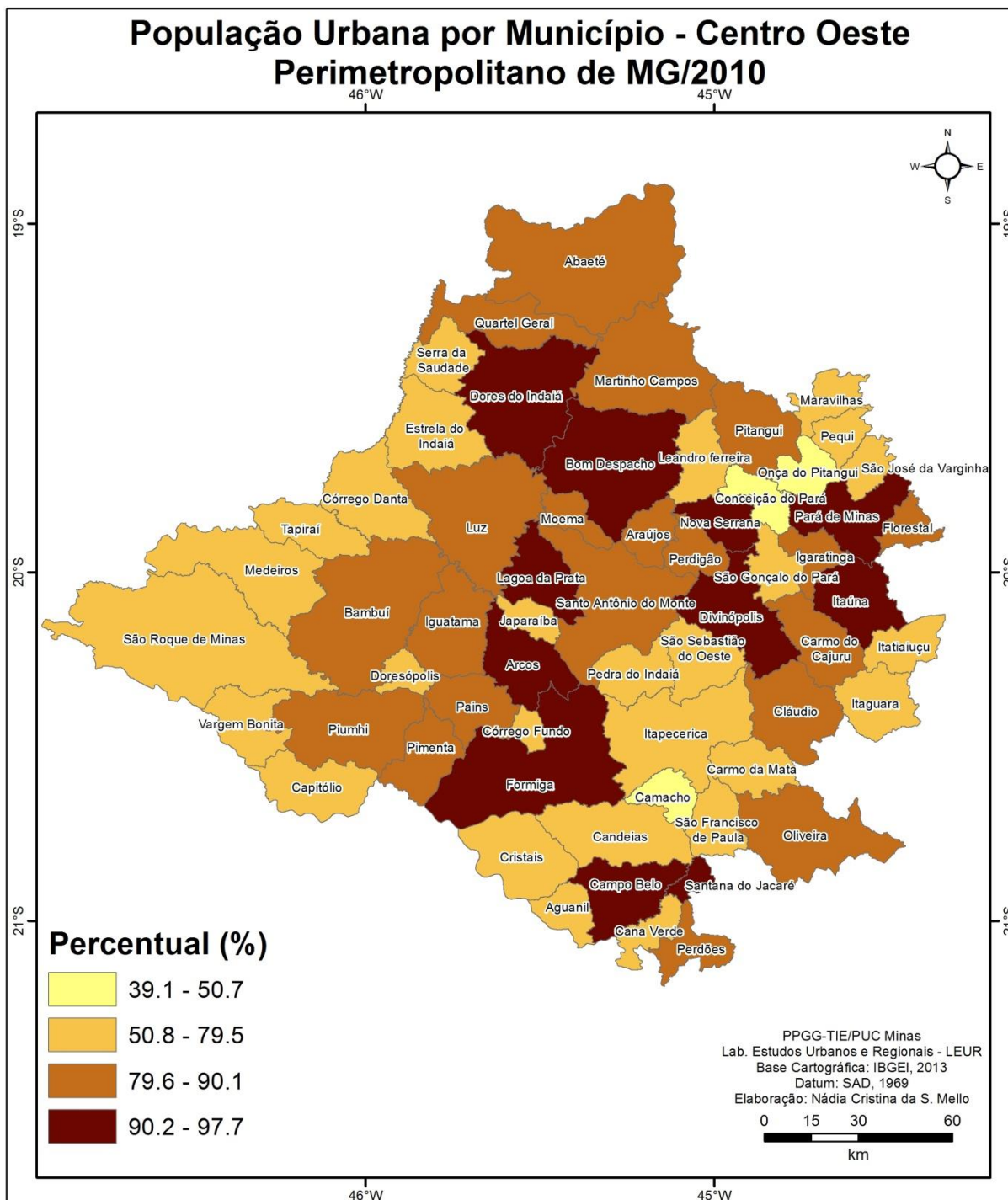
Considerando os limiares demográficos para a classificação das cidades de porte médio, propostos por Sposito (2006), agrupam-se nesta categoria as seguintes cidades da RCOPm-BH: Divinópolis, com 213.016 habitantes; Itaúna, com 85.463 habitantes; Pará de Minas, com 84.215 habitantes; Nova Serrana, com 73.699

habitantes; Formiga, com 65.128 habitantes e Campo Belo, com 51.544 habitantes. Neste grupo, Divinópolis apresenta-se isolada, pois é a única cidade da região com população total superior a 200.000 habitantes, mas ainda um pouco distante do limiar superior das cidades de porte médio.

As cidades que se encontram no segundo e terceiro grupos têm população inferior a 50.000 habitantes, e, portanto, no critério utilizado, não se classificariam como cidades de porte médio. Dentre estas cidades, destacam-se Lagoa da Prata, com 45.984 habitantes e Bom Despacho, com 45.624 habitantes, sendo as que estão mais próximas de se atingir este nível hierárquico urbano.

Na análise anterior considerou-se a população total, e não somente a população urbana, tendo em vista que a realidade do Brasil e da maior parte dos países do mundo é de um intenso processo de urbanização. Na RCOPm-BH, a realidade não é diferente. A Figura 22 mostra que a maioria dos municípios desta região segue esta tendência mundial pois, dos 61 municípios que a compõem, apenas três apresentam baixo percentual de população urbana: Conceição do Pará (39,1%), Camacho (46,2%) e Onça do Pitangui (49,7%), sendo todos classificados como pequenas cidades, com atividade econômica baseada na agricultura.

**Figura 22 - Distribuição da população urbana nos municípios da Região Centro-Oeste Perimetropolitana-BH**



Fonte: IBGE, 2010  
Elaborada pela autora

Ainda analisando a Figura 22, observa-se que dentre os municípios do COPm-BH, onze têm porcentagem de população urbana superior a 90%. São eles: Lagoa da Prata (97,7%), Divinópolis (97,4%), Santana do Jacaré (96,1%), Nova Serrana

(94,6), Pará de Minas (94,5), Campo Belo (94,3), Bom Despacho (94,2), Itaúna (94,1), Arcos (92,8), Dolores do Indaiá (91,6) e Formiga (91,3).

Estes números mostram o nível de urbanização oficial da região e que este não se restringe às grandes cidades, pois isto pode ser observado até mesmo nas cidades de menor população total, as quais possuem elevado percentual de população urbana, como no caso de Santana do Jacaré, com 4.607 habitantes (96,1%) e Dolores do Indaiá, com 13.778 habitantes (91,5%). Observa-se, portanto, que, se o percentual de população urbana fosse considerado como critério de hierarquização urbana, estas duas cidades estariam classificadas nas hierarquias superiores, tendo em vista seu alto grau de concentração de população na área urbana. Dessa forma, considerando-se, portanto, apenas a variável demográfica população municipal total, procura-se, de forma exploratória e inicial, apontar quais seriam as cidades que podem ser classificadas como cidades de porte médio na região Centro-Oeste Perimetropolitana (Quadro 17).

**Quadro 17 - Cidades de porte médio no Centro-Oeste Perimetropolitano, de acordo com critério demográfico**

(continua)

Nº	Município	População municipal total
1	Divinópolis	213.016
2	Itaúna	85.463
3	Pará de Minas	84.215
4	Nova Serrana	73.699
5	Formiga	65.128
6	Campo Belo	51.544
7	Lagoa da Prata	45.984
8	Bom Despacho	45.624
9	Oliveira	39.466
10	Arcos	36.597
11	Piumhi	31.883
12	Santo Antônio do Monte	25.975
13	Cláudio	25.771
14	Pitangui	25.311
15	BambuÍ	22.734
16	Abaeté	22.690
17	Itapeçerica	21.377
18	Perdões	20.087
19	Carmo do Cajuru	20.012
20	Luz	17.486
21	Candeias	14.595
22	Dolores do Indaiá	13.778
23	Martinho Campos	12.611
24	Itaguara	12.372
25	Cristais	11.286
26	Carmo da Mata	10.927

(conclusão)

Nº	Município	População municipal total
27	São Gonçalo do Pará	10.398
28	Itatiaiuçu	9.928
29	Igaratinga	9.264
30	Perdigão	8.912
31	Pimenta	8.236
32	Capitólio	8.183
33	Iguatama	8.029
34	Pains	8.014
35	Araújos	7.883
36	Maravilhas	7.163
37	Moema	7.028
38	São Roque de Minas	6.686
39	Florestal	6.600
40	São Francisco de Paula	6.483
41	São Sebastião do Oeste	5.805
42	Córrego Fundo	5.790
43	Cana Verde	5.589
44	Conceição do Pará	5.158
45	Santana do Jacaré	4.607
46	São José da Varginha	4.198
47	Pequi	4.076
48	Aguanil	4.054
49	Japaraíba	3.939
50	Pedra do Indaiá	3.875
51	Estrela do Indaiá	3.516
52	Medeiros	3.444
53	Córrego Danta	3.391
54	Quartel Geral	3.303
55	Leandro Ferreira	3.205
56	Camacho	3.154
57	Onça do Pitangui	3.055
58	Vargem Bonita	2.163
59	Tapiraí	1.873
60	Doresópolis	1.440
61	Serra da Saudade	815

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010  
Elaborado pela autora

O quadro supracitado apontou, de forma preliminar, seis cidades de porte médio na RCOPm-BH, considerando o limiar inferior de 50 mil habitantes: Divinópolis, Itaúna, Pará de Minas, Nova Serrana, Formiga e Campo Belo. Mas, como é consenso que o critério demográfico não é suficiente para caracterizar as cidades médias, foram aplicadas a todas as 61 cidades do COPm-BH algumas técnicas de hierarquização e de agrupamento, buscando-se aprofundar esta classificação regional.

Entende-se, conforme observou George (1972), que as técnicas quantitativas por si só não são suficientes para uma análise geográfica, os fenômenos espaciais

devem ser observados e analisados não somente na tela de um computador. Mas a análise quantitativa pode reforçar certos pontos e ao mesmo tempo abrir algumas dúvidas e certas hipóteses que devem ser confirmadas ou não a partir de trabalhos de campo. Sendo assim, para a classificação que se sugere foram utilizadas 58 variáveis, sendo 10 Demográficas<sup>116</sup>, 18 econômicas<sup>117</sup>, 23 infraestruturais<sup>118</sup> e 6 variáveis gerais<sup>119</sup>, que estão descritas e identificadas no Anexo I<sup>120</sup>. Dentre estas variáveis, cabe destacar a taxa de crimes violentos, que segundo Diniz e Ribeiro (2005, p. 79)<sup>121</sup>, está deixando de ser privilégio dos grandes centros urbanos e passa agora a afligir as cidades médias, e pode-se dizer que também as pequenas.

---

<sup>116</sup> População total, taxa bruta de natalidade, taxa bruta de mortalidade, percentual de população urbana, densidade demográfica, percentual de população residente na área rural, taxa de fecundidade total, esperança de vida ao nascer, taxa de analfabetismo, de 11 a 14 anos e de 15 anos ou mais.

<sup>117</sup> Renda Per Capita, taxa de emprego no setor formal, rendimento médio no setor formal, razão de dependência, percentual de pobres, percentual de vulneráveis à pobreza, VAF da agropecuária, da indústria, da administração, e dos serviços, PIB, PEA, razão 10% mais ricos/40% mais pobres, renda per capita, percentual de renda apropriada pelos 10% mais ricos, pelos 80% mais pobres, percentual de trabalhadores por conta própria de 18 anos ou mais, percentual de empregados de 18 anos ou mais.

<sup>118</sup> Proporção de população coberta por planos de saúde, taxa bruta de frequência ao ensino superior, taxa de crimes violentos, habitantes por policial civil ou militar, mortalidade de até um ano de idade, percentual de pessoas de 18 a 24 anos que estão frequentando o ensino superior, número de habitantes por médicos ocupantes, percentual de domicílios com energia elétrica, percentual de domicílios com água encanada, com coleta de lixo, expectativa de anos de estudo, taxa de frequência bruta ao ensino superior, percentual de 25 anos ou mais com superior completo, percentual dos ocupados de 18 anos ou mais no setor agropecuário, comércio, serviços, SIUP (serviços industriais e de utilidade pública), construção civil, indústria de transformação, extrativismo mineral, grau de formalização dos ocupados de 18 anos ou mais, taxa de atividade e eixos rodviários asfaltados.

<sup>119</sup> IDH-M, IDHM- Renda, IDHM- Longevidade, IDHM- Educação, Índice de Gini, Índice L de Theil, Pessoas por automóvel.

<sup>120</sup> Entendendo, dentre outros conceitos, que a cidade média é um espaço de equilíbrio, a urbe ideal, conforme cita Diniz e Ribeiro (2005, p. 79), diversas variáveis poderiam ter sido utilizadas, mas estas 58 foram selecionadas tendo em vista a disponibilidade dos dados relativos ao período analisado. Entende-se ainda que a combinação destas variáveis pode indicar, em partes, o nível hierárquico de cada cidade na região analisada. Considera-se ainda que estas variáveis são incompletas para o que se propõe, tendo em vista que o estudo realizado é relativo à cidade e não ao município, conforme estes dados são apresentados nas suas fontes.

<sup>121</sup> Estudo realizado por estes autores sobre a violência urbana nas cidades médias mineiras, apontam em seus resultados de análise revelações de que a hierarquia urbana guarda relação direta com a incidência de crimes violentos no Estado de Minas Gerais, ao mesmo tempo em que aponta que os municípios nos quais se encontram as cidades médias do Estado exibem taxas alarmantes de criminalidade violenta. (Diniz e Ribeiro, 2005, p. 90). Ainda segundo estes autores, os Grandes Centros Regionais, bem como a Região Metropolitana de Belo Horizonte apresentam as mais altas taxas de criminalidade do Estado, seguidas de perto pelas Cidades Médias de Nível Superior. Também digno de nota é o fato das Cidades Médias Propriamente Ditas e os Centros Emergentes superarem a média geral de Minas Gerais (134.37), configurando-se como o quarto grupo de cidades em taxas de crimes violentos. Essas diferenças são confirmadas pelo teste estatístico "Análise de Variância" e rompem de vez com o mito de que as cidades médias mineiras são ilhas de segurança.

Desta forma, as variáveis selecionadas foram submetidas à técnica da Análise de Componentes Principais (ACP)<sup>122</sup>, a fim de agrupar as cidades analisadas em hierarquias. Os dados coletados para esta análise referem-se, exclusivamente, ao ano de 2010<sup>123</sup> e foram coletados em diferentes fontes.

Após a coleta dos dados, estes foram organizados em uma matriz, e a técnica da ACP foi aplicada no software NinnaACP, em que, selecionado o primeiro componente principal, permitiu-se identificar 14 variáveis, sendo 3 demográficas, 8 econômicas, 1 estrutural e 2 gerais <sup>124</sup>. A partir dos escores do primeiro componente principal, aplicou-se a técnica dos quartis, classificando estas cidades em quatro grupos, conforme mostra o Quadro 18:

**Quadro 18 - Hierarquia das cidades do Centro-Oeste Perimetropolitano: técnica da ACP**

(continua)

Nº	Cidade	Escores	Tipologia	Quartis
1	Divinópolis	3,658716	Cidade Média	1
2	Itaúna	2,309257	Cidade Média	0,754859
3	Pará de Minas	1,776404	Cidade Média	0,658061
4	Formiga	1,558466	Cidade Média	0,618471
5	Bom Despacho	1,416999	Cidade Média	0,592772
6	Piumhi	1,241903	Cidade Média	0,560964
7	Arcos	1,198184	Cidade Média	0,553022
8	Nova Serrana	1,147749	Cidade Média	0,54386
9	Lagoa da Prata	1,074344	Cidade Média	0,530526
10	Campo Belo	0,949276	Cidade Média	0,507806
11	BambuÍ	0,836325	Centro emergente	0,487287
12	Luz	0,79473	Centro emergente	0,479731
13	Perdões	0,785439	Centro emergente	0,478044
14	Santo Antônio do Monte	0,702149	Centro emergente	0,462913
15	Pitangui	0,593705	Centro emergente	0,443213
16	Oliveira	0,538388	Centro emergente	0,433164
17	Florestal	0,507557	Centro emergente	0,427564

<sup>122</sup> A Análise de Componentes Principais (ACP) é uma técnica utilizada para a análise de agrupamentos. De acordo com Alencar e Barroso (2012, p. 2), a ACP é uma técnica estatístico-matemática que se objetiva a reduzir um conjunto de dados, criando componentes chamados de principais. Rogerson (2001) salienta que os geógrafos frequentemente utilizam variáveis de censo em suas análises, e o conjunto dessas variáveis pode facilmente conter um subconjunto composto de outras variáveis que significam, essencialmente, o mesmo fenômeno. (ROGERSON apud ALENCAR E BARROSO, 2012, p. 2).

<sup>123</sup> Este período foi selecionado por ser o último ano de realização do censo demográfico realizado pelo IBGE.

<sup>124</sup> A primeira componente principal selecionou 14 variáveis que foram: Renda per capita, renda per capita mínima do décimo mais rico, IDH-M, população total, PEA - 10 anos ou mais, Valor Adicionado (VA) da administração pública a preços correntes (R\$ mil), PIB\_total, Valor Adicionado (VA) dos serviços a preços correntes (R\$ mil), Renda per capita máxima do 1º quinto mais pobre, % de 25 anos ou mais com superior completo, IDH-M-Educação, Percentual de população urbana, Valor Adicionado (VA) da indústria a preços correntes (R\$ mil), Densidade populacional.

(conclusão)

Nº	Cidade	Escores	Tipologia	Quartis
18	Cláudio	0,477962	Centro emergente	0,422187
19	Carmo do Cajuru	0,357874	Centro emergente	0,400372
20	Abaeté	0,324454	Centro emergente	0,394301
21	Pains	0,323184	Centro emergente	0,394071
22	Perdigão	0,318047	Centro emergente	0,393138
23	Capitólio	0,303006	Centro emergente	0,390405
24	Moema	0,27659	Centro emergente	0,385607
25	Iguatama	0,234188	Centro emergente	0,377904
26	Dores do Indaiá	0,195435	Centro emergente	0,370864
27	Itapecerica	0,015049	Centro emergente	0,338095
28	Itaguara	0,009808	Centro emergente	0,337143
29	Cristais	-0,04333	Centro emergente	0,32749
30	Araújos	-0,06225	Centro emergente	0,324054
31	Pimenta	-0,13479	Centro emergente	0,310876
32	Carmo da Mata	-0,22902	Centro emergente	0,293758
33	Martinho Campos	-0,23557	Centro emergente	0,292569
34	Itatiaiuçu	-0,24948	Centro emergente	0,290041
35	São Gonçalo do Pará	-0,27528	Centro emergente	0,285355
36	Medeiros	-0,31207	Centro emergente	0,278671
37	Conceição do Pará	-0,3336	Centro emergente	0,274761
38	Japaraíba	-0,3994	Centro emergente	0,262808
39	Igaratinga	-0,45605	Centro emergente	0,252517
40	Pedra do Indaiá	-0,45883	Centro emergente	0,252012
41	Candeias	-0,50322	Cidade Pequena	0,243947
42	Leandro Ferreira	-0,5228	Cidade Pequena	0,240391
43	São José da Varginha	-0,66134	Cidade Pequena	0,215223
44	Córrego Fundo	-0,68408	Cidade Pequena	0,211093
45	São Roque de Minas	-0,69103	Cidade Pequena	0,209829
46	Maravilhas	-0,76057	Cidade Pequena	0,197197
47	Córrego Danta	-0,79644	Cidade Pequena	0,190681
48	São Sebastião do Oeste	-0,87612	Cidade Pequena	0,176207
49	Doresópolis	-0,88215	Cidade Pequena	0,175111
50	Estrela do Indaiá	-0,89753	Cidade Pequena	0,172317
51	Quartel Geral	-0,90027	Cidade Pequena	0,17182
52	Vargem Bonita	-0,97147	Cidade Pequena	0,158885
53	Pequi	-0,98002	Cidade Pequena	0,157332
54	Aguanil	-1,01441	Cidade Pequena	0,151084
55	Cana Verde	-1,0451	Cidade Pequena	0,14551
56	Serra da Saudade	-1,05315	Cidade Pequena	0,144047
57	São Francisco de Paula	-1,14556	Cidade Pequena	0,12726
48	Santana do Jacaré	-1,23845	Cidade Pequena	0,110385
59	Tapiraí	-1,57649	Cidade Pequena	0,048979
60	Camacho	-1,68924	Cidade Pequena	0,028496
61	Onça do Pitangui	-1,8461	Cidade Pequena	0

Fonte: IBGE, 2010; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2010  
Elaborado pela autora

As cidades do primeiro e segundo grupos foram classificadas como cidades médias; as do terceiro grupo, como centros emergentes e as do quarto grupo como cidades pequenas.

Os escores da ACP, mais uma vez, mostraram a posição superior de Divinópolis, exercendo primazia, conforme mostra Conti (2009), ou como um grande centro regional, de acordo com a classificação de Amorim Filho (2006). No mesmo grupo de Divinópolis aparece Itaúna, que pode ser considerada uma cidade em ascensão para um nível hierárquico superior, ao que se apresenta nas classificações de Amorim Filho (2006) e Conti (2009), onde esta cidade foi agrupada entre as cidades médias propriamente ditas.

O segundo grupo de cidades é composto por Pará de Minas, Formiga, Bom Despacho, Piumhi, Arcos, Nova Serrana, Lagoa da Prata e Campo Belo. Estas cidades formam, portanto, o grupo das cidades médias do Centro-Oeste Perimetropolitano, classificadas pela técnica da ACP. Comparando este grupo das cidades médias com o das cidades de porte médio, observa-se que, de seis aumenta-se para dez o número de cidades. As quatro cidades acrescentadas são: Bom Despacho, Piumhi, Arcos e Lagoa da Prata, e isto confirma que o critério demográfico, por si só, não é suficiente para categorizar estas cidades.

Para confirmar ou refutar uma classificação ou hierarquia identificada, técnicas estatísticas de agrupamento também podem ser úteis para isso. Desta forma, utilizou-se a mesma matriz de dados já explorada na técnica da ACP, e agora no software *NinnaCluster* e aplicou-se a técnica do *K-Médias*<sup>125</sup>. O software transfere ao usuário autonomia para a definição dos agrupamentos. Sendo assim, optou-se por reunir as cidades em 4 grupos, seguindo um padrão dos agrupamentos já realizados, ainda que a técnicas não tenham o mesmo objetivo de classificar, como foi realizado com a técnica da ACP. Aplicando-se, portanto, a técnica do K-Médias, os *clusters* orientaram quais eram as cidades mais parecidas por características de similaridade. O resultado desta aplicação é apresentado no Quadro 19.

---

<sup>125</sup> O método K-Médias, que é uma técnica de partição que procura alocar os elementos dos dados em K grupos previamente definidos.

**Quadro 19 - RCOPm-BH: agrupamento das cidades pela técnica K-Médias**

Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Cluster 4
1. Itatiaiuçu 2. Arcos 3. Campo Belo 4. Piumhi 5. Bom Despacho 6. Formiga 7. Lagoa da Prata 8. Nova Serrana	1. Aguanil 2. Camacho 3. Córrego Danta 4. Doresópolis 5. Estrela do Indaiá 6. Japaraíba 7. Leandro Ferreira 8. Medeiros 9. Onça do Pitangui 10. Pedra do Indaiá 11. Quartel Geral 12. Serra da Saudade 13. Tapiraí 14. Vargem Bonita 15. Araújos 16. Florestal 17. Moema 18. Pequi 19. Santana do Jacaré 20. São José da Varginha 21. Cana Verde 22. Igaratinga 23. Maravilhas 24. Perdígão 25. São Francisco de Paula 26. Capitólio 27. Córrego Fundo 28. Pimenta 29. São Roque de Minas 30. Carmo da Mata 31. Cristais 32. Itaguara 33. São Gonçalo do Pará 34. Dores do Indaiá 35. Candeias	1. Conceição do Pará 2. Martinho Campos 3. Pains 4. São Sebastião do Oeste 5. Carmo do Cajuru 6. Itapeçerica 7. Iguatama 8. Abaeté 9. Luz 10. Pitangui 11. Bambuí 12. Perdões 13. Cláudio 14. Santo Antônio do Monte 15. Oliveira	1. Divinópolis 2. Itaúna 3. Pará de Minas

Fonte: IBGE, 2010. Elaborado pela autora

A ordem dos *clusters* (1, 2, 3, 4) foi considerada de acordo com o que estava configurado no software. Portanto, não há, em ordem crescente, um processo de hierarquização, mas um simples agrupamento. Mesmo assim, é possível analisá-los de acordo com o que já se tem de referência em relação à classificação destas cidades.

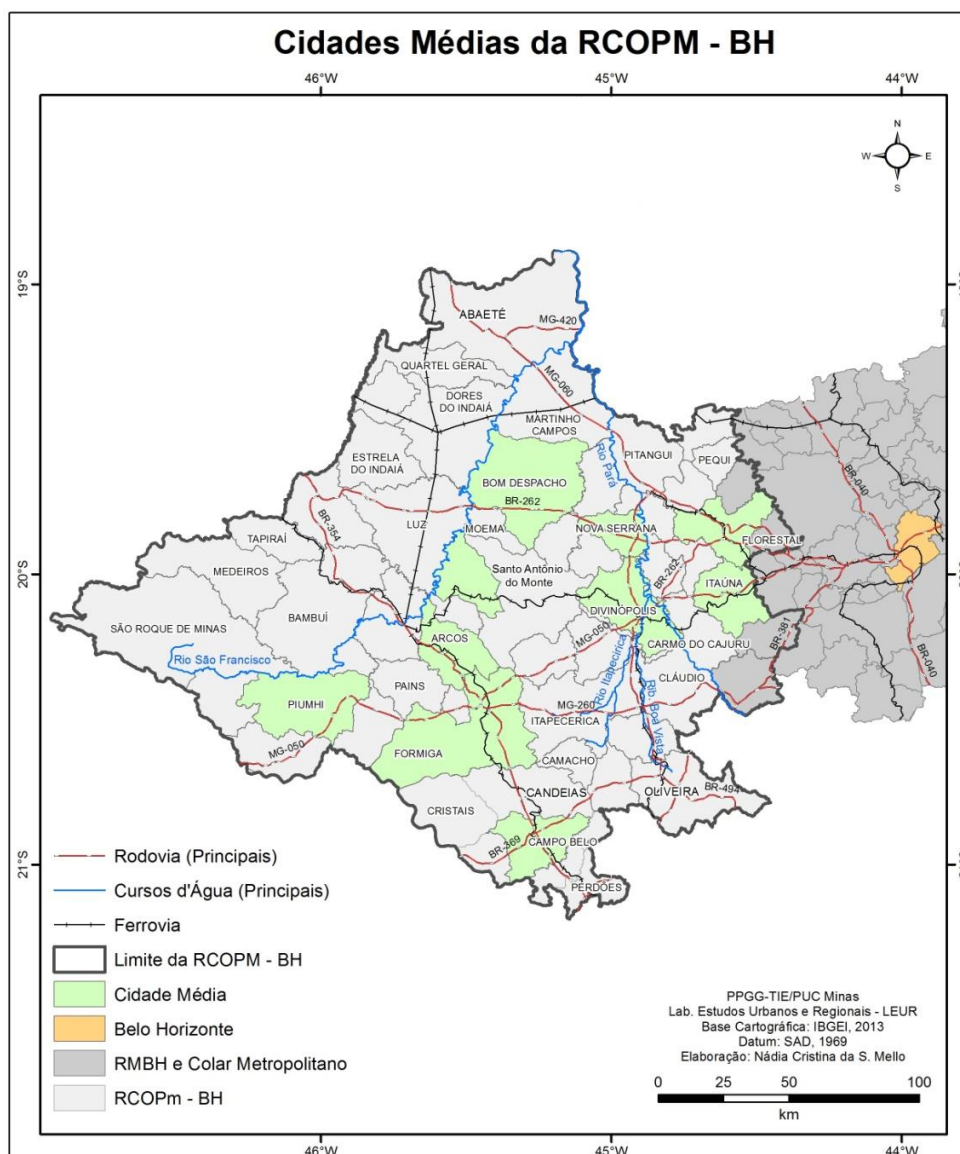
Observa-se que no *cluster* 4 estão Divinópolis, Itaúna e Pará de Minas, mostrando que a distância entre elas é mínima, ou seja, são mais parecidas; estas três cidades constam entre aquelas que estão numa hierarquia urbana superior.

No *cluster* 1, com exceção de Itatiaiuçu, estão as demais que já foram classificadas como cidades médias: Arcos, Campo Belo, Piumhi, Bom Despacho, Formiga, Lagoa da Prata e Nova Serrana. Desta forma, os *clusters* 1 e 4 respaldam que estas cidades podem ser classificadas como médias.

Nos demais *clusters* (3 e 4) estão as outras cidades da RCOPm-BH, mas estas não serão analisadas neste momento, tendo em vista que o objetivo principal deste trabalho são as cidades médias. Mas, em um breve diagnóstico, pode-se inferir que as cidades distribuídas no *cluster 2* teriam hierarquia semelhante às daquelas do grupo 4 da ACP, e as do *cluster 3* acompanham a hierarquia do grupo 3 da ACP.

Entende-se, portanto, já ser possível, de forma exploratória, apontar quais são as cidades com potencial para se classificarem como médias na RCOPm-BH. São elas: Divinópolis, Itaúna, Pará de Minas, Arcos, Formiga, Campo Belo, Piumhi, Bom Despacho, Lagoa da Prata e Nova Serrana (FIG. 23).

**Figura 23 – Municípios com as dez principais cidades médias da RCOPm-BH, conforme a técnica da ACP**



Fonte: CONTI, 2009, p. 542. Adaptado.

É claro que estas cidades médias pertencem a níveis hierárquicos diferentes dentro desta categoria. A partir da nossa classificação, é possível inferir que algumas cidades categorizadas como centros emergentes por Amorim Filho (2007) já estejam com potencial para se classificarem como cidades médias ou até mesmo cidades médias propriamente ditas (Amorim Filho, 2007). Mesmo que sua população municipal não atinja o limiar inferior de classificação das cidades de porte médio, segundo Sposito (2006), que é de 50 mil habitantes. Este é o caso de Lagoa da Prata (45.984), Bom Despacho (45.624 hab.) e Piumhi (31.883 hab.), esta última é a que possui a menor população, mas, no entanto, alguns atributos dentro da componente principal analisada a colocaram dentre as dez cidades maiores. Sobre esta cidade, um trabalho mais estrito e pontual *in loco* merece ser realizado para comprovar sua elevação de nível, o que pode ser objeto de trabalhos futuros. Desta forma, optou-se a partir daqui por analisá-las em conjunto, conjunto este que passa a denominar-se cidades médias da RCOPm-BH, buscando compreender como elas se relacionam entre si e com as demais de níveis inferiores, na escala intra e extrarregional.

Na região, é certa a primazia de Divinópolis, mas em uma região dinâmica em termos de rede urbana, outros polos regionais são também, importantes. Desta forma, sobre a dinâmica demográfica, foram levantados nos microdados do censo de 2010, a(s) cidade(s) que apresentaram maior evolução de sua população, com a contribuição de migrantes regionais, o que poderia indicar sua potencialidade de atração, que é um dos atributos de uma cidade média.

Outro indicador do nível de relações entre estas cidades médias são as relações de trabalho. Isto foi analisado entre as cidades médias da RCOPm-BH com outro microdado, a distribuição dos trabalhadores que retornam para casa diariamente (migrações pendulares de trabalho).

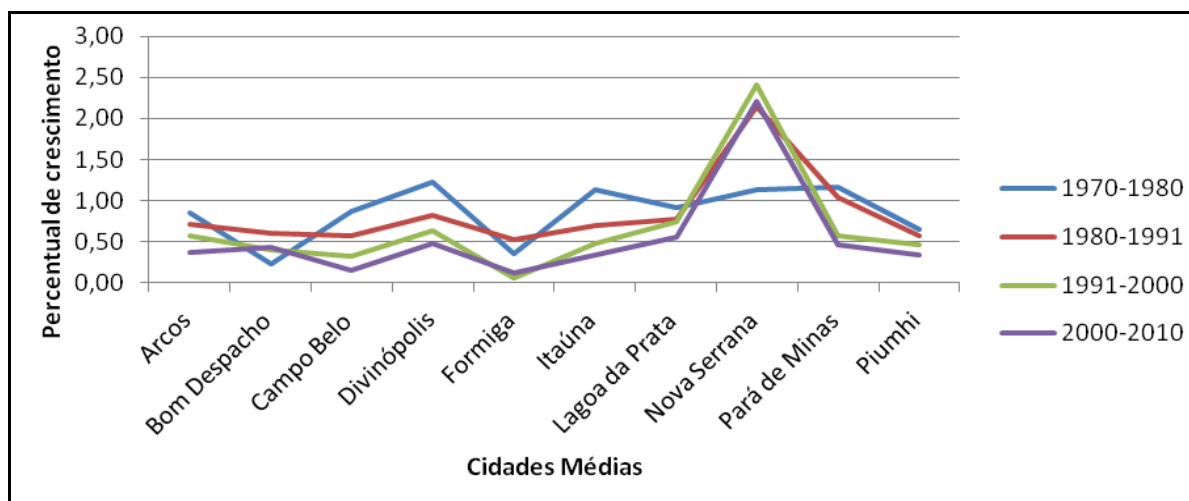
E por fim nesta análise, levantou-se o fluxo de ônibus coletivos entre as cidades da RCOPm-BH, pesquisando o quantitativo de horários dos ônibus que partem das cidades médias em direção às diversas cidades da região, em um certo período de tempo, o resultado foi apresentado em um mapa que mostra a intensidade das relações entre estas cidades, que podem se considerar como suas respectivas redes urbanas.

### 3.5 As cidades médias da RCOPm-BH e as relações regionais

As relações entre as cidades extrapolam, quase sempre, a escala de seus espaços municipais, e isto pode redefinir suas funções e níveis hierárquicos na escala regional. Dentro de suas funções principais, as cidades se articulam e se complementam, e o avanço dos meios de transporte e comunicação facilitam estes processos.

Na RCOPm-BH, a primazia de Divinópolis não impede que outros centros urbanos evoluam. Isto pode ser observado a partir da análise da dinâmica demográfica destas cidades, iniciando pelo crescimento geométrico da população municipal total, que foi calculado a cada censo demográfico ou contagem populacional a partir de 1970, conforme é mostrado no Gráfico 1.

**Gráfico 1 - Dinâmica demográfica das cidades médias da RCOPm-BH: crescimento geométrico da população - 1970-2010**



Fonte: IBGE, Censo Demográfico: 1970, 1980, 2000, 2010. Contagem Demográfica, 1991  
Elaborado pela autora

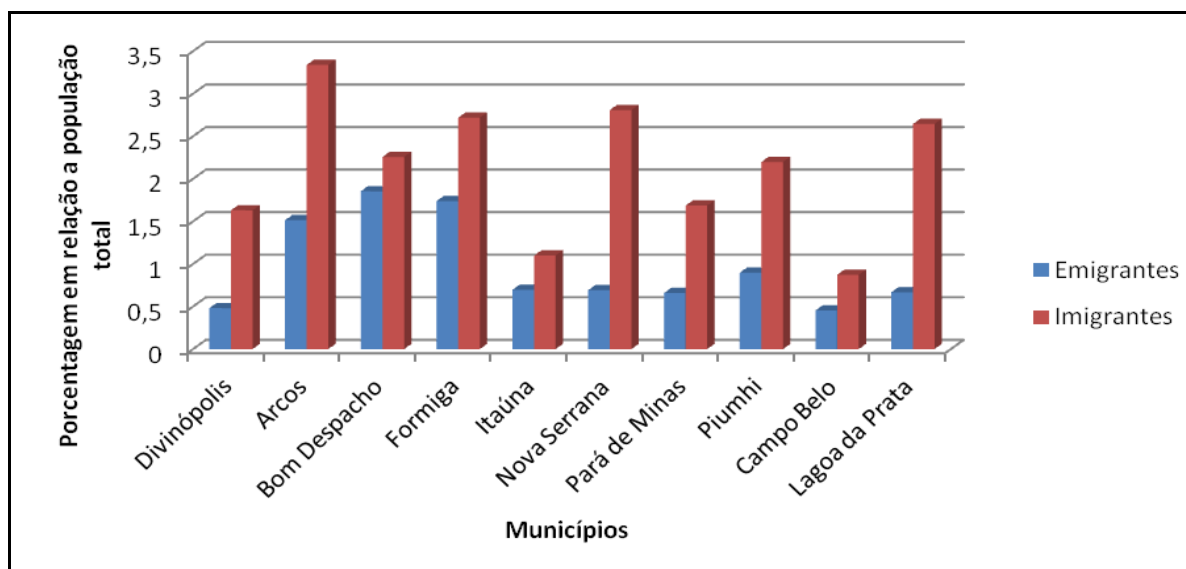
O Gráfico 1 mostra que no geral, as cidades da RCOPm-BH seguem a tendência nacional de redução nas taxas de crescimento geométrico populacional. No período analisado, dentre as cidades médias da RCOPm-BH, a que teve maior crescimento foi Nova Serrana, e o auge deste crescimento foram os anos de 1991 a 2000. Deste ano até 2010 observa-se um declínio nesse processo. Sobre a dinâmica demográfica desta cidade Mello, Fernandes e Amorim Filho (2012) mostraram que o crescimento populacional municipal de Nova Serrana decorre da intensa migração.

Dados do IBGE (2010) comprovam que 68,2% da população não são naturais do município, mas 87% são naturais do Estado, o que mostra a contribuição da migração, sobretudo interna, ou sejam a maioria dos residentes migra para esta cidade, vindos de outros municípios de Minas Gerais.

O dinamismo da RCOPm-BH tem sido um estímulo ao deslocamento de pessoas e mercadorias para as cidades deste espaço, em especial as médias, e estas trocas populacionais também têm ocorrido na escala regional.

O exemplo de Nova Serrana convida a uma investigação sobre os deslocamentos das cidades da RCOPm-BH em direção às cidades médias aqui analisadas. Assim, realizou-se uma pesquisa nos microdados do censo de 2010 do IBGE, levantando-se a origem e o quantitativo dos imigrantes e emigrantes que se deslocaram das 61 cidades da RCOPm-BH em direção às cidades médias da mesma região (Anexo 2). O Gráfico 2 mostra o percentual que os imigrantes e emigrantes representavam na população total destas cidades, no ano 2010.

**Gráfico 2 - Dinâmica demográfica das cidades médias da RCOPm-BH: imigração e emigração – 2010**



Fonte: IBGE, Microdados do Censo 2010  
Elaborado pela autora

Salienta-se que o quantitativo representado no Gráfico 2 e que será descrito em seguida, representa apenas os migrantes que se deslocaram das cidades da RCOPm-BH em direção às cidades da mesma região. Assim, este levantamento mostrou que, no quantitativo total, Divinópolis foi o município que mais recebeu

migrantes regionais, 3.473 pessoas, que representavam 1,6% da população total do município. Na sequência vêm os municípios que serão descritos, respectivamente, com o total de pessoas que lá se fixaram e o percentual que este grupo representa na população total municipal: Nova Serrana, 2.070 pessoas, (2,8%); Formiga, 1.771 (2,7%); Pará de Minas, 1.420 (1,7%); Arcos, 1.222 (3,3%); Lagoa da Prata, 1.216 (2,6%); Bom Despacho, 1.030 (2,3%); Itaúna, 939 (1,1%); Piumhi, 701 (2,1%) e Campo Belo, 450 (0,9%). Pode-se, então, indicar que Nova Serrana foi o município que mais recebeu migrantes vindos de cidades da região, mas foi em Arcos que estes migrantes representaram maior percentual no crescimento populacional. Das 61 cidades que compõem a região, apenas Córrego Danta, Medeiros, São José da Varginha e Tapiraí não constam nos dados do IBGE, isto talvez pelo fato de serem municípios periféricos e deprimidos economicamente. Nos dados levantados não se registra deslocamento de pessoas destas cidades em direção às cidades médias analisadas, o que não significa que não tenham sofrido emigração.

Sobre as perdas populacionais, considerou-se também o deslocamento entre as próprias cidades médias, ou seja, o deslocamento de uma cidade média para outra, conforme mostra o Quadro 20.

**Quadro 20 - RCOPm-BH: Dinâmica populacional - emigração e imigração - 2010**

Municípios	Cidades Médias do COPm-BH										Total de emigrantes	% emigrantes
	Divinópolis	Arcos	Bom Despacho	Formiga	Itaúna	Nova Serrana	Pará de Minas	Piumhi	Campo Belo	Lagoa da Prata		
Arcos	76		9	198	6	25			50	190	1.108	1,5
Bom Despacho	342			30		289	57			128	846	1,9
Campo Belo	51	71		75	12			25			234	0,5
Divinópolis		10	69	178	199	331	130	31		77	1025	0,5
Formiga	255	199						41	63	12	570	0,8
Itaúna	146	76	23	9		49	258			34	595	0,7
Lagoa da Prata	72	133	46			56					307	0,7
Nova Serrana	109	8	177				120			96	510	0,7
Pará de Minas	151		19		130	245		9			554	0,7
Piumhi		26	40	130	18	17			21	34	286	0,9

Fonte: IBGE, Microdados do Censo 2010  
Elaborado pela autora

Dentre os municípios analisados, o que mais perdeu população em função da emigração foi Arcos, 1.198 pessoas, que representou 1,5% da população total. A maioria dos emigrados de Arcos se deslocaram para Formiga (198 pessoas) e Lagoa da Prata (190 pessoas). Mas o município no qual a perda populacional foi mais representativa no total da população foi Bom Despacho, com 1,9%, e destas pessoas, a maior parte fixaram-se em Divinópolis (342) e Nova Serrana (289). Nos demais municípios, as perdas representaram um percentual menor da população: Piumhi, 0,9%, Formiga, 0,8%, Itaúna, Lagoa da Prata, Nova Serrana e Pará de Minas, com 0,7% e Campo Belo e Divinópolis, com 0,5%. Mas, no geral, pode-se dizer que esta dinâmica foi equilibrada entre estas cidades, pois nenhuma delas teve emigração superior à imigração.

É importante relatar que, de acordo com o Censo Demográfico 2010 do IBGE, Nova Serrana foi a segunda cidade de maior crescimento populacional no estado, perdendo apenas para Ribeirão das Neves, na Região Metropolitana. Mas, na RCOPm-BH, foi a que teve maior crescimento populacional, em virtude da migração. Sabe-se, também, que estes migrantes são, em sua maioria, originários de cidades do norte e nordeste de Minas Gerais<sup>126</sup>, uma região do estado de intensa emigração de pessoas que se deslocam em busca de melhores condições de vida e trabalho.

Sobre as trocas populacionais entre as cidades médias da RCOPm-BH, analisou-se ainda as migrações pendulares de trabalho, buscando o número de pessoas que, para trabalhar, deslocam-se de um município para outro e retornam diariamente para casa, entendendo que isto também mostra a intensidade de relações entre as cidades da região.

Foi realizada uma pesquisa nos microdados do censo 2010 do IBGE e a leitura dos dados executada no software estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). As tabulações foram efetuadas com as questões: “qual município onde trabalhava” e o “tempo gasto de deslocamento casa - trabalho.” Assim, elaborou-se uma matriz quadrada de dados com os 61 municípios da RCOPm-BH, ordenados nas linhas e nas colunas, cujo resultado consta do Anexo 2, em que no final das colunas conta-se o total de pessoas que, diariamente, entram

---

<sup>126</sup> Estudos de Mello, Fernandes e Amorim Filho (2012) mostram que a maioria dos migrantes que se fixaram em Nova Serrana tem origem nos seguintes municípios: Caririáçu (CE), Belo Horizonte (MG), Capelinha, Malacacheta e Poté, que são cidades do nordeste de Minas Gerais.

em cada município para trabalhar, e no final das linhas, o total de pessoas que saem de cada município.

O Quadro 21 é uma síntese da matriz que consta do Anexo 2. Nele estão representadas, nas colunas, os dez municípios da RCOPm-BH que mais recebem trabalhadores diariamente, vindos de municípios da região e o quantitativo destes trabalhadores. Nas linhas constam os três municípios que mais expedem trabalhadores e o percentual que cada grupo representa do total de trabalhadores do município que recebe.

**Quadro 21 - Os dez municípios da RCOPm-BH de maior atração de trabalhadores da região**

Municípios <sup>1</sup>	Municípios da RCOPm-BH/Total de trabalhadores (migrantes pendulares)									
	Nova Serrana	Divinópolis	Itatiaiuçu	São Sebastião do Oeste	Conceição do Pará	Lagoa da Prata	Itaúna	Arcos	Cláudio	Pará de Minas
	3.336	1.910	904	690	630	565	550	488	482	478
Bom Despacho	17,4									
Pitangui	14,6				100					
Leandro Ferreira	12,4									
Carmo do Cajuru		63,0								
São Gonçalo do Pará		11,2								
Itaúna		8,8	98,9							
Divinópolis				65,5			32,0			
Itapecerica				30,6						
Camacho				2,0						
Japaraíba						63,9		5,5		
Arcos						17,2				
Santo Antonio do Monte						13,1				
Itaguara			1,1							
Pará de Minas							44,9			
Itatiaiuçu							19,1			
Lagoa da Prata								32,6		
Iguatama								55,9		
Itapecerica									65,1	
Carmo da Mata									34,9	
Itaúna										20,1
Florestal										18,4
Igaratinga										16,7

Fonte: IBGE, 2010

Nota: <sup>(1)</sup> Porcentagem do total

Elaborado pela autora

O município da RCOPm-BH que mais recebe trabalhadores vindos de outros municípios da região é Nova Serrana, 3.336. A maioria destes trabalhadores vem de

Bom Despacho, 17,4%, seguido de Pitangui, 14,6% e Leandro Ferreira, 12,4%. Nova Serrana é um importante polo da indústria calçadista, os microdados do Censo 2010 do IBGE revelam que a maioria destes trabalhadores atuavam na fabricação de calçados e parte destes. O dado ainda evidenciava que, em sua maior parte, os trabalhadores tinham formação escolar até o nível fundamental.

Nesta classificação, segue Divinópolis, que recebe da região 1910 trabalhadores, sendo que destes, 63% são de Carmo do Cajuru, município pequeno que possui 20.012 habitantes, distante de Divinópolis apenas 15 km, e é o município que mantém maior intensidade de relações com este grande centro, conforme será mostrado no capítulo 3.

Observa-se, também, que dentre os dez municípios que mais recebem trabalhadores diariamente, encontram-se quatro, cujas cidades não foram classificadas como médias: Itatiaiuçu (3º lugar, com 904 trabalhadores), São Sebastião do Oeste (5º lugar, com 690), Conceição do Pará (6º lugar, com 630) e Cláudio (9º lugar, com 482). Destaca-se, dentre estes municípios menores, Itatiaiuçu, em que a quase totalidade dos trabalhadores que vêm de fora são do município de Itaúna (98,9%). E a outra cidade pequena é São Sebastião do Oeste, em que 65,5% dos 690 trabalhadores que não são do município têm origem em Divinópolis; são 452 trabalhadores divinopolitanos, o que representa 22% de todo o pessoal ocupado<sup>127</sup> em São Sebastião do Oeste, no ano de 2010. Mas a situação inversa, ou seja, os trabalhadores de São Sebastião do Oeste, em Divinópolis, são apenas 15 dos 41 que saem do município com o objetivo de trabalho.

No município de São Sebastião do Oeste, as atividades agrícolas e avícolas são predominantes, tendo, inclusive, um número elevado de população rural (44,07%), considerando-se o grau de urbanização dos demais municípios da região. A cidade é sede de uma empresa local, Avivar, criada em 1999, que atua no ramo de alimentos, em especial, avícola, e acredita-se que esta seja a fonte de atração de trabalhadores para a cidade.

Outra cidade pequena que atrai grande quantitativo de trabalhadores é Conceição do Pará, um município de 5.158 habitantes que atrai 690 trabalhadores, todos provenientes de Pitangui, que é uma cidade maior, com 25.311 habitantes de população municipal.

---

<sup>127</sup> Dados do IBGE (2010) mostram que o total de pessoal ocupado em São Sebastião do Oeste soma 1.987 pessoas.

Os demais municípios que constam da lista dos dez que mais atraem trabalhadores dos municípios da região são: Lagoa da Prata, que dos 565 trabalhadores, 63,9% têm proveniência em Japaraíba, que é uma cidade menor, com 3.939 habitantes de população municipal; Itaúna, que atrai 550 trabalhadores, e destes, 44,9% saem de Pará de Minas, que atrai 478 trabalhadores, sendo que apenas 20,1% vêm de Itaúna. As duas cidades estão distantes apenas 30 km uma da outra, e ambas também estão próximas da capital, com acesso rodoviário direto: Itaúna, pela MG-050 e Pará de Minas, pela BR-262. E fechando este grupo, vem o município de Arcos, que atrai 488 trabalhadores da região, sendo que deles 65,1% são de Itapeçerica. Entende-se que, a distância e a boa qualidade, em parte, dos eixos viários e o volume de linhas de transporte coletivo intermunicipal beneficiam estes deslocamentos.

O fluxo de ônibus coletivos intermunicipais utilizado como variável de análise nas relações interurbanas de pessoas, consideradas de forma coletiva, foi uma metodologia utilizada por Amorim Filho (1980), em estudo realizado no Instituto de Geociências Aplicadas (IGA), coordenado pelo referido autor, para todo o estado de Minas Gerais. E também em 1990 ao estudar “A rede urbana da bacia do Mucuri” em Minas Gerais. O autor declara que tanto no país como no estado estas relações se fazem via transporte de ônibus. O uso de transporte coletivo partindo das estações rodoviárias tem se reduzido, considerando o crescimento da frota de veículos particulares por parte da população, fazendo com que as conexões entre as cidades se tornem cada dia mais intensas e velozes. Mas, mesmo com este crescimento da frota veicular e de outros meios para se deslocarem coletivamente, os ônibus de transporte coletivo, partindo das estações rodoviárias em quase todas as cidades da região<sup>128</sup>, continuam em franca operação.

Entende-se que as relações entre as cidades da RCOPm-BH também podem ser verificadas analisando-se este tipo de fluxo, o dos ônibus intermunicipais. Para isto, uma pesquisa foi realizada junto ao setor de informações (*in locu* e/ou por telefone) nas estações rodoviárias de todas as cidades classificadas como médias.

Na pesquisa considerou-se o recorte espacial deste trabalho e levantou-se o quantitativo de horários diários de ônibus intermunicipais que eram oferecidos a

---

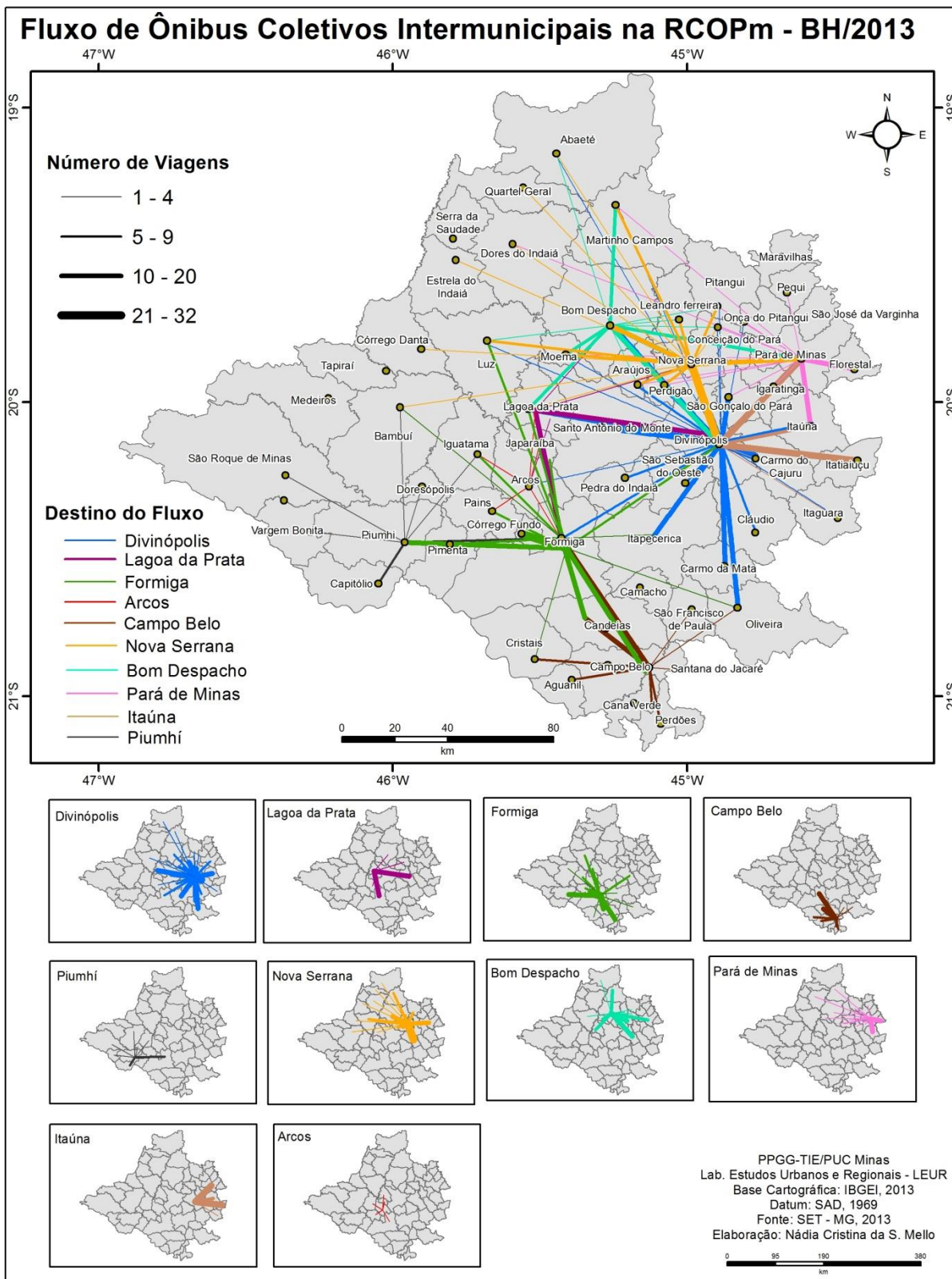
<sup>128</sup> Considera-se aqui que algumas cidades pequenas ainda não possuem estação rodoviária, mas mesmo assim, concebe-se uma forma para que a população utilize este tipo de transporte, partindo, normalmente, de um ponto central da cidade pequena.

partir daquela cidade, sendo eles diretos ou indiretos. O resultado mostrou que não somente as cidades médias são centros urbanos de ligação primária ou secundária a Divinópolis, ou seja, que liga o centro urbano indiretamente a este grande centro regional. O resultado final deste trabalho foi representado no mapa da Figura 24, onde constam todas as cidades atendidas a partir de cada cidade média da RCOPm-BH, sendo: Divinópolis, 27; Formiga e Pará de Minas, 16; Lagoa da Prata, 15; Campo Belo, 9; Arcos e Piumhi, 8 e Itaúna, 5 cidades.

A partir da análise da Figura 26, percebe-se mais uma vez a intensidade e a influência de Divinópolis na região. As linhas de ônibus que partem da estação rodoviária de Divinópolis alcançam municípios de todas as direções, não atingindo diretamente algumas cidades na fronteira regional, no sentido oeste, mas indiretamente conexões por meio de outras cidades médias. É o caso, dentre outros, de São Roque, que pode ser conectado via Piumhi, a sudoeste e Perdões, ao sul, via Campo Belo. Aliás, esta cidade é um ponto importante de conexão de Divinópolis com outra região, a Sul Minas.

A ligação entre as cidades que não têm conexão direta com Divinópolis, via ônibus coletivo, é realizada através das cidades que se ligam direta ou indiretamente com o grande centro. No Quadro 22 estão listadas estas cidades, com seu respectivo centro urbano de ligação.

**Figura 24 - Redes de cidades formadas pelo fluxo diário de ônibus coletivos intermunicipais na RCOPm-BH**



Fonte: Setor de Informações das estações rodoviárias locais  
 Elaborada pela autora



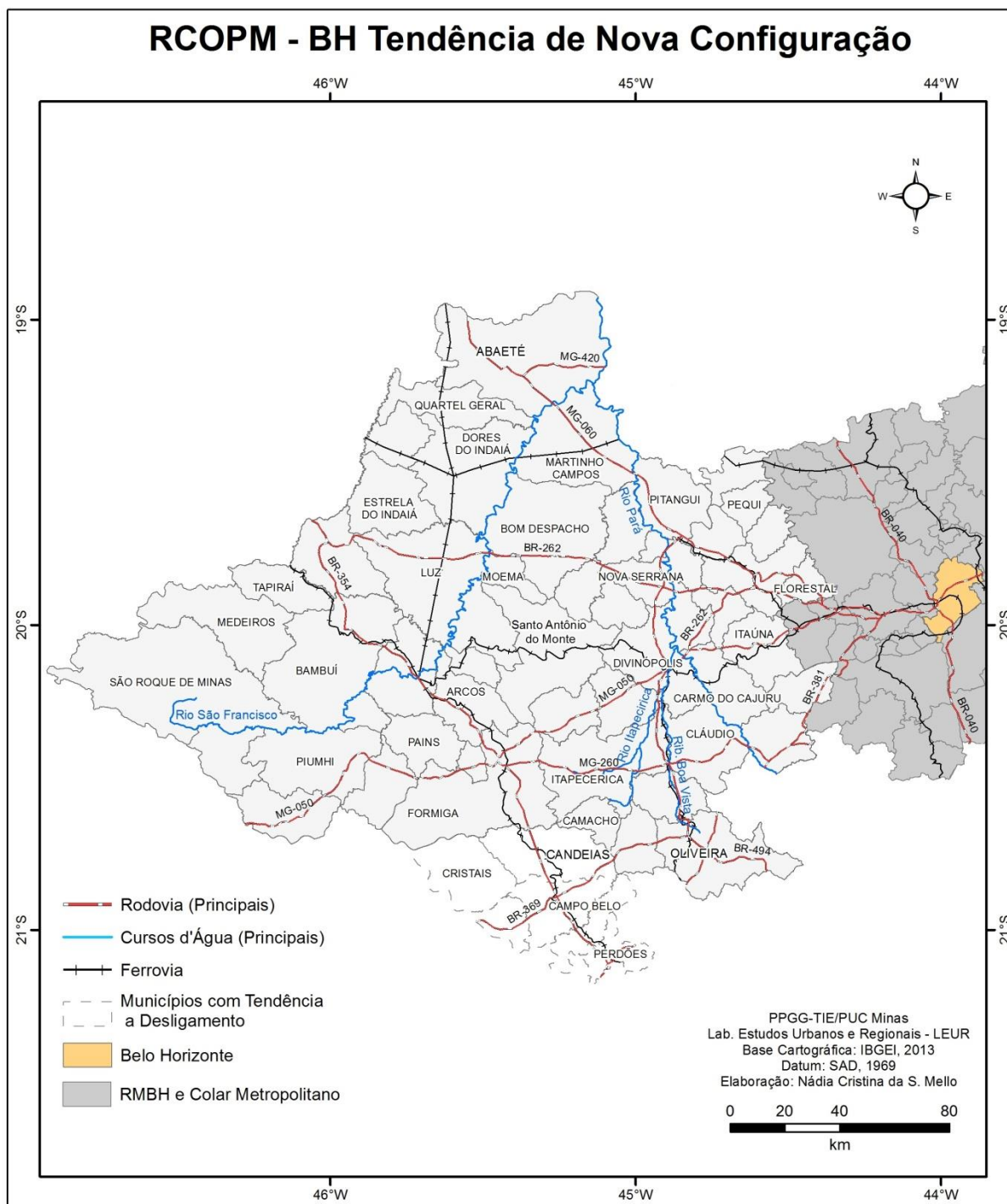
(conclusão)

Nº	Cidades	Centros urbanos de Ligação Primária									Centros urbanos de Ligação Secundária			Centros urbanos de Ligação Terciária	
		Oliveira	Lagoa da Prata	Itapecerica	Formiga	Arcos	Pará de Minas	Itaúna	Nova Serrana	Luz	Campo Belo	Piumhi	Martinho Campos	BambuÍ	Pequi
25	Quartel Geral														
26	Santana do Jacaré														
27	São Francisco de Paula														
28	São José da Varginha														
29	São Roque de Minas														
30	Serra da Saudade														
31	TapiraÍ														
32	Vargem Bonita														

Fonte: Centro de Informações das Estações Rodoviárias  
Elaborado pela autora

Nem todos os centros de ligação primária com Divinópolis são cidades médias. Entende-se que estas relações são estabelecidas, sobretudo, em função da existência e da boa qualidade, em parte, dos eixos rodoviários, mas o que se conclui, principalmente do resultado deste trabalho, é que quase todos os caminhos conduzem a Divinópolis. Observa-se, ainda, que Campo Belo historicamente já teve ligações mais fortes com a região Centro Oeste de Minas, isto através de Formiga pela estrada de ferro. Mas, apesar de ser considerada uma cidade de nível médio na região, analisando-se pelo critério das linhas de ônibus, percebe-se que a cidade não possui relações tão intensas com Divinópolis, que é o centro maior. Entre estas duas cidades não há nem mesmo horário de ônibus que faz ligação direta elas, isto se faz através de Formiga. Nota-se que Campo Belo polariza uma certa região com algumas cidades que pertencem à RCOPm-BH (Cristais, Candeias, Aguanil, Cana Verde, Santana do Jacaré e Perdões), mas sua ligação parece ser maior com outro sistema, o do Sul de Minas, juntamente com Lavras. Sendo assim, percebe-se a tendência de que futuramente Campo Belo, mesmo que este e outros municípios por ele polarizados ainda mantenham certa relação com Formiga, passem a pertencer predominantemente ao sistema do Sul de Minas. Com esta conjectura, ficaria, portanto, o mapa da RCOPm-BH constituído como se representa na Figura 25.

**Figura 25 - Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte – tendência de nova configuração**



Fonte: CONTI, 2009, 542. Adaptado.

Esta tendência a uma nova configuração parte da análise que teve como abordagem principal o fluxo de ônibus coletivo para as cidades da RCOPm-BH. É certo que tomando como critérios básicos outros métodos, pode-se chegar a outras conclusões. Mas aqui cabe também o argumento de uma vivência pessoal de uma

geógrafa observadora que conhece este percurso realizado por longos anos em função de residir no Sul de Minas e ter familiares nesta região. Com isto, o que sempre se observou foi uma ruptura em termos econômicos no setor produtivo agrícola e, conseqüentemente, cultural até mesmo em termos gastronômicos, ao ultrapassar as fronteiras de Campo Belo em direção a São Francisco de Paula, circulando pela rodovia BR-369 em direção a Divinópolis.

O domínio e a primazia de Divinópolis são claramente perceptíveis, e se confirmaram ao longo deste trabalho; por isto, os dois próximos capítulos serão dedicados, exclusivamente, a esta cidade, que será analisada como um ponto no recorte espacial desta pesquisa e como uma área no último capítulo, no qual será explorado seu espaço interno.

## 4. UM PONTO NO ESPAÇO, A POSIÇÃO GEOGRÁFICA DE DIVINÓPOLIS

---

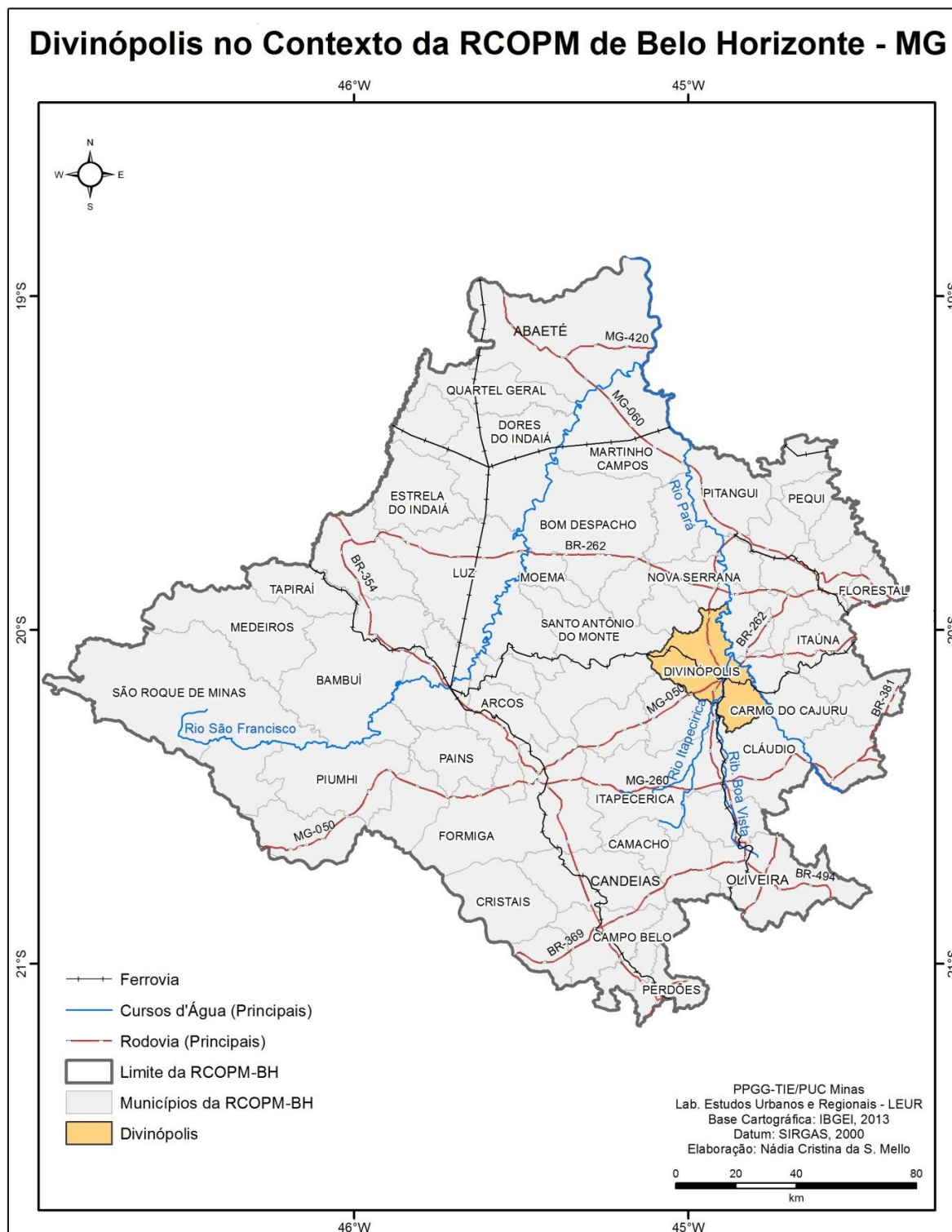
### 4.1 Divinópolis nas redes regionais

Divinópolis é considerada em diversos trabalhos (AMORIM FILHO, 1982, 1999, 2007; CONTI, 2009) como a cidade polo na RCOPm-BH, o que foi confirmado no capítulo anterior. O município de Divinópolis limita-se, a noroeste, com os municípios de Santo Antônio do Monte; ao sul, com os de Cláudio e Itapeçerica; a sudeste, com Carmo do Cajuru; a nordeste, com São Gonçalo do Pará; ao norte, com Nova Serrana e Perdígão também a noroeste.

Descrever a posição geográfica é essencial para iniciar um estudo sobre cidades. Neste capítulo, Divinópolis, já reconhecida como uma cidade média de nível superior que se posiciona como capital regional da RCOPm-BH, será apresentada como um ponto no espaço. Ou seja, será abordada à luz do conceito de posição, principalmente de Dollfus (1970) e analisada como polo regional na RCOPm-BH. Desta forma, considerando o recorte espacial e o objeto central deste trabalho, a escala de análise da posição de Divinópolis-MG será a RCOPm-BH, situando o município de acordo com o sistema viário, sua história de formação territorial, principais atividades e funções que o coloca como centro polarizador da região.

A Figura 26 mostra a posição do município de Divinópolis em relação a alguns sistemas. Cruzam a cidade dois importantes eixos rodoviários a BR-494 e MG-050. Estes eixos são também integradores de dois outros importantes que dão acesso à capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Pela BR-494, partindo-se de Divinópolis e dirigindo-se no sentido nordeste, no sentido para Nova Serrana, neste município, liga-se diretamente a BR-262, que dá acesso à capital. E, deslocando-se pela mesma rodovia, a BR-494, mas na direção sudeste, passando por Carmo da Mata e Oliveira, neste último município, esta rodovia liga-se diretamente a BR-381, que conduz a capital no sentido nordeste.

**Figura 26 - Divinópolis: Localização na RCOPM-BH e os principais eixos rodoviários, hidroviários e ferroviários**



Fonte: IBGE, 2010

A rodovia MG-050, vindo da direção sudoeste, também cruza a cidade de Divinópolis e liga-se diretamente à BR-262, no sentido leste, passando pelos municípios de Itaúna, Mateus Leme até Juatuba onde encontra-se com esta rodovia

qu segue em direção a capital mineira. Os dois últimos municípios, já pertencentes a região metropolitana de Belo Horizonte.

Ao atravessar a cidade de Divinópolis, as rodovias BR-494 e MG-050 formam um único eixo em um pequeno trecho de 3 km, do entroncamento entre as duas rodovias, onde a BR-494 segue na direção para Oliveira e a MG-050 para Formiga, até o entroncamento onde a BR-494 segue na direção para Nova Serrana e a MG-050 para Itaúna.

Em função da densidade e das boas condições dos eixos rodoviários de acesso à cidade, pode-se dizer que Divinópolis-MG tem posição privilegiada na RCOPm-BH. Das diversas direções para se chegar à cidade há seis caminhos por vias asfaltadas. Pela BR-494, vindo do norte, por Nova Serrana, ou do sul, por Oliveira e Carmo da Mata. Pela MG-050, vindo do leste, por Itaúna, ou do sentido sudoeste, por São Sebastião do Oeste ou por Formiga. Pela MG-252, vindo do norte-noroeste, por Perdígão, ou pelo sentido norte-nordeste, por São Gonçalo do Pará. Também pode-se chegar a Divinópolis por dois acessos sem cobertura de asfalto pela direção sul: um que vem de Cláudio, a sul-sudeste e outro de São Sebastião do Oeste, a sul-sudoeste. Esta posição favorável de Divinópolis pode ser definida como de entroncamento, também caracterizada como posição *Carrefour*<sup>129</sup> (tradução da palavra entroncamento em francês) por George (1961, p. 42). Para este autor, isso resulta da conjugação de um ou mais sistemas em relação com as atividades e funções da referida unidade.

Corgozinho (2003, p. 45-46), estudiosa da história de Divinópolis, ao analisar o desenvolvimento inicial da cidade no período que o arraial ainda se chamava Espírito Santo do Itapecerica, já expressava que a cidade tinha uma posição privilegiada, ao argumentar que,

A posição geográfica do arraial do Espírito Santo do Itapecerica era privilegiada, pois situava-se numa das rotas do comércio regional. Esse privilégio refere-se ao fato de a povoação ter surgido nas proximidades da Cachoeira Grande, em um ponto do rio Itapecerica onde as pedras facilitavam a travessia daqueles que viajavam em direção a vila de Pitangui ou rumo a São Bento do Tamanduá. A própria denominação antiga-*Passagem do Itapecerica*- atesta sua importância estratégica natural, favorável ao trânsito de forasteiros ou tropeiros. Localizando-se entre

<sup>129</sup> Para Geogre (1969), (...) uma das condições mais propícias à continuidade do desenvolvimento da cidade é a **posição de entroncamento (*carrefour*)**. A convergência de vias de circulação, favorecendo os transportes mais baratos, é um fator de desenvolvimento de mercados. (...) A vocação comercial implica, pelo menos no começo, um processo de convergência. Seu progresso e sua estabilização demandam, por outro lado, um ato político (...) de centralização administrativa”

importantes centros de povoamento da época, como Pitangui, São Bento do Tamanduá, São João Del Rei e Barbacena por essa localidade passavam tropas que levavam ou traziam produtos do Rio de Janeiro e de outras regiões da Província. Tudo isto ajuda a compreender a tendência favorável ao crescimento, manifestada pelo povoado, desde sua formação. [...] Estando em uma curta distância e a meio caminho de prósperos centros urbanos, o arraial do Espírito Santo do Itapeçerica tornou-se um ponto de aglutinação de pessoas e local de pouso de negociantes. Isso favorecia os contatos, as trocas comerciais e impulsionava o seu desenvolvimento inicial. (CORGOZINHO, 2003, p. 45-46).

Entende-se, portanto, que em função desta posição, Divinópolis recebe diariamente um intensivo fluxo de população flutuante, vinda de diversos municípios da região em busca de mercadorias e/ou serviços. Estas pessoas se deslocam por meios de transporte individual particular ou coletivo.

Acredita-se que o número de pessoas que utilizam os transportes coletivos, partindo da estação rodoviária esteja se reduzindo<sup>130</sup> em função da concorrência no setor de transportes com a organização da população que utiliza transportes individuais particulares ou mesmo coletivos fretados como vans, micro-ônibus e outros que não partem da estação rodoviária. Ou ainda existem as concorrências dos “caroneiros”, que no caso de Divinópolis, são grupos que se organizam, em especial através das redes sociais, para viajarem em transporte “solidário”, no qual a equipe viaja em um mesmo veículo particular e divide os custos da viagem. Este é o caso do grupo “Carona Divinópolis/BH”, criado na rede social do facebook<sup>131</sup>, conforme matéria no jornal *online* “Portal Centro-Oeste”. Este grupo teve seu perfil cancelado nesta rede social por solicitação judicial requerida pela empresa que tem a concessão da linha de transporte entre as duas cidades. Mas na mesma reportagem é divulgado que outro grupo com o mesmo objetivo já foi criado mostrando que este confronto continuará existindo em função da velocidade das redes de comunicação e da comodidade do consumidor ao se deslocar com as “caronas”, que não têm ponto fixo de embarque nem de desembarque. Isto também em função da intensificação destes deslocamentos propiciada pela oportuna rede de relações estabelecida pela privilegiada posição de Divinópolis neste domínio.

---

<sup>130</sup>De acordo com dados da Secretaria Estadual de Transportes, até dezembro de 2013 havia 45 horários de ônibus (linhas diretas e convencionais com paradas em alguns pontos do percurso) partindo de Divinópolis para a metrópole Belo Horizonte. A partir de janeiro de 2014 este fluxo se reduziu para 24 horários.

<sup>131</sup> “O conteúdo do grupo Caronas BH / Divinópolis com cerca de 14mil membros foi suspenso por decisão judicial através de uma ação da Empresa Irmãos Teixeira LTDA contra o Facebook Serviços Online do Brasil. Infelizmente não está em funcionamento por este motivo”.

Divinópolis é servida também por diversos cursos de água. Dois deles têm relevância regional e são tributários da bacia do rio São Francisco: o rio Itapecerica e o Pará. O rio Pará nasce no município de Entre Rios de Minas, é afluente direto da margem direita do rio São Francisco, desaguando neste rio ainda dentro da RCOPm-BH, no município de Abaeté. Banha toda a parte leste de Divinópolis, sendo a fronteira natural do município com o de Carmo do Cajuru, a sul-sudeste, e São Gonçalo do Pará, a norte-nordeste.

Dentro da área urbana de Divinópolis, o rio Pará recebe, na sua margem esquerda, o rio Itapecerica. Este rio nasce dentro da região, no morro do Calado, no município de Itapecerica. Recebe, inicialmente, o nome de rio Vermelho, e somente na junção entre os rios Gama e Santo Antônio é que passa a ser chamado de Itapecerica. Percorre, transversalmente no sentido sudoeste-leste, 18 km dentro da área urbana de Divinópolis, até desaguar no rio Pará. Dentro da cidade tem como afluentes o ribeirão Boa Vista, os córregos Buriti, do Paiol, do Neném e Catalão.

Ao entrar no município até o centro da cidade, o rio Itapecerica é acompanhado por parte da Ferrovia Centro Atlântica S.A., que a partir deste ponto segue em dois braços: um no sentido sudeste, em direção a Belo Horizonte e outro no sentido noroeste, em direção a Santo Antonio do Monte, Lagoa da Prata e outros municípios.

A implantação da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM) foi um elemento que impulsionou o desenvolvimento de Divinópolis. A construção da rede data dos anos 1890, período em que a cidade ainda se denominava Arraial do Espírito Santo de Itapecerica. A primeira estação recebeu o nome do engenheiro que a planejou, Henrique Galvão. De acordo com Corgozinho (2003),

A estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM) foi construída no caminho para o sertão mineiro, no final do século XIX, para ser uma ramificação que abrangesse o oeste até chegar aos limites da Província de Minas Gerais. Esta estrada de ferro foi criada pela Lei n.1914, de 19 de julho de 1872, e sancionada pelo presidente da Província de Minas Gerais, Joaquim Floriano de Godoi. Como não foi possível fazer o levantamento do capital de acordo com a forma exigida legalmente, a Lei n. 2.398, de 5 de novembro de 1877, limitou esta autorização apenas à construção de sua primeira seção. A EFOM foi construída com uma bitola estreita de 76 centímetros e iniciou-se na estação de Sítio (MG), um pequeno povoado na vertente do rio das Mortes, hoje cidade de Antônio Carlos, onde fazia entroncamento com a Estrada de Ferro D. Pedro II, vinda do Rio de Janeiro. (CORGOZINHO, 2003, p. 60).

Assim, esta integração foi sendo realizada com a construção da estrada de ferro em pequenos trechos. Inicialmente, 49 km entre as cidades de Sítio e Barroso, em 1880, depois atingiu 100 km até São João Del Rei, em 1881. Seguindo na direção leste-oeste, partindo de São João Del Rei, Aureliano Mourão (atual município de Bom Sucesso), os trechos ferroviários foram construídos até Ribeirão Vermelho, e na direção sul-norte, entre os anos 1886 a 1888, a linha Aureliano Mourão até Oliveira. Neste mesmo ano, o governo autorizou a construção da linha de Oliveira até Barra do Paraopeba (cidade de Morada nova de Minas na atualidade), no Alto São Francisco, e um ramal para Itapecerica, percorrendo o sertão de Minas Gerais numa extensão de 601,8 km.

Corgozinho (2003) ainda relata que,

[...] a definição do trajeto desta estrada obedeceu muito mais a critérios políticos que buscavam realizar interesses locais do que a fatores de ordem técnica ou econômica, mas para população do Espírito Santo do Itapecerica a chegada da estrada de ferro foi uma dádiva. (CORGOZINHO, 2003, p. 61).

Segundo a escritora, o trecho da ferrovia, de Itapecerica até Barra do Paraopeba, que passava por Espírito Santo do Itapecerica, atual Divinópolis, foi construído em 1889 por Antônio de Almeida Junior, um acionista e empreiteiro da Estrada de Ferro Oeste de Minas, a EFOM,<sup>132</sup> e seu engenheiro chefe, Henrique Galvão, pessoa que deu nome à primeira estação ferroviária, que também denominava a cidade de Vila Henrique Galvão até 1912, quando passou a chamar-se Divinópolis. Sendo assim, em Divinópolis ficou um entroncamento das linhas férreas, aumentando sua importância estratégica a partir de 1910, com a implantação da sede das oficinas da EFOM.

A implantação das linhas ferroviárias em Divinópolis foi um importante elemento que modificou o modo de vida tradicional da população, conforme descreveu Corgozinho (2003, p. 62-69). Este fator também provocou a expansão da cidade com a implantação da Vila Operária que alterou as estruturas de trabalho e de produção e ao mesmo tempo intensificou o fluxo de passageiros e cargas. Isto foi para a cidade o grande motor que a integrou com outros centros na região e no

---

<sup>132</sup> De acordo com Corgozinho (2003, p. 61,62), Henrique Galvão chegou à cidade em 27 de abril de 1889 com sua comitiva e foi recebido por um dos principais chefes políticos do lugar, major Francisco Machado Gontijo, que o convidou para se alojar no arraial. Ainda segundo a autora, para recebê-lo foi necessário improvisar a criação do primeiro hotel da cidade.

estado, alterando sua classificação hierárquica regional, conforme mostram estudos já realizados e que serão abordados na próxima seção.

#### **4.2 Divinópolis nas hierarquizações urbanas regionais**

Sobre os estudos que tratam dos níveis hierárquicos das cidades de Minas Gerais, aqui reconhece-se os relevantes trabalhos de Leloup (1970), IBGE (1972), IGA (1980), Fundação João Pinheiro (1988), Amorim Filho (1982, 1999, 2007) e Conti (2009) e vários outros realizados no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, o CEDEPLAR/UFMG.

No Quadro 23 apresenta-se uma síntese, a partir de uma coletânea de informações da tese de Conti (2009, p. 434-466), mostrando o trabalho realizado pelos autores citados, com o ano de realização da pesquisa, ano de publicação, autor, critérios utilizados para a classificação, número de níveis hierárquicos propostos e nomes destes níveis. Na última coluna destaca-se Divinópolis, mostrando o nível hierárquico no qual ela se insere em cada proposta.

**Quadro 23 - Níveis hierárquicos das cidades médias mineiras e a classificação de Divinópolis**

Ano	Autor	Crítérios	Níveis hierárquicos	Posição de Divinópolis
1950*/1970*	Leloup, Y.	Geossocioeconômicos	6 níveis	5º nível - Centro Industrial
1960*/1970*	Leloup, Y.	Associados às funções urbanas de natureza econômica exercidas pelos centros urbanos	8 níveis	4º nível- Centro Industrial Regional
1970*/1980**	Amorim Filho, O. B. e IGA	Fluxos de ônibus intermunicipais e dados das populações municipais e urbanas	5 níveis	3º nível – Centro Regional (2ª ordem B)
1970*/1982**	Amorim Filho, O. B. e Abreu, J. F.	Demográfico, econômico, funcional e morfológico	4 níveis	2º nível – Cidade média de nível superior
1988	Fundação João Pinheiro	Hierarquia funcional das cidades	12 níveis	4º nível- Centros de regiões
1990 a 1999*/2000**	Amorim Filho, O. B. e Abreu, J. F.	Cidades com maior potencial para desenvolvimento de parques tecnológicos. Variáveis demográficas, sociais e econômicas	4 níveis	2º nível – Cidade média de nível superior
2007	Amorim Filho, O. B. Rigotti. I. e Campos, J.	Demográfico, econômico, funcional e morfológico	4 níveis	2º nível – cidade média de nível superior
2009	Conti. A.	Demográfico, econômico, funcional e morfológico	4 níveis	2º nível – cidade média de nível superior – centro regional

Fonte: CONTI, 2009, p. 434-466.

Nota: \* Década de realização da pesquisa

\*\* Ano de publicação

Elaborado pela autora

Analisando o quadro supracitado, percebe-se que Divinópolis sempre esteve em uma posição superior nos níveis hierárquicos propostos. Sobre estes níveis hierárquicos, é importante ainda observar que para aqueles propostos por Amorim Filho (2007)<sup>133</sup>, Conti (2009) os subdivide em nove hierarquias funcionais, que o autor pôde identificar entre as cidades do Centro-Oeste Perimetropolitano, conforme mostra o Quadro 24.

**Quadro 24 - Hierarquias funcionais dos centros urbanos do Centro-Oeste Perimetropolitano**

Níveis hierárquicos	Hierarquias funcionais dos centros urbanos
1. Cidades médias de nível superior	Centro regional *
	Centro regional associado
2. Cidades médias propriamente ditas	Centro regional associado
	Subcentro regional associado
	Centro de articulação sub-regional
	Centro de articulação sub-regional associado*
3. Centros emergentes	Subcentro regional associado
	Centro de articulação sub-regional associado
	Centro urbano associado*
	Centro urbano*
4. Pequenas Cidades	Centro menor associado
	Centro menor

Fonte: CONTI, 2009

Nota: \*Categorias analisadas neste trabalho

Elaborado pela autora

Nesta classificação, Divinópolis aparece no nível hierárquico das cidades médias de nível superior e na categoria funcional de um centro regional. Ou seja, de acordo com a definição de Conti (2009, p. 493-494), Divinópolis é um centro que polariza uma região específica. Para se chegar a estas categorias funcionais, o autor considerou as relações externas das cidades, e é isto que será analisado em relação a Divinópolis na próxima seção.

#### 4.3 As relações externas e a “região polarizada” de Divinópolis

Divinópolis apresenta um grande número de equipamentos comerciais, de serviços e de indústrias. Estes equipamentos não atendem somente à população local, mas também muitos municípios dentro e fora dos limites da

<sup>133</sup> Os níveis hierárquicos das cidades médias, propostos por Amorim Filho, estão na seção 1.4.2 do capítulo I.

região Centro-Oeste Perimetropolitana, chegando até mesmo a alcançar lugares fora do estado de Minas Gerais.

O Quadro 25 apresenta uma matriz de relações externas<sup>134</sup> com alguns equipamentos públicos sediados em Divinópolis e a quais municípios estes prestam serviços, como também algumas empresas privadas de capital local que possuem filiais em outras cidades. Esta matriz foi elaborada com base em uma metodologia proposta por Amorim Filho (1973). Os órgãos públicos foram priorizados nesta análise, tendo em vista o atendimento aos ofícios enviados que solicitaram os dados, por parte de todos os órgãos, mesmo aqueles que têm registrado em site oficial informações semelhantes.

Quanto às empresas privadas que aparecem na matriz, foi uma escolha fundamentada no conhecimento pessoal de quem reside na cidade e identifica tais firmas como sendo de capital local e que possuem filiais em outras cidades da região ou em outros estados brasileiros, conforme constam do site oficial de cada empresa analisada. Isto tendo em vista que, da mesma forma que para os órgãos públicos, tais informações foram solicitadas via ofício às instituições de classe como a Associação Comercial e Industrial de Divinópolis (ACID) e o Sindicato das Indústrias de Vestuário de Divinópolis (SINVEDS). Infelizmente, não se logrou êxito nas respostas, pois nenhuma empresa manifestou-se no envio dos dados. Ressalta-se que a prestação de serviços de alguns equipamentos ultrapassa a fronteira do Centro-Oeste Perimetropolitano, chegando à fronteira com outros estados brasileiros. Salienta-se, todavia, que na matriz apresentada estão relacionados apenas os 61 municípios que fazem parte do recorte espacial desta pesquisa e com os quais Divinópolis se relaciona com intensidades diferentes. A elaboração da matriz possibilitou identificar os níveis de intensidade de algumas das relações externas mantidas regularmente por Divinópolis.

---

<sup>134</sup> Não se apresentam na Matriz dados relativos aos equipamentos industriais, mesmo sendo este setor de grande importância para o desenvolvimento da cidade. A justificativa de exclusão deste dado se deve à dificuldade de acesso aos mesmos. Estes foram solicitados a partir de contato pessoal e via ofício às entidades de classes como a ACID e o SINVEDS, mas não se obteve êxito. A ACID enviou e-mail para todas as empresas solicitando resposta à seguinte questão: “Com quais cidades brasileiras ou fora do país, os produtos desta empresa são comercializados?” Infelizmente, não se logrou êxito na solicitação. Um número reduzido de empresas respondeu, e mesmo assim, com dados evasivos, tornando impossível o tratamento com a metodologia proposta para este trabalho. Como exemplo, cita-se uma empresa que respondeu o seguinte: “comercializamos com cidades de todo o país de norte a sul”.

Quadro 25 - Matriz de relações externas de Divinópolis

(continua)

Nº	EQUIPAMENTOS EM DIVINÓPOLIS/ MUNICÍPIO	AGU (Advocacia Geral da União)	Bombeiro Militar	Secretaria Regional de Ensino	INSS (Instituto Nacional do Seguro Social)	Delegacia de Polícia Militar	Polícia Militar Rodoviária	Polícia Federal	EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais)	Secretaria Regional de Saúde	SEMAD (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento de MG)	IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)	Seccional da Fazenda	Rede ABC supermercados	Ricardo Eletro	Grupo CIMCAL	TOTAL	Nível de relação
1	Divinópolis																15	100
2	Itaúna																14	93,3
3	Nova Serrana																14	93,3
4	Carmo do Cajuru																12	80
5	São Gonçalo do Pará																12	80
6	São Sebastião do Oeste																12	80
7	Cláudio																11	73,3
8	Araújos																10	66,7
9	Itapecerica																10	66,7
10	Perdigão																10	66,7
11	Santo Antônio do Monte																10	66,7
12	Oliveira																10	66,7
13	Pará de Minas																10	66,7
14	Arcos																10	66,7
15	Formiga																10	66,7
16	Pedra do Indaiá																9	60
17	Pitangui																9	60
18	Lagoa da Prata																8	53,3
19	Bambuí																8	53,3
20	Carmo da Mata																8	53,3

(continuação)

Nº	EQUIPAMENTOS EM DIVINÓPILIS/ MUNICÍPIO	AGU (Advocacia Geral da União)	Bombeiro Militar	Secretaria Regional de Ensino	INSS (Instituto Nacional do Seguro Social)	Delegacia de Polícia Militar	Polícia Militar Rodoviária	Polícia Federal	EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais)	Secretaria Regional de Saúde	SEMAD (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento de MG)	IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)	Seccional da Fazenda	Rede ABC supermercados	Ricardo Eletro	Grupo CIMCAL	TOTAL	Nível de relação
21	Iguatama																8	53,3
22	Leandro ferreira																8	53,3
23	Pains																8	53,3
24	Bom Despacho																8	53,3
25	Camacho																7	46,7
26	Igaratinga																7	46,7
27	Japaraíba																7	46,7
28	Luz																7	46,7
29	Medeiros																7	46,7
30	Tapirai																7	46,7
31	Conceição do Pará																6	40
32	Dores do Indaiá																6	40
33	Itaguara																6	40
34	Itatiaiuçu																6	40
35	Moema																6	40
36	Onça do Pitangui																6	40
37	Pimenta																6	40
38	São Francisco de Paula																6	40
39	Córrego Danta																5	33,3
40	Estrela do Indaiá																5	33,3
41	Pequi																5	33,3

(conclusão)

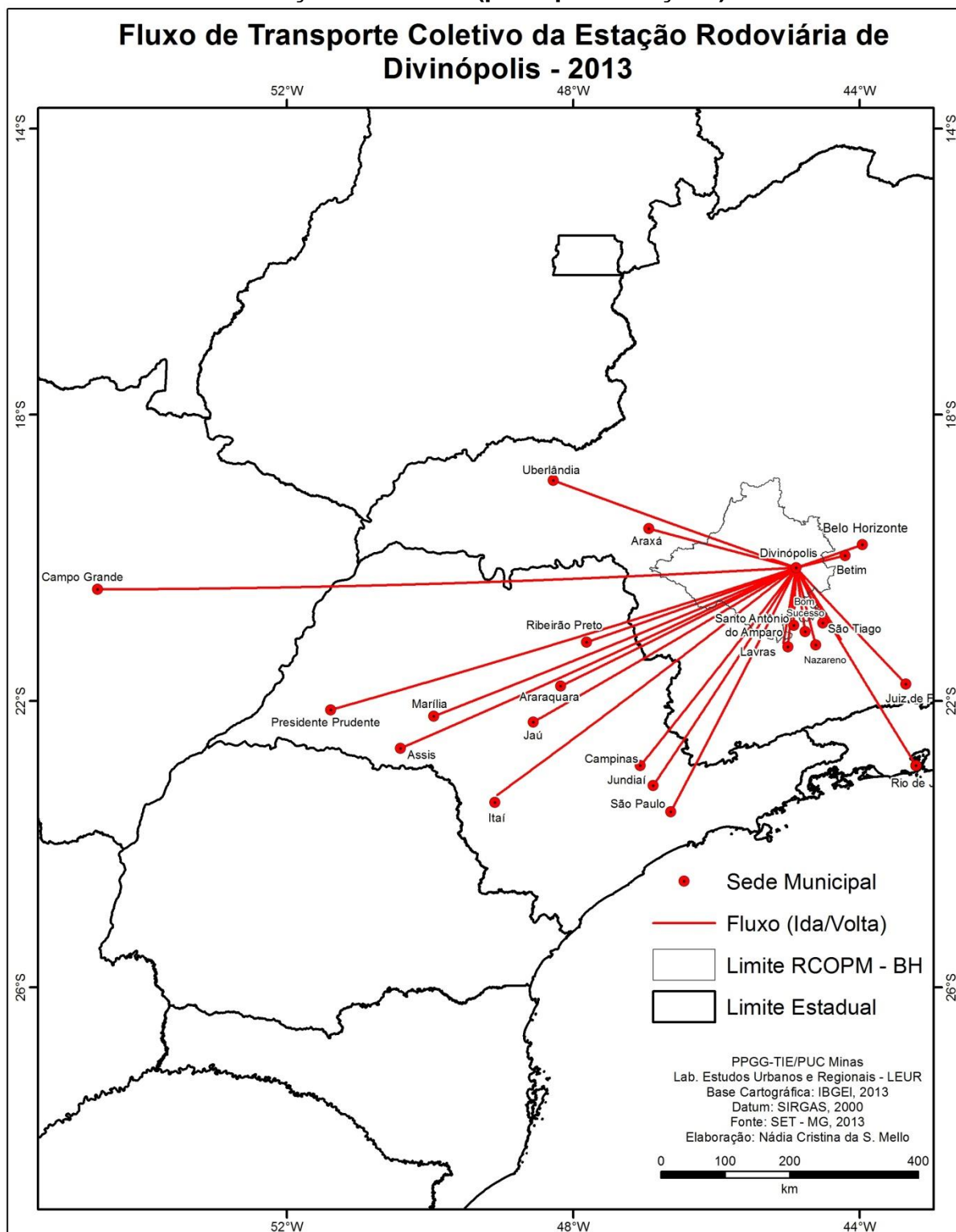
Nº	EQUIPAMENTOS EM DIVINÓPILIS/ MUNICÍPIO	AGU (Advocacia Geral da União)	Bombeiro Militar	Secretaria Regional de Ensino	INSS (Instituto Nacional do Seguro Social)	Delegacia de Polícia Militar	Polícia Militar Rodoviária	Polícia Federal	EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais)	Secretaria Regional de Saúde	SEMAD (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento de MG)	IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)	Seccional da Fazenda	Rede ABC supermercados	Ricardo Eletro	Grupo CIMCAL	TOTAL	Nível de relação
42	São José da Varginha																5	33,3
43	Serra da Saudade																5	33,3
44	Abaeté																4	26,7
45	Candeias																4	26,7
46	Florestal																4	26,7
47	Maravilhas																4	26,7
48	Martinho Campos																4	26,7
49	Piumhi																4	26,7
50	Quartel Geral																4	26,7
51	Capitólio																3	20
52	Córrego Fundo																3	20
53	Doresópolis																3	20
54	São Roque de Minas																3	20
55	Vargem Bonita																3	20
56	Campo Belo																3	20
57	Cana Verde																2	13,3
58	Cristais																2	13,3
59	Santana do Jacaré																2	13,3
60	Aguanil																1	6,7
61	Perdões																0	0

Fonte: Instituições analisadas  
Elaborado pela autora

Analisando-se a matriz e considerando-se que o nível de relação é de 100% para os municípios atendidos pelas 15 instituições analisadas, estabeleceram-se três níveis de intensidade das relações: intensa, para as cidades que utilizam mais de 73% dos equipamentos; regulares, entre 40% e 73,1%, e fracas, menos de 39,9%. Observa-se que o nível de intensidade das relações com as cidades da RCOPm-BH não está relacionado com o nível hierárquico das cidades, mas parece estar mais ligado à distância, que pode também estar relacionado à disponibilidade de transporte e à qualidade das vias de acesso.

A Figura 27 representa os dados fornecidos pela Secretaria Estadual de Transportes de Minas Gerais em 2013, que mostram os fluxos de ônibus que chegam e partem da estação rodoviária de Divinópolis em direção a diversas localidades, não somente da região, mas também em direção a outros estados do país.

**Figura 27 - Divinópolis-MG: Fluxo de transporte coletivo que chega e parte da estação rodoviária (principais direções)**



Fonte: Secretaria Estadual de Transporte de Minas Gerais, 2013.

Dentre as linhas de transporte coletivo intermunicipal que partem da estação rodoviária de Divinópolis, algumas têm pontos de parada no centro da cidade, tanto no trajeto de ida como de volta. Mas, de acordo com o decreto municipal

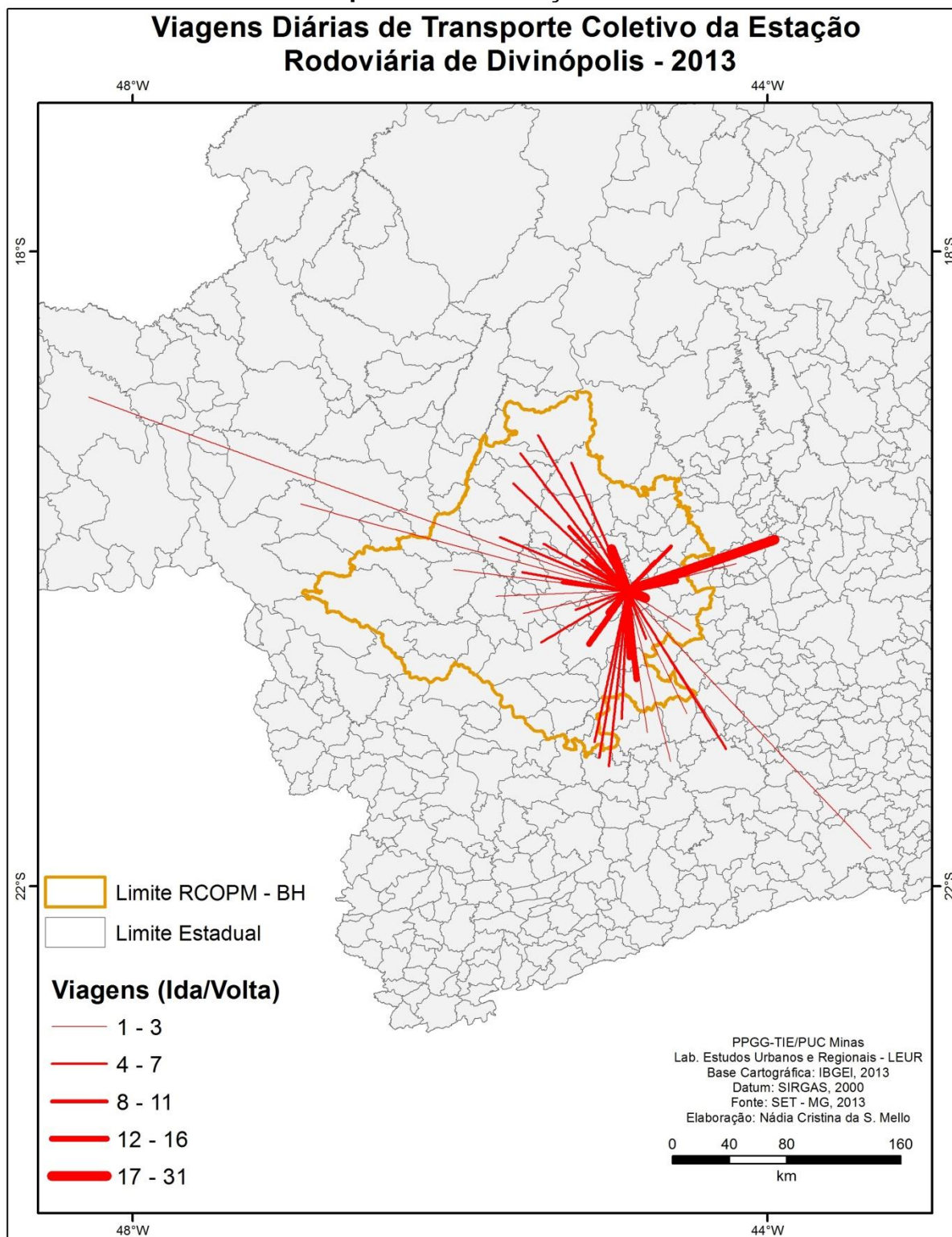
11.837/2015, a partir de 1º de julho de 2015, não haverá mais os pontos de embarque e desembarque na área central para todas as linhas com percurso superior a 40 km. Isto alterou 150 horários de 20 linhas com destino às seguintes cidades: Cláudio, Araújos, Arcos, Bambuí, Bom Despacho, Lagoa da Prata, Carmo da Mata, Oliveira, Formiga, Nova Serrana, Pará de Minas, Itaúna e São Sebastião do Oeste. Algumas destas cidades não se distanciam de Divinópolis mais de 40 km, mas são cidades intermediárias na linha. Portanto, com este decreto, as únicas linhas que passarão pela área central são as de Itapeçerica e Carmo do Cajuru, e será permitido somente o desembarque de passageiros.

Esta regulamentação pode prejudicar a relação da cidade com estes municípios da região e também as atividades comerciais e de prestação de serviços locais, tendo em vista que o embarque só será permitido na estação rodoviária, o que aumenta o custo do transporte, pois para este deslocamento o usuário terá que utilizar o transporte intraurbano. E também se entende que não reduzirá o impacto no uso intensivo do solo urbano por veículos pesados e nem da poluição do ar, tendo em vista que os ônibus continuarão a circular pela área central para o desembarque dos passageiros que vêm destas cidades que se relacionam intensamente ou de forma regular com Divinópolis.

A Figura 28 revela, também, que depois do estado de Minas Gerais, Divinópolis mantém uma relação maior com cidades do estado de São Paulo, mesmo que com poucos horários, alguns em trânsito vindos de Belo Horizonte. As partidas são, em especial, para grandes centros como a capital paulista, Campinas, Jundiaí, Araraquara, Marília, Ribeirão Preto, Presidente Prudente e outras. Excetuando o estado de São Paulo, há horários de partidas de ônibus para Mato Grosso do Sul (Campo Grande) e para a capital do Rio de Janeiro. E, no estado, fora da RCOPm-BH, as maiores relações são com Belo Horizonte, o que revela também o alto grau de relações com a capital do estado. Outra observação importante é a ligação com um dos dois grandes centros regionais de Minas: a cidade de Uberlândia, no Triângulo Mineiro.

Na escala estadual, é incontestada a intensidade das relações de Divinópolis com a RCOPm-BH e com a capital. A Figura 29 mostra a quantidade de horários de ônibus coletivos que partem da estação rodoviária para diversas cidades da região e para Belo Horizonte.

**Figura 28 - Divinópolis-MG: quantitativo de viagens diárias de transporte coletivo partindo da estação rodoviária**



Fonte: Secretaria de Estado de Transporte de Minas Gerais, 2013.

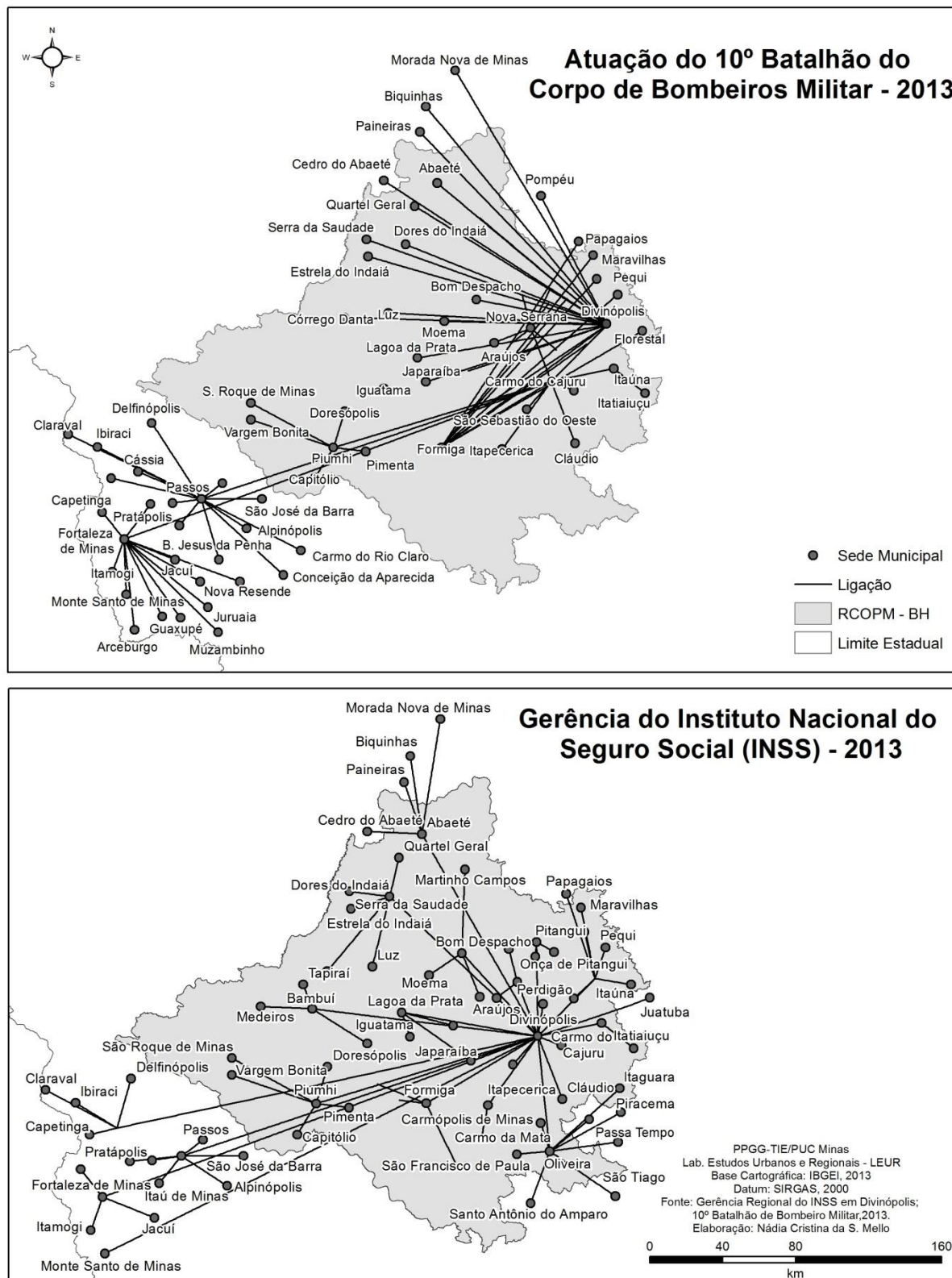
Para as viagens de transporte coletivo, consideraram-se aquelas com partidas saindo da rodoviária de Divinópolis, mesmo que muitas empresas oferecem o

serviço que pode ser contratado por particulares. Os dados reforçam principalmente a acentuada relação com a capital mineira: entre Divinópolis e Belo Horizonte são 120 km de distância; até o final do ano de 2014, eram 45 horários de ida para Belo Horizonte e 43 de volta. Em 2015, tais horários foram alterados, ficando 24 de ida e o mesmo número de volta. As razões prováveis dessa diminuição já foram mencionadas anteriormente nesta tese. A empresa que executa a linha oferece de segunda-feira a sexta-feira, onze horários para transporte em ônibus executivo (direto para BH); no sábado são seis horários e no domingo, oito. Os demais horários são para transporte em ônibus convencional (com paradas). Estes ônibus fazem também a ligação com cidades da região metropolitana, passando por Itaúna, que se localiza na RCOPm-BH; os ônibus também param em diversos pontos nas cidades de Mateus Leme, Juatuba, Betim e Contagem.

Ainda sobre as relações externas, a área de ação e/ou de jurisdição de alguns órgãos públicos sediados na cidade já foi apresentada, mas, em seguida, estas relações foram expostas em mapas, entendendo que podem oferecer melhor visualização do espaço e da intensidade alcançada nestas relações. Serão apresentadas, seletivamente, as atuações do Corpo de Bombeiros Militar e do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Por sinal estes dois órgãos apresentam certa semelhança entre suas estruturas organizacionais: o primeiro se divide em batalhões, que por sua vez atendem conjuntos de municípios que compõem sua jurisdição através da subdivisão em pelotões, e o segundo se divide em Gerências Regionais que coordenam as Agências locais.

Os mapas representativos (FIG. 29) foram elaborados em modo de fluxos, considerando que são mais claros para mostrar o que se pretende. Deduz-se que a rede de relações formada pela logística de distribuição das sedes e subsedes destas instituições formam redes dendríticas que integram um sistema a partir de centros principais que são as cidades médias. Isto pode ser a indicação de uma rede urbana em consolidação, independente do critério adotado para tal organização.

**Figura 29 - Divinópolis-MG: áreas de atuação do 10º Batalhão do Corpo de Bombeiros Militar e da Gerência do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)**



Fonte: Gerência Regional do INSS em Divinópolis, 2013; 10º Batalhão de Bombeiro Militar, 2013.

Em Divinópolis, o 10º Batalhão de Bombeiros Militares coordena as ações dos pelotões implantados em oito municípios: Piumhi, Passos, São Sebastião do

Paraíso, Pará de Minas, Nova Serrana, Itaúna, Formiga e Divinópolis.<sup>135</sup> Com exceção de Piumhi, todos os demais municípios têm suas cidades classificadas como médias (AMORIM FILHO, 2007), o que pode reforçar a visão de que esta categoria de cidade tende a atrair alguns tipos de serviços, em particular os públicos. Isto também considerando que, por outro lado, a presença e a ação desses serviços podem colaborar para transformar as cidades onde estão sediadas em cidades médias.

A área de atuação dos bombeiros militares é extensa, ultrapassa a fronteira da RCOPm-BH, gerenciando pelotões em Passos e São Sebastião do Paraíso, já na região sudoeste do estado. O que se observa em relação à rede dendrítica, formada pelos pelotões de Pará de Minas e Formiga, é que ela é dispersa, considerando o caráter emergencial do serviço prestado. Neste sentido, entende-se que as redes formadas pela atuação da gerência executiva do INSS formam redes mais coerentes em termos de distância entre as cidades (as agências atendem as cidades mais próximas), o que leva a deduzir que a logística desta instituição considera mais o critério geográfico.

A Gerência Executiva do INSS<sup>136</sup> presta suporte técnico e logístico para que as Agências da Previdência Social<sup>137</sup> de sua abrangência operacionalizem os serviços previdenciários. Os Bombeiros Militares prestam, dentre outros, serviços de emergência e urgência, atuando em combates a incêndios, busca e salvamento, atendimento pré-hospitalar e alguns serviços técnicos. Por isto, infere-se que esta instituição deveria considerar mais o fator distância na sua estrutura organizacional. A Figura 30 mostra, ainda, a área de atuação destes e outros órgãos públicos, cujas sedes localizam-se em Divinópolis.

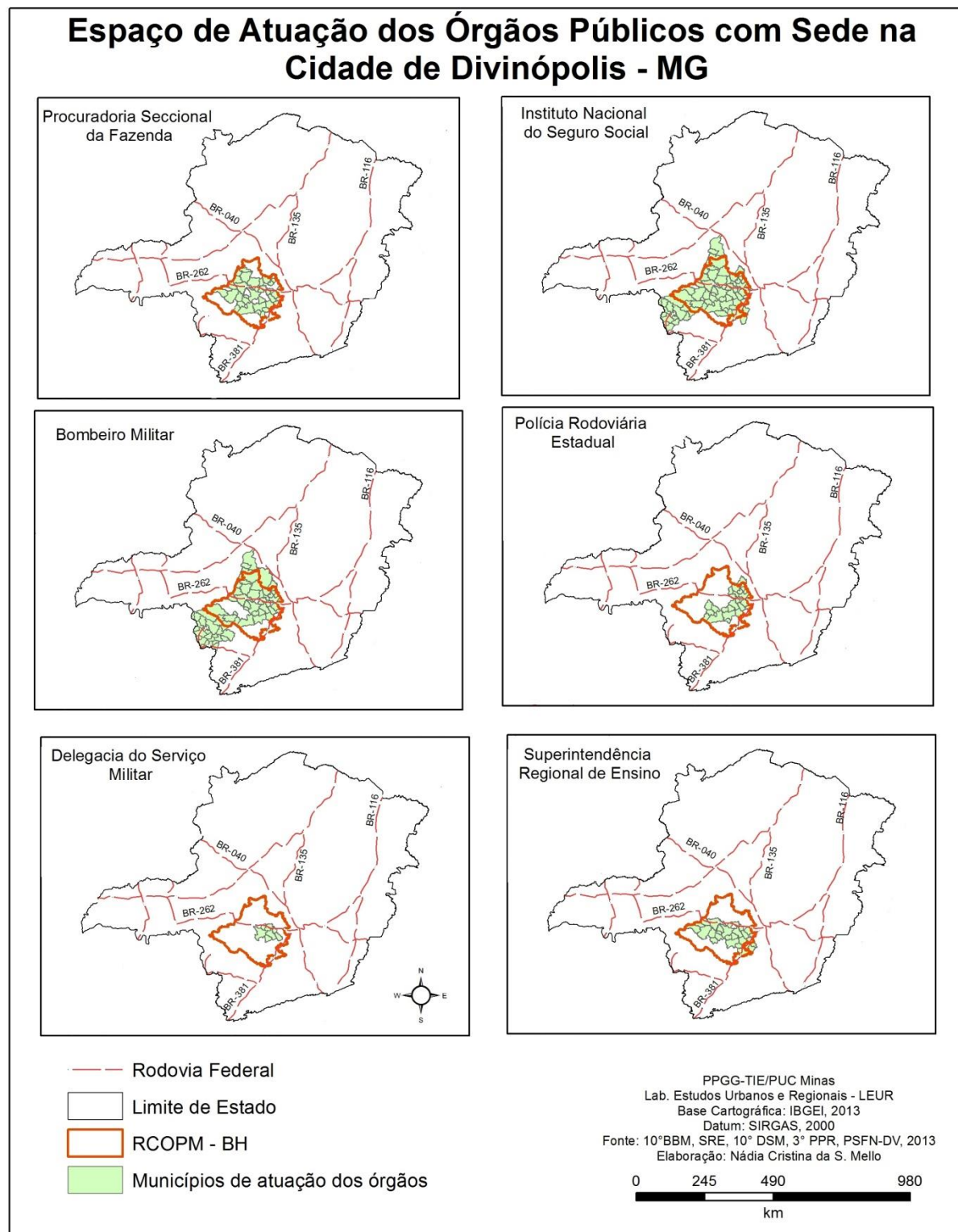
---

<sup>135</sup> Informações fornecidas por Maj. BM Manoel dos Reis Moraes, comandante do 10º BBM em 29 mai. 2013.

<sup>136</sup> Informações fornecidas por Vilton Gonçalves Teixeira, chefe de seção de atendimento da Gerência Executiva do INSS de Divinópolis em 13 jan. 2014.

<sup>137</sup> Vilton Teixeira informou que em breve haverá também mais uma agência da previdência na região e que será instalada em Santo Antônio do Monte.

**Figura 30 - Divinópolis-MG: espaço de atuação dos órgãos públicos com sede na cidade**



Fonte: Órgãos públicos analisados, 2013

É certo que as definições das áreas de atuação destes órgãos, dentre outros critérios, estão relacionadas às suas funções. A Procuradoria Geral da Fazenda

Nacional é composta por Procuradorias Regionais que, por sua vez, se subdividem em Procuradorias Estaduais e estas em Procuradorias Seccionais. Estas procuradorias estão situadas nas cidades onde havia jurisdição da Justiça Federal. Em janeiro de 2006, este órgão instalou-se em Divinópolis, ensejando, assim, a criação da Procuradoria Seccional da Fazenda Nacional na cidade (PCFN-DIV-MG). O órgão tem por função a inscrição em Dívida Ativa da União, os créditos tributários e não tributários, para fins de cobrança administrativa e judicial, isto, cujo domicílio devedor/executado esteja em um dos municípios que estão sob jurisdição deste órgão<sup>138</sup>. No caso, nos 42 municípios que estão subordinados à procuradoria de Divinópolis. Observa-se que todos estão localizados dentro da RCOPm-BH e, dentre eles, até mesmo aqueles municípios que foram inseridos na região, mas estão localizados mais próximos da região metropolitana de Belo Horizonte, como Pará de Minas, Florestal, Itatiaiuçu e Itaguara. Isto pode reforçar a visão de Conti (2009) de que estes municípios, mesmo pertencentes à região metropolitana, possuem certo grau de relações com Divinópolis.

O Pelotão da Polícia Rodoviária tem por missão assegurar soluções adequadas de transporte rodoviário de pessoas e bens, no âmbito do Estado. O pelotão de Divinópolis localiza-se ao longo da rodovia MG-050, por isto seus municípios de atuação são aqueles que se encontram neste percurso.

A Delegacia do Serviço Militar é um órgão público federal responsável pelo serviço militar obrigatório no país. Divinópolis é sede da 3ª Delegacia, que é subordinada à 11ª Circunscrição do Serviço Militar (CSM), com sede em Belo Horizonte. A Delegacia tem sob sua jurisdição 7 municípios, onde estão instaladas as Juntas do Serviço Militar que tem por função realizar as atividades de alistamento dos brasileiros de acordo com as normas vigentes no país. Todos os municípios localizam-se dentro da RCOPm-BH: Araújos, Carmo do Cajuru, Divinópolis, Nova Serrana, Perdígão, Santo Antonio do Monte, São Gonçalo do Pará e São Sebastião do Oeste. Cabe ressaltar que na região ainda há mais três delegacias, localizadas em Formiga, Bom Despacho e Pará de Minas. Com exceção de Bom Despacho, todas classificadas como cidades médias. Já as SREs coordenam o funcionamento das instituições escolares no nível fundamental e médio dos municípios vinculados e de acordo com suas funções, são determinadas suas áreas de jurisdição.

---

<sup>138</sup> Informações prestadas por Bárbara Resende, secretária da Procuradoria Seccional da Fazenda Nacional em Divinópolis em jan. 2014.

A Procuradoria Seccional da Fazenda, o INSS e os Bombeiros Militares estabelecidos em Divinópolis, atuam praticamente em quase todos os municípios da região, o que reforça a visão do alto nível de polaridade intrarregional de Divinópolis. Já os municípios de atuação da 12ª SRE são em menor quantidade, e o que se observa é que a localização destes municípios acompanha o traçado da rodovia BR-262, e os da Polícia Rodoviária Estadual, seguem o eixo da MG-050. Isto mostra como o transporte pode contribuir para se definir uma rede urbana.

A 3ª Delegacia do Serviço Militar de Divinópolis tem menor abrangência na região, pois a sua atividade está ligada aos municípios através das juntas do serviço militar, órgão este obrigatoriamente presente em todos os municípios e o critério da proximidade simplifica e facilita a execução das atividades.

O que se observa a partir destes mapeamentos é uma maior tendência de ligação da RCOPm-BH com a região Sudoeste de Minas, pois as atuações dos órgãos analisados que se configuram fora da região estão mais direcionados neste sentido. Isto conduz a refletir também sobre as relações extrarregionais de Divinópolis que, neste caso, assume a condição de elo entre a região sudoeste e a capital mineira. E tendo Divinópolis tantos órgãos públicos localizados em sua sede municipal é natural que atraia, portanto, muitas pessoas.

De acordo com a agência do IBGE, sediada na cidade, diariamente passam por Divinópolis cerca de 30 mil migrantes pendulares em busca destes e outros serviços, bem como para adquirir diversos bens e mercadorias, em especial no ramo de confecções, que é um dos setores de maior arrecadação da cidade, ficando atrás apenas do setor siderúrgico.

O setor de vestuário é responsável, em grande parte, pelas ligações de Divinópolis com outras regiões do estado e até mesmo com outros países. De acordo com Bessa (2008, p. 61), este setor ganhou importância na cidade a partir dos anos de 1970, com as crises no setor siderúrgico e ferroviário, que conduziram à decadência do setor guseiro. Ainda segundo o autor, a crise fez com que muitos homens que perderam o emprego neste setor passassem a auxiliar suas esposas que já atuavam na prestação de serviços no setor de costura, o que levou muitos trabalhadores a se profissionalizarem a partir dos anos de 1980. Desta forma, a atividade cresceu no município, destacando-o no cenário nacional como polo produtor de moda, onde o setor de confecção emprega considerável volume da mão de obra feminina da cidade, atraindo também trabalhadores da região para atuarem

nas mais de 198 micros e pequenas empresas do setor, segundo registro do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Divinópolis<sup>139</sup>. Dentre as atividades econômicas, o setor terciário é a maior fonte de arrecadação e geração de empregos do município, sendo o comércio confeccionista o maior responsável.

Neste setor, a cidade possui um shopping varejista e 4 atacadistas, onde os fabricantes expõem os produtos confeccionados e comercializam, direta ou virtualmente, com os popularmente chamados “sacoleiros<sup>140</sup>”, ou com empresas formais de diversas partes do país. Estas relações tornaram a cidade um grande centro de turismo de negócios. Estes centros comerciais, além dos compradores que se deslocam individualmente em veículos particulares, recebem constantemente diversos ônibus em viagens a partir de várias cidades que, popularmente, são denominadas de “excursões de compra em Divinópolis”. De acordo com Bessa (2008, p. 64),

Nestes ônibus têm a figura do guia ou corretor de vendas, que convencem as sacoleiras a comprar em determinadas regiões da cidade. Os shoppings atacadistas oferecem bonificação em dinheiro para os guias, quanto maior o número de sacoleiras consumistas em suas lojas, maior valor eles recebem. Outra forma de bonificação é para as sacoleiras que consomem acima de certo valor. Elas recebem um vale com direito ao almoço. (BESSA, 2008, p. 64).

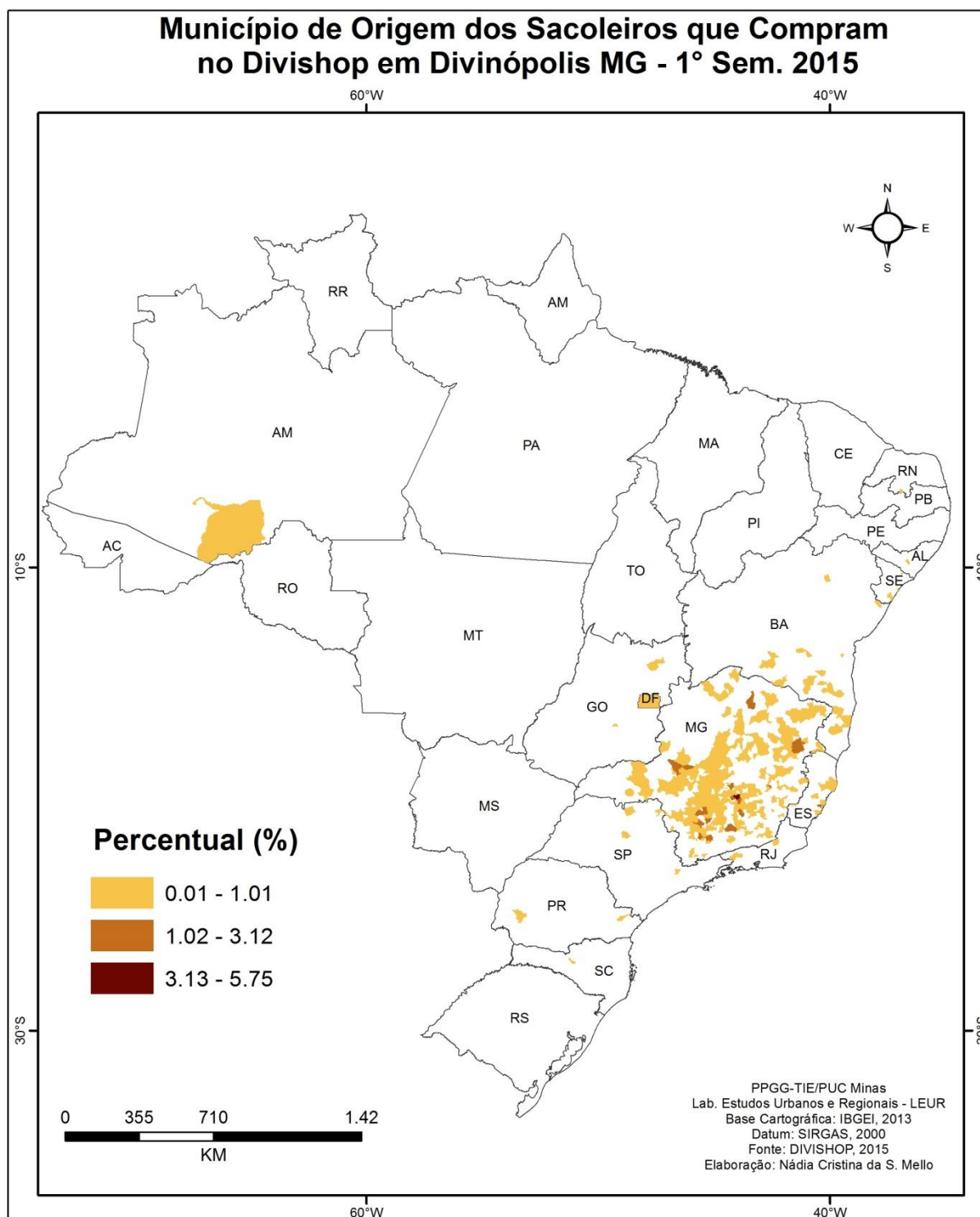
O Divishop é o maior dos 4 shoppings atacadistas da cidade, fundado há 19 anos. O gerente deste estabelecimento possui um cadastro dos guias com os respectivos créditos de compras de sua equipe. Créditos estes registrados em pontos que são contabilizados a cada lançamento de coleções que tem tempo variado de duração. A Figura 31 representa a origem destes “sacoleiros” que foram classificados de acordo com a pontuação registrada no primeiro semestre de 2015.

---

<sup>139</sup> Dados retirados do site do Sinvesd (<http://www.sinvesd.com/associados-sinvesd-sindicato-da-industria-do-vestuario-de-divinopolis-mg>) em 02 jul. de 2015. As empresas registradas no site estão relacionadas a diversas atividades dentro do setor: camisaria, bordados, estamperia, facções, lavanderia, moda feminina, feminina/ masculina, festa, infantil, infanto-juvenil, íntima, jeans, juvenil, masculina, praia, unissex, pijama e uniforme. Sobre estas empresas, é provável que haja um número superior a este instaladas na cidade. Bessa (2008, p. 61) fala que existem na cidade mais de 500 confecções de pequeno e médio porte. Sendo assim, conclui-se que a grande maioria destas fábricas operam de modo irregular, constituindo um problema para o município, que deixa de arrecadar o imposto devido por esta atividade.

<sup>140</sup> “Sacoleiros” são assim chamados na cidade aqueles que vem em excursões de compra e levam produtos da confecção de Divinópolis, para serem comercializados em suas cidades de origem, onde estes não possuem lojas físicas regulamentadas, mas realizam seus negócios de porta em porta ou em espaços irregulares.

**Figura 31 - Divinópolis-MG: origem e classificação dos sacoleiros que vêm em excursões de compra para a cidade de acordo com a pontuação de compras - 1º semestre de 2015**



Fonte: Gerência Administrativa do Divishop, 2015. Elaborada pela autora

Para a classificação apresentada foi elaborada uma matriz com todas as cidades e a respectiva pontuação. Com os dados desta matriz, foi aplicada a técnica

dos quartis para se levantar os maiores consumidores. Observa-se que, no período analisado, entre os “sacoleiros”, os dez maiores consumidores nas lojas do Divishop foram provenientes da capital Belo Horizonte, seguido por Contagem, também da região metropolitana, Conselheiro Lafaiete (MG), Cariacica (ES), São João Del Rei (NG), Campo Belo (MG), Sete lagoas (MG), Betim (MG), Boa Esperança (MG) e Congonhas (MG), Teófilo Otoni (MG), Janaúba (MG), Três Corações (MG) e Patos de Minas (MG). Ao todo, foram registradas 303 cidades de todo o país, cuja maioria é de Minas Gerais. Dentre as cidades brasileiras, destacam-se as dos estados do Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Distrito Federal, São Paulo, Goiás, Amazonas, Alagoas e Rio de Janeiro.

Isto mostra a importância deste setor na econômica de Divinópolis, mas Bessa (2006, p. 61) expressa que, antes de ser a capital da moda, a cidade era a capital dos trilhos. Desta forma, o ferro é uma importante matéria-prima propulsora do desenvolvimento econômico e espacial da cidade, conforme cita-se na obra comemorativa ao centenário de Divinópolis (2012):

A morfologia da cidade é profundamente marcada pela presença dos trilhos e da oficina, seguida da presença da siderúrgica. As atividades da ferrovia e da oficina ensejaram o aparecimento de indústrias voltadas para a fundição ou fabricação de gusa, uma vez que as oficinas das estradas de ferro demandavam produtos metalúrgicos. A partir daí, o próprio capital local, excedente do comércio e da agricultura, foi investido na metalurgia, com a implantação de numerosos altos fornos de pequeno porte. (CENTENÁRIO DE DIVINÓPOLIS, 2012, p. 128).

Apesar de continuar sendo importante atividade para a arrecadação municipal em Divinópolis, o setor siderúrgico teve seu auge até os anos de 1980, quando enfrentou uma forte crise nacional. Mas há informações<sup>141</sup> do ano de 2014, segundo as quais, das quinze siderúrgicas instaladas no município, quatro empresas

---

<sup>141</sup> Notícia publicada no site [g1.globo.com](http://g1.globo.com): “A indústria do ferro-gusa em Divinópolis atravessa um período de crise. Só em 2014, quatro siderúrgicas paralisaram as atividades na cidade. Os empresários alegam falta de incentivo fiscal e queda no número de pedidos por causa da crise econômica mundial. Fatores que, segundo eles, forçam a redução da produção e a demissão de trabalhadores. Em 2008, quando teve início uma crise econômica mundial que mudou os rumos de muitos negócios, as siderúrgicas de Divinópolis operavam com 100% da capacidade e empregavam 3.370 trabalhadores diretos. Desde então, houve redução drástica. Hoje, são cerca de 670. Os números são do Sindicato da Indústria do Ferro no Estado de Minas Gerais (Sindifer-MG). Uma das empresas que fecharam as portas na cidade é a siderúrgica Álamo, que demitiu 150 funcionários no início de novembro. Poucos meses antes, em junho, a Ferdil anunciou seu fechamento e a demissão de 100 operários. Em fevereiro, a São Luiz interrompeu a produção e demitiu 115 trabalhadores. Outra siderúrgica que parou de funcionar na cidade foi a Minnetel. Em novembro de 2013, 100 colaboradores foram liberados”. (GLOBO.COM, 2015).

interromperam suas atividades e, uma delas realocou suas atividades no estado de Mato Grosso do Sul, por ter aí mais incentivos fiscais do que em Minas Gerais.

O noticiário ainda informou que isto ocorreu em função da crise externa que se iniciou em 2008, tendo em vista que grande parte dos compradores do ferro gusa brasileiro são estrangeiros, como os Estados Unidos e a China. Ao segundo país ainda cabe ressaltar a questão da concorrência em relação à importação do aço por parte do mercado brasileiro. O Brasil exporta o ferro gusa para a China, que transforma esta matéria prima em aço e volta ao mercado brasileiro em forma de um produto final mais barato do que o fabricado no país. A competitividade com o mercado externo tem afetado diversos setores no país, e a China tem sido o maior concorrente; no caso de Divinópolis, tem afetado não somente o setor mineral, mas também o da confecção.

As atividades econômicas no setor da confecção foram impulsionadas na cidade, no período de crise do setor siderúrgico, a partir dos anos de 1980, isto, também estimuladas pela presença de uma indústria têxtil na cidade, a CIA Fiação e Tecelagem Divinópolis-FITEDI, instalada em 1937. A fábrica produzia tecidos populares que eram comercializados em todo o território nacional. Isto motivou os empreendedores iniciais a investirem na atividade confeccionista, período este descrito por Nogueira (2010),

O final da década de 1980 e o início da década de 1990 foi um marco para as confecções que, com o processo de modernização das oficinas de costura e o aprimoramento das atividades, aumentaram significativamente a produção. Esta fase foi marcada por grandes feiras que contavam com a participação de compradores de todo o país que vinham em ônibus fretados especialmente para este fim. Em 1990, a cidade recebia uma média de 20 ônibus/dia, a maioria deles com mulheres interessadas em compras para revendas. Estas “consumidoras” foram denominadas “sacoleiras”. O setor imobiliário percebe este crescimento e passa a investir em shoppings atacadistas e lojas, construídos em pontos estratégicos, próximos às áreas da rodoviária e de acesso fácil à capital do estado. (NOGUEIRA, 2010, p. 15).

As atividades da cadeia têxtil<sup>142</sup> tornou Divinópolis um grande polo da moda no estado de Minas Gerais, mas o setor também tem enfrentado crises, em função da concorrência externa, conforme cita Cunha (2013):

---

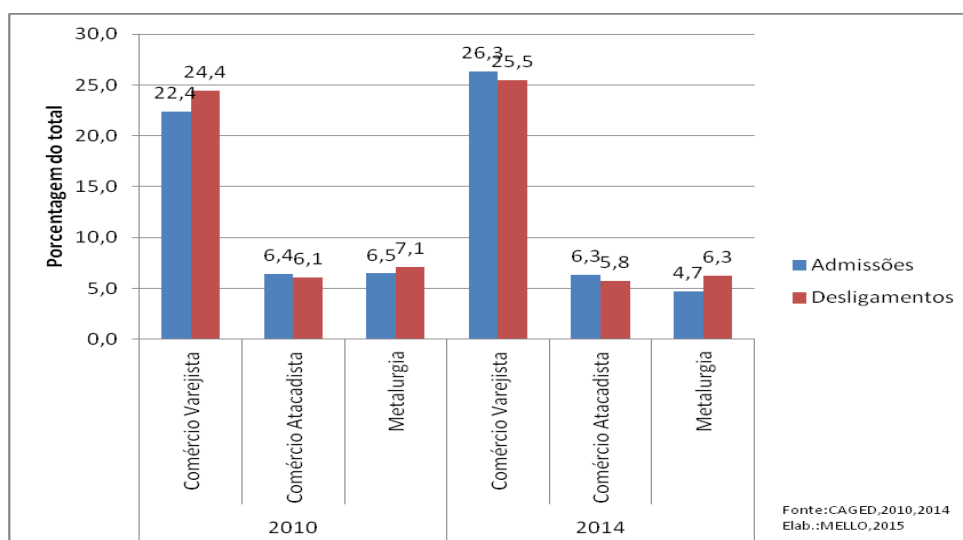
<sup>142</sup> De acordo com Nogueira (2010), a cadeia produtiva têxtil é composta pelos: produtores de matérias primas e insumos, fabricantes de máquinas e equipamentos têxteis, comerciantes (varejistas e atacadistas), indústria têxtil que é dividida basicamente em fiação e tecelagem, beneficiamentos têxteis e confecção. A indústria de confecção refere-se à indústria de transformação do tecido em peça confeccionada. (NOGUEIRA, 2010, p. 14-15).

Embora o município de Divinópolis tenha grande participação na produção confeccionista no país, a globalização econômica que se iniciou nos anos de 1990, no Brasil, e que vem se acentuando desde então, diluiu as fronteiras da concorrência e refletiu na perda de competitividade, especialmente no comércio internacional. (CUNHA, 2013, p. 70).

Em Divinópolis, no setor confeccionista, o principal produto importado é o tecido, em especial, as malhas sintéticas que são importadas da China, e, segundo o Jornal Divinews<sup>143</sup>, neste processo ganham o atacadista importador e o confeccionista, mas o comerciante final e o consumidor não conseguem o bônus do lucro com a importação da matéria-prima.

Mesmo com a visível crise, a cadeia produtiva têxtil gera mais empregos que o setor siderúrgico na cidade, sendo o comércio, varejista e atacadista os que mais geram empregos no setor e também no geral do município. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho (CAGED, 2010; 2014) mostram a evolução dos dois setores que mais geraram empregos em Divinópolis neste período, conforme mostra o Gráfico 3.

**Gráfico 3 - Divinópolis-MG: taxa de admissões e desligamentos nos dois principais setores de geração de emprego**



<sup>143</sup> Divinews, 2015. O preço da roupa confeccionada com o tecido chinês tem o preço como se fosse produzida com o tecido nacional que é agregado de todos os impostos. Além disso, tem a pirataria dos mais variados gêneros, a falta de infraestrutura brasileira em vários aspectos, carga tributária, concorrência desleal, guerra fiscal, juros altos e demais fatores que encarassem a produção nacional, as mercadorias nas prateleiras e que deixam nossos empresários com os dois pés atrás em termos de expandir a produção.

Apresentam-se as taxas dos anos de 2010 e 2014 por ser 2010 o período de referência neste trabalho e 2014 o último período que apresenta dados completos, de janeiro a dezembro. Comparando os dois períodos, o comércio varejista foi realmente o que mais admitiu trabalhadores (22,4% em 2010 e 23,6% em 2014). O setor apresentou uma recuperação em 2014, pois em 2010 apresentou uma variação (trabalhadores admitidos menos os desligados) de 187 pessoas, e em 2014 foram 315. Já o setor metalúrgico, desde 2010 já vinha apresentando uma queda na geração de emprego, com mais desligamentos que admissões. Em 2010, a variação foi de 42 trabalhadores. Já em 2014, o saldo da variação foi negativo: de 454 trabalhadores, ou seja, foram admitidos 1.453 e foram desligados 1.907, mostrando uma tendência de crise no setor.

Outros setores importantes na geração de emprego na cidade são as indústrias de produção de alimentos, bebidas e álcool etílico, que em 2010 representaram 2,6% das admissões e em 2014, 2,9%. A variação, em 2010, foi de 48 trabalhadores, tendo sido admitidos 821 e desligados 773 trabalhadores. Em 2014, foram 84, ou seja, 901 admissões e 817 desligamentos. Mas, se comparados os setores secundário e o terciário nas atividades comerciais e de serviços, o terciário foi o que criou mais oportunidades de trabalho, em especial o setor de serviços, com maior representatividade em 2010 do que em 2014. Na indústria de transformação, observa-se uma queda bastante acentuada na geração de empregos e as atividades comerciais foram as que mais geraram empregos, conforme mostra o Quadro 26.

**Quadro 26 - Divinópolis-MG: saldo de empregos no setor de comércio-2010 e 2014**

(continua)

<b>Comercio 2010</b>	<b>Admissão</b>	<b>Desligamento</b>	<b>Saldo</b>	<b>Comércio 2014</b>	<b>Admissão</b>	<b>Desligamento</b>	<b>Saldo</b>
<i>Vendedor de comercio varejista</i>	2.401	2.425	-24	<i>Vendedor de comércio varejista</i>	2.640	2.599	41
<i>Operador de caixa</i>	634	551	83		1.038	896	142
<i>Auxiliar de escritório, em geral</i>	608	508	100	<i>Auxiliar de escritório, em geral</i>	519	512	7
<i>Embalador, a mão</i>	335	201	134	<i>Repositor de mercadorias</i>	410	389	21
<i>Repositor de mercadorias</i>	288	268	20	<i>Embalador, a mão</i>	385	283	102
<i>Almoxarife</i>	233	210	23	<i>Almoxarife</i>	383	346	37
<i>Frentista</i>	226	226	0	<i>Frentista</i>	306	290	16
<i>Vendedor em comércio atacadista</i>	216	227	-11	<i>Vendedor em comércio atacadista</i>	275	263	12
<i>Motorista de caminhão (Rotas regionais e internacionais)</i>	215	218	-3	<i>Armazenista</i>	252	234	18
<i>Armazenista</i>	168	113	55	<i>Faxineiro (Desativado em 2010)</i>	198	178	20
<b>Industria transformação_2010</b>	<b>Admissão</b>	<b>Desligamento</b>	<b>Saldo</b>	<b>Indústria transformação- 2014</b>	<b>Admissão</b>	<b>Desligamento</b>	<b>Saldo</b>
<i>Costureiro na confecção em série</i>	547	491	56	<i>Alimentador de linha de produção</i>	580	550	30
<i>Arrematadeira</i>	530	432	98	<i>Costureiro na confecção em série</i>	367	441	-74
<i>Auxiliar de escritório, em geral</i>	415	373	42	<i>Auxiliar de escritório, em geral</i>	353	357	-4
<i>Costureiro, a máquina na confecção em Serie</i>	400	434	-34	<i>Arrematadeira</i>	312	326	-14
<i>Vendedor de comércio varejista</i>	365	311	54	<i>Costureiro, a máquina na confecção em Serie</i>	269	325	-56
<i>Alimentador de linha de produção</i>	317	244	73	<i>Vendedor de comércio varejista</i>	268	314	-46
<i>Operador de acabamento de peças Fundidas</i>	150	130	20	<i>Almoxarife</i>	157	149	8
<i>Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas)</i>	131	97	34	<i>Preparador de calçados</i>	157	109	48
<i>Costureira de peças sob encomenda</i>	121	115	6	<i>Ajudante de motorista</i>	134	101	33
<i>Acabador de embalagens flexíveis e cartotécnicas</i>	120	83	37	<i>Faxineiro (Desativado em 2010)</i>	134	124	10

(conclusão)

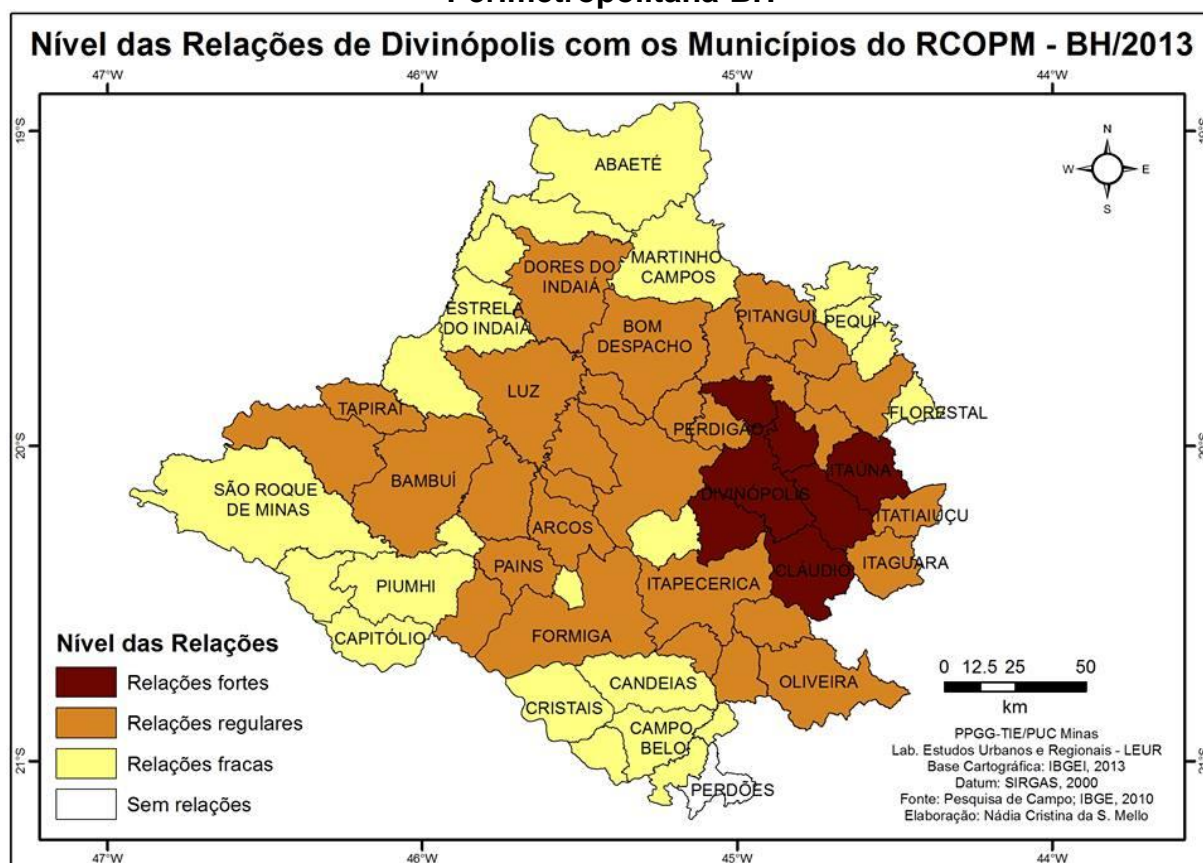
Serviços-2010	Admissão	Desligamento	Saldo	Serviços-2014	Admissão	Desligamento	Saldo
<i>Auxiliar de escritório, em geral</i>	840	658	182	<i>Auxiliar de escritório, em geral</i>	935	852	83
<i>Servente de obras</i>	353	339	14	<i>Faxineiro (Desativado em 2010)</i>	394	365	29
<i>Operador de telemarketing ativo</i>	339	211	128	<i>Recepcionista, em geral</i>	350	296	54
<i>Operador de caixa</i>	288	181	107	<i>Servente de obras</i>	341	389	-48
<i>Recepcionista, em geral</i>	280	250	30	<i>Motorista de caminhão (Rotas regionais e internacionais)</i>	298	333	-35
<i>Motorista de caminhão (Rotas regionais e internacionais)</i>	249	227	22	<i>Cozinheiro Geral</i>	290	314	-24
<i>Cobrador de transportes coletivos, exceto trem</i>	247	228	19	<i>Vendedor de comércio varejista</i>	276	260	16
<i>Vendedor de comércio varejista</i>	247	254	-7	<i>Atendente de lanchonete</i>	275	250	25
<i>Cozinheiro geral</i>	245	234	11	<i>Enfermeiro</i>	261	177	84
<i>Atendente de lanchonete</i>	196	165	31	<i>Cobrador interno</i>	248	225	23

Fonte: CAGED, 2010, 2014. Elaborada pela autora

Dentre as funções, a de auxiliar de escritório lidera o ranking de geração de empregos em Divinópolis no ano de 2010, com saldo positivo nos três setores em geral, totalizando 324 empregos. Mas em 2014, esta função não ofereceu tantas vagas, inferindo uma certa estabilidade dos trabalhadores contratados em 2014 ou uma retração do setor. Chama também a atenção o saldo negativo de empregos no setor secundário com a atividade de costureiro na confecção em série 74 negativos, que já apresentava queda desde 2010, com saldo 34 negativo. Isto pode ser reflexo da crise que o setor vem enfrentando, conforme citado anteriormente.

Mas, mesmo com as crises Divinópolis continua sendo uma cidade polo e mantendo relações em diferentes níveis de intensidade com as demais cidades da RCOPm-BH, conforme foi representado no mapa da Figura 32.

**Figura 32 - Divinópolis-MG: níveis de relações externas na região Centro-Oeste Perimetropolitana-BH**



Fonte: Dados retirados da matriz de relações externas de Divinópolis (FIG.30)

A figura supracitada mostra que a intensidade das relações de Divinópolis com os municípios da RCOPm-BH varia de acordo com a localização dos mesmos na região. Observa-se que, em geral, aqueles que mantêm relações mais intensas

são os que estão geograficamente mais próximos e também mais bem servidos por eixos rodoviários, o que facilita o acesso à cidade. Além do próprio município, estão classificados como mantenedores de relações intensas com Divinópolis, mais 6 municípios, na sequência decrescente de intensidade: Itaúna, Nova Serrana, Carmo do Cajuru, São Gonçalo do Pará, São Sebastião do Oeste e Cláudio.

Consideram-se regulares as relações de Divinópolis com 31 municípios da região, embora já não tão próximas, que seguem listados também na sequência de intensidade: Araújos, Itapeçerica, Perdigão, Santo Antônio do Monte, Oliveira, Pará de Minas, Arcos, Formiga, Pedra do Indaiá, Pitangui, Lagoa da Prata, Bambuí, Carmo da Mata, Iguatama, Leandro Ferreira, Pains, Bom Despacho, Camacho, Igaratinga, Japaraíba, Luz, Medeiros, Tapiraí, Conceição do Pará, Dores do Indaiá, Itaguara, Itatiaçu, Moema, Onça do Pitangui, Pimenta, São Francisco de Paula.

As relações são fracas com 23 municípios que estão, em geral, mais afastados: Córrego Danta, Estrela do Indaiá Pequi, São José da Varginha, Serra da Saudade, Abaeté, Candeias, Florestal, Maravilhas, Martinho Campos, Piumhi, Quartel Geral, Capitólio, Córrego Fundo, Doresópolis, São Roque de Minas, Vargem Bonita, Campo Belo, Cana Verde, Cristais, Santana do Jacaré, Aguanil e Perdões. Considerando que último município aparece com nível de intensidade de relação 0 (zero), ou seja, dos itens analisados nenhum deles o conecta a Divinópolis.

Observa-se que localizados a oeste de Divinópolis há dois municípios, cujas relações não são intensas com esta cidade, Pedra do Indaiá e Córrego Fundo. São dois pequenos municípios com população total de 3.875 e 5.790 habitantes (IBGE, 2010), respectivamente. Tem-se por hipótese, que estes dois municípios, estejam mais ligados a Formiga do que a Divinópolis, isto por diversos fatores, dentre eles, e talvez o mais incisivo, a distância. Pedra do Indaiá está distante, 33 km e 62 km, e Córrego Fundo, 22 km e 90 km, de Formiga e Divinópolis respectivamente.

A extensão espacial e o volume demográfico que esta rede de relações pode potencialmente alcançar são representados no Quadro 27.

**Quadro 27 - Espaço de relações de Divinópolis no Centro-Oeste Perimetropolitano: extensão e população por níveis de intensidade de relacionamento potencial**

Níveis de relações	Pop. Rural (habs.)	Pop. Urbana (habs.)	Pop. Total (habs.)	Extensão territorial (km <sup>2</sup> )
Intensa	42.087	485.410	527.497	4.937,36
Regular	60.899	430.218	491.117	16.854,35
Fraca	34.108	186.166	220274	14.908,23
<b>Total</b>	<b>137.094</b>	<b>1.101.794</b>	<b>1.238.888</b>	<b>36.699,94</b>

Fonte: IBGE, 2010

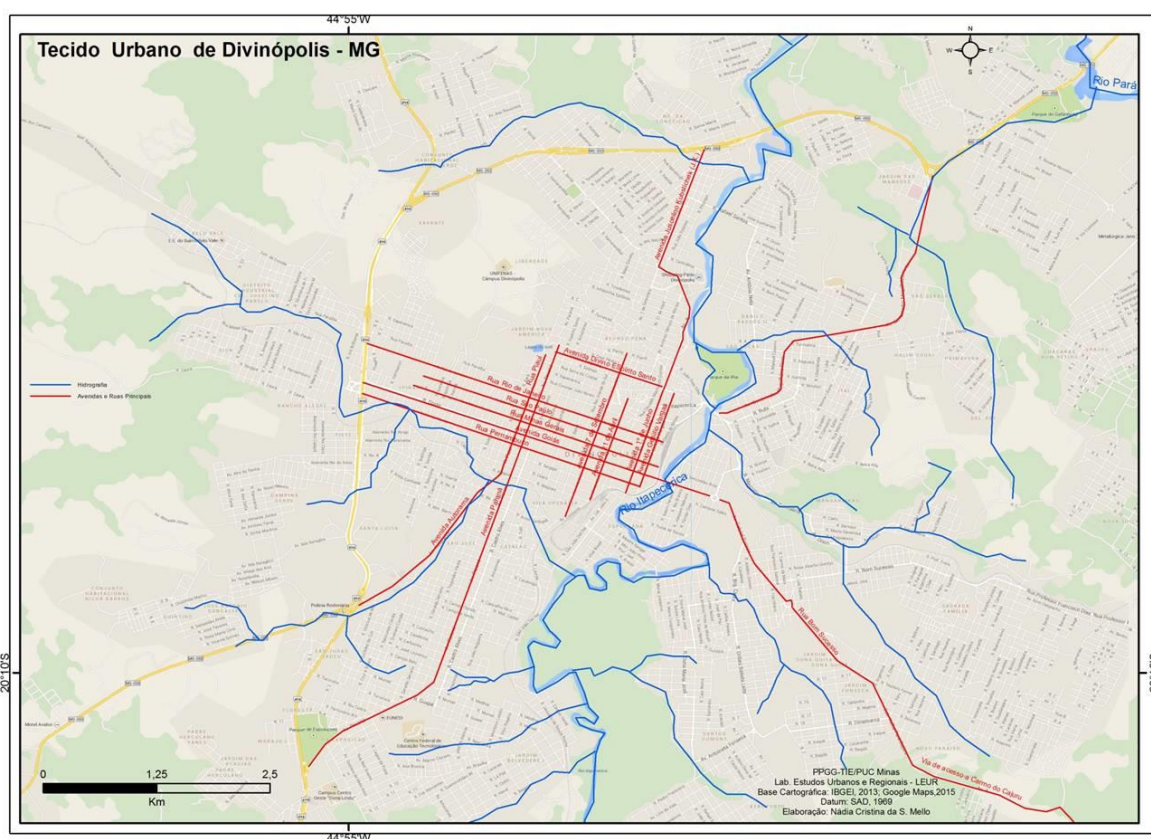
Observa-se que o espaço de relações mais intenso de Divinópolis, na região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG, não é o maior em extensão territorial, mas é o espaço que acumula o maior contingente populacional total e urbano.

Todo o dinamismo de Divinópolis reflete na sua estrutura urbana interna, o que faz deste um espaço intraurbano complexo que cresce, muitas vezes, de forma desordenada e altera sua morfologia funcional. Assim, entende-se que é importante uma análise da cidade no contexto intraurbano, buscando compreender sua dinâmica e se ela se encontra preparada para assumir a função de polo regional e o nível hierárquico de grande centro regional. É o que se propõe para o próximo capítulo, que tratará do espaço interno da cidade de Divinópolis.

## 5. DIVINÓPOLIS: UM ESPAÇO INTRAURBANO COMPLEXO

Conhecidas, pelo menos em parte, as capacidades de Divinópolis como polo regional na RCOPm-BH, o presente capítulo tem por objetivo analisar algumas particularidades do espaço intraurbano desta cidade. Nesta análise, a cidade será apresentada na escala do seu tecido urbano, que é o espaço construído pelo homem sobre o sítio da cidade. Em escala maior, conforme orienta (Dollfus,1973), este espaço em Divinópolis está representado na Figura 33, onde pode-se localizar as principais vias de acesso, em particular da zona central, às quais serão referência na análise ao se descrever este espaço.

**Figura 33- Croqui da malha urbana de Divinópolis-MG (2015)**



Fonte: Google Maps, 2015 (adaptado)

Neste espaço foi aplicado o modelo de zoneamento morfológico-funcional de Amorim Filho (2007), modelo este que foi organizado para ser uma representação da estrutura do tecido urbano. Esta aplicação será a última etapa desta tese, como

resultado do trabalho de campo realizado e das análises sobre a cidade de Divinópolis.

A posição geográfica de Divinópolis foi tratada no capítulo anterior, no qual a cidade foi abordada como um ponto. Aqui, a cidade será tratada como uma área, analisando elementos da paisagem da cidade e sua morfologia interna. Sobre a paisagem urbana de Divinópolis serão considerados aqueles aspectos que segundo Müller (1969, p. 223)<sup>144</sup>, lhe parece essenciais: o sítio urbano, estrutura e organização do espaço urbano, os elementos históricos e funcionais.

Inicia-se, portanto, com a apresentação do seu espaço interno, delimitado por seu perímetro urbano, com ênfase no tecido urbano que será a escala de análise do seu sítio que será descrito, e, em alguns aspectos cartografados, na escala do seu tecido urbano, considerando a formação geológica, a natureza do solo, o relevo, a hidrografia, a vegetação e o clima locais.

Mas, ainda neste capítulo, serão também apresentados aspectos sociais e econômicos desta cidade, considerando o que orienta Miyazaki (2013, p. 33) ao expor que na análise do sítio de uma cidade é importante estabelecer uma relação entre os diferentes elementos que levam à configuração da forma, sejam eles naturais ou sociais, e isto, de maneira articulada.

## **5.1 O sítio de Divinópolis-MG**

Divinópolis-MG é uma cidade localizada na região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte-MG, cuja sede está assentada na junção de 20°13'90" de latitude sul e 44°88'40" de longitude oeste. O município possui uma área territorial de 708, 115 km<sup>2</sup>, sendo que destes, 192 km<sup>2</sup> são de espaço urbano, que não está inteiramente ocupado pelo tecido urbano.

O tecido urbano de Divinópolis, em termos geológicos, é formado por rochas do período arqueano, da unidade geológica do Complexo Divinópolis, que é uma das subdivisões do domínio geotectônico do Cráton do São Francisco. De acordo com o CPRM (2007), esta unidade é composta em sua maior parte por gnaisses

---

<sup>144</sup> Nice Lecocq Müller, em sua obra, "O fato urbano na bacia do rio Paraíba, Estado de São Paulo", numa abordagem regional, considerada por ela, pioneira no país, analisou um grupo de cidades paulistas no vale do rio Paraíba, sendo elas: São José dos Campos, Lorena, Cruzeiro e Taubaté, Guaratinguetá.

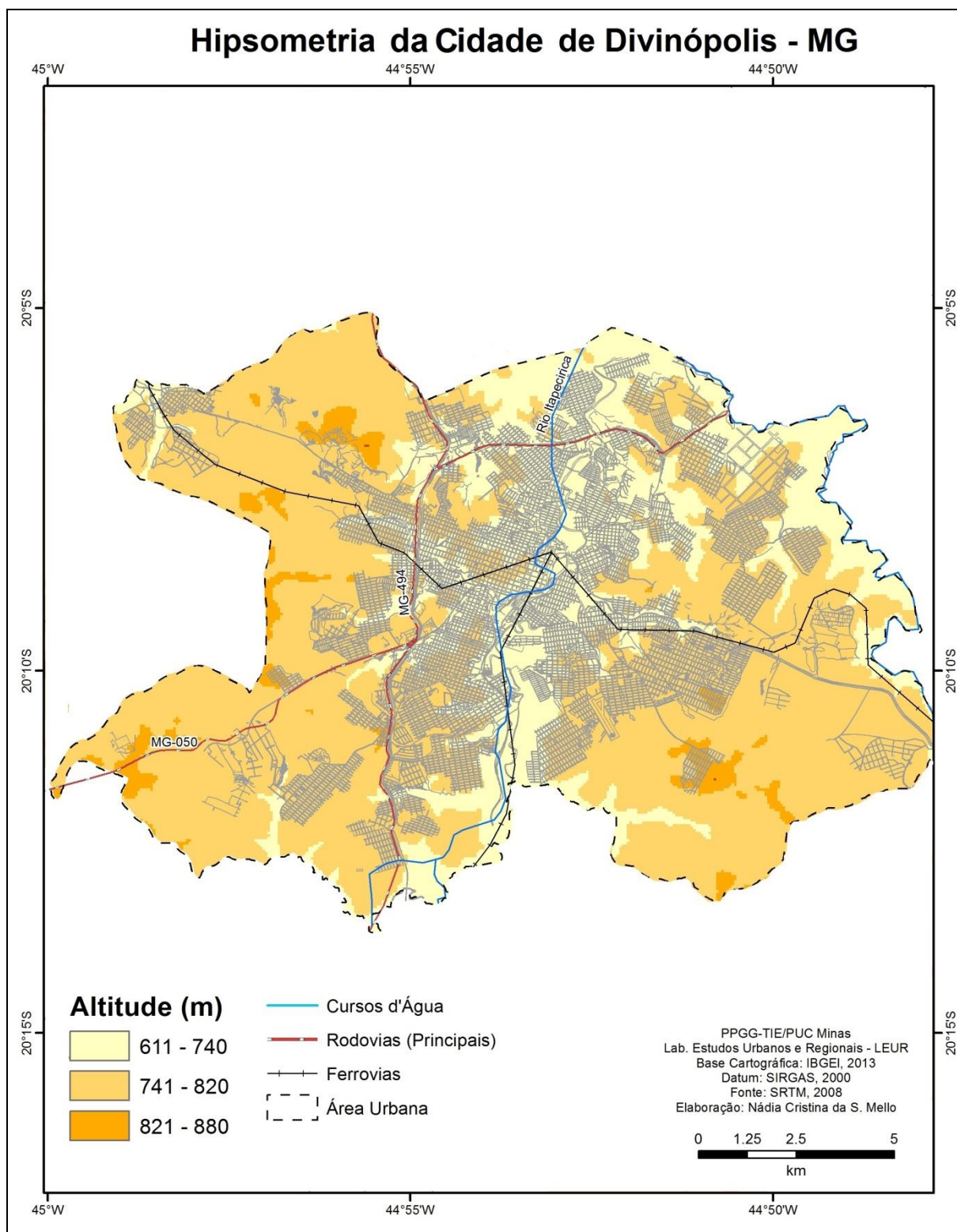
anfíbolíticos e biotíticos, grosseiramente bandados, afetados por fusão parcial de diferentes intensidades, que resultaram em migmatitos de estruturas distintas e uma superfície de solos zonais.

A maior parte de sua extensão é coberta por argissolos, chamados anteriormente de podzólico, que é um tipo profundo de solo, que ocupa 15% das áreas de cobertura de vegetação de cerrado brasileiro. Sua principal característica é ter um horizonte B textural, ou seja, formado pela movimentação de argila dos horizontes superiores para os inferiores. A consequência é que os horizontes acima do B textural ficam com teores menores de argila e maiores de areia, conforme pode-se observar comumente na cidade de Divinópolis, onde estes solos têm cor amarelada. Este tipo de solo tende a ser mais fértil que os demais tipos comuns na região de cerrado, o que mostra que o tecido urbano está assentado em uma área que poderia também ser aproveitada para a produção agrícola. Há ainda uma pequena parte a sudeste do tecido urbano assentado sobre latossolo vermelho escuro e outras a sul e sudoeste de latossolo vermelho amarelo.

De acordo com o CPRM (2010, p. 22), geomorfologicamente, este espaço é uma área com morros ondulados (ortognaisses, migmatitos e granitóides), que localmente ocorre uma morfologia na forma de cristas finas e alongadas, possuindo uma área de drenagem dendrítica, com vales abertos e geralmente assoreados.

A hipsometria do sítio urbano de Divinópolis fica entre 700 e 819 metros, estando, portanto, a cidade assentada em uma área constituída por unidades planas, não havendo neste sentido fortes obstáculos à ocupação humana (FIG. 34).

Figura 34 - Divinópolis-MG: Hipsometria



Fonte: SRTM, 2008

O relevo da cidade caracteriza-se por formações de planície e planaltos com vales que são convergências de vias naturais, como no caso dos dois principais rios que banham a cidade, o Itapeçica e o Pará.

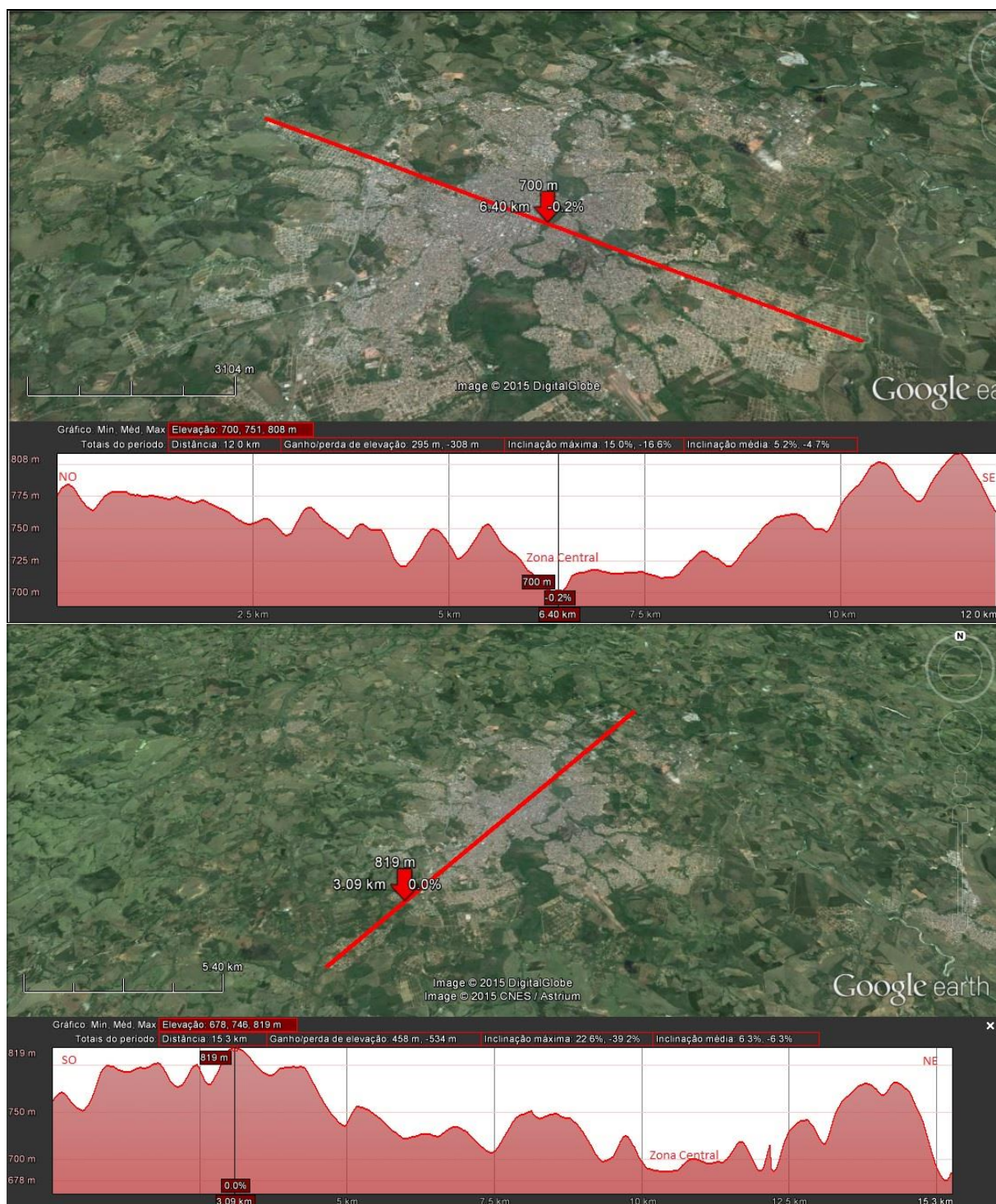
O rio Pará é um afluente direto do rio São Francisco em sua margem direita, desaguando no município de Abaeté, ainda dentro da RCOPm-BH. Este rio é uma fronteira natural entre os municípios de Divinópolis e Carmo do Cajuru, que banha, portanto, toda a parte leste do município. É também a principal fonte de abastecimento de água para Carmo do Cajuru e para parte de Divinópolis.

O rio Itapecerica nasce no morro do Calado no município de mesmo nome. Inicialmente, recebe o nome de rio Vermelho, e na junção entre os rios Gama e Santo Antônio, passa a denominar-se rio Itapecerica. Todo o percurso deste rio em Divinópolis é todo realizado sobre o tecido urbano, onde, percorrendo 19 km recebe diversos córregos e ribeirões como afluentes nas margens esquerda e direita, como os córregos do Paiol, Buriti, do Nenê, Catalão e outros.

Os dois rios principais que passam pelo município de Divinópolis, têm recebido constantemente descargas, muitas vezes direta, da maioria dos esgotos domésticos e industriais da cidade. Em diversos pontos eles têm sido cobertos por aguapés, onde a cobertura vegetal espessa tem impedido de visualizar o espelho d'água, o que pode indicar que os rios estejam poluídos.

Divinópolis é, portanto, bem servida de rede hidrográfica, mas em sua grande parte, percorre o tecido urbano, o que contribui com a poluição destes cursos d'água. A Figura 35 mostra um transecto neste espaço, no sentido nordeste para sudoeste e também de sudeste, iniciando na divisa com o município de Carmo do Cajuru, para a direção noroeste.

**Figura 35 - Perfil Topográfico da cidade de Divinópolis**



Fonte: GOOGLE EARTH, 2014.  
Elaborada pela autora

A Figura 35 reafirma que o sítio urbano de Divinópolis não possui elevadas altitudes, sendo mais ondulado na direção sudeste noroeste, atingindo a maior altitude, 819m na confluência da rodovia BR-494 com a Avenida Paraná, na saída

sudoeste da cidade; e a menor altitude, 700m, no vale do rio Itapecerica, na zona central da cidade.

O rio Itapecerica percorre grande parte do tecido urbano divinopolitano no sentido sudoeste-nordeste, passando inclusive pelo centro da cidade. Observa-se que o tecido urbano se estendeu para além das margens direita e esquerda deste rio. Sendo assim, para a conexão terrestre entre vários pontos da cidade foi necessária a construção de pontes, dentre elas, a ponte Padre Libério, a mais antiga, conhecida como ponte do Niterói, por dar acesso ao bairro de mesmo nome.

A partir deste ponto, o rio Itapecerica forma um extenso vale até desaguar no rio Pará, ainda na área urbana, na divisa com o município de São Gonçalo do Pará. Neste percurso dentro da cidade de Divinópolis, as margens do rio Itapecerica encontram-se pouco preservadas, com o processo de ocupação e exploração humana, sem mata ciliar em muitos pontos, o que já provocou em períodos de intensa pluviosidade, muitas enchentes. A Figura 36 mostram imagens do rio Itapecerica sob a ponte Padre Libério em período de seca e de cheia, e as consequências para a cidade.

**Figura 36- Rio Itapecerica em período de intensa pluviosidade e de seca**



Fonte: Christyan de Lima/Jornal Agora, 2008  
Vista do Parque da Ilha e do Centro da cidade



Fonte: Christyan de Lima/Jornal Agora, 2008  
Ponte Padre Libério sobre o rio Itapecerica



Foto: R7, 2014  
Ponte Padre Libério sobre o rio Itapecerica

As imagens mostram como a ocupação humana nesta região do Bairro Niterói está bem próxima à margem do rio. Isto ocorre também em outras áreas da cidade onde, quando ocorrem as enchentes, ficam isolados do restante da cidade, nem mesmo a pouca vegetação que ainda resta neste corredor consegue conter o avanço das águas sobre as áreas construídas.

Sobre a cobertura vegetal, anteriormente ao processo de expansão do tecido urbano divinopolitano, a área era coberta pela vegetação de Cerrado que segundo o Anuário estatístico de Divinópolis (1998, p. 27), neste espaço, caracterizava-se pela existência de um extrato arbustivo com árvores esparsas, retorcidas, em geral dotadas de cascas grossas e suberosas e de raízes profundas, e pela existência de um extrato herbáceo-graminoso. Com o parcelamento do solo, é claro que a maior

parte desta vegetação nativa já desapareceu, havendo ainda entre o tecido urbano algumas manchas de áreas preservadas, mas em sua maioria com vegetação secundária ou até mesmo terciária. Estas poucas manchas de cobertura vegetal tem sido objeto de interesses por parte da sociedade divinopolitana e também do poder público, que têm intentado preservá-las com propostas de projetos como a criação de parques ecológicos urbanos. Isto em busca de um ambiente mais equilibrado, tendo em vista, dentre outros benefícios, amenizar as altas médias de temperatura na cidade.

O clima predominante em Divinópolis é o mesotérmico, caracterizado por invernos secos e verões chuvosos, com chuvas mais intensas entre os meses de dezembro e fevereiro, em que as isoietas ficam no entorno de 1.400 mm. No inverno, a temperatura média fica no entorno de 16° C e no mês mais quente, por volta de 25° C, aproximadamente; a insolação diária dura, em média 7 horas, pouco abaixo das mais elevadas no país, que é de 8 horas em alguns estados do nordeste brasileiro, conforme mostra o Atlas Solarimético do Brasil (2000). Assim, apresenta-se o sítio de Divinópolis, um município que no Censo Demográfico de 2010 do IBGE, possuía uma população de 213.016 habitantes, e destes, 97,4%, ou seja, 207.516 viviam na área urbana.

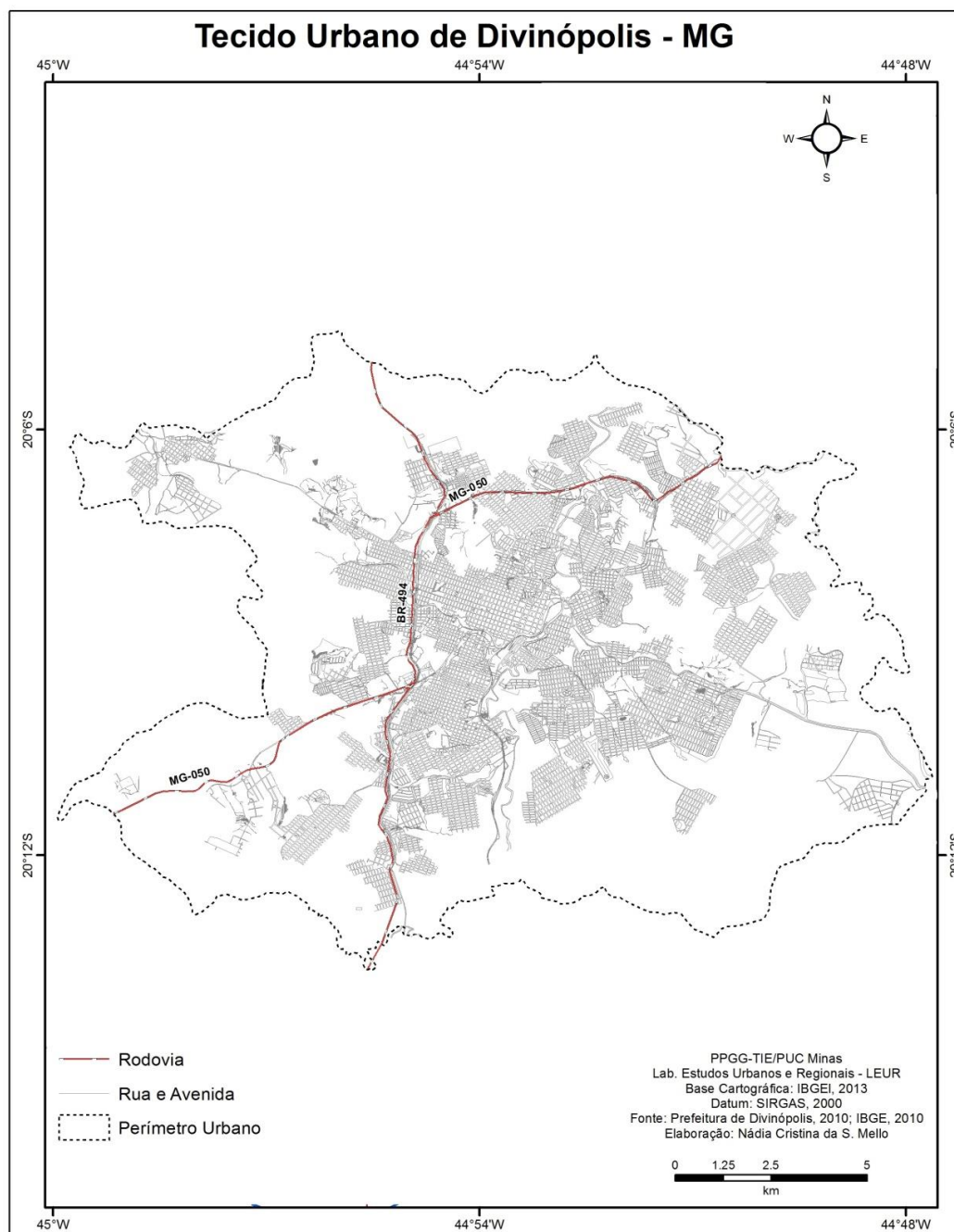
Segundo o IBGE (2011), consideram-se urbanas, as áreas urbanizadas, ou não, internas ao perímetro urbano das cidades (sedes municipais) ou vilas (sedes distritais), ou as áreas urbanas isoladas.

Em Divinópolis, a Lei Municipal 7.369/2011 define como área urbana aquelas parceladas dentro do perímetro urbano, que foi ampliado pela lei supracitada, e como é comum no Brasil, nem sempre coincide com o espaço ocupado pelo tecido urbano, que é a área efetivamente construída dentro do perímetro urbano e que é o espaço de interesse nos estudos geográficos urbanos.

A Figura 37 mostra o sítio urbano de Divinópolis dentro perímetro urbano, onde se pode observar certa linearidade no traçado urbano, em particular na área central. Percebe-se que a partir dos eixos viários centrais (as avenidas 1º de Junho e Goiás), desenvolvem-se sequências de ruas aproximadamente paralelas e equidistantes entre si, estas ruas são cortadas por outras em ângulo quase reto, resultando quarteirões alongados, o que pode indicar a intencionalidade e um certo planejamento da implantação deste tecido urbano. Mas, todavia, há uma desarticulação entre as vias transversais, por isto não se pode dizer que há um

sistema reticular neste tecido. Isto ocorre, tendo em vista, os diversos vazios urbanos nesta trama, muitos deles, em função de obstáculos naturais, como córregos e outros, que impedem a continuidade do traçado das vias.

**Figura 37-Tecido urbano de Divinópolis-MG**



Fonte: Diagnóstico base do Plano Diretor Participativo de Divinópolis. FUNEDI/UEMG, 2013, p. 23.

A existência destes vazios urbanos em Divinópolis foi objeto de análise no Diagnóstico-Base para a revisão do Plano Diretor Participativo do município, que foi aprovado pela Câmara Municipal como o projeto de Lei complementar 004/2013. O

diagnóstico foi elaborado por uma equipe de técnicos da Fundação Educacional de Divinópolis, a FUNEDI/UEMG<sup>145</sup>, no período de 2012 a 2013. No relatório (FUNEDI, 2013, p. 23) consta que a área total do município é de 716 km<sup>2</sup>, sendo a área do perímetro urbano de 214,88 km<sup>2</sup>, ou seja, 30,01% do município. Já a área parcelada dentro do perímetro urbano é de 47,81 km<sup>2</sup> sendo, portanto, 22,25% do perímetro urbano. Nesta área parcelada há 155.338 lotes, e dentre eles, 63.175 estão vagos.

Os vazios urbanos são entendidos no relatório como um estoque para a urbanização e a ocupação futura, estoque este que na visão dos elaboradores não é necessário em Divinópolis. Conforme é relatado

No interior do atual perímetro urbano, verifica-se a existência de **77% de terrenos não parcelados**, o que significa um montante de aproximadamente 166 km<sup>2</sup>. Esta área, se parcelada segundo os critérios da legislação vigente, poderia produzir por volta de 276.000 novos lotes de 360 m<sup>2</sup>, já descontados os percentuais destinados a sistema viário, áreas institucionais e áreas de interesse ambiental. Além disso, o total de lotes vagos chega a 41% do total de terrenos, algo próximo a 53 km<sup>2</sup>, território suficiente para o assentamento de aproximadamente 221.000 habitantes, caso fosse ocupado apenas pelo uso residencial unifamiliar com frequência de 3,18 moradores por domicílio. Esta distorção decorre do processo descontrolado de aprovação de novos loteamentos que ocorreu na década de 1980.

Estes dados e informações levam a considerar que há sinais de especulação imobiliária no espaço urbano divinopolitano, com muitos bens imóveis à espera de valorização. Sabe-se que imóveis desocupados na área urbana normalmente são valorizados porque recebem investimentos públicos na parte de infraestrutura (água, esgoto, energia) e serviços urbanos (escolas, creches e grandes equipamentos) e também com as melhorias realizadas na categoria de acessibilidade. Isto, como a abertura de vias, sistemas de transporte, pavimentação e outros, o que agrega maior valor ao bem, podendo ainda estes imóveis serem valorizados pelo simples acréscimo de novas edificações com atividades residenciais, comerciais ou de serviços no seu entorno, que melhorariam a acessibilidade em relação ao conjunto da cidade. Entende-se, ainda, que a especulação imobiliária é respaldada pelo próprio poder público, pois é este que autoriza a implementação de loteamentos em áreas que podem valorizar (ou desvalorizar) outras áreas.

Assim, configura-se o tecido urbano de Divinópolis, que em sua forma geral, configura-se como um plano urbano, em sua maior parte linear, em quadrículas, mas

---

<sup>145</sup> Esta instituição de ensino superior a partir de 2013 tornou-se um campus da Universidade Estadual de Minas Gerais por isto FUNEDI/UEMG.

desordenado em algumas poucas áreas. Apesar da planta urbana da cidade, elaborada em 1922 mostrar um plano ordenado reticular, na área de ocupação inicial próximo à Ponte Padre Libério e no entorno do Mercado Central, observa-se um traçado desordenado. Mas, no geral, o que se percebe é a evolução do tecido urbano na direção das principais vias de acesso, o que será constatado na análise da evolução da mancha urbana, objeto de análise da próxima seção.

## 5.2 A evolução da mancha urbana de Divinópolis

As primeiras ocupações da cidade de Divinópolis deram-se no século XVIII (1737-1744), na região da vertente do chamado “Morro da Mineira”, a noroeste da Ponte Padre Libério, onde, no ponto mais alto, o bandeirante Manuel Fernandes Teixeira mandou edificar uma capela, que viria a ser a matriz do Divino Espírito Santo, conforme relata Corgozinho (1999).

A expansão do tecido urbano teve continuidade nesse entorno, tanto na direção da margem direita do rio Itapecerica, no sentido do Bairro Niterói, quanto na da esquerda, no sentido do centro funcional principal (FIG. 38), a partir da Ponte Padre Libério. Esse é um espaço histórico, já que foi nele, de acordo com relatos históricos de Barreto (1992), que os bandeirantes que viajavam em direção ao centro do país, aproveitando um período de seca, atravessaram o rio, pisando sobre as rochas que estavam visíveis no leito do rio, e travaram um grande embate com os índios candidés<sup>146</sup>. Com a vitória dos bandeirantes neste conflito, abriu-se mais um eixo de passagem para quem se deslocava em direção ao centro-oeste brasileiro, e também favoreceu a ocupação do espaço urbano divinopolitano por outros grupos sociais, além dos índios, em particular após a construção da ponte Padre Libério<sup>147</sup>.

---

<sup>146</sup> Alguns historiadores questionam este nome dado aos índios que habitavam esta região. A origem destes seria o Nordeste e por lá sabe-se da existência de grupos indígenas canindés e não candidés. Mas esta é a denominação utilizada em Divinópolis, não sendo possível no momento afirmar se são realmente o mesmo grupo. Mas o nome candidés está presente em diversas localidades e pontos comerciais da cidade. Dá nome a uma praça próxima à ponte do bairro Niterói, local em que estes índios foram atacados pelos bandeirantes. De acordo com Barreto (1992), realmente este grupo indígena foi praticamente dizimado deste espaço pelos bandeirantes, restando na cidade atualmente muitos estabelecimentos que os homenageiam, como: TV Candidés, Supermercado Candidés, Papelaria Candidés e outros.

<sup>147</sup> Esta ponte inicialmente era de madeira, ela foi destruída em 1939 por uma enchente e logo em seguida sendo substituída por uma maior de cimento armado. Esta edificação era importante para a cidade pois fazia ligação rodoviária com a capital do Estado, que era feita na época via Pará de Minas.

**Figura 38-Tecido Urbano de Divinópolis- Morro da Mineira e Bairro Niterói**



Fonte: R7, 2011

Vista parcial do centro da cidade e do Bairro Niterói

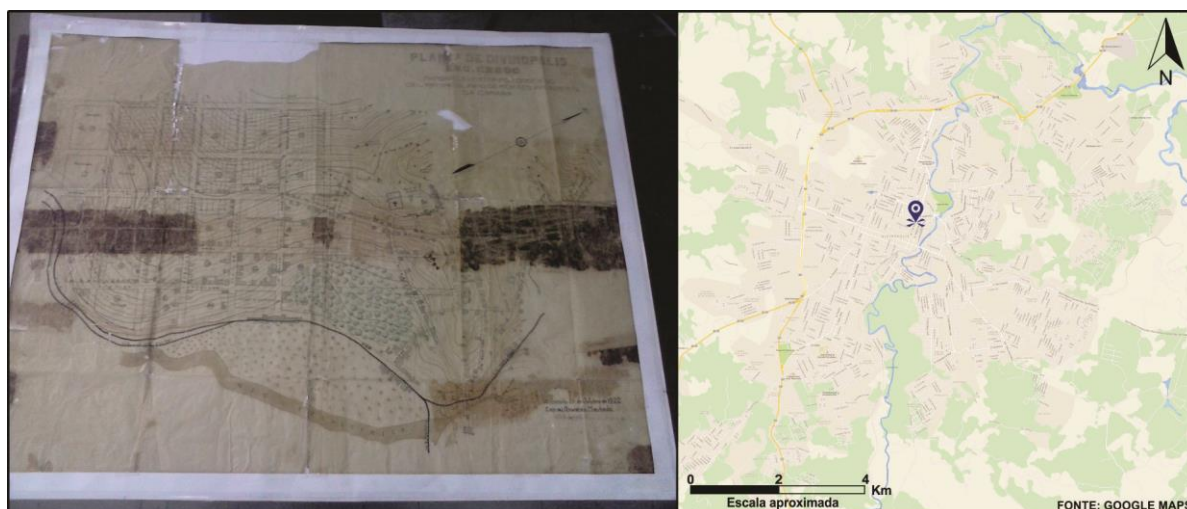
Na imagem, é possível analisar o espaço edificado e perceber a intensidade da verticalização na zona central. Espaço este que será delimitado e descrito em seção mais adiante neste trabalho. Este espaço, de acordo com a história de formação territorial da cidade de Divinópolis relatada por Barreto (1992), coincide com o espaço de 40 alqueires de terras e um lote de casas, que foi doado em 1770 à Diocese de Mariana, por Manuel Fernandes Teixeira, um dos primeiros exploradores a ocupar a região e que foi responsável por erigir a capela do Divino Espírito Santo e São Francisco de Paula, no arraial do Divino Espírito Santo do Itapecerica<sup>148</sup>.

Gontijo (1962) relata que a maior parte do espaço ocupado pela área central de Divinópolis já foi, portanto, de propriedade da Igreja Católica, o que seria um fato limitador para a expansão urbana. Sendo assim, a retomada da posse deste espaço foi objeto de muitos embates entre políticos da cidade e esta instituição, tornando esta relação bastante complexa.

A área central verticalizada que se observa na Figura 38 foi um dos primeiros espaços a serem ocupados na cidade. A Figura 39 mostra uma Planta Urbana da cidade de Divinópolis em 1922. Este documento está exposto no Arquivo Público Municipal. Nesta planta estão traçadas as primeiras vias de acesso da cidade, composta por um conjunto de vias paralelas em direção ao rio Itapecerica, cortadas por outras perpendiculares, numa área de topografia pouco acidentada.

<sup>148</sup> Nome de Divinópolis naquela época, que ainda era um arraial.

**Figura 39 - Planta Urbana de Divinópolis- 1922**



Fonte: Arquivo Público Municipal de Divinópolis

Observa-se que as ruas apresentam um traçado regular, com ruas largas e lineares, definindo uma ordem geométrica no espaço. Este traçado inicial sugere que o tecido urbano de Divinópolis não se iniciou de forma desordenada, como é comum nas cidades de desenvolvimento espontâneo, não projetado. Nestas cidades, os eixos viários estruturais são normalmente de origem natural, primeiro construíam-se as casas e num segundo plano, os arruamentos, comumente, traçados de forma irregular. Esta regularidade no traçado urbano de Divinópolis, pode ter sido beneficiada pela estrutura do sítio urbano, composto por terrenos menos acidentados.

Na imagem, também é possível identificar o Morro da Mineira, representado no espaço com vegetação e logo acima, onde representa-se um retângulo com uma cruz, acredita-se que seja a localização da Capela do Divino Espírito Santo. As principais ruas e avenidas centrais, já estavam traçadas até a margem do rio Itapecerica. Este era, portanto, em 1922, o tecido urbano de Divinópolis, espaço este que evoluiu consideravelmente, em particular, a partir dos anos 1990.

Neste sentido foi realizada uma pesquisa no banco de imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE para mostrar o processo de evolução da mancha urbana de Divinópolis, a partir de um elemento morfológico de referência, que serão as rodovias BR-494 e MG-050. O banco disponibilizava imagens a partir do ano de 1973, e estas não apresentavam boa resolução para a

análise. Assim optou-se por realizar esta análise com imagens a partir do ano 1980 até 2010, com intervalos de 10 anos, conforme mostra a Figura 40<sup>149</sup>.

As imagens foram extraídas do satélite LandSat e mostram que houve um acelerado crescimento do tecido urbano de Divinópolis no período apresentado. No período compreendido entre os anos de 1980 e 1990, o tecido urbano de Divinópolis tem um formato espacial “estelar”.

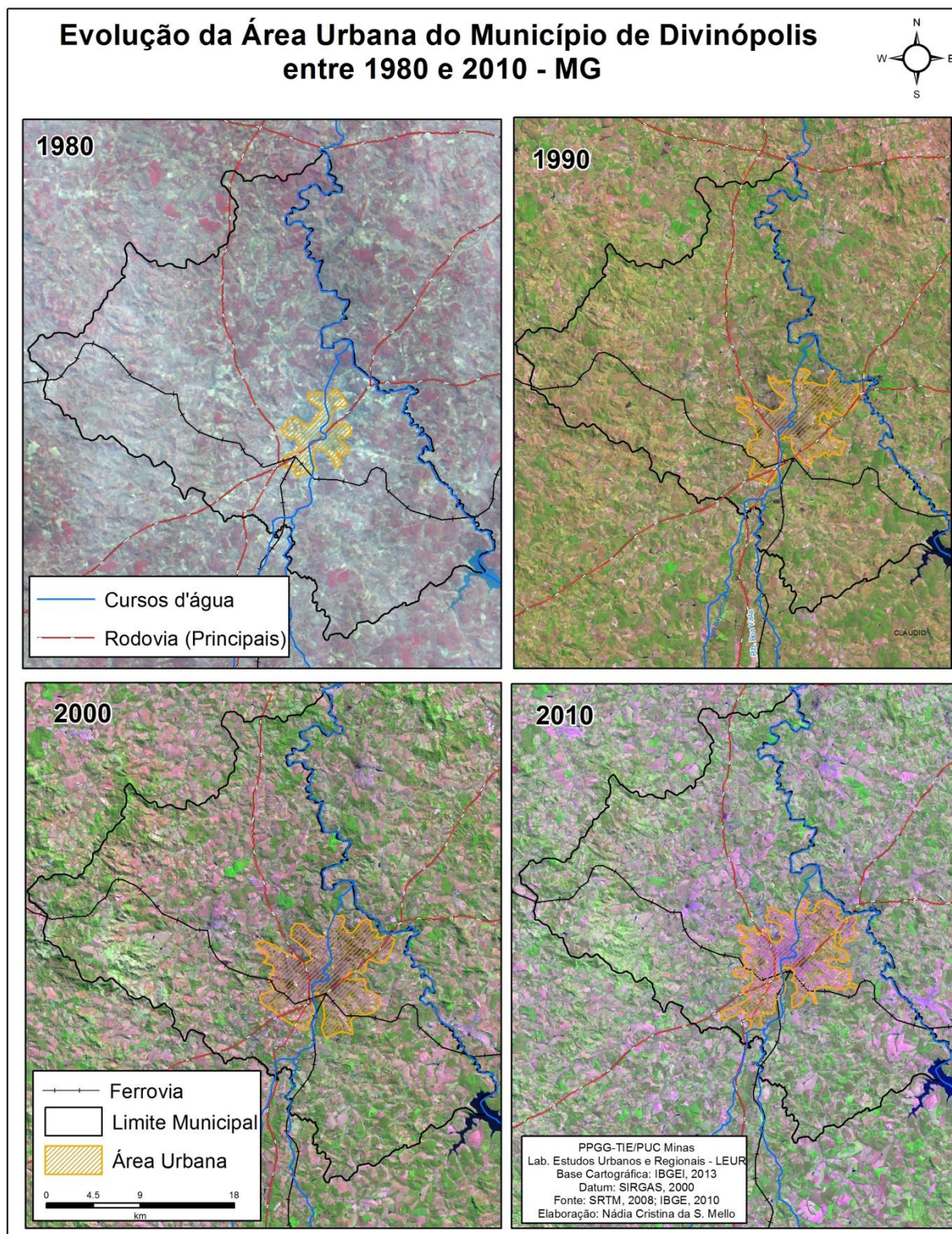
Em 1980, a mancha urbana concentrava-se no entorno da zona central e ainda não havia crescido até o espaço onde as rodovias BR-494/MG-050 no sentido noroeste, e nem alcançado as margens do rio Pará, no sentido sudeste. O crescimento do tecido urbano neste período avançava seguindo a rodovia MG-050 na direção leste, no sentido Belo Horizonte e na direção oeste, na saída para Formiga.

No ano de 1990, a mancha urbana evoluiu consideravelmente, espalhou-se e passou a ocupar também espaços no sentido noroeste, na direção das rodovias. Neste período, o tecido urbano continua evoluindo no sentido de Belo Horizonte, mas é mais significativo no sentido sudeste, principalmente na direção da rodovia BR-494, no sentido para Oliveira.

---

<sup>149</sup> Este processo é representado utilizando as tecnologias do Sistema de Informações Geográficas (SIGs), em especial aquelas voltadas para o Sensoriamento Remoto, e foram tratadas em software específico para o geoprocessamento.

Figura 40 - Divinópolis-MG: evolução da mancha urbana (1980, 1990, 2000, 2010)



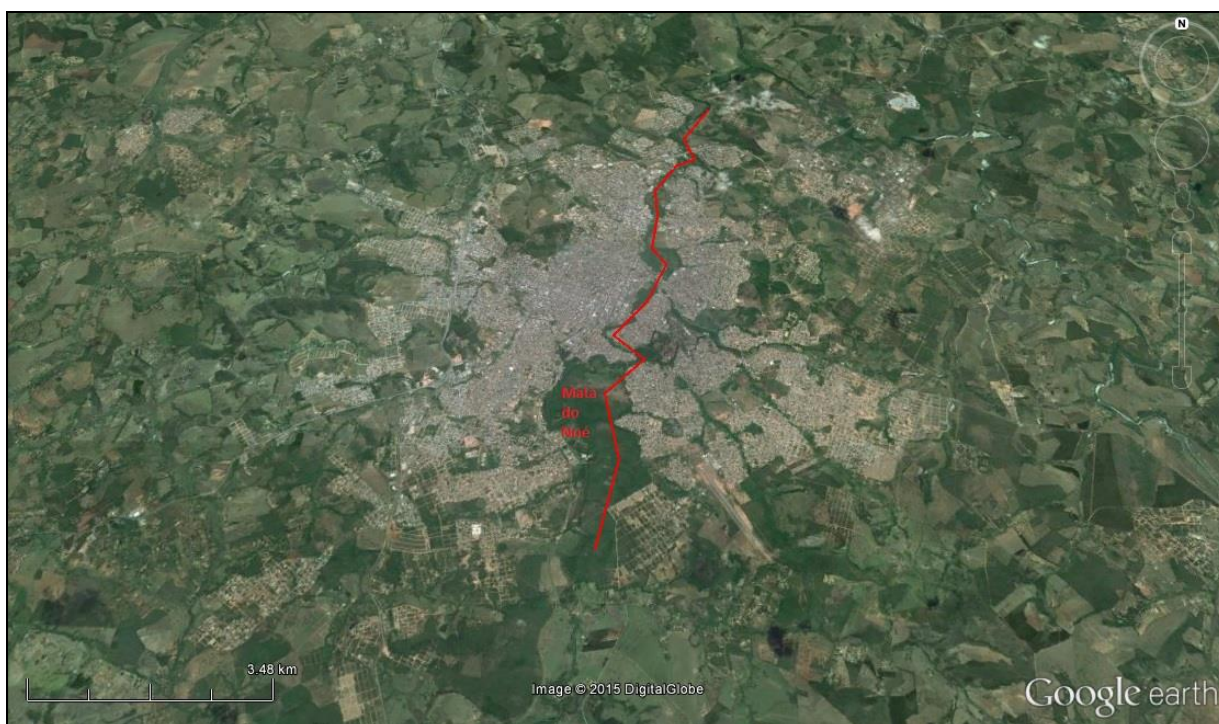
Fonte: INPE, 2014.  
Elaborada pela autora

O tecido urbano que se apresenta na imagem de 2010 mostra um espalhamento maior de crescimento da área urbana. A cidade cresce e apresenta ainda algumas manchas vazias de urbanização (como a maior dentre elas, chamada

Mata do Noé), que quase sempre são espaços de litígio. Esta mata localiza-se na transição entre o centro funcional principal e a zona pericentral da cidade e é parte de uma antiga propriedade rural, espólio da família do Sr. Noé Bueno, o que justifica o nome popular da área.

De acordo com o noticiário regional<sup>150</sup>, a fazenda que possui cerca de 390 hectares, já foi desapropriada, mas restou uma pequena parte onde, na atualidade, ainda reside uma das filhas do proprietário (Sra. Maria Bueno). Na área vivem diversas espécies da fauna e flora do cerrado e está localizada nas proximidades do bairro Esplanada e Nossa Senhora das Graças, margeando o rio Itapeçerica até o ribeirão Buritis (FIG. 41).

**Figura 41 – Divinópolis-MG: Mata do Noé e o corredor ecológico no tecido urbano**



Fonte: Google Earth, 2015 (adaptado)  
 Fonte: Elaborada pela autora

Ainda segundo o noticiário, para a área da Mata do Noé, há proposta de criação de um parque linear na cidade, caso seja aprovado no Plano Diretor<sup>151</sup>, que se encontrava em discussão na Câmara Municipal.

<sup>150</sup>GLOBO.COM, 2013.

<sup>151</sup> O Plano Diretor de Divinópolis foi aprovado no Projeto de Lei Complementar 004/13 e nele não constava a Mata do Noé, o que foi questionado por vereadores da cidade, mas a questão desta área

De acordo com Fonseca (2005, p. 20), o acelerado crescimento do tecido urbano separou os animais da região norte da sul. Ao norte localiza-se uma área verde conhecida como mata dos Vilelas, e ao sul, a Mata do Noé. Entende-se que o único meio para os animais chegarem de uma região a outra, sem se arriscar aos perigos que a cidade apresenta, é utilizando o rio Itapecerica. Estes espaços são utilizados pelos animais, que segundo o autor, denomina-se corredor natural ou ecológico, que é por eles utilizado como um espaço de travessia com segurança.

Os corredores ecológicos acompanham os cursos d'água com a mata ciliar. Tais espaços devem ser preservados, mas a cidade os degrada. Segundo Fonseca (2005, p. 19), eles permitem a ligação de grupos distintos do ecossistema, favorecendo a variabilidade genética. Funcionam antagonicamente ao que ocorre com as rodovias, que normalmente são obstáculos que separam grupos de animais, às vezes únicos, em duas áreas distintas. Para o autor, as estradas fazem ligação urbana, mas agredem o meio ambiente na fauna e flora, enquanto os corredores ecológicos permitem a preservação e a alimentação, sendo áreas de descanso e reprodução para os animais silvestres.

Outro elemento do corredor ecológico, importante para a preservação ambiental na cidade, é o Parque Ecológico Dr. Sebastião Gomes Guimarães, conhecido como Parque da Ilha, um espaço destinado à prática de esportes e lazer. Segundo Fonseca (2013, p. 62), o parque é um espaço

[...] margeado pelo rio Itapecerica à direita e, à esquerda, pelo canal que alimenta as turbinas de pequena usina hidrelétrica. Fica a jusante da área conhecida como cachoeira grande, que separa o bairro Niterói do centro da cidade. Uma ponte e um pontilhão (linha férrea sobre o rio Itapecerica, pertencente à Ferrovia Centro-Atlântica [FCA]) fazem a ligação do bairro com a zona central da cidade. Apresenta 20,4 hectares de mata secundária de cerrado, que abriga uma fauna e flora característica do bioma, apresentando, também, uma grande importância ecológica por ser uma área de alagado, por causa do rio Itapecerica, que o margeia. Por ser de fácil acesso da população e apresentar quadras poliesportivas, campo de futebol, pista de skate e área de convivência, favorece as atividades de esporte, lazer e educação ambiental.

Outras áreas vazias no tecido urbano são reflexos da resistência dos proprietários rurais em relação ao avanço da malha urbana. Há casos de áreas, nas quais ficou apenas um pequeno território com atividades rurais, rodeado por um

espaço totalmente urbanizado. Entende-se que esta resistência deverá ser quebrada, como no caso da área próxima à Universidade Unifenas, em que o proprietário é criador de búfalos; neste espaço, além da universidade, em breve será instalada a nova sede do Fórum Municipal, cuja obra está em construção. É certo que este equipamento atrairá outros serviços e toda a área deverá ser absorvida pela urbanização e ocupada, criando ali um novo subcentro. Neste sentido, cresce o tecido urbano divinopolitano e a linha férrea e o rio Itapecerica são dois elementos que formavam barreiras que já foram ultrapassadas pelo processo de crescimento deste, o que vem evoluindo e já está chegando na fronteira com o rio Pará, que é o limite natural de Divinópolis com o município de Carmo do Cajuru, reforçando a tendência de um processo de conurbação entre estas duas cidades (Conti, 2009), pois logo após o rio Pará já se inicia o tecido urbano de Carmo do Cajuru.

No espaço compreendido pela área central, as principais vias de acesso podem ser acessadas por veículos, em sentido único, são elas: a Avenida Goiás, rua Pernambuco, Avenida 1º de Junho e Getúlio Vargas. Outras ruas também têm tráfego em sentido único nesta área, mas apenas em alguns espaços. Sabe-se que isso também é comum nos grandes centros e até mesmo em pequenas cidades, em função do crescimento da frota veicular que intensifica e congestiona o trânsito das cidades.

Mesmo cruzando acidentes geográficos, como cursos de água, rodovias, espaços vazios e outros, algumas ruas e avenidas atravessam quase toda a cidade, no sentido leste-oeste e norte-sul, com o mesmo nome, passando pela zona central em direção a diversos bairros, sendo raros os casos em que isso não ocorre. Um exemplo é a Avenida Autorama, que se inicia desde a entrada sudoeste da cidade, no início da sobreposição das rodovias BR-494/MG-050, em direção ao centro. Ao chegar no que foi traçado como limite da zona central, a rua passa a denominar-se Piauí, seguindo no sentido norte. Outro caso é o da Avenida Castro Alves, que dá acesso ao centro da cidade, vindo do sentido sul-sudoeste, e a partir da zona central passa a se chamar Rua Espírito Santo, seguindo no sentido norte.

O maior exemplo da linearidade, até mesmo do nome das ruas e avenidas da cidade de Divinópolis, é a Avenida Goiás. Esta avenida atravessa toda a área central e pericentral, no sentido sudeste-noroeste. Neste mesmo sentido, a partir da zona central, passa pelos bairros: Vila Belo Horizonte e Vila Minas Gerais, Ipiranga e Orion. A partir dali a avenida cruza as rodovias (BR-494 e MG-050) e segue em

direção aos bairros São Roque, Sion até o Jardim Betânia, que é o último bairro no sentido oeste. Nesta direção ainda há espaço para a expansão dentro do perímetro urbano e, certamente, a rua continuará com o mesmo nome. O mesmo ocorre com esta avenida no sentido leste.

Mas ao mesmo tempo em que esta estrutura parece refletir um certo ordenamento territorial intraurbano em Divinópolis, isso não se confirma em relação à organização na distribuição da numeração das edificações, o que dificulta os serviços de entrega de mercadorias, como os dos serviços dos Correios. Há bairros na cidade que ainda não estão cadastrados no sistema desta instituição. Assim, se a rua se prolonga por estes bairros, o prestador de serviços tem dificuldade na identificação do logradouro. O residente conta, nesses casos, com a boa vontade e o conhecimento local dos carteiros para que a mercadoria ou documento chegue ao seu destino. Sendo assim, o que se observa em relação à evolução da mancha urbana ou de forma geral, sobre o tecido urbano de Divinópolis é que a hidrografia, a vegetação ou a topografia não foram obstáculos, no sentido de impedir a ocupação humana deste espaço. E entendendo que investigar a morfologia urbana das cidades é uma importante abordagem de análise na geografia urbana, busca-se na próxima seção delimitar e analisar as zonas morfológico-funcionais de Divinópolis.

### **5.3 O zoneamento morfológico funcional de Divinópolis-MG**

O modelo geocartográfico representativo da organização do espaço intraurbano das cidades médias mineiras (modelo de zoneamento morfológico-funcional), elaborado por Amorim Filho (2007), foi descrito no capítulo 2, em uma seção exclusiva. A presente seção tem por finalidade estabelecer as zonas morfológico-funcionais de Divinópolis-MG, utilizando para isto a mesma metodologia de Amorim Filho (2007) para, finalmente, elaborar e apresentar um cartograma do zoneamento morfológico-funcional da cidade, a fim de identificar em que dimensão a aplicação deste modelo contribui para a definição e a concepção da estrutura morfológico-funcional de Divinópolis.

Esta estrutura espacial da cidade, com suas formas urbanas, será analisada na escala das zonas delimitadas e, posteriormente, na escala das ruas e/ou avenidas. Isto, tendo em vista todo o trabalho de campo executado, no qual a partir da observação, foram identificadas as grandes divisões morfológico-funcionais da

cidade, além do centro funcional principal e os principais subcentros funcionais. Isto conforme declara Whitacker e Miyazaki (2012, p. 312) ao expressarem que, a partir do estudo das formas urbanas é possível considerar um conjunto de elementos que deem conta de captar a complexidade do espaço urbano.

Conforme descrito no Capítulo 2, outros estudiosos também aplicaram o modelo a cidades de Minas Gerais, mas em sua maioria, cidades pertencentes a níveis hierárquicos diferentes do de Divinópolis. Até o momento, apenas Teófilo Otoni já foi contemplada com a aplicação do modelo entre as cidades mineiras, o mesmo nível hierárquico que Divinópolis<sup>152</sup>.

Considera-se, no entanto, que outros trabalhos podem ter sido realizados, mas não foram publicados, ou não foram localizados pela autora desta tese. Alguns dos trabalhos já realizados foram orientados pelo próprio Amorim Filho e outros por professores da área de Geografia. Para a aplicação do modelo em Divinópolis, consideraram-se as mesmas unidades morfológico-funcionais apresentadas por Amorim Filho (2005): a zona central, a zona pericentral, as periferias e as transições periurbanas.

A metodologia utilizada para delimitar as unidades foi aquela que bem caracteriza o geógrafo: a da observação e, complementarmente, a ponderação da autora da tese sob o acompanhamento do orientador, que também é o autor do modelo proposto. Assim, para elaborar o cartograma do zoneamento morfológico funcional do tecido urbano de Divinópolis, muitos trabalhos de campo foram realizados em todos os espaços que a infraestrutura urbana das ruas permitiu chegar<sup>153</sup>.

Conforme citado na seção anterior, o espaço habitado da cidade de Divinópolis é extenso, e em alguns deles foi necessária uma investigação mais exaustiva para se concluir que aquele espaço realmente se inseria na configuração proposta. Nessa perspectiva, a avaliação constante do orientador foi essencial para se definir o cartograma que representou o zoneamento morfológico-funcional de Divinópolis, que será apresentado nas próximas seções, seguindo o ordenamento

---

<sup>152</sup> As demais cidades médias de nível superior no estado de Minas Gerais são: Araguari, Araxá, Barbacena, Conselheiro Lafaiete, Governador Valadares, Ipatinga, Itabira, Montes Claros, Muriaé, Passos, Patos de Minas, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Sete Lagoas, Uberaba e Varginha. (AMORIM FILHO, 2007).

<sup>153</sup> Cabe aqui ressaltar que ainda existem bairros na cidade, onde não há toda infraestrutura urbana (água, esgoto ...), em especial, de revestimento das ruas, o que em determinadas situações de tempo ou do veículo utilizado impede a chegada, até mesmo de ônibus. Estes bairros estão localizados, em sua maioria, na direção nordeste como os bairros São Simão, Primavera e outros.

das zonas, conforme o modelo proposto pro Amorim Filho (2007) com as seguintes divisões morfológico-funcionais de uma cidade de porte médio<sup>154</sup>, que são: a zona central, as zonas pericentrais e periférica com suas subdivisões (contínua e descontínua), a zona periurbana, os principais subcentros funcionais, a periferia contínua desorganizada e os principais eixos viários continuados por rodovias.

### **5.3.1 A zona central e o centro funcional principal**

A zona central de Divinópolis foi delimitada baseando-se nos conceitos e metodologias de Borde et al. (1980), Gervaise et al. (1997) e Amorim Filho (2005), aplicados a esta área. Considerou-se o espaço edificado com concentração de verticalização, a acumulação das funções ligadas às necessidades essenciais da sociedade, como serviços bancários, comércios de alimentos e vestuário e outros, a observação do dinamismo, da animação e da concentração das atividades secundárias e, principalmente, das terciárias, a presença da verticalização das construções e a intensidade dos fluxos de pessoas e veículos que transitam pelas ruas e avenidas da cidade. Já para demarcar o centro funcional principal, considerou-se essencialmente o fluxo de pessoas, sendo este, portanto, um trabalho intensivo de observação e registros fotográficos realizados *in locu* durante três dias por semana (segunda-feira, quarta-feira e sábado), nos horários de maior movimento, durante vários meses do ano de 2013 e 2014.

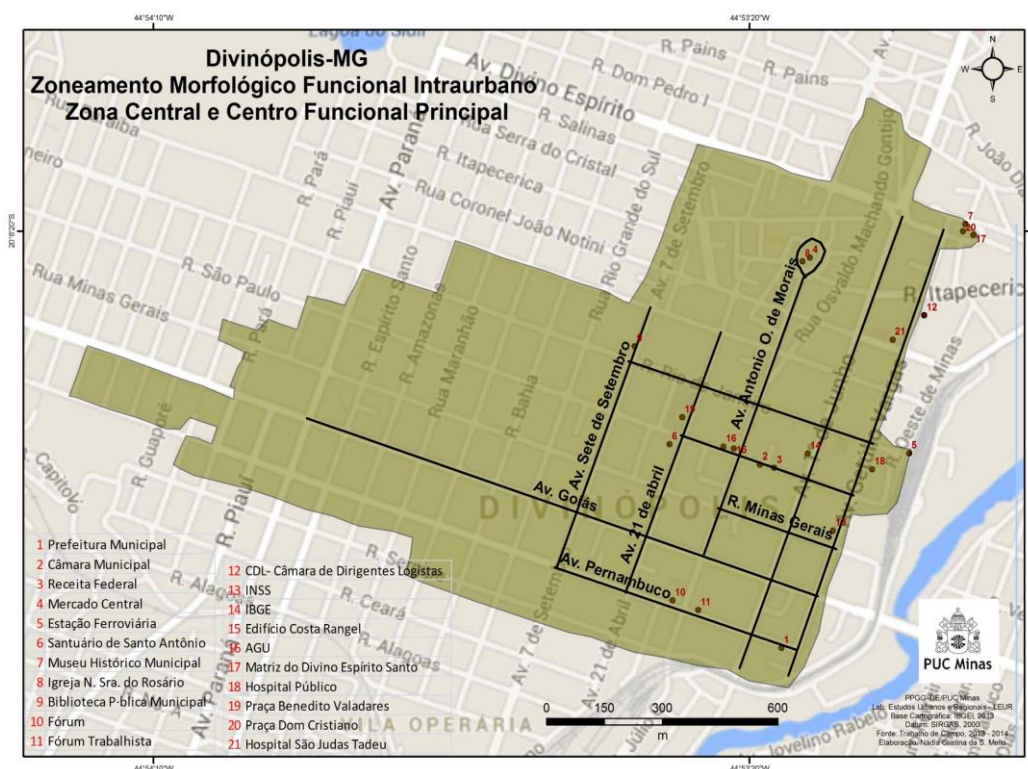
Assim, a zona central (FIG. 42) é definida como um espaço poligonal, que se inicia na linha férrea, na confluência com a Rua Sergipe, segue-se no sentido nordeste pela Avenida Getúlio Vargas até o Santuário do Divino Espírito Santo e dali até a rotatória da Avenida 1º de Junho, continuando, em seguida, no sentido nordeste, pela Avenida JK, até a Rua Quinze de Novembro. Dirigindo-se para o sentido noroeste até a Avenida Antônio Olímpio de Moraes, voltando nesta avenida para o sentido sudoeste até a Avenida Divino Espírito Santo. Segue-se nesta avenida até a Avenida Sete de Setembro, e a partir desta novamente no sentido sudoeste até a Rua Paraíba, seguindo-a no sentido noroeste até a Rua Amazonas. Desta, no sentido sudoeste segue-se uma quadra até a Rua Rio de Janeiro,

---

<sup>154</sup> "Cidade de Porte Médio" é a expressão utilizada no título original do modelo proposto, conforme consta em Amorim Filho (2007, p. 72).

seguindo-a duas quadras no sentido noroeste até a Avenida Paraná. A partir deste ponto, o recorte de uma quadra no sentido noroeste é feito passando pelas ruas Piauí, Pará, Santa Catarina, chegando até a Avenida Goiás, que se estende no sentido noroeste até a Rua Bambuí, unindo todas as quadras entre as ruas Goiás e Pernambuco, seguindo esta no sentido sudeste até a Rua Pará. A partir deste ponto, segue-se pela Avenida Pernambuco na mesma direção, até a Rua Maranhão, descendo uma quadra no sentido sudoeste para a Rua Mato Grosso até chegar à Rua Sergipe, que se segue até fechar ao polígono.

**Figura 42 - Zona Central e Centro Funcional principal da cidade de Divinópolis-MG**



Fonte: GOOGLE MAPS,2015 (adaptado)  
Elaborada pela autora

Entende-se por área central e zona central<sup>155</sup>, dentre outros critérios, aqueles espaços de maior concentração (pessoas, veículos, atividades comerciais e de

<sup>155</sup> Sobre este espaço, Amorim Filho (2007, p. 67), define a área central como o espaço composto por um eixo viário principal, algumas extensões por ruas adjacentes e praças, formando uma unidade funcional e paisagística que comanda a maior parte da vida de relações da cidade, do município e de um considerável espaço regional. Já a zona central o autor (p. 72), define como um centro principal bem definido funcionalmente (forte presença de equipamentos “raros”, de alcance regional; diferenciação funcional interna; paisagem e morfologia típicas (construções em altura, maior densidade de construções; forte movimento de veículos e de pessoas, animação); função residencial

serviços) e nestes espaços há sempre um ou mais eixo(s) viário(s) de maior concentração. Estes eixos foram definidos neste trabalho como o centro funcional principal de Divinópolis, que estão representados na Figura 42. Com a observação criteriosa deste espaço, identificou-se este espaço no tecido urbano de Divinópolis como sendo algumas ruas e avenidas, no sentido sudoeste-nordeste: as avenidas Getúlio Vargas e 1º de Junho, em toda a sua extensão; Avenida Antônio Olímpio de Moraes, da Avenida Goiás até o mercado central; a Rua 21 de Abril e a Sete de Setembro, entre a Avenida Pernambuco até a Rua Rio de Janeiro. No sentido noroeste sudeste: Avenida Goiás, da Avenida Getúlio Vargas até a Avenida Paraná; a Avenida Pernambuco, da Avenida Getúlio Vargas até a Rua Sete de Setembro; a Rua Minas Gerais, entre a Getúlio Vargas, até a Avenida Antônio Olímpio de Moraes e, por fim, as ruas São Paulo e Rio de Janeiro, da Avenida Getúlio Vargas até a Rua 21 de Abril (FIG. 43).

**Figura 43 - Centro funcional principal de Divinópolis-MG: Avenidas 1º de Junho (1), Getúlio Vargas, Antônio Olímpio de Moraes, Goiás e Pernambuco**



Fonte: Foto da autora, 2015  
Av. 1º de Junho

---

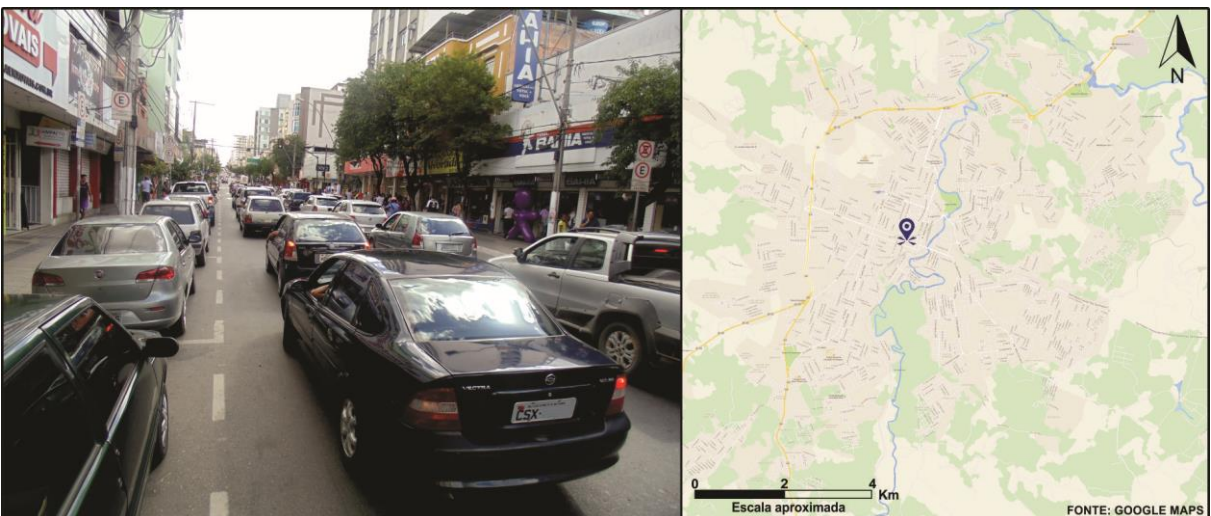
superada pelas funções terciárias; centro com polarização pelo menos microrregional, podendo alcançar o nível regional de polarização.



Fonte: Foto da autora, 2015  
Av. Getúlio Vargas



Fonte: Foto da autora  
Av. Antonio Olimpio de Moraes



Fonte: Foto da autora, 2015  
Av. Goiás

No sentido sudoeste-nordeste, toda a Avenida Getúlio Vargas é o limiar que separa a zona central da pericentral, pois além dela, no mesmo sentido estão a linha férrea, e logo após, o rio Itapecerica.

Definidos, portanto, os limites e os principais eixos da zona central e do centro funcional principal, passou-se à análise da forma do tecido urbano, observando-se que a estrutura e o traçado das ruas e avenidas da zona central de Divinópolis, pelo menos no espaço mais central, estão dispostos em formato de tabuleiro de xadrez e atravessam quase todo o tecido urbano de sudeste para noroeste ou de sudoeste para nordeste. Para situar-se na cidade, é comum falar que determinada residência ou estabelecimento localiza-se em uma quadra, entre algumas das ruas e/ou avenidas principais, o que facilita a orientação e identificação do local. Estes eixos viários têm comumente denominação do nome de algum estado brasileiro, assim como ocorre na capital Belo Horizonte.

Traçadas de sudeste para noroeste, os principais são, na sequência: Rua Sergipe, Pernambuco, Avenida Goiás, Rua Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraíba. Já no sentido sudoeste para nordeste, os logradouros: Avenida Getúlio Vargas, 1º de Junho, Antônio Olímpio de Moraes, 21 de Abril, 7 de Setembro, Rua Rio Grande do Sul, Bahia, Mato Grosso, Maranhão, Amazonas. Nestas ruas e avenidas, como é comum, concentram-se de forma intensiva, em certas horas do dia, um volumoso contingente de veículos e pessoas em busca de bens e serviços diversos.

Gervaise et al. (1997) argumentam que, no centro, não é comum encontrar atividade secundária, mas podem aparecer casos excepcionais. Esta exceção bem se aplica a Divinópolis, pois como a confecção é uma atividade econômica dominante na cidade, alguns comércios, em particular os de vestuário que se localizam na zona central, otimizam o mesmo espaço, reservando parte dele também para a produção. Em alguns casos, são espaços verticalizados onde, no primeiro andar, localiza-se o comércio, e acima, o setor de produção, com todos os maquinários, além do setor de gestão da fábrica<sup>156</sup>.

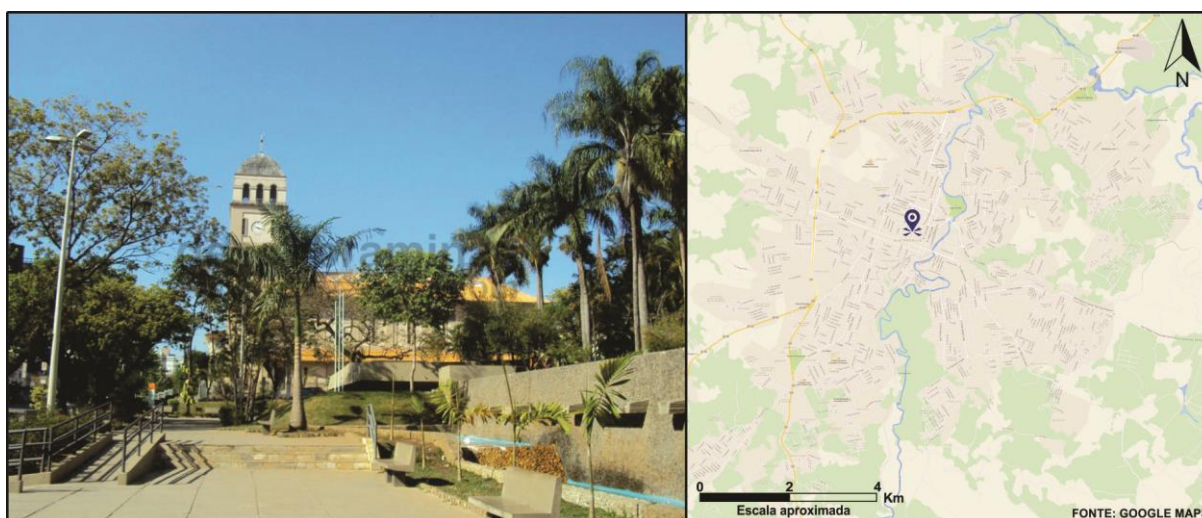
Gervaise et al. (1997) ampliam sua visão da zona central, sugerindo que sejam também observados e analisados os frequentadores e os tipos de serviços ali localizados, sendo estes e os fluxos que geram os definidores do nível hierárquico da cidade, numa rede urbana.

---

<sup>156</sup> Neste setor em Divinópolis, a maioria das fábricas se constitui de micro e pequenas empresas.

Por ser um espaço de ampla visibilidade e cotidiana concentração de atividades e pessoas, a capacidade de renovação do centro também é grande. E acredita-se que por isto seja comum em muitas cidades brasileiras a preocupação em renová-los ou revitalizá-los a cada gestão pública municipal. Alteram-se quase totalmente projetos urbanísticos de praças e espaços mais movimentados, modificando o sentido do trânsito, criando-se espaços para estacionamentos etc. Tudo isto em nome da melhoria na qualidade do espaço para atendimento ao grande público. Entende-se que a própria população que utiliza este espaço é que, na maioria das vezes, incentiva tais mudanças, mas também há casos de intervenções, cujos projetos são claramente políticos, sem necessidade real. Em Divinópolis, podem ser citados como exemplos a Praça Governador Benedito Valadares e a Dom Cristiano. A primeira é conhecida como a Praça do Santuário de Santo Antônio ou Praça da Avenida 21 de Abril, por localizar-se ao lado da igreja de mesmo nome e entre a Avenida 21 de Abril e a Rua São Paulo. (FIG. 44)

**Figura 44 - Praça Benedito Valadares e Praça Dom Cristiano**



Fonte: Portal G37, 2013  
Praça Benedito Valadares



Fonte: Jornal Panoramio.com, 2014  
Praça D. Cristiano

A Praça Benedito Valadares pode ser considerada o ponto central do centro da cidade, em função da localização e da concentração e diversidade de atividades e pessoas. Foi inaugurada em 1968 e é um espaço comum de constantes manifestações populares na cidade<sup>157</sup>. Nele, durante todo o ano, aos finais de semana, há atividades infantis, alguma feira comercial, normalmente de artesanato, de flores ou exposições de alguns produtos ou ainda apresentações culturais em palcos montados.

A segunda é conhecida como Praça da Catedral. É um espaço mais antigo, no topo do chamado Morro da Mineira, que foi o espaço inicial de ocupação da cidade, onde foi construída a Catedral do Divino Espírito Santo, a noroeste da ponte do bairro Niterói. Das poucas construções antigas que ainda se mantêm na cidade, ali se localiza o museu público municipal, instalado em um desses espaços. Assim como a Praça Benedito Valadares, este espaço também tem sido palco de manifestações políticas, artísticas e culturais.

<sup>157</sup> De acordo com o site de notícias G1.com: “A Praça Governador Benedito Valadares em Divinópolis, no Centro-Oeste, conhecida por ser a Praça do Santuário, vai ser interditada a partir desta terça-feira (13). O local passará por uma revitalização. As obras orçadas em R\$465 mil estão previstas para serem encerradas no dia 10 de maio de 2012. De acordo com o secretário adjunto de Meio Ambiente, Afonso Salgado, tapumes serão colocados na Praça do Santuário e serão feitas várias adaptações. “A fonte luminosa vai voltar a funcionar, os lagos serão cuidados, o piso vai ser trocado, a praça passará por uma reforma paisagística e trará acessibilidade a todos os moradores. Haverá banheiro de acesso livre e os bancos serão trocados”, explicou. Para o secretário de Cultura de Divinópolis, a praça é importante para a cidade, pois é onde funciona o chamado Espaço da Diversidade. “É nela que está a sede do movimento gay de Divinópolis e o ponto de cultura onde são feitos ensaios da ONG Cordas e Sons, onde funciona o Cine Club, tem o hip hop, o brake e é também o ponto de encontro de outros grupos culturais da cidade”, ressaltou Bernardo Rodrigues. A Praça do Santuário foi revitalizada pela última vez há 16 anos e até hoje houve apenas pequenas melhorias para atender a necessidade do público que a visita”. (GLOBO.COM, 2012).

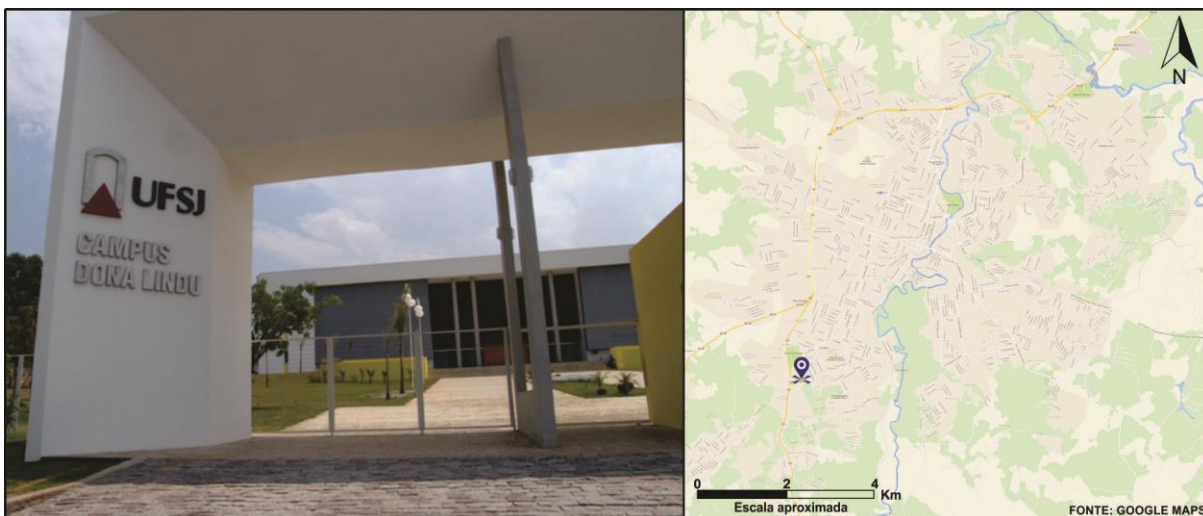
É importante também ressaltar que, tendo em vista o fluxo e a movimentação de pessoas nestes dois espaços, estas praças foram escolhidas para a implantação inicial do projeto Cidade Digital, da Prefeitura Municipal, em maio de 2014,<sup>158</sup> que tem por objetivo gerar locais com acesso à internet livre para os cidadãos divinopolitanos.

Na zona central, nas ruas e avenidas principais, como as avenidas 1º de Junho, Antônio Olímpio de Moraes, Getúlio Vargas, Goiás e Rua Pernambuco, alguns edifícios são quase totalmente ocupados com atividades comerciais e de serviços. Estas avenidas e ruas que também formam o centro principal da cidade, concentram a maior parte das atividades comerciais e de serviços. Na Avenida Getúlio Vargas reúne-se grande parte dos serviços da área de saúde, como a Gerência do INSS, laboratórios, clínicas e consultórios médicos, o pronto-socorro municipal e outros. Nas avenidas Goiás e Pernambuco existe a maior concentração de comércio varejista, em especial de produtos do vestuário e calçados, mas o que se observou é que estes comércios são, em sua maioria, de roupas populares. Na Goiás, a concentração é maior destes comércios do que na Rua Pernambuco, que concentra também um pouco mais de atividades de serviços. Ao final desta avenida, no sentido leste, localiza-se a sede da prefeitura, que deverá se transferir para o centro administrativo que está em construção na direção norte da cidade, próximo à região universitária, onde se avizinhara com o CEFET-MG, a UEMG e a UFSJ, campus D. Lindu, área que já se constitui como um grande subcentro não linear da cidade. (FIG. 45).

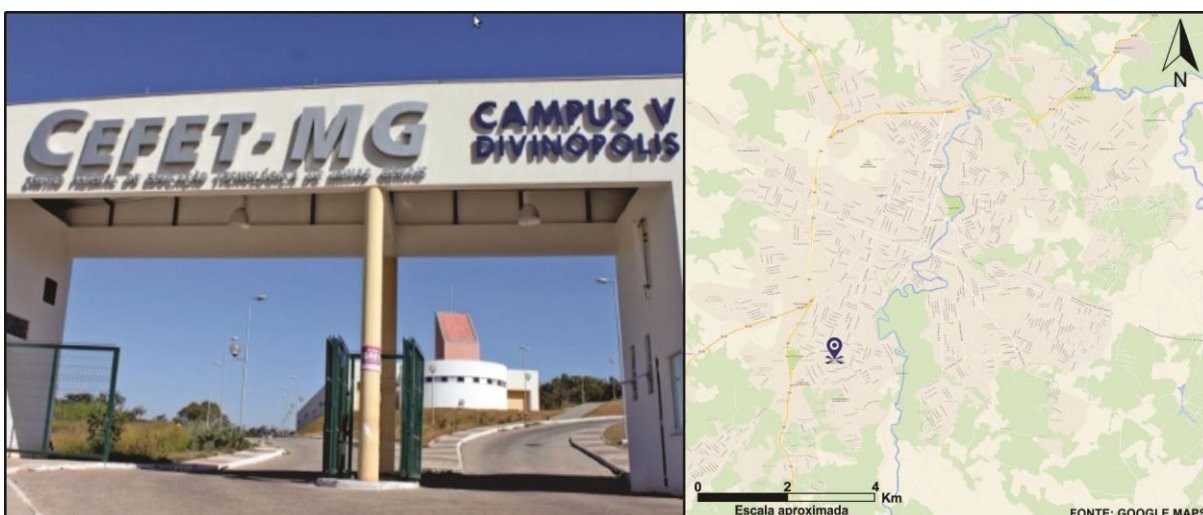
---

<sup>158</sup> De acordo com noticiário: “Contribuindo com o projeto o custo para o município foi zero e toda a manutenção e gerenciamento dessa rede ficará por conta da empresa Master Cabo. Qualquer cidadão que tiver oportunidade de ir até as praças, já terá acesso a 10 megas bites (sic) de internet, que será compartilhado com as outras pessoas que estiverem usando smartphone, tablet ou um laptop. O projeto ainda prevê que outros pontos da cidade serão beneficiados.” (SISTEMPA, 2014).

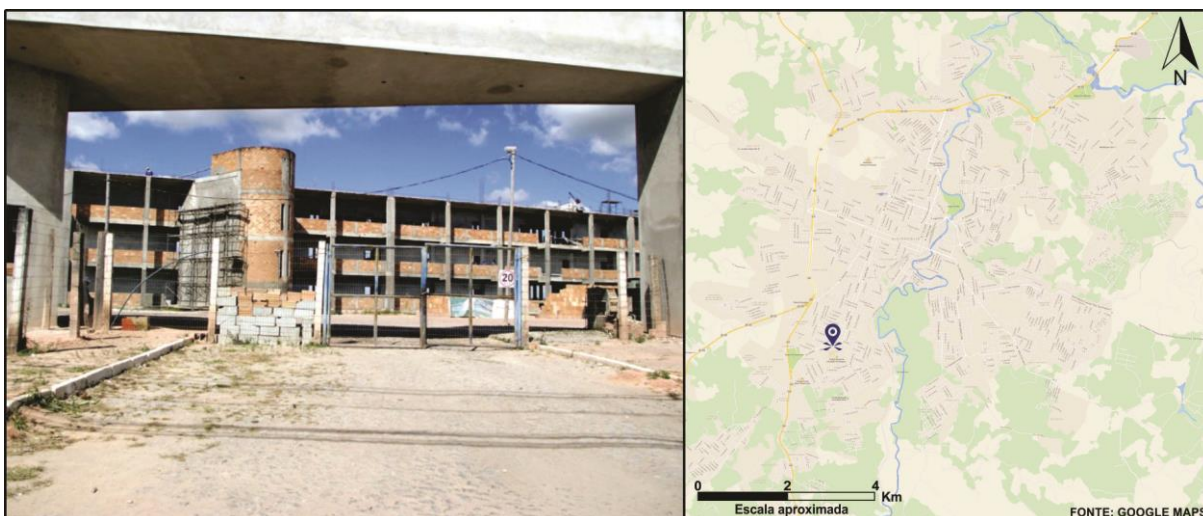
Figura 45 - Equipamentos estabelecidos no subcentro não linear da Avenida Paraná



Fonte: Portal G37, 2014

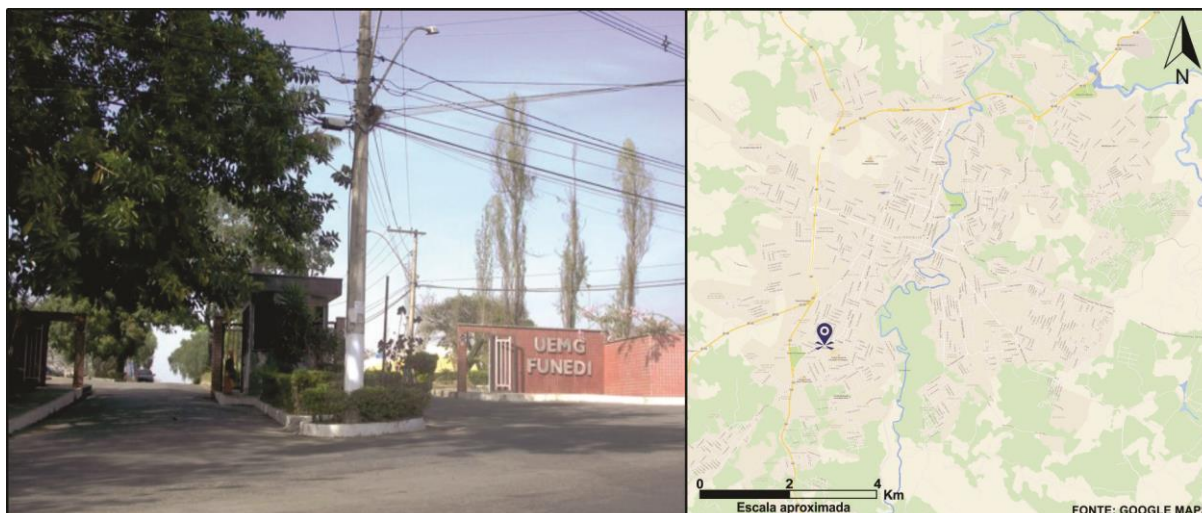


Fonte: Portal G37, 2014



Fonte: Portal G37, 2013

Obra de construção da sede da Prefeitura Municipal de Divinópolis



Fonte: Jornal Divinews.com, 2012

Em paralelo às avenidas Goiás e Pernambuco, estão as ruas Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, importantes espaços de concentração de pessoas, mercadorias e serviços. A Rua São Paulo, nas quadras entre a Avenida Getúlio Vargas, passando pela 1º de Junho até a Antônio Olímpio de Moraes, há um quarteirão fechado. Neste espaço, há uma praça (Praça Jovelino Rabelo) e localizam-se importantes órgãos públicos, como a sede da Câmara Municipal, a Receita Federal de Divinópolis, a sede urbana de um tradicional clube da cidade, bancos, cartório, restaurante, entre outras lojas e serviços. Ainda neste espaço está edificado um galpão que abriga o comércio informal da cidade, o chamado “camelódromo”, além de um espaço somente para barracas, entre a Avenida Getúlio Vargas e 1º de Junho.

As ruas Minas Gerais e Rio de Janeiro têm também diversos serviços e comércios semelhantes ao que se vê na Avenida Antônio Olímpio de Moraes, em especial no setor de vestuário. Nesta avenida concentram, em sua maioria, comércio de vestuário, as mercadorias são mais notáveis, de marcas conhecidas nacional e internacionalmente. Ali, reúnem-se também atividades de serviços como correios, gráfica e outros. Nesta avenida, localiza-se ainda o mercado central municipal (FIG. 46), estabelecimento no qual as atividades não são como os mercados municipais ou centrais, comuns no Brasil, que regularmente abrigam atividades comerciais de produtos hortifrutigranjeiros e outros alimentos.

**Figura 46 - Mercado central municipal de Divinópolis-MG**



Fonte: Christyan de Lima, 2013  
Mercado Central de Divinópolis

No mercado central de Divinópolis há uma certa diversidade de produtos comerciais e de serviços e até mesmo atividades secundárias. Estão instalados no local: banca de hortifrutigranjeiros, de produtos naturais, açougue, despachante, escritório de contabilidade, confecção de roupas, produção e comércio de artesanatos, sapataria, lanchonete, comércio de aves exóticas e outros animais.

No entorno desta área, até o ano de 2013, concentrava-se intenso fluxo de pessoas em função de ali estarem localizadas a sede da polícia civil, o DETRAN, a CIRETRAN e a Delegacia da Mulher. Em função disto, concentravam-se aí muitos serviços de despachantes, alguns deles dentro do mercado central. Estas sedes mudaram-se para a zona pericentral, na Avenida Goiás, transferindo-se com elas todo o fluxo de pessoas e veículos, formando-se ali um subcentro linear de continuidade do centro, no sentido sudoeste da cidade. Na Avenida 1º de Junho, as

atividades são diversificadas, comércios e serviços se alternam com estabelecimentos, como: banco, supermercado, lojas de calçados, vestuário, açougue, produtos de estética, padarias e outros. E sendo, portanto, a zona central uma área tão dinâmica em termos de circulação, produção, consumo de bens e serviços, em Divinópolis, pouco se preservou, existindo neste espaço poucas construções antigas.

E, apesar do histórico do processo de ocupação territorial do espaço divinopolitano datar do século XIX, o município completou 100 anos de emancipação política apenas em 2012. Mas, assim como acontece em muitas cidades brasileiras em que o progresso não se associa à preservação patrimonial, Divinópolis tem poucos bens e áreas preservadas ou tombadas pelo patrimônio histórico artístico e cultural local ou estadual.

No Brasil, há regulamentações para a preservação e tombamentos de monumentos e espaços históricos. Em Divinópolis, a Lei Municipal nº 2.804, de 6 de setembro de 1985, instituiu a preservação do patrimônio cultural do município e criou o Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico de Divinópolis – o COMPHAP, estruturado pela Lei Complementar nº 082, de 20 de junho de 2002.

Não se pode dizer que Divinópolis possua um núcleo tradicional com construções antigas, mas alguns bens formam seu patrimônio cultural que pontualmente constituem estes espaços, estando alguns deles localizados na zona central. A partir da regulamentação municipal mencionada acima, alguns bens que formam o patrimônio cultural da cidade vêm sendo identificados e inventariados. Alguns já foram tombados por leis, como: o Sobrado da Praça Dom Cristiano, a Estação Ferroviária, a Usina Hidrelétrica da Estrada de Ferro Oeste de Minas – EFOM, a Usina do Gravatá, a Sirene das oficinas do bairro Esplanada, o Cristo Crucificado, o Centro Cultural do Povo, as Pinturas-murais de frei Humberto Randag, OFM, que ornem o interior do Santuário de Santo Antônio, os Quartinhos da Rede, o Monumento ao Ferroviário, as festas de Reinado. Como nem todos os bens tombados estão localizados na área central e um deles é um bem imaterial, estes estão descritos no Anexo 3 mas sequencia apresenta-se imagens (FIG. 47) de alguns desses bens acompanhados de suas respectivas localizações na cidade.

**Figura 47 - Bens tombados pelo Conselho do Patrimônio Histórico, artístico e cultural de Divinópolis-MG**



Fonte: Portal G37  
Reinado na Igreja N. Sra. Do Rosário

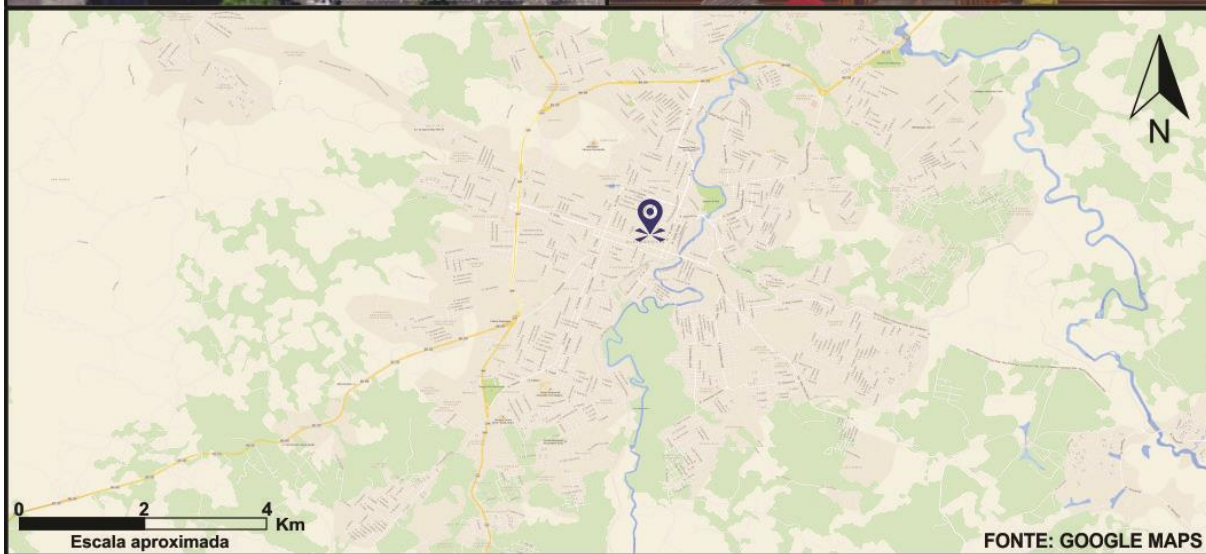


Fonte: Portal G37  
Museu Municipal



Fonte: Portal G37  
Teatro Usina Gravatá

FONTE: GOOGLE MAPS



Fonte: Christyan de Lima,2012  
 Pinturas-murais do Frei Humberto Randag no Santuário de Santo Antonio



Fonte: Portal G37  
 Estação Ferroviária Henrique Galvão



Fonte: Portal G37,2014  
Monumento ao Ferroviário

### 5.3.2 A zona pericentral e seus subcentros funcionais

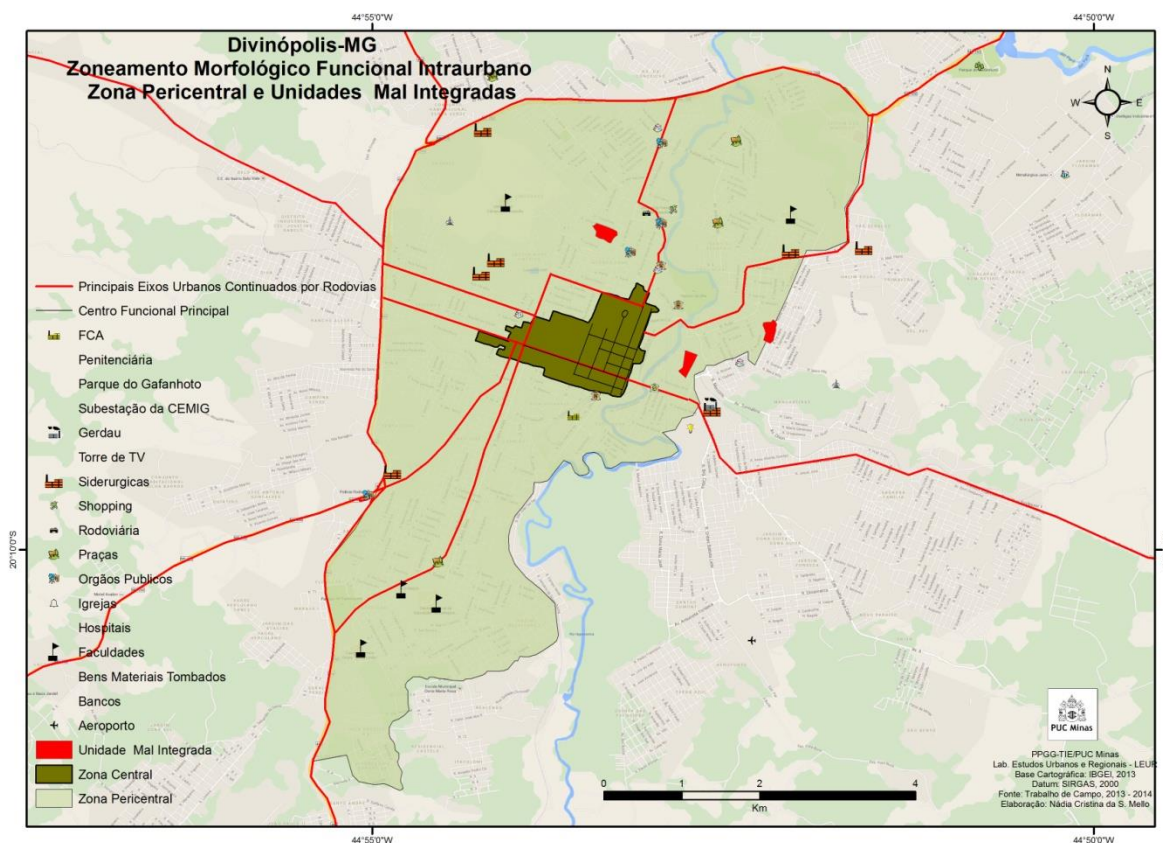
Tarefa um pouco mais laboriosa que delimitar a zona central foi demarcar a zona pericentral de Divinópolis. Isto por que, com o formato “estelar” do tecido urbano há também a presença constante de áreas não construídas que provocam interrupções neste espaço. Isto ocorre algumas vezes, pela presença de acidentes geográficos como córregos, ravinas e até mesmo voçorocas cobertas por alguma espécie de vegetação. Estes obstáculos fizeram desta etapa do trabalho a que demandou maior tempo, o que não inviabilizou que se realizasse a tarefa proposta.

Para este trabalho, neste momento, a percepção e conhecimento do espaço analisado pela pesquisadora geógrafa foram mais exigidos<sup>159</sup>, e isto foi realizado à luz dos conceitos de Gervaise et al. (1997) e Amorim Filho (2007). Cabe salientar que neste momento também foi delimitada a zona periférica, tendo em vista que para balizar a zona pericentral (FIG. 48) foi necessário compreender o limiar desta zona com a periferia. Desta forma, ao contrário da zona central, que foi delimitada durante o trabalho de campo com a planta urbana de Divinópolis em mãos, a zona pericentral foi traçada inicialmente em gabinete, utilizando-se do aplicativo Google Earth para observar os possíveis elementos da paisagem urbana que poderiam ser

<sup>159</sup> Para a delimitação desta área foram dedicados muitos dias e quilômetros rodados pela área adjacente ao centro até encontrar um limiar onde poder-se-ia dizer que se iniciaria a periferia. Assim, neste momento, o conceito das duas zonas estiveram sempre presentes à mente. Sendo, portanto, esta fase um momento de intenso contato com o espaço, muita observação e compreensão do mesmo. Durante as caminhadas por alguns bairros contou-se com o apoio de pessoas conhecidas daquela área e também da cidade, de forma geral: Luiz Antônio Castro de Mello, Helena Maria dos Santos e Heber Cristiano da Fonseca.

utilizados como limiares. É certo que, novamente a observação e percepção pessoal, em especial em relação a diferenciação morfológica e paisagística em função de diferenças sócioeconômicas (Amorim Filho (2007, p. 72) foi a principal ferramenta para esta delimitação.

**Figura 48- Zona Pericentral e Unidades Mal Integradas da cidade de Divinópolis-MG**



Fonte:GOOGLE MAPS,2015 (adaptado)

Elaborada pela autora

Assim, no sentido noroeste-sudeste, utilizou-se como referência a rodovia BR-494, dando continuidade no sentido norte com a rodovia MG-050, até a confluência desta com a Avenida Governador Magalhães Pinto, que dá acesso à cidade pelo bairro Niterói. Sendo este o limite, a nordeste, até a Rua Monte Líbano, seguindo-se nesta direção até a área do Hospital São João de Deus, continuando na direção sul, atravessando as avenidas Turmalina e Gabriel Passos, até a margem do rio Itapecerica. A partir daí, na direção sul, a margem esquerda do rio é o limiar até se encontrar com a ferrovia que passa a ser o limiar até a Rua Bogotá, envolvendo a sudeste a área universitária, e do centro administrativo até a confluência ao sul com a rodovia BR-494, fechando o polígono.

Em seguida, realizou-se a visita a estes espaços, observando, além do movimento de pessoas e veículos, a redução das construções verticalizadas, que são características específicas de zona central, a diminuição sensível das funções centrais e o aumento (também sensível) da função residencial. E a partir destas observações, com o mapa preliminar nas mãos, foram realizados os ajustes, adequando o espaço da zona aos conceitos básicos, incluindo ou retirando ruas ou quadras até se chegar ao esquema que será apresentado ao final desta seção.

Neste percurso também foram analisadas aquelas áreas que possivelmente seriam subcentros, ou seja, aqueles espaços definidos por Duarte (1974) como adjacentes ao centro e que concentram ainda um certo movimento diário. Este foi um trabalho muito interessante que mostrou o quão complexa é a mancha urbana de Divinópolis, com a presença de subcentros lineares formados por uma rua e outros não lineares, que se estendem por algumas quadras não somente de uma rua. E ainda, que os estabelecimentos presentes nestes espaços estão relacionados não somente às necessidades locais dos bairros nos quais estão inseridos, isto porque se observou que algumas firmas comerciais ou de serviços que estão estabelecidas na zona central possuem filiais nos bairros, e ao entrar nestes estabelecimentos, percebeu-se que os produtos ofertados são os mesmos. Sobre isto, ainda se observa, a partir de conversas informais com alguns clientes, que certas pessoas procuravam aquela loja em função da maior facilidade de estacionamento.

Entende-se que estes subcentros são características bem inerentes às cidades médias, e tendo em vista que esta particularidade não foi apresentada nos trabalhos já citados que aplicaram o modelo de zoneamento morfológico-funcional, optou-se por delimitá-los em Divinópolis, tendo em vista que já estavam traçados no mapa utilizado em campo. Sendo assim, a próxima seção tratará destes espaços.

### **5.3.2.1 Os subcentros lineares e não lineares da zona pericentral**

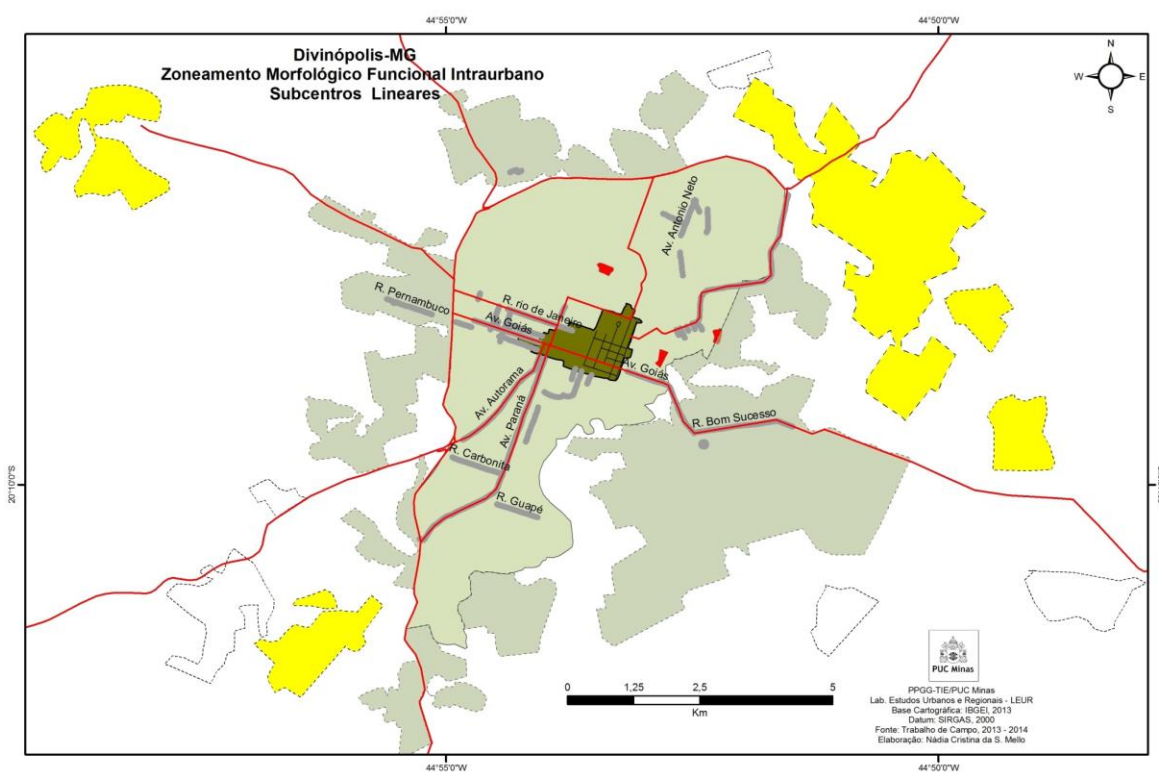
O trabalho de campo realizado na delimitação da zona pericentral possibilitou a identificação do limiar desta zona com o início da periferia, e também permitiu demarcar os principais subcentros presentes nestes espaços e ao mesmo tempo aqueles que se estendem até as periferias.

Serão descritos alguns subcentros, aqueles que na visão da pesquisadora são mais dinâmicos em termos de quantidade de estabelecimentos e movimento de

peças. Quanto às tipologias, o que será descrito é resultante da observação durante os trabalhos de campo, pois procurou-se o setor responsável pelo cadastro de empresas da prefeitura municipal, a fim de saber os principais ramos de comércio e/ou serviços registrados naquela área e não se obteve êxito. Buscou-se também levantar os tipos de estabelecimentos ali presentes através de catálogo telefônico, mas também não seria uma metodologia com resultados precisos, pois muitas lojas ou prestadoras de serviços não possuíam linha telefônica fixa.

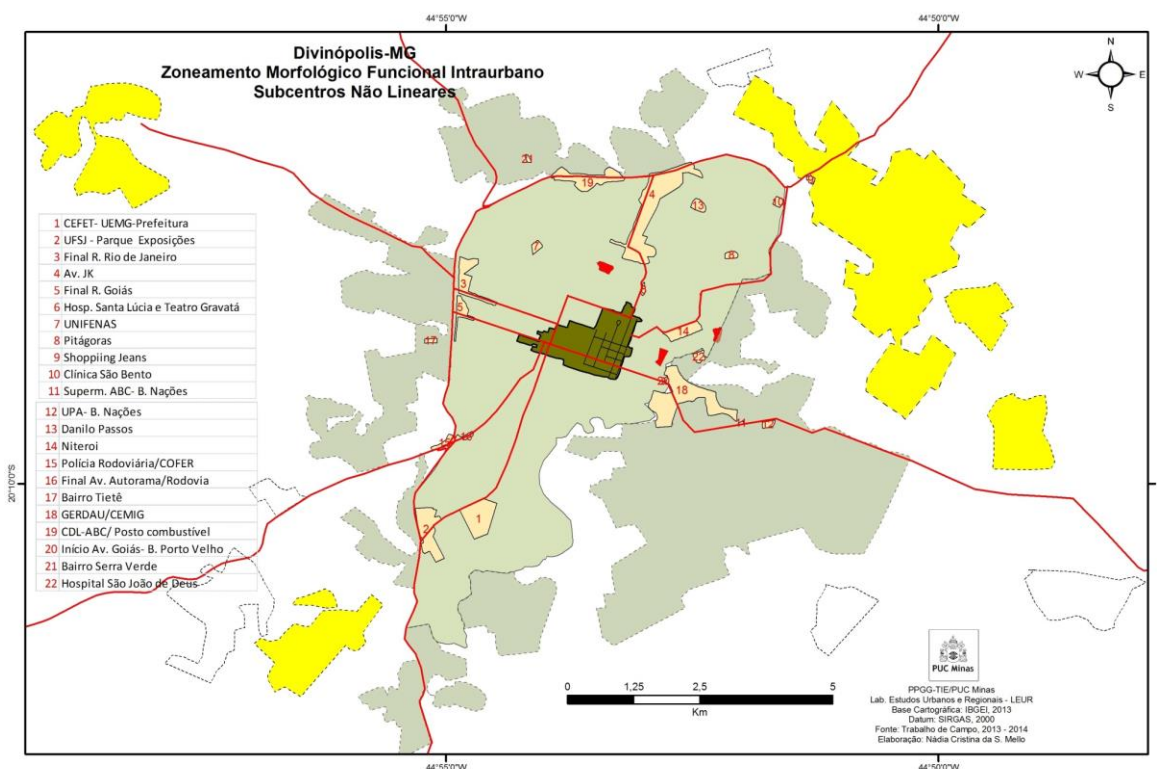
A maior parte dos subcentros (FIGs 49 e 50) tem características polimultifuncionais e funcionam, em muitos casos, como uma réplica reduzida do centro, mas há casos de subcentros especializados, como aquele formado no entorno do Hospital São João de Deus, onde são atendidas especialidades médicas.

**Figura 49- Subcentros Funcionais Lineares na cidade de Divinópolis-MG**



Elaborada pela autora

**Figura 50 - Subcentros Funcionais não Lineares na cidade de Divinópolis-MG**



Elaborada pela autora

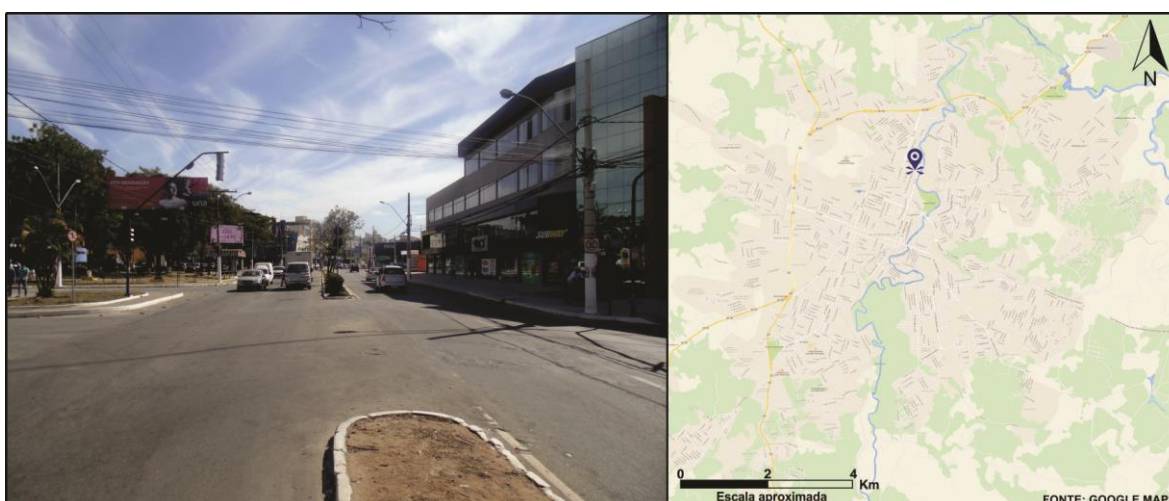
Considerando-se aqueles subcentros onde se percebeu mais movimento, foram selecionados cinco para serem descritos mais detalhadamente, sendo eles, na sequência de intensidade dos fluxos: das avenidas JK e Paraná, do bairro Niterói, do Hospital São João e Deus e da Rua Rio de Janeiro.

1) O subcentro não linear da Avenida JK: é o maior subcentro da cidade, o mais dinâmico e o de maior animação, em função da diversidade de comércios e serviços oferecidos e também do fluxo de pessoas; por isto; entende-se que ainda pode ser dividido em outros subcentros. Mas esta tarefa não foi realizada, porque seria mais uma compartimentação do espaço, o que acabaria por se esquivar da tarefa que foi proposta, que é a aplicação do modelo de zoneamento morfológico funcional da cidade. Este subcentro prolonga-se por toda a Avenida JK, desde o início na entrada pela rodovia MG-050, a sudeste da cidade. Neste ponto, estendeu-se este subcentro para mais uns 700 metros ao longo da rodovia MG-050, onde estão instalados um clube de lazer, uma empresa alimentícia e diversas concessionárias de automóveis (FIG. 51).

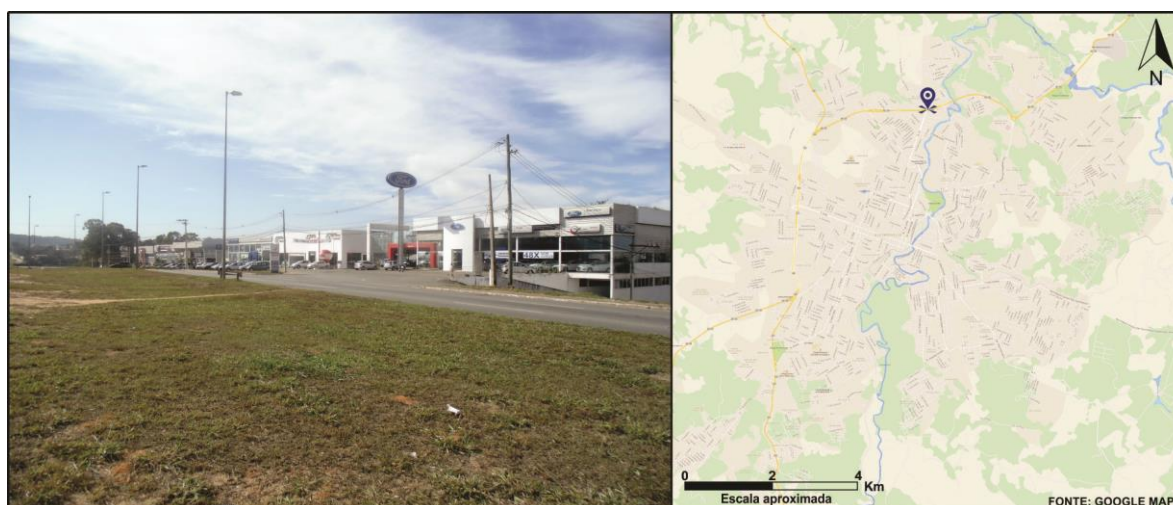
**Figura 51 - Vista parcial do subcentro da Avenida Juscelino Kubitschek, em Divinópolis-MG**



Fonte: Foto da autora, 2015  
Avenida Juscelino Kubstcheck (JK)



Fonte: Foto da autora, 2015  
Avenida JK



Fonte: Foto da autora, 2015  
Rodovia MG-050

Ao entrar na Avenida JK pela rodovia, estão instaladas ao longo desta via de acesso empresas e comércio de confecção, um hospital e outros equipamentos de serviços de saúde, o Corpo de Bombeiros Militar, postos de combustível, restaurantes, bares, lanchonetes, oficinas mecânicas, comércio de materiais de construção e alimentícios, farmácias, serviços de estética e outros.

Ao se chegar à rodoviária, continuando na Avenida JK, agora no sentido centro, a intensidade dos equipamentos deste subcentro aumenta, pois ali estão instalados seis shoppings atacadistas de vestuário e um shopping varejista. Ainda nesta área há um supermercado, empresas de transporte, o Batalhão da Polícia Militar, agências bancárias, concessionárias de automóveis, bares, restaurante, farmácias, academias de atividades físicas e outros.

Paralela à Avenida JK, desde seu início, próximo à rodovia MG-050, está a Rua Pitangui, que é também um movimentado subcentro, que pode ser caracterizado como o maior espaço de lazer da cidade. Ali estão concentrados diversos bares, restaurantes, *boite* noturna, sendo este um espaço delimitado pela prefeitura, com ciclovia, e para a realização de atividades físicas, como caminhadas, corridas e outros. Também estão instaladas ali algumas empresas de confecção e comércio destes produtos, havendo também mais dois shoppings atacadistas de vestuário. Ainda nesta área há um espaço aberto, muito utilizado para a realização de shows com artistas renomados. Sobre esta área, unindo as atividades da Avenida JK e da Rua Pitangui, pode-se dizer que é um espaço que parece tão dinâmico quanto a zona central.

Neste sentido, inferir-se-á que a cidade de Divinópolis teria dois centros funcionais principais, mas ainda com a predominância do primeiro já descrito, cujo movimento e circulação é mais intenso e diário. Nesta área da Avenida JK, o fluxo é semelhante ao do centro principal em épocas comemorativas em que o comércio nos shoppings atacadistas sse intensificam, inclusive com fluxo maior de “sacoleiras”.

Continuando na Avenida JK, a partir da área dos shoppings atacadistas, segue-se em direção ao centro, onde estão instalados o teatro municipal, já descrito nos centros tradicionais, um hospital e diversos serviços e comércio de produtos específicos. Esta região da Avenida JK, durante o período das chuvas, comumente sofre com os problemas das enchentes, pois ela margeia o rio Itapecerica que, dependendo da intensidade das chuvas, provoca graves problemas ambientais na

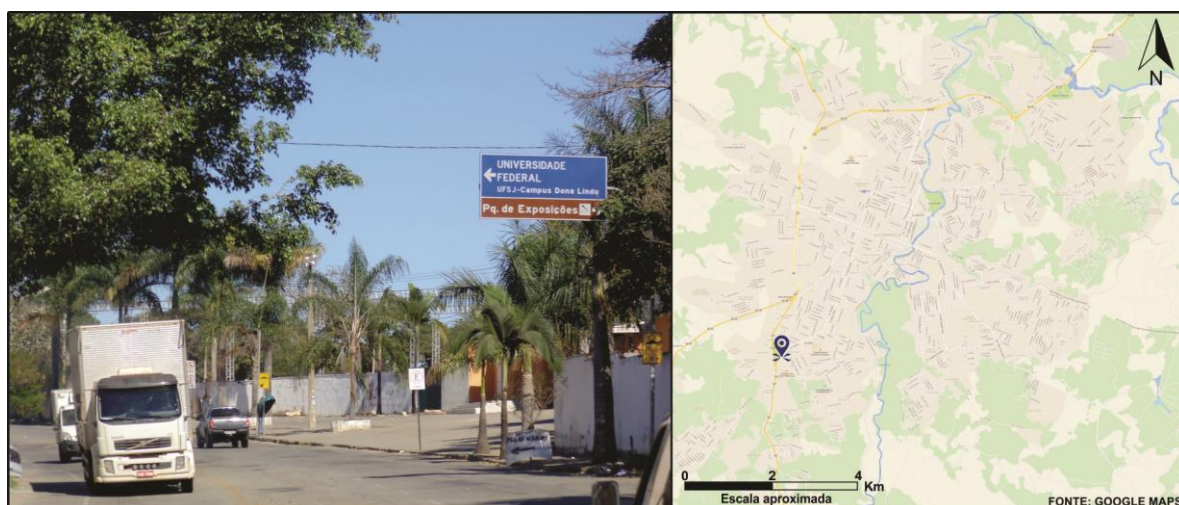
cidade, em especial nesta área. Como se observa, na Avenida JK há animação e dinamismo, como no centro da cidade, e pela descrição pode-se perceber que forma vários outros subcentros.

2) Subcentro da Avenida Paraná: nesta avenida também foram identificadas duas categorias de subcentros, um linear e outro não-linear. Esta avenida é uma das que atravessa a cidade no sentido nordeste-sudoeste até a rodovia BR-494, saída para Oliveira (FIG. 52). A importância desta avenida como subcentro, com intensa atividade comercial e de serviços inicia-se na zona central na direção sudoeste. No sentido nordeste há maior concentração residencial, dentre algumas atividades comerciais e de serviços.

**Figura 52 - Vista parcial do subcentro da Avenida Paraná, em Divinópolis-MG**



Fonte: Foto da autora, 2015.  
Avenida Paraná



Fonte: Foto da autora, 2015.  
Avenida Paraná

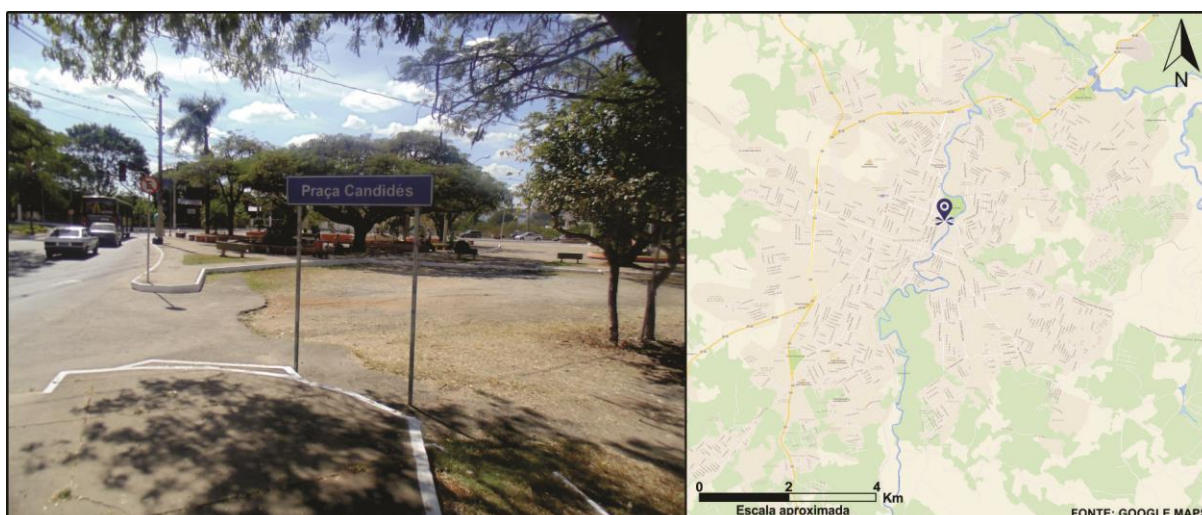
Já na zona pericentral, entre as ruas Paraíba e do Cristal, este eixo urbano apresenta um importante subcentro terciário, com a presença de um centro educacional, uma igreja e uma academia de atividade física.

No sentido norte, segue-se em direção à rodovia BR-494. Esta avenida forma um grande subcentro linear que foi aqui caracterizado como de nível forte em função da intensidade dos fluxos de pessoas e veículos e do número e variedade de equipamentos. Entende-se que este é o maior subcentro linear da cidade, e pode se considerar que é o segundo maior subcentro, sendo inferior apenas ao subcentro da Avenida JK, que é um subcentro não-linear.

A partir da zona pericentral podem-se listar os equipamentos comerciais e de serviços presentes neste subcentro: concessionárias de automóveis, oficinas mecânicas, postos de combustível em diversos pontos, comércio de vestuário, academia de atividade física, imobiliárias, hipermercado, banco, gráfica, bares, restaurantes, comércio de materiais de construção, móveis, casas lotéricas, entre outros.

3) Subcentro do bairro Niterói (FIG. 53): neste bairro também está localizado o subcentro do Hospital São João de Deus, mas que foi definido separadamente, por possuir uma função específica, voltada para a área da saúde.

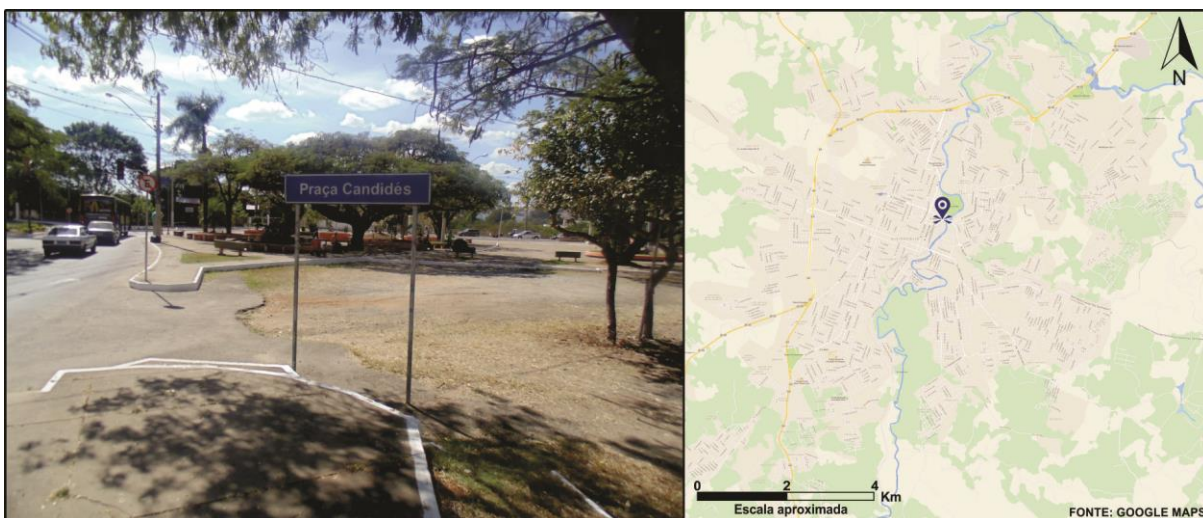
**Figura 53 - Vista parcial do subcentro do bairro Niterói, em Divinópolis-MG**



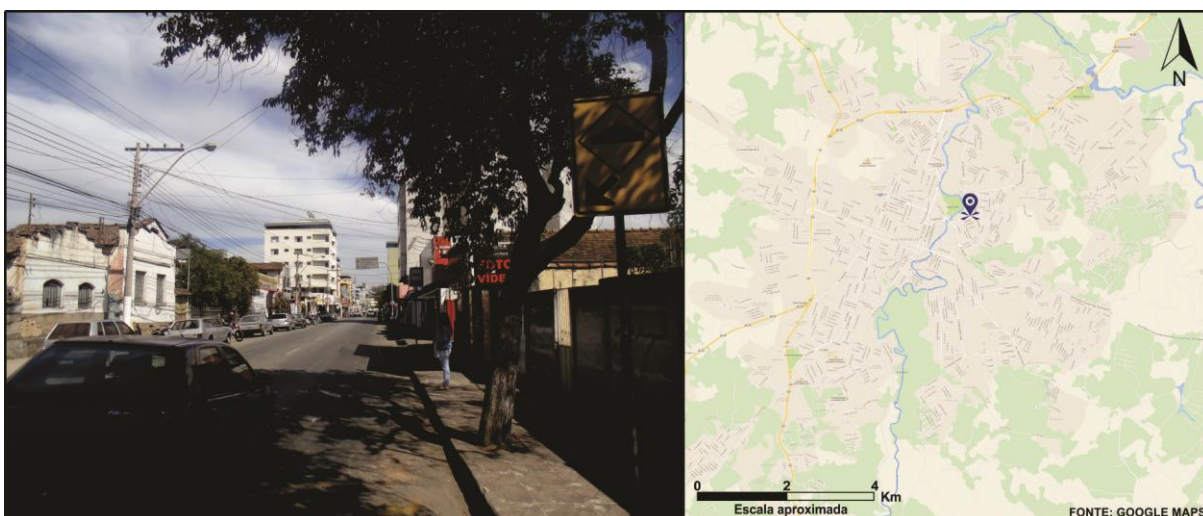
Fonte: Foto da autora, 2015  
Praça Candidés, entrada do bairro Niterói



Fonte: Foto da autora, 2015.  
Ponte Padre Libério, entrada do Bairro Niterói



Fonte: Foto da autora, 2015  
Praça Candidês, entrada do bairro Niterói



Fonte: Foto da autora, 2015  
Bairro Niterói

O bairro Niterói é uma área antiga no processo de ocupação da cidade. Há duas ruas que têm circulação em sentido contrário: a Rua Rubi e a Avenida Governador Magalhães Pinto. Esta última é uma importante via de acesso para a saída da cidade, em direção a Itaúna, para a rodovia MG-050.

Para quem vem de Itaúna, é a primeira entrada para Divinópolis. Seguindo esta avenida, há uma forte concentração de equipamentos secundários e terciários. Mais próximo do centro, pouco antes de atravessar a ponte do Niterói, como é conhecida a ponte sobre o rio Itapecerica que dá acesso a este bairro, esta avenida forma um corredor importante de comércio e serviços. Isso, paralelo com a Rua Rubi, que juntas formam um importante subcentro poligonal polifuncional, que serve aos habitantes desta região da cidade, e mesmo de outros bairros, pois há sedes de importantes serviços públicos e privados, além de haver, também neste espaço, comércios e serviços que servem a toda a cidade, como: salão de beleza, academia de atividade física, escolas, creches, vila vicentina, um hospital regional e um centro de tratamento psiquiátrico, igrejas, abatedouro de animais e escola religiosa que formam freiras da ordem religiosa das irmãs carmelitas, etc.

Há também casa lotérica, serralheria, farmácias, postos de combustíveis, supermercados, lojas de material de construção, de materiais elétricos, móveis e eletrodomésticos, oficinas mecânicas, lojas de calçados e de confecções, autopeças, banca de jornais e revistas, *lan house* e ainda uma indústria de beneficiamento de leite e usina hidrelétrica. É comum encontrar ainda armazéns que são comércios de alimentos que distribuem produtos a granel (por quilo). Isto devido à antiguidade do local, que ainda conserva este tipo de comércio. Neste subcentro também há uma praça comumente utilizada pelos residentes locais para jogos e outras atividades de lazer.

4) Subcentro Hospital São João de Deus (FIG. 54): é um subcentro não linear, que pode ser caracterizado como um subcentro especializado na área de saúde. Ali está instalado o maior hospital privado de Divinópolis. Com grande infraestrutura na área de saúde, o hospital, que é gerido por uma fundação, passa por problemas administrativos e financeiros, o que tem prejudicado seu funcionamento regular.

**Figura 54 - Vista parcial do subcentro da área de localização do Hospital São João de Deus**



Fonte: Foto da autora, 2015.  
Subcentro do Hospital São João de Deus



Fonte: Foto da autora, 2015.  
Subcentro do Hospital São João de Deus

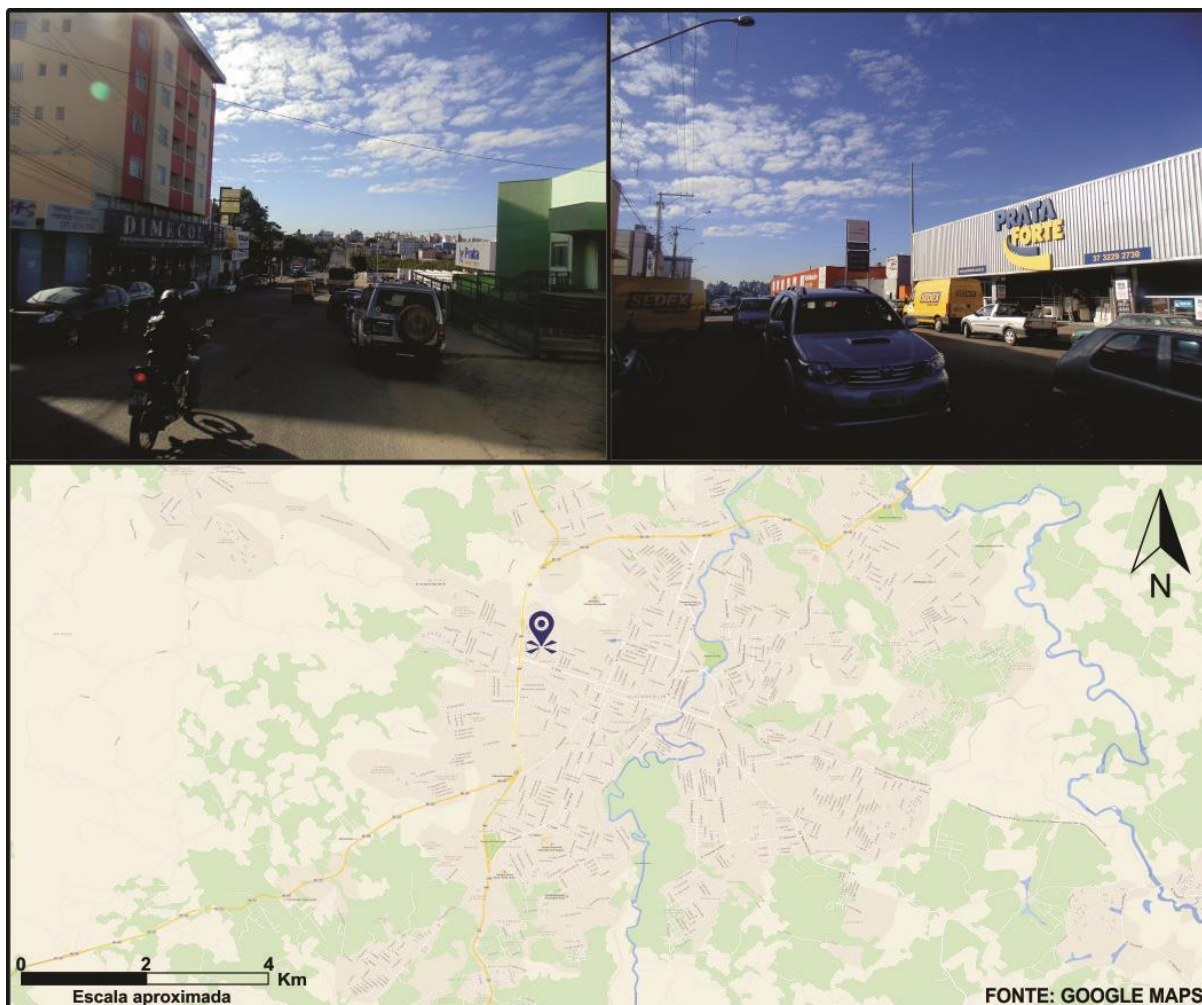


Fonte: Foto da autora, 2015  
Subcentro do Hospital São João de Deus

Ali também funciona o hospital do câncer, e no seu entorno estão instalados diversos equipamentos de serviço de saúde, como clínicas médicas e laboratórios de saúde. Há também uma escola para deficientes físicos, gerida pela Fundação Helena Antipoff, a APAE, além de outros equipamentos de suporte para a população que utiliza o espaço: bares, lanchonetes e um restaurante popular. Este restaurante já se localiza numa área considerada uma unidade periférica desorganizada, conhecida na cidade como bairro da Lajinha. Nesta área, as residências são de alvenaria, mas com infraestrutura precária, estando dispostas ao longo de uma vertente na lateral dos hospitais, conforme pode ser observado nas figuras.

5) Subcentro da Rua Rio de Janeiro (FIG. 55): nesta rua foram identificados subcentros em dois espaços descontínuos, sendo um linear e mais modesto e outro não-linear e de nível mais forte. Esta é uma importante rua que atravessa a cidade no sentido leste-oeste, desde o centro, até ultrapassar a rodovia BR494/050. As construções da zona central encontram-se bastante verticalizadas e servem a este espaço com atividades exclusivamente do setor terciário, em especial equipamentos comerciais de vestuário.

**Figura 55 - Vista parcial do subcentro da Rua Rio de Janeiro, em Divinópolis-MG**



Fonte:Foto da autora,2015  
Rua Rio de Janeiro

Saindo da zona central, quando cruza com a Rua Maranhão (esta rua apresenta-se como um subcentro linear modesto de Nível 2), alternam-se atividades comerciais e de serviços com residências. A partir daí, gradativamente, vai diminuindo a verticalização das construções.

Os equipamentos comerciais e de serviços localizam-se nos dois lados da rua, salvo do lado direito, entre as ruas Guaporé e Bambuí, onde não há nenhuma construção, pois esta área abrigava anteriormente a chamada Lagoa do Sidil, uma lagoa localizada no espaço urbano, praticamente no centro da cidade, no bairro chamado Sidil. A partir daí os equipamentos continuam sendo aqueles do setor terciário: locadora de CDs, borracharia, academia de atividades físicas, panificadora, farmácia, bares, restaurantes, oficina mecânica especializada, gráfica, papelaria e

oficina de ferragens. É importante ressaltar que nesta rua há também equipamentos do setor secundário, no caso, uma fábrica de equipamentos industriais.

A partir do cruzamento com a Rua 11 de Novembro, forma-se um subcentro com estrutura polifuncional, em formato poligonal, com atividades comerciais e de serviços. Estes intensificam-se dos dois lados da rua, onde não há mais residências, até chegar à rodovia BR-050/494. Chegando à rodovia, margeando-a no sentido de Belo Horizonte, há um corredor comercial e de serviços de importância econômica para a cidade. Nesta área, localizam-se grandes empresas do setor de lazer, escola, materiais de construção, ferro e aço, distribuidora de alimentos e bebidas, oficinas mecânicas especializadas em veículos de pequeno e grande porte, agência de distribuição dos correios, concessionária de veículos e indústria de calçados, entre outros. Observou-se que, nos últimos três anos, o movimento de pessoas e veículos intensificou-se nesta área em função do comércio e dos serviços oferecidos. Além das empresas que têm se instalado nesta área, ressalta-se também o crescimento de loteamentos em direção às rodovias. Assim, além destes, foram identificados no espaço urbano contínuo de Divinópolis 49 subcentros lineares e 22 subcentros não-lineares, que estão representados cartograficamente nos Apêndices 1 e 2.

Quanto às categorias destes subcentros, é importante notar que a “especialização” de um subcentro não implica em unifuncionalidade absoluta e, sim, na predominância de alguma função em relação às demais. Cita-se como exemplo o subcentro do Hospital São João de Deus, onde prevalecem as atividades relacionadas à saúde, mas que demandam outras atividades, como o comércio alimentício e de prestação de serviços de transporte, que estão presentes naquele centro. Há neste espaço, inclusive, um restaurante popular com refeição servida a preço de custo, que se localiza bem próximo ao hospital, mas já na zona periférica, dentro de uma unidade mal organizada, conhecida na cidade como favela da lajinha. Espaços como estes serão analisados na próxima seção que apresentará a zona periférica da cidade.

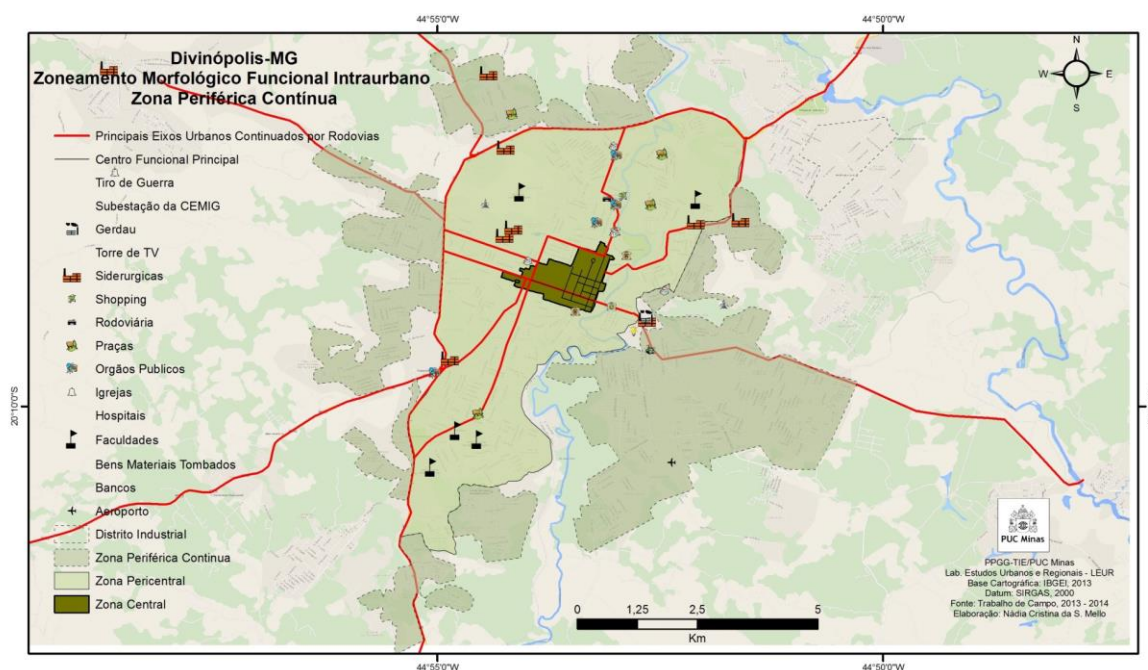
### **5.3.3 As periferias e seus subcentros funcionais**

Gervaise et al. (1997) expressam sobre a expansão do tecido urbano para além dos eixos rodoviários, em particular com a construção dos anéis rodoviários, que normalmente são idealizados e construídos para aliviar a intensidade de fluxos

de determinadas áreas centrais e pericentrais. Estes espaços configuram quase sempre bairros periféricos, inicialmente desprovidos de toda infraestrutura, cujos terrenos são vendidos a baixo custo e as casas são autoconstruídas. É certo que esta não é uma regra geral, tendo em vista que nas cidades maiores é comum também áreas nobres surgirem nestes espaços, em busca de melhor qualidade de vida, sem as pressões sofridas na zona central em relação a trânsito, poluição sonora, visual e outros.

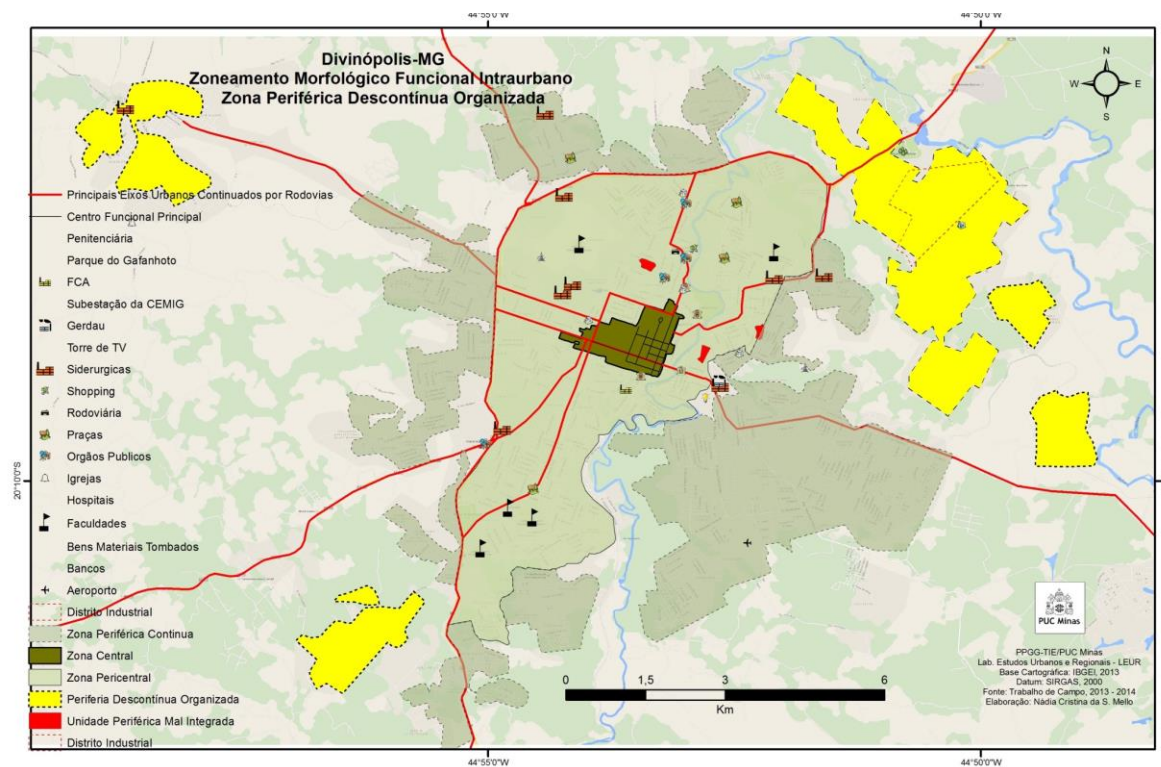
Em Divinópolis, foram delimitados como zona periférica (FIGs. 56, 57, 58) todos os espaços além da zona pericentral.

**Figura 56 - Zona Pericentral Contínua da cidade de Divinópolis-MG**



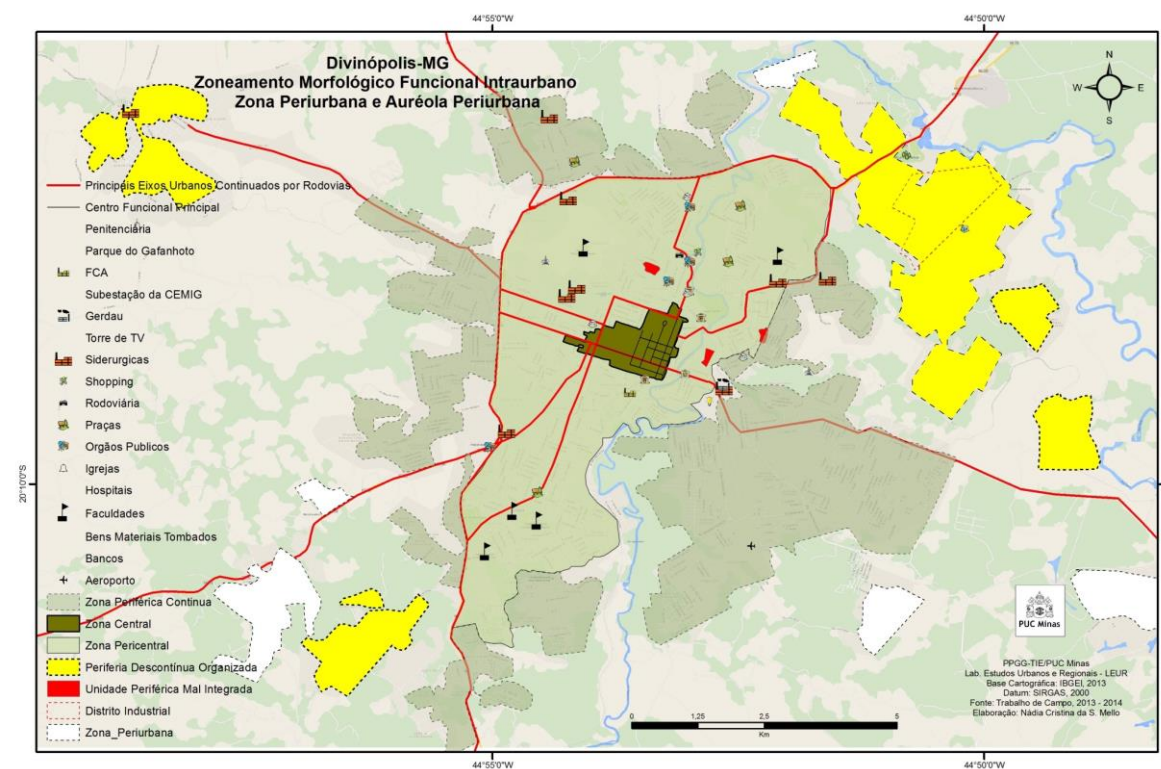
Fonte:Elaborada pela autora

**Figura 57 - Zona Periférica Descontínua Organizada de Divinópolis-MG**



Fonte:Elaborada pela autora

**Figura 58-Zona Periurbana e Auréola Periurbana de Divinópolis-MG**

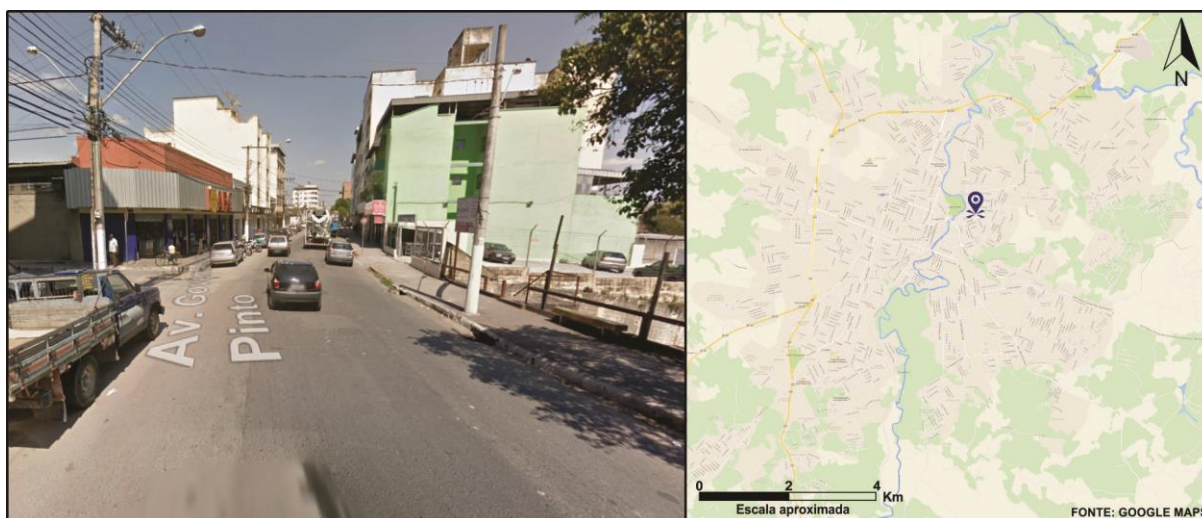


Fonte: Elaborada pela autora

Portanto, aqueles que se localizam à margem esquerda das rodovias BR-494 e MG-050 a norte, oeste, noroeste, sudoeste e sul, bem como todos os espaços construídos, ou seja, aqueles que fazem parte do tecido urbano no sentido nordeste, sudeste e alguns ao sul, na margem direita e esquerda da rodovia BR-494. É uma área bastante extensa, onde existem muitos vazios urbanos permitindo identificar a periferia contínua e descontínua, conforme constatado por Amorim Filho (2005) para as cidades mineiras.

As rodovias são importantes referências na delimitação da zona periférica de Divinópolis, não surpreende a informação de que os acessos, para quem vem de outro município, ao centro de Divinópolis, dão-se por estas unidades. Estes acessos, alguns já caracterizados como subcentros lineares, como no caso da Avenida Governador Magalhães Pinto (FIG. 59), formam, portanto, subcentros pericentrais que se estendem às periferias.

**Figura 59 - Vista parcial do subcentro linear da Avenida Governador Magalhães Pinto em Divinópolis-MG**



Fonte: Google Street View, 2015  
Avenida Governador Magalhães Pinto

A Avenida Governador Magalhães Pinto é o primeiro acesso à cidade para quem vem pela rodovia BR-050, vindo de Itaúna, chegando pelo bairro Niterói, ou ainda para quem vem de Nova Serrana (BR-494), que passa pela zona periférica e entra na cidade por um dos acessos, já na zona pericentral, pelas avenidas Pernambuco ou Goiás, ou ainda pelo subcentro da Rua Rio de Janeiro. Neste percurso, ainda na rodovia BR-050 após a ponte sobre o rio Pará, do lado esquerdo

de quem entra na cidade localiza-se a reserva do Parque Municipal do Gafanhoto. E, logo em seguida, também à esquerda, está a entrada para o primeiro bairro da área urbana contínua da cidade e que também dá acesso ao Distrito Industrial.

O trabalho de campo realizado em diversos bairros da zona pericentral no litoral com a periferia (São Simão, Primavera e outros) permitiram observar que há a presença de equipamentos mais modestos e até a falta destes nestes espaços. Faltam também infraestrutura viária e de água e esgoto encanado.

Muitos bairros são criados por especulação imobiliária. Aprovam-se pequenos loteamentos, para onde é levada uma infraestrutura básica, algumas construções são levantadas e logo todo o entorno passa a ser mais, ou, menos valorizado, dependendo da estrutura que se apresenta no local, como cobertura asfáltica ou paralelepípedo, iluminação pública, água e esgoto encanado, linha de ônibus e outros. Assim, a zona periférica de Divinópolis apresenta uma expansão com estrutura polinuclear. Observa-se que não há um padrão em relação à direção da expansão e nem mesmo no tamanho de cada núcleo.

As unidades da zona periférica evoluem assimilando outras unidades dentro da cidade, e o que se observa é que isso pode ocorrer também indo ao encontro de outras cidades, como no caso da provável conurbação com Carmo do Cajuru. Este espaço é um bom exemplo de que os espaços de transição do rural para o urbano são muito difíceis de serem delimitados nesta área, mas mesmo assim, com o apoio de alguns autores, buscou-se delimitar estes espaços.

No sentido sudeste, em direção ao município de Carmo do Cajuru, há uma peculiaridade: a presença de periferias descontínuas mas que, ao se aproximar da divisa municipal à margem do rio Pará, onde se imaginava ser um espaço com características periurbanas, ao contrário, há um espaço bem estruturado em termos de infraestrutura urbana, que se estende até a margem do Lago das Roseiras, que é uma represa do Rio Pará, no limite sudeste de Divinópolis com Carmo do Cajuru. Nesta área localiza-se um condomínio nobre, o Lago das Roseiras (FIG. 60), utilizado como espaço de lazer por aqueles que podem adquirir imóveis na região.

**Figura 60 - Vista parcial do Lago das Roseiras, na divisa municipal de Divinópolis com o município de Carmo do Cajuru**

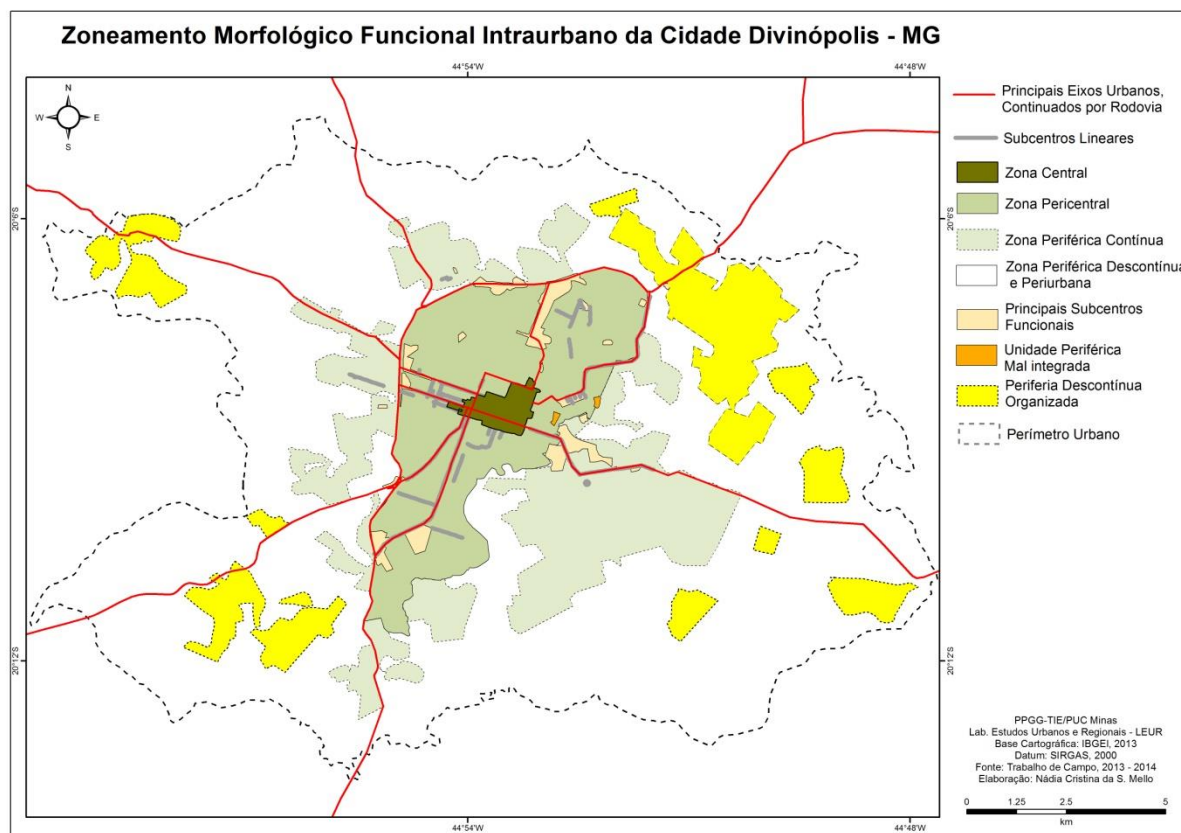


Fonte: G37, 2014.  
Represa do Cajuru/Lago das Roseiras

Já na direção sul, às margens da rodovia BR-494, a passagem é mais clara, tendo como referência os bairros Copacabana, Jk, João Paulo II e outros do entorno, onde as construções são mais modestas, algumas autoconstruções e outras de programas públicos de acesso à moradia. Isto se percebe também a leste e sudoeste, em especial os bairros que acompanham o prolongamento da rodovia BR-050, como o Cacôco, bairro rural com fortes características do urbano, com algumas chácaras utilizadas exclusivamente para lazer e outras para a produção agrícola.

E assim apresenta-se o tecido urbano de Divinópolis, que foi referência para a apresentação do zoneamento morfológico-funcional para esta cidade (FIG. 61) que teve como referência teórica o modelo de zoneamento morfológico-funcional (FIG. 62) elaborado por Amorim Filho (2007), conforme se apresentam.

**Figura 61 - Modelo de zoneamento morfológico-funcional intraurbano aplicado a cidade de Divinópolis-MG**



Fonte: Elaborada pela autora

O cartograma que representa a aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional à cidade de Divinópolis confirma o formato estelar do seu tecido urbano. A representação cartográfica revela um espaço recortado que deixa ainda mais evidente a existência de vazios urbanos, em particular na zona periférica contínua.

A zona central apresenta-se com uma morfologia específica, um espaço denso, com intensa verticalização (FIG. 62) e movimento de pessoas e veículos. Há também a concentração de diversos estabelecimentos comerciais e de serviços públicos e privados, de alcance regional, onde predominam, portanto, as funções terciárias, confirmando a visão de Amorim Filho (2007, p. 72), de que nestas áreas a função residencial é superada pelas funções terciárias.

Dentro desta área é possível identificar algumas ruas e avenidas polifuncionais que funcionam como centros funcionais principais e interligam os eixos rodoviários periurbanos (Goiás, 1º de Junho, Governador Valadares e outras), tendo em vista a intensidade do movimento. Este centro urbano de Divinópolis

corresponde ao espaço inicial de povoamento da cidade. É interessante observar que, ao contrário dos dias comerciais, estes espaços, aos fins de semana tornam-se silenciosos, praticamente sem movimentação, o que confirma sua função terciária.

**Figura 62 - Área central da cidade de Divinópolis**



Fonte: Christyan de Lima, 2012.

Na imagem, é possível perceber a linearidade dos eixos viários principais, destacando-se na imagem, ao centro a avenida Goiás e paralela a esta, à direita, a rua Minas Gerais e à esquerda a rua Pernambuco. Estas vias seguem na direção pericentral.

Em relação ao eixo viário principal, a avenida Goiás evolui no sentido nordeste, indo ao encontro do maior subcentro não linear, o da avenida Juscelino Kubitschek (avenida JK), que segue na direção do eixo rodoviário MG-050. Ainda em relação ao eixo central principal, a zona central prolonga-se no sentido noroeste, onde discretamente vão se reduzindo as construções verticalizadas e ampliando a função residencial. Mas ao mesmo tempo formam-se em alguns eixos viários importantes, como na rua Rio de Janeiro, subcentros lineares, que são na realidade prolongamentos do centro, mas com menor intensidade de movimento, já na zona pericentral.

A zona pericentral da cidade de Divinópolis, conforme aponta Amorim Filho (2007, p. 72), é extensa espacialmente. A função residencial é realmente predominante com a presença em alguns espaços de subcentros polifuncionais ou especializados. A diferenciação morfológica e paisagística é perceptível em função da redução de construções verticalizadas e mesmo estas, onde existem, são com

números menores de andares. Nestes espaços, há a presença de equipamentos especiais como: universidades como a Universidade Federal de São João Del Rei, FUNEDI/UEMG, CEFET-MG e outras, isto conforme indicava Gervaise et al. (1997), ser comum existir nesta zona. Também se localiza nesta zona, a estação rodoviária que se localiza na região do maior subcentro não-linear, o da avenida JK, próxima aos shoppings atacdistas de vestuário. Ali, estão também, os hospitais da cidade, como no caso do maior deles, o Hospital São João de Deus que forma juntamente com os demais equipamentos no local um importante subcentro especializado na área de saúde, este já na transição para a zona periférica.

A Zona periférica de uma cidade média de Minas Gerais, é descrita por Amorim Filho (2007, p. 72), como um espaço proporcional ao nível hierárquico e tamanho da cidade, observa-se que no caso de Divinópolis, esta visão bem se aplica, pois o espaço identificado nesta tipologia, ocupa quase que a mesma extensão da zona periurbana, apesar de estar mais concentrada na direção leste, na direção para Carmo do Cajuru. Acredita-se que isto seja por questão política, pois as periferias coincidem com os espaços de expansão do tecido urbano e estes são autorizados pelo poder público. Neste sentido observa-se a ampliação deste espaço na direção sudoeste, entre as rodovias BR-494 e MG-050, direção esta em que foi ampliado o perímetro urbano por lei municipal recente (7369/2011). Mesmo havendo extensas áreas ainda para serem ocupadas pelo tecido urbano.

Desta forma, nesta direção do tecido urbano (sudoeste), está a zona que pode ser caracterizada como periurbana. Um espaço descontínuo, que se confunde, nas imediações da cidade, com a periferia polinuclear e descontínua, conforme relata Amroim Filho (2007, p. 72). Nestes espaços, ainda se preservam algumas pequenas propriedades rurais que produzem alimentos que são comercializados, em grande parte, de forma informal na cidade. Entende-se que estes produtores representam aqueles proprietários que resistem ao processo de urbanização.

Finalmente, comparando o resultado da aplicação do modelo de zoneamento morfoógico-funcional de Amorim Filho (2007), com aquelas aplicações em outras cidades mineiras, observa-se que o modelo assemelha-se ao de Teófilo Otoni, coincidindo, em alguns casos, até mesmo com o nome do principais eixos viários, como Avenida Getulio Vargas e a presença de ferrovias.<sup>160</sup> E em relação à

---

<sup>160</sup> No caso de Teófilo Otoni, a Ferrovia Bahia-Minas e de Divinópolis a Ferrovia Centro Atlântica.

morfologia, ambas as cidades se destacam pelo aparecimento de grandes subcentros dinâmicos em áreas pericentrais em direção às periferias, isto em termos de movimento de pessoas e mercadorias. Outra coincidência que se pode destacar, é em relação à instalação de autarquias públicas de grau hierárquico mais alto, como representações do governo federal, e além disto, dentre outras semelhanças, a capacidade de atração e fixação de migrantes, conforme relata Cavalho (2011).

Tem-se por hipótese que a maior semelhança da morfologia urbana de Divinópolis com Teófilo Otoni seja explicada pelo fato de as duas cidades fazerem parte do mesmo nível hierárquico urbano: o das cidades médias de nível superior (AMORIM FILHO, 2007). Isto também pode indicar que o modelo proposto ainda é válido para esta categoria de cidades. Sendo assim, destaca-se que esta aplicação para Divinópolis também não é uma proposta concluída, em especial no que se refere aos subcentros que podem evoluir ou involuir no espaço, e para isto, as investigações devem ser constantes e continuadas. Fica, portanto, este largo campo de pesquisa acerca deste objeto.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Ao propor estudar a temática das cidades médias, tendo como objeto de estudo o espaço de vivência da autora da tese, imagina-se que seja um trabalho de encanto, e que, pelo menos na fase de pesquisa empírica e coleta de dados e informações que ocorreriam *in loco*, tudo transcorreria com o êxito esperado. Mas a tarefa não foi tão simples. Ajustes e reajustes de projeto foram necessários para se chegar até aqui. Mas contratempos são comuns em um processo de pesquisa e as limitações impostas não foram barreiras para que se realizasse este trabalho. A tarefa foi árdua e os resultados serão aqui apresentados.

Acerca dos estudos sobre cidades médias, optou-se por analisar esta categoria de cidade à luz de produções realizadas prioritariamente por pesquisadores geógrafos. Isto para melhor compreensão de como elas têm sido tratadas nesta área do conhecimento. Para isto, as teses e dissertações produzidas nos diversos programas de Pós-Graduação em Geografia, em particular no Brasil, foram importantes referências para o desenvolvimento deste trabalho. A busca digital nos bancos de teses e dissertações dos diversos programas foi essencial e nos mostrou a necessidade por parte de algumas instituições de disponibilizar a opção do refinamento da pesquisa por temática ou linhas de pesquisa, favorecendo o trabalho do pesquisador em suas buscas e análises.

O estudo realizado sobre as cidades médias levou à constatação de que elas têm sido abordadas em diferentes enfoques, nos diversos países do mundo. Tendo em vista esta diversidade, somada às distintas realidades regionais, não é completo o consenso conceitual, e mesmo em relação a um modelo que as caracterize. Mas entende-se que há um consenso no que diz respeito à importância da variável demográfica para uma primeira identificação. Mas, para isto, também há variações que podem depender da localização e da escala de análise na qual será realizada a investigação.

As diversas abordagens com as quais as cidades médias vêm sendo analisadas no Brasil fazem com que também não haja um consenso entre os pesquisadores em relação a esse conceito. Em Minas Gerais, por exemplo, é relevante o estudo pioneiro de Amorim Filho, realizado na França nos anos de 1970. Também são fundamentais nas análises desta temática aqueles estudos que este pesquisador realizou com seus associados e continua realizando nas universidades

mineiras, primeiro no IGC da UFMG, até o ano de 1995, e desde 1996 até a presente data, no Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial na PUC Minas, do qual foi um dos criadores.

Cidades de porte médio, cidade média, intermédia; independente do termo empregado, a temática das cidades médias tem sido importante objeto de análise, tanto no meio acadêmico, quanto nas políticas públicas. A intensificação destes estudos no Brasil e no mundo tem motivado a criação de redes de pesquisadores, o que reforça a compreensão de que há carências a serem supridas acerca de informações deste objeto. E a geografia que, por sua natureza como ciência, tende a analisar o objeto como um todo, contribui com suas abordagens neste processo.

Há uma busca contínua de propostas com estudos geográficos sobre a identificação da cidade média, mas estes às vezes são apresentados, partindo-se de uma única variável ou de um pequeno conjunto de variáveis.

Variáveis como o peso demográfico, a posição de articulação e as relações externas regionais revelam-se como elementos importantes no processo de identificação desta categoria de cidades. Para determinar o posicionamento de uma cidade na classificação hierárquica, o peso demográfico é importante e, para isto, outros parâmetros têm se mostrado eficientes. Mas o que se apresenta como uma inquietação é se esta diversidade de fatores tem realmente contribuído para aproximar os grupos de estudo, sejam eles regionais, nacionais ou internacionais.

Sobre as cidades médias mineiras, em particular do espaço perimetropolitano de Belo Horizonte, ressalta-se o esforço apresentado por Conti (2009). Tanto no processo de delimitação, quanto no de caracterização deste espaço a obra é um franco convite a explorar mais este espaço.

Na presente tese, cujo recorte espacial foi a escala regional da RCOPm-BH, o que se conclui é que as cidades deste espaço continuam ligadas à capital, mas têm procurado se desenvolver e ser autossuficientes em relação à produção de bens e serviços, além de determinados comércios de produtos básicos para a sobrevivência humana.

Outra questão que chamou a atenção é que a localização de uma cidade entre aquela considerada polo na região e a capital não é uma barreira para o crescimento. Isto se pôde comprovar com a evolução de Itaúna e Nova Serrana. Esta última, na classificação hierárquica de Amorim Filho (2006), estava no nível dos

centros emergentes, e a presente pesquisa indica que esteja evoluindo para ser uma cidade média, propriamente dita.

Sobre esta cidade se observou também que ela foi a que apresentou o maior crescimento populacional na região, no período de 2000 a 2010 (IBGE, 2000, 2010). Isto, em decorrência do expressivo contingente de imigrantes que se fixaram na cidade neste período, de acordo com os microdados do censo do IBGE (2010). É significativo o volume de pessoas da capital mineira que migraram para Nova Serrana: foram 2.889 pessoas (que representam, neste período, 3,92% da população total do município e 23,3% do total de imigrantes), observando-se que esses migrantes pertencem a um grupo de pessoas com menor escolaridade. Dados do IBGE (2010) apontam que deste total de imigrantes, 62% são sem instrução ou com ensino fundamental incompleto. Considera-se também que a maioria atua no setor calçadista, em atividades que não exigem elevados níveis de formação escolar.

Neste sentido, Divinópolis, a cidade primaz da região, também recebe constantemente um grande contingente de pessoas. Dentre as dez cidades classificadas com maior *score* da ACP, de acordo com dados do IBGE (2010), ela é a que recebeu o maior contingente de migrantes vindos de cidades da própria região, com o objetivo de fixar residência. Dos cinco maiores grupos, o primeiro foi de Bom Despacho, 342 pessoas, ou seja, 9,8% do total de imigrantes, e o segundo, de Itapeçerica, 295 pessoas (8,4 % do total), seguido por Formiga, 255 pessoas (7,3% do total), Carmo da Mata, 182 pessoas (5,2%) e Santo Antonio do Monte, 162 pessoas (4,6%). Tudo isto sem contar com o imensurável contingente de migrantes pendulares que circulam pela cidade diariamente, estimado pelo diretor local da agência do IBGE em 30 mil pessoas em busca dos bens e serviços ali ofertados na esfera pública e privada, nos diversos estabelecimentos ali instalados.

Assim, buscou-se também levantar o quantitativo e a especialidade dos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços presentes no centro funcional da cidade, dado que não foi possível obter, pois o setor responsável na prefeitura municipal declarou ser impossível disponibilizá-los com precisão, tendo em vista que muitos não se registram. O que leva a se concluir que falta na cidade de mais fiscalização por parte deste setor e que a cidade perde a arrecadação destas atividades não registradas.

Apesar destes problemas, se analisarmos Divinópolis tendo como recorte espacial o Estado e a Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte, a cidade sempre se apresentou nos níveis superiores das hierarquias propostas. No estudo das cidades mineiras realizado por Yves Leloup (1970), classificou-se como um Centro Regional Industrial; nos de Amorim Filho (1982, 1999, 2006), nas três classificações, colocou-se no nível das cidades médias de nível superior. Esta classificação também se confirmou nos estudos de Conti (2009), no recorte espacial da Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte. E, finalmente, na presente análise, no recorte da Região Centro-Oeste Perimetropolitana de Belo Horizonte, sua posição hierárquica urbana também não foi alterada.

Ao avaliar os *scores* da ACP, enquanto o de Divinópolis foi de 3,65, o da cidade classificada com o segundo maior *score* foi de 2,30 (Itaúna), seguida por Pará de Minas (1,77), Formiga (1,55) e Bom Despacho (1,41), ficando, portanto, em uma posição quase que isolada em relação aos cinco maiores *scores*. Isto conduziu a propor que, na RCOPm-BH, Divinópolis esteja no limiar superior das cidades médias, considerando esta análise, bem como as redes de relações estabelecidas neste nível, e até mesmo com outros Estados.

Analisada como um ponto na RCOPm-BH, percebeu-se que Divinópolis mantém, em diferentes níveis de intensidade, relações com todas as cidades da região. A matriz de relações externas e os fluxos intermunicipais de ônibus coletivo que partem da rodoviária da cidade mostraram que estas relações são mais intensas com aquelas cidades que estão no seu entorno imediato e possuem vias de acesso rápido e em bom estado de conservação, como Carmo do Cajuru, São Gonçalo do Pará, Itaúna com acesso pela rodovia MG-050 na direção sudeste, leste e nordeste; Nova Serrana, Araújos e Perdigoão, a norte-noroeste pela rodovia BR-494 e, por esta mesma rodovia, mas no sentido sudoeste com Cláudio e Itapeçerica. E, finalmente, com Santo Antonio do Monte e São Sebastião do Oeste, nos sentidos sudoeste e noroeste, respectivamente, pela rodovia MG-050. Esta última cidade é pequena, mas mantém intensa relação com Divinópolis, em especial sobre emprego. Dados do IBGE (2010) mostraram que, das 1.074 pessoas que saem diariamente de Divinópolis para trabalhar, 452 vão para São Sebastião do Oeste, onde está estabelecida uma grande empresa alimentícia.

Para analisar o espaço interno de Divinópolis, com o objetivo de aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional de Amorim Filho (2007), as pesquisas

de campo foram essenciais. Pôde-se perceber a intensidade do fluxo de veículos, cujas placas mostravam ser de outras cidades. Isto sem contar o fluxo de vans e ônibus que constantemente circulam pela cidade transportando, dentre outros, os conhecidos “sacoleiros”. Esta atividade contribui com o desenvolvimento da cidade e, analisando-se os dados fornecidos pelo diretor de um dos shoppings atacadistas de vestuário, que tratava do lançamento de uma coleção de moda do ano de 2015, constatou-se que, dos sacoleiros das 293 cidades que compraram naquele período, os cinco maiores consumidores foram os vindos de Belo Horizonte (MG) (5,7% do total), seguidos por Contagem (MG) (4,1%), Conselheiro Lafaiete (MG) (3,1%), Cariacica (ES) (2,6%) e São João Del Rei (MG) (1,8%). A grande maioria dos compradores é de cidades mineiras, mas no grupo também havia cidades de outros estados, como Espírito Santo, Bahia, Sergipe, São Paulo, Rio de Janeiro e Alagoas. Isto mostra que as relações externas de Divinópolis, neste e em outros casos, como o fluxo de ônibus de transporte intermunicipal, ultrapassam a fronteira regional.

Considerando a cidade como uma área, ou seja, seus espaços e paisagens intraurbanos, e, primeiramente, o ambiente físico, a cidade está assentada em área que se pode considerar privilegiada, ocupando vasta extensão entre dois importantes rios, Itapecerica e Pará, sendo este último afluente direto da margem direita do rio São Francisco. O tecido urbano está assentado em um sítio favorável para a ocupação humana, pois não há grandes rupturas com declives fortes. Considera-se, portanto, que o sítio não é um obstáculo ao seu crescimento.

A ocupação humana tem ampliado consideravelmente o espaço urbano de Divinópolis, mas alguns espaços vazios provocam descontinuidades do tecido urbano, e isto ocorre até mesmo na área central. São espaços ainda ocupados por matas secundárias, em alguns casos já terciárias, em função de empreendimentos que não tiveram continuidade por questões jurídicas ou outras. Mas, ao mesmo tempo, considera-se também como um fator favorável, pois as reservas de mata têm importante papel ambiental na cidade.

Com o amplo crescimento do espaço urbano, a cidade se desenvolve como um espaço de produção, decisão e gestão, mas, primordialmente, de consumo de mercadorias e serviços. Ela é um reflexo das suas relações e dos processos históricos de sua formação.

Sobre a circulação de pessoas, apesar de Divinópolis ser um grande centro polarizador na região, ainda se considera que é grande a relação com a capital Belo

Horizonte, o que pôde ser confirmado pelo número de linhas de transporte coletivo e pelo fluxo de passageiros entre estas cidades. De acordo com dados da Secretaria Estadual de Transportes, até o mês de agosto de 2013, constavam 45 horários de viagens diárias de Divinópolis para Belo Horizonte, e 43 horários no sentido contrário. No início de 2015, em visita à estação rodoviária da cidade, constatou-se que estes horários foram reduzidos para 24 de ida para BH e 24 de volta para Divinópolis. Como usuária desta linha de transporte, em dias e horários constantes, foi possível observar que também se reduziu consideravelmente o número de clientes. Isto em Divinópolis pode ser explicado pela organização das pessoas ao criarem os transportes solidários através de grupos na rede social, como o grupo “Carona Divinópolis/BH”, criado no facebook. Grupo este que foi suspenso por uma ação judicial por parte da empresa que possui os direitos desta linha de transporte.

Também há que se considerar o aumento da frota de veículos que mesmo com as crescentes elevações dos custos dos combustíveis, continuam se multiplicando nas cidades. Dados do IBGE (2013) apontam que a frota de veículos da cidade é a 9ª maior do estado, e está à frente de Governador Valadares e Sete Lagoas, que têm maior número de habitantes, possuindo um automóvel para cada 1,8 habitantes.

Divinópolis se apresenta como um importante centro de negócios. Possui uma forte estrutura industrial com maior especialização no setor de confecção, o qual emprega parte considerável da população economicamente ativa, não somente local, mas de diversas cidades da região. Tem importante estrutura para a circulação de pessoas e mercadorias, uma rodovia sob o controle da iniciativa privada (MG-050) e outra ainda sob o domínio do governo federal (BR-494). Recentemente, a partir de julho de 2015, iniciou-se uma linha aérea para o aeroporto de Viracopos em Campinas-SP, confirmando assim, a posição de *Carrefour* de Divinópolis.

Divinópolis apresenta-se como uma capital regional, e está distante 120 km da capital mineira, mas mesmo que neste percurso pague-se um pedágio de R\$10,20 (ida e volta), caso se opte pelo caminho mais curto, pela rodovia MG-050, as relações entre elas ainda se mantêm intensas, reforçando, assim, o poder centralizador da capital.

Sobre o espaço intraurbano, observa-se que a cidade cresce, principalmente ao longo dos grandes eixos rodoviários, mas as infraestruturas públicas não acompanham essa expansão, já que há bairros com ruas sem asfalto ou calçamento

e com pouca infraestrutura sanitária. Tal fato nos mostra que a cidade média tende, realmente, a reproduzir certos problemas que ocorrem nas cidades grandes dos países em desenvolvimento em geral e do Brasil, em particular.

Divinópolis é uma cidade dinâmica; logo, apresenta um zoneamento morfológico-funcional complexo. O centro funcional principal tem grande alcance na região e pode ser caracterizado como polifuncional, reunindo em si vários centros especializados: administrativo, bancário, comercial e de serviços. Ali estão instalados serviços especializados e alguns comércios raros. O movimento crescente fez com que dois quarteirões de rua fossem reservados apenas para o trânsito de pedestres.

Algumas características comuns em cidades grandes já podem também ser encontradas em Divinópolis, onde há uma área de concentração de bancos (centro financeiro) e de equipamentos de saúde como, por exemplo, na Avenida Getúlio Vargas. Nessa via estão concentrados grande parte dos serviços médicos, inclusive a Policlínica central e o anexo do Hospital São João de Deus, que presta serviços pelo SUS. Nessa área há ainda intensa verticalização das construções com forte densidade de prédios comerciais e residenciais e um intenso fluxo de veículos e pessoas. Por estas características da área central, utilizando a classificação de Pierre George (1983), Divinópolis entraria na categoria de grande capital regional. Na área pericentral, onde há predomínio da função residencial, por sua vez, reduz-se a quantidade de edifícios comerciais. Aqueles existentes são, em sua maioria, residenciais, mas com atividade comercial ou de serviço em funcionamento no primeiro andar. Este foi um elemento que dificultou a delimitação desta área em relação ao centro. Isto pôde ser observado nos subcentros lineares em que, em certos casos funcionais, são prolongamentos do centro.

As áreas ou corredores que consideramos subcentros funcionais têm aumentado na cidade. Alguns, já localizados nas periferias, buscam atender a população local e do entorno. Serviços como dos grandes supermercados e universidades têm se instalado nestas áreas para facilitar o acesso das pessoas. Evidentemente, estes últimos equipamentos não atendem apenas as populações locais. Sendo assim, existem áreas que já têm sofrido com o problema do trânsito nos horários de funcionamento destes estabelecimentos, como o da Faculdade Pitágoras, que nos horários de início e fim das aulas, no período matutino, em especial, têm provocado problemas de circulação no bairro Niterói.

Nas periferias, a expansão do tecido urbano tem ocorrido numa estrutura polinuclear, onde ampliam-se os loteamentos e, com eles, a falta de infraestrutura básica, como no caso dos bairros São Simão e Primavera.

Divinópolis tem, portanto, uma estrutura polinuclear dinâmica, sendo o núcleo mais importante, do ponto de vista econômico, o central, onde está a maior concentração de atividades econômicas. E, logo depois, vários núcleos que se formam como organismos quase autônomos, ou seja, onde estão instalados estabelecimentos comerciais e de serviços que satisfazem, pelo menos em grande parte, as necessidades dos residentes locais. E isto faz com que estes habitantes não tenham tanta necessidade de se deslocarem para o centro em busca de bens e serviços. Este é o caso do subcentro não-linear localizado no entorno da Avenida JK, uma extensa área servida de quase todos os equipamentos e estabelecimentos como bancos, supermercado, lojas e diversos outros serviços.

Como ocorre nas cidades grandes e em algumas médias, Divinópolis possui também unidades periféricas mal integradas, que não possuem comércio e serviços estruturados. A maior delas, conhecida como favela da Lajinha, localiza-se em um espaço de pouca visibilidade de qualquer ponto da cidade.

Estas análises levam a concluir que o espaço interno de Divinópolis é complexo e sua estrutura morfológica funcional não difere daquela apresentada no modelo proposto por Amorim Filho (2006), mesmo considerando-se esta cidade um centro regional de nível superior. Sendo assim, finalmente conclui-se que Divinópolis é uma cidade dinâmica, tem primazia na região e apresenta, por isto, uma variada e versátil atividade, sobretudo nos setores secundário e terciário da economia.

E sobre as cidades médias, o estudo sobre Divinópolis mostrou que ela existe não apenas como uma abstração, como um objeto de promoção política ou mesmo um devaneio daqueles que a pensaram, conforme exposto por alguns pesquisadores. Sua existência é comprovada, mesmo que o equilíbrio e a harmonia social, econômica e espacial, conforme previam alguns pensadores, esteja distante ou talvez impossível de acontecer.

E, finalmente, têm-se a perspectiva de que a presente tese seja uma contribuição aos estudos sobre as cidades médias mineiras e possa também contribuir e instigar futuras pesquisas sobre o tema e em particular sobre Divinópolis.

## Perspectivas

Pensar a cidade do amanhã é uma responsabilidade de todos os cidadãos que usufruem do seu espaço. As pesquisas científicas, voltadas diretamente ou não para as políticas públicas podem contribuir para este processo.

Na França, o grupo de pesquisa da revista *Territoire 2040* elaborou estudos prospectivos que têm como objeto as cidades francesas, com vista a minimizar, reduzir ou extinguir os problemas futuros nestes espaços. Em Divinópolis, por ocasião do seu centenário, transcorrido no ano de 2012, a Prefeitura Municipal publicou a obra: “Centenário de Divinópolis 1912-2012: 100 anos +20”, um estudo prospectivo para se pensar a cidade para os próximos 20 anos; observando-se aí uma certa semelhança aos estudos prospectivos franceses.

O livro foi produzido numa abordagem em que conviver e administrar uma cidade deve ser conduzido em termos sustentáveis. Assim, Divinópolis foi apresentada na situação presente e futura, entendendo a sustentabilidade como uma situação de equilíbrio na relação entre o patrimônio humano, o construído e o natural (CENTENÁRIO, 2012, p. 20). Nessa visão, a cidade foi apresentada nas seguintes perspectivas: caracterização demográfica, desenvolvimento ambiental, urbano, econômico, rural e social, mobilidade e transportes, produção cultural, turismo e lazer, saúde, esportes e educação. Em todos estes enfoques, apresentaram-se diretrizes e propostas de melhoria para os próximos 20 anos.

Na presente tese, em linhas gerais, o que se observou é que na obra do Centenário, tanto as diretrizes gerais como as específicas do uso do solo indicam procedimentos pouco pontuais e mais generalistas, como: estabelecimento de uma agenda mínima de compromissos, priorização de ações, elaboração de legislação, aumento da participação do executivo municipal, aplicação dos instrumentos da política urbana no sentido de desestimular a retenção de imóveis vazios na cidade, dentre outros (CENTENÁRIO, 2012, p. 95-97). Isto sugere uma análise mais profunda do espaço intraurbano de Divinópolis, como um zoneamento morfológico-funcional que caracterize cada espaço com suas peculiaridades e problemas, e a partir daí elaborar propostas de ações para as próximas décadas. Isto poderá talvez conduzir a cidade a um maior equilíbrio espacial, social e econômico. Nessa perspectiva, o que se pode ter como certo é que estas cidades podem ser um

espaço de equilíbrio e harmonia, caso venham a ser pensadas e geridas para tal, com responsabilidade e consciência.

## REFERÊNCIAS

ABREU, J. F.; et al. Tipologia de Regiões. In: **Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais**. Minas Gerais do Século XXI: reinterpretação do espaço mineiro. Belo Horizonte : BDMG, 2002. v.2,cap. 2, p.33-90.

Belo Horizonte: BDMG, 2002. v. 2. Disponível em: <[http://www.bdmg.mg.gov.br/estudos/arquivo/minas21/vol\\_02\\_completo.pdf](http://www.bdmg.mg.gov.br/estudos/arquivo/minas21/vol_02_completo.pdf)>. Acesso em: 9 fev. 2009.

ADVOCACIA GERAL DA UNIÃO. Unidades da AGU. Disponível em: <http://www.agu.gov.br/estrutura>. Acesso em 10 jan. 2014.

AGLIETTA, M.; COURBIS, R. Un outil du Plan: le modèle Fifi. **Economie et statistique** INSEE, n. 1, p. 45, maio 1969.

AIRES, I. C. Políticas Pública e o dilema da implementação: o PROECI como referência empírica de análise. **Fundação João Pinheiro**. Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 65-83, jan/abr. 1992.

ALENCAR, B. J. **A análise multivariada aplicada ao tratamento da informação espacial**: uma abordagem matemático-computacional em análise de agrupamentos e análise de componentes principais. 2009. 200 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ALENCAR, B. J.; BARROSO, L. C. **Análise Exploratória de Dados** (Análise de Componentes Principais). 2012. (Notas de aulas da disciplina de Geografia Quantitativa II. Programa de Pós-Graduação em Geografia em Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas, Belo Horizonte, 2012).

ALVES, M. A. S. **O zoneamento morfológico funcional das cidades médias mineiras**: o exemplo de Barão de Cocais. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ALVIM, A. M. M. **Cidades Médias em Minas Gerais e no Chile**: um estudo comparativo entre Formiga e Ovalle. 1998. 183 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ALVIM, A. M. M.; CARVALHO, P. F. B.; OLIVEIRA, P. A. B. de. Análise das dinâmicas econômicas e populacional da Microrregião de Divinópolis. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 17, n. 28, p.163-180, 2º sem. 2007.

AMANTINO, M. S. **O mundo das feras: os moradores do Sertão Oeste de Minas Gerais - Século XVIII**. 2001. 426 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.homemdocerrado.com/PDF/mundodasferas.pdf>> Acesso em: 11 jul. 2007.

AMBIENTE NATURAL. **Fauna e Flora do Cerrado de Minas Gerais: A riqueza endêmica e a variedade de espécies - para isso contribuindo a ocorrência dos três biomas nesse território e a fartura de rios, lagos, lagoas que determinam a vasta diversidade de peixes.** Disponível em:[http://ambientes.ambientebrasil.com.br/natural/artigos/fauna\\_e\\_flora\\_do\\_cerrado\\_de\\_minas\\_gerais.html](http://ambientes.ambientebrasil.com.br/natural/artigos/fauna_e_flora_do_cerrado_de_minas_gerais.html). Acesso em 27 out. 2014.

AMORIM, F. P.; TANGARI, V. Estudo tipológico sobre a forma urbana: conceitos e aplicações. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 22, p. 61-73, 2006.

AMORIM FILHO, O. B. **Contribution a l'étude des villes moyennes au Minas Gerais, Formiga et le Sud-Ouest du Minas Gerais**. Bordeaux: 1973. 361 p. Tese de doutorado de III ème cycle.

\_\_\_\_\_. Um esquema metodológico para o estudo das Cidades Médias. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2, 1976, Belo Horizonte. **Anais do II Encontro Nacional de Geógrafos**. Belo Horizonte: AGB. 1976. p. 6-15.

\_\_\_\_\_. Patos de Minas: uma cidade média em Minas Gerais e sua região. **Geografia**. Rio Claro, Associação de Geografia Teorética. v. 3, p.69-98, abr./1978.

\_\_\_\_\_. Middle size cities and Brazil's territorial planning. Brazil's Spatial Organization (24th International Congress of Geography – I.G.U.), Tokio: 1980. p. 555-588.

AMORIM FILHO, O. B.; BUENO, M. E. T.; ABREU, J. F. Cidades de porte médio e o Programa de Ações Sócio-educativas para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. **Boletim de Geografia Teorética**. Rio Claro: Associação de Geografia Teorética, v. 12, n. 23/24, p. 33-46, 1982.

AMORIM FILHO, O. B. Cidades médias e a organização do espaço no Brasil: **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 5-34, 1984.

\_\_\_\_\_. A rede urbana da Bacia do Mucuri. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, v. 3, n.1, p. 26-36, 1990.

\_\_\_\_\_. Las ciudades medias en la planificacion de Minas Gerais - Brasil. In: GONZÁLEZ, E. G. (ed.). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CIUDADES INTERMEDIAS DE AMÉRICA, 1996, La Serena (Chile): Universidad de La Serena e I. P. G. H., 1996. p. 9-16.

\_\_\_\_\_. Un cuarto de siglo de una ciudad media em Minas Gerais: Formiga. Espacyo y Desarrollo. **Revista de la Pontificia Universidad Católica del Peru**, Lima, Año VII, n. 9, p. 235-258, 1997.

AMORIM FILHO, O. B., ABREU, J. F., ANDRADE, T. B. Os eixos de desenvolvimento em Minas Gerais e suas tecnópoles. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DA GEOGRAFIA, 5, 1999, Belo Horizonte. **Anais do Encontro Nacional de Ensino de Geografia**. Belo Horizonte: Pontificia Universidade Católica - PUCMinas, 1999. p. 35-52.

AMORIM FILHO, O. B.; ABREU, J. F. Ciudades intermédias y tecnópoles em Minas Gerais. – Brasil. **Tiempo y Espacio**, v. 8, n. 9-10, p. 23-32, Chillan, U. del Bío-Bío, 2000.

AMORIM FILHO, O. B. Evolução e Perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, Th. A.; SERRA, R. V. (Org.). **Cidades Médias Brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001, v.1, p. 1-34.

AMORIM FILHO, O. B. et al. Tipologias e Regiões. In: GUIMARÃES, T. B.; CUNHA, M. A. R. da; CHAVES, M. (Org.). **Minas Gerais do Século XXI**. Belo Horizonte: BDMG, 2002, v. 2, p. 251-296.

AMORIM FILHO, O. B.; ARRUDA, M. A. Os Sistemas Urbanos de Minas Gerais. In: GUIMARÃES, T. B.; CUNHA, M. A. R. da; CHAVES, M. (Org.). **Minas Gerais do Século XXI**. Belo Horizonte: BDMG, 2002, v. 2, p. 187-248.

AMORIM FILHO, O. B.; ABREU, J. F. Ciudades Médias e Descentralização Tecnológica. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 12, n. 18, p. 5-14, 2002.

AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R. Os Limiars Demográficos na Caracterização das Cidades Médias. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002, Ouro Preto. **Anais do Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Ouro Preto, 2002.

AMORIM FILHO, O. B.; DINIZ, A. M. A. Boa Vista, Roraima: uma cidade média na fronteira setentrional do Brasil. In: MOURA, A. M. S. Moura; SENA FILHO, N. (Org.). **Cidades: relações de poder e cultura urbana**. Goiânia (GO): Editora Vieira, 2005, v. único, p. 13-34.

\_\_\_\_\_. A embrionária rede urbana de Roraima. **Estudios Socioterritoriales**. Revista de Geografía, Tandil - Argentina, v. 5, 2005.

AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J. **Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial, PUC Minas, 2007. (Impresso).

AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. de. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Ed. Vieira, 2007. 202 p.

AMORIM FILHO, O. B. Origens, evolução e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular. 2007. p.69-87.

ANDRADE, T. A.; LODDER, C. A. **Sistema Urbano e Cidade Médias no Brasil**. IPE/NPES, Rio de Janeiro, 1979.

ANDRADE, T.; SERRA, R. **O recente desempenho das cidades médias no crescimento populacional urbano brasileiro**. Rio de Janeiro: IPEA, 1998. (Texto para discussão, 554).

ARAGÃO, S. O estudo dos tipos-interfaces entre tipologia e morfologia urbana e contribuições para o entendimento da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 21, n. 42, p 29-43, jul./dez. 2006.

ARAÚJO, A. A. de. **Viagem no tempo: Divinópolis: 1725-1975**. Editor Independente: 1998. 290 p.

ARQUIVO PUBLICO MUNICIPAL. Monumento ao Ferroviário. **Jornal Oficial da Prefeitura Municipal de Divinópolis**, Divinópolis, 2 a 8 nov. 2006. Caderno Conhecendo a Cidade, p. 6.

ARQUIVO PUBLICO MUNICIPAL. A Sirene da Rede. **Jornal Oficial da Prefeitura Municipal de Divinópolis**, Divinópolis, 25 a 28 jan. 2007. Caderno Conhecendo a Cidade, p. 8.

ATLAS SOLARIMÉTRICO DO BRASIL: banco de dados solarimétricos. Coord. Chigueru Tiba et al. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2000. 111 p.

AYMONINO, C. **El significado de las ciudades**. Madrid: Herman Blume Ediciones, 1981.

BADARIOTTI, D. Les Villes moyennes alsaciennes: de maille au réseau. In: COMMERÇON, N; GEORGE, P. (Directeurs). **Villes de Transition**. Paris: Anthropos, Economica, 1999. 106 p.

BARBOSA, A. M. **Educação, desenvolvimento e migração em cidades médias de Minas Gerais equipadas com Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia**. 2013. 202 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

BARRÈRE, P.; CASSOU-MOUNAT, M. **Les villes françaises**. Paris: Éditions Masson, 1980. 255 p.

BARRÈRE, P. et al. Recherches de géographie urbaine sur l'agglomération bordelaise. **RGPSO**, Toulouse, 1971, tome 24, fasc. 4, pages 477-522.

BARRETO, L. Divinópolis (MG). **Memorial de Divinópolis**: história do município. Divinópolis, MG: Prefeitura Municipal, 1992. 268 p.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia Urbana**. 2.ed. Lisboa: Raquel Soeiro de Brito, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. 525 p.

BELLET, C. **Ciudades intermedias. Urbanización y globalización**. Conferencia realizada en el marco del Seminario: Red de ciudades intermedias para el valle del Cauca, promovido pela UIA-CIMES, realizado em 12 de Outubro de 2000 em Cali, Colombia. (No publicado) isponible en: <http://www.ceut.udl.cat/ciutats-mitjanes-i-intermedies/publicacions/>.

BELLET, C.; LLOP, J. Miradas a otros espacios urbano: Las ciudades intermedias. Editorial Geo Crítica/Scripta Nova. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, vol. VIII, n.165, Barcelona, España. 2004. Disponible en: [www.ub.es/geocrit/sn/sn-165.htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-165.htm).

BERRY B. J. L. **Cities as systems within systems of cities**. Papers of the Regional Science Association, 1964. p. 147-163.

BESSA, R. **A telenovela brasileira como referência de moda para as confecções de Divinópolis** - Memória e oralidade do setor confeccionista. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Organizações Sociais) – FUNEDI/UEMG, campus Divinópolis, Centro de Pós-Graduação e Pesquisa, Divinópolis-MG, 2008.

BLANCHARD, R. Une méthode de géographie urbaine. **Revue de géographie alpine**. Tome 16, nº 1, p. 193-214, 1928.

BOLAY, J. C.; RABINOVICH, A. Ciudades Intermedias: ¿Una nueva oportunidad para un desarrollo regional coherente en América Latina?”. En: DILLA, Haroldo (Coord.). **Globalización e Intermediación Urbana en América Latina**. FLACSO. Santo Domingo: 2004.

BORDE; J.; BARRÈRE, P.; CASSOU-MOUNAT, M. **Les Villes françaises**. Paris: Collection Géographie. Masson: 1980.

BOXER, C. R. **A idade de ouro do Brasil**: dores de crescimento de uma sociedade colonial. Trad. de Lair de Lacerda; prefácio à primeira edição de Carlos Rizzini. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 405 p. p. 27-28.

BRUNEAU, P. **Les villes moyennes au Québec**. Leur place dans le système socio-spatial, Sillery, Presses de l'Université du Québec, 1989, 195 p.

BRUNET, R. **Les Phénomènes de Discontinuité em Géographie**. Paris: CNRS, 1970. 103 p.

CAPEL, H. Una mirada histórica sobre los estudios de redes de ciudades y sistemas urbanos, **Geotropico**, España, v. 1, n. 1, 2003. Disponible en: <http://www.geotropico.org>.

\_\_\_\_\_. **Filosofia e ciencia en la geografia contemporánea**. Barcanova, Barcelona, 1981.

CAPEL. **Banco de teses**. Acesso em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: mai. 2015.

CARRASCO, M. A. **Diagnostico y tipificación de las formas del tejido urbano en ciudades intermedias de Chile - Estudio de la trama urbana en los procesos de extension de la ciudad**, 2003. Disponível em: <[http://www-cpsv.upc.es/tesines/resumgu\\_mcarrasco.pdf](http://www-cpsv.upc.es/tesines/resumgu_mcarrasco.pdf) >. Acesso em: 15 mar. 2013.

CARVALHO, M. A. **O espaço intra-urbano de Teófilo Otoni/MG**. 2011. 147 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2011.

CARVALHO, T. M.; BAYER, M. Utilização dos produtos da “Shuttle Radar Topography Mission” (SRTM) no mapeamento geomorfológico do Estado de Goiás. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, Ano 9, n. 1, 2008.

CASAS, J. G.; IBRAZ, J. V. Ciudades medias em España: posición em La red urbana y procesos urbanos recientes. **Mediterrneo Economico**. Almería, v. 3. Instituto de Estudios Socioeconomicos de Cajamar, 2000. Disponible en: [www.xcosta.arq.br/atlas/autores/cursos/ibarz.htm](http://www.xcosta.arq.br/atlas/autores/cursos/ibarz.htm)

CASTELO BRANCO, M. L. G. Algumas considerações sobre a identificação de cidades médias. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2007. p.89-111.

CASTRO, J. F. M. **Caracterização espacial do sul de Minas e “entorno” utilizando-se o modelo potencial e a análise de fluxos em sistemas digitais: uma proposta metodológica**. 2000. 157 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Geografia do IGCE/Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2000.

CASTRO, J. F. M. **Georreferenciamento e cartometria dos mapas da Capitania de Minas Gerais elaborados por José Joaquim da Rocha em 1778 e 1793**. Uberlândia, v. 25, n. 3, set/dez. 2013. Disponível em <

[http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/21772/pdf\\_43](http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/21772/pdf_43)>. Acesso em 15 mai. 2014.

CATELAN, M. J. **Heterarquia urbana**: interações espaciais interescares e cidades médias. 2012. 227 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

CENTENÁRIO DE DIVINÓPOLIS 1912-2012:100 anos+20. Organizado por Yara Landre Marques. Belo Horizonte: Rona Editora, 2012. 248 p.

CHARBONNEAU, F.; LEWIS, P.; MANZAGOL, C. **Villes moyennes et mondialisation**, Renouveau de l'analyse et des stratégies. Université de Montréal: Trames éditions, 2003. 334 p.

CHRISTALLER, W. **Central Places in Southern Germany**. New Jersey: Englewood Cliffs, 1967.

CLIMATEMPO. **Climatologia. Divinópolis-MG**. Disponível em: <http://www.climatempo.com.br/climatologia/136/divinopolis>. Acesso em: 26 out. 2014.

COMMERÇON, N. GEORGE, P. (Directeurs). **Villes de Transition**. Paris: Anthropos, Economica, 1999. 221 p.

CONTI, Alfio. O **espaço perimetropolitano de Belo Horizonte**: uma análise exploratória. 2009. 628 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2009.

CONZEN, M. R. G. **Thinking about urban form: papers on urban morphology (1932-1998)**. Edited by Michael P. Conzen. Switzerland: Peter Lang, 2004.

CORGOZINHO, B. M. de S. **A prova**. Ano 86, n. 8, maio, 2000. (Câmara Municipal de Divinópolis).

\_\_\_\_\_. **Continuidade e ruptura nas linhas da modernidade**: a passagem do tradicional ao moderno no centro-oeste de Minas Gerais. 2003. 361 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CORGOZINHO, B. M. de S.; CATÃO, L. P.; PEREIRA, M. H. de F. (orgs.). **História e memória do Centro Oeste mineiro**: perspectivas. Belo Horizonte: Crisálida, 2009. 224 p.

CORGOZINHO, B. M. de S.; FERREIRA, J. H.; CATÃO, L. P. **História e memória do Centro Oeste mineiro**: perspectivas. Confluências entre o urbano e o rural. Belo Horizonte: Ed. O lutador, 2012. 368 p.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989. 94 p.

\_\_\_\_\_. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular. 2007. P .23-33.

CORTEZZI, F. M. **Oliveira-MG: uma “cidade média” na zona perimetropolitana de Belo Horizonte?** 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2011.

COSTA, E. M. da. **Cidades Médias: contributos para a sua definição**. **Finisterra**, XXXVII, n. 74, p. 101-128, 2002.

COSTA, E. P. V. da S. M. da. **Cidades médias e ordenamento do território: o caso da Beira Interior**. Lisboa. 2000. 498 f. Tese (Doutorado em Geografia-Planejamento Regional e Local) - Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, PT, 2000.

COSTA, M. R. **Arcos-MG: contextos regionais e dinâmica interna**. 2013. 248f. Tese (Doutorado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2013.

CPRM, SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL/UFMG. **Geologia da Folha Pará de Minas.SE.23-Z-C-IV**. Brasília: Governo Federal, Ministério de Minas e Energia, 2007. 72 p.

\_\_\_\_\_. **Programa Geologia do Brasil**. Projeto Sete Lagoas – Abaeté, Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: Ministério de Minas e energia, Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral, 2010. 160 p.

CUNHA, M. dos A. B. **Inovação no setor de confecção do vestuário: uma análise das características das indústrias de Divinópolis – MG**. 2013. 160 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, Instituto de Educação Continuada e Pesquisa, Belo Horizonte, 2013.

DATAR. **TERRITOIRES 2040: aménager le changement**. Disponível em: <http://www.datar.gouv.fr/territoires-2040-1>. Acesso em: 29 mai. 2014.

\_\_\_\_\_. **Une nouvelle étape pour l'aménagement du territoire**, Paris: La Documentation Française, 1990.

\_\_\_\_\_. État des lieux et problématiques de 7 systemas spatiaux. Les villes intermédiaires et leurs espaces de proximité-état des lieux et problématiques. Des systems spatiaux en prospective. **Territoire 2040**, Paris: La Documentation Française, n. 3, 2012, 183 p.

\_\_\_\_\_. Processus et scenarios de 7 systemas spatiaux. Les villes intermédiaires et leurs espaces de proximité-processus et scenarios. Des systems spatiaux en prospective. **Territoire 2040**, Paris: La Documentation Française, n. 4, 2012, 183 p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **DATASUS**: Informações de saúde: demográficas e socioeconômicas, 2010. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS>>. Acesso em: 16 nov. 2013>.

DEAR, M. **The postmodern challenge**: reconstructing human geography. Trans. Inst. Br. Geogr. N.S. v. 13, p. 262-274, 1986.

DER-Departamento Estadual de Estradas de Rodagem. Secretaria de Logística de Transportes: malha rodoviária, 2013. Disponível em: <<http://www.der.sp.gov.br/website/Malha/pesquisa.aspx>>. Acesso em: 9 set. 2013.

DESMARAIS, R. "**Considération sur les notions de petite ville et de ville moyenne**". Saint-Foy, Quebec: Cahiers de Géographie du Québec. 1984, v. 28, n. 75, p. 355-364.

DINIZ, A. M. A.; BATELLA, W. B. O Estado de Minas Gerais e suas regiões: um resgate histórico das principais propostas oficiais de regionalização. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 17, n. 33, p.59-77, dez./ 2005.

DINIZ, A. M. A.; RIBEIRO, J. G. da P. Violência urbana nas cidades médias mineiras: determinantes e implicações. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 20, n. 40, p 77-103, jul./dez. 2005.

DIOMAR, O. **História de Carmo do Cajuru**. 2ª ed. 2000. Divinópolis: Anuário Estatístico de Divinópolis: 1997/1998; Prefeitura Municipal de Divinópolis, 1998.

DOLLFUS, O. **A Análise Geográfica**. São Paulo: Difel, 1973.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Geográfico**. São Paulo: Difel, 1982.

DUARTE, H. da S. B. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p.53-98, jan./mar., 1974.

DULCI, O. S. Prefácio. In: CORGOZINHO, B. M. de S.; CATÃO, L. P.; PEREIRA, M. H. (Org.) **História e memória do Centro Oeste mineiro**: perspectivas. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

ECONOMIE ET STATISTIQUE. **Carte de métropoles d'équilibre**. Paris: INSEE, 1969, p. 45. Disponível em: <<http://bibliotheque.insee.net>>. Acesso em: 18 set. 2014.

EICHENBAUM, J.; GALE, S. **Form, Function and Process: Methodological Inquiry.** Economic Geography. Clark University, Worcester, v. 47, n. 4, 525-544p. Oct./ 1971.

ELIAS, D.; SPOSITO, M. E. B.; SOARES, B. R. (orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional** - Campina Grande e Londrina. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 336p.

\_\_\_\_\_. **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Chilán e Marília.** São Paulo: Expressão Popular, 2012. 284p.

\_\_\_\_\_. **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Tandil e Uberlândia.** São Paulo: Expressão Popular, 2010. 288p.

\_\_\_\_\_. **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró.** São Paulo: Expressão Popular, 2010. 288p.

EL MAOULA EL IRAKI, Aziz. **Petites villes et Villes moyennes: etat, migrants et elites locales.** Cas de trois villes de la region nord-ouest marocaine. Universite de Paris I - Pantheon – Sorbonne Institut de geographie. These en vue du doctorat d'etat es-lettres et sciences humaines. option geographie. Sous la direction de M. Michel Rochfort. Paris: 1999. 252p.

ESTEBAN, A.; LOPEZ, A. El papel de las ciudades medias en España. Presente y futuro". **Urbanismo**, Colegio de Arquitectos de Madrid, n. 6, 1989.

FARIA, S. T. de. Habitação coletiva em processo de tombamento. **Jornal Agora.** Divinópolis, 19 maio 2011. Caderno de Cultura, p. 8.

FARIA, S. T. de. Reinado: primeiro e único patrimônio imaterial. Memorialistas registram que as festas eram celebradas desde 1850. **Jornal Agora.** Divinópolis, 1 jun. 2012. Caderno de Cultura, p.41.

FARIAS, D. O. et al. Metodologia básica para medir la calidad de vida em ciudades intermédias em Chile. In: SEMINÁRIO LATINOAMERICANO DE CALIDAD DE VIDA URBANA, 4, 1998, Tandil (Argentina). **Anais do IV Seminário Latinoamericano de Calidad de Vida Urbana.** Tandil (Argentina): Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Humanas, Centro de Investigaciones Geograficas, CIG. FCH. UNCPBA, 1998.p.73-82.

FERREIRA, C. M. C. **Um estudo de regionalização do Estado de Minas Gerais por meio de um modelo de potencial.** Belo Horizonte. CEDEPLAR, 1971.

FERRÃO, J.; HENRIQUES, E. B.; NEVES, A. O. das. Repensar as cidades de média dimensão. **Análise Social**, v. XXIX, n. 129, v. 5, p. 123-147, 1994.

FONSECA, H. C. da. Nossos rios são verdadeiros corredores ecológicos. **Almanaque do Oeste:** séc. XXI. n.1, p. 20-21, 2º sem.; 2005.

FONSECA, J. M. V. **Diagnóstico da gestão e ações de educação ambiental realizadas por uma sala verde localizada no município de Divinópolis, Minas Gerais**. 2013. 127 f. Tese. (Doutorado em ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Cruzeiro do Sul, Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática, São Paulo, 2013.

FRANÇA, I. S. **A cidade média e suas centralidades: o exemplo de Montes Claros no norte de Minas Gerais**. 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

FRANÇA, I. S. de; SOARES, B. R. Centralidade e Cidades Médias: o setor de saúde em Montes Claros/MG. **Boletim Goiano de Geografia** (Online), v. 34, p. 1-15, 2014.

\_\_\_\_\_. Rede Urbana Regional, Cidades Médias e Centralidades: Estudo de Montes Claros e dos Centros Emergentes de Pirapora, Janaúba e Januária no Norte de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** (ANPUR), v. 14, p. 169-185, 2012.

\_\_\_\_\_. O espaço intra-urbano de uma cidade média e suas centralidades: uma análise de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. **Caminhos de Geografia** (UFU), v. 8, p. 74-94, 2007.

\_\_\_\_\_. Rede Urbana Regional: uma reflexão sobre as interações espaciais existentes entre a cidade média de Montes Claros e os centros emergentes de Pirapora, Janaúba e Januária no Norte do Estado de Minas Gerais. In: PAULA, A. N. R. de; FERREIRA, M. da L. A. (Org.). **Entre o rural e o urbano**. 1ª ed. Montes Claros: UNIMONTES, 2014, v. 1, p. 195-226.

FRANÇA, I. S.; PEREIRA, A. M.; SOARES, B. R.; MEDEIROS, D. L. Cidade médias, polarização regional. **Formação** (Presidente Prudente), v. 2, p. 52-70, 2011.

\_\_\_\_\_. **Aglomeração urbana descontínua de Montes Claros/MG**. 2012. 399 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

FRANCISCONI, J. G.; SOUZA, M. A. **Política Nacional de Desenvolvimento Urbano: estudos e proposições alternativas**. Brasília: IPEA, 1976.

FUKUI, L. F. G. **Les Villes du Minas Gerais**, de Yves Leloup Cadernos (Universidade de São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos). São Paulo, v. 4, p. 230-234, 1971.

FUNEDI- FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE DIVINÓPOLIS. **A Configuração territorial de Divinópolis**. Diagnóstico base para elaboração do Anteprojeto de Lei do Projeto Diretor Participativo de Divinópolis. Divinópolis: Universidade Estadual de Minas Gerais (FUNEDI/UEMG), 2013. 262 p.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **PROECI**, Programa Estadual de Cidades Médias. 1970. Disponível em: <http://biblioteca.fjp.mg.gov.br>. Acesso em: 10 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Programa Estadual de Cidades Médias**. (Cidades Dique/BID). Belo Horizonte: Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral, 1977.

\_\_\_\_\_. Belo Horizonte. Diretoria de Planejamento. **Estrutura espacial do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1977. 260 p. (Relatório de Pesquisa 1).

\_\_\_\_\_. **Estrutura administrativa do Poder Executivo do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Diretoria de Projetos II, 1984. 338 p. (Projeto Estrutura Espacial do Estado de Minas Gerais).

\_\_\_\_\_. **Estrutura Espacial de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1977.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO – FJP; Centro de Estatística – CEI; IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produto Interno Bruto dos Municípios, convênio FJP e IBGE**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: [http://www.fjp.gov.br/produtos/cees/idh/atlas\\_idh.php](http://www.fjp.gov.br/produtos/cees/idh/atlas_idh.php). Acesso em: 2 fev. 2013.

GAULT, M. **Villes intermediaires pour l' Europe**. Paris: Syros Alternatives, 1989.

GEORGE, P. La ville. le fait urbain à travers le monde. **Revue Persee**, Anée 1953. v. 17, n. 1, p. 40-41, 1953.

\_\_\_\_\_. **Précis de Géographie Urbaine**. Paris, P. U. F., 1969, 289 p.

\_\_\_\_\_. L'illusion quantitative en Géographie. In: **La Pensée Géographique Française Contemporaine**– Mélanges offerts au Professeur A. Meynier. Saint-Brieuc, P.U.B., 1972, 716 p.

\_\_\_\_\_. (Directeur). **Dictionnaire de La Géographie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1974, 420 p.

\_\_\_\_\_. **Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. **Géographie Urbaine**. Paris: PUF, 1961. 283 p.

GERVAISE, Y.; QUIRIN, B.; CRÉMIEU, E. **Le nouvel espace économique français**. Paris: PUF, 1997.

GONÇALVES, C. **Toponímia mineira de origem tupi**. Nomes de cidades e Distritos mineiros de origem tupi. Rio de Janeiro: Usina de Letras: 2009. 208 p.

GONTIJO, P. X. **Epítome da história de Divinópolis**. Divinópolis, MG: Papelaria Sherlock, 1962. 123 p.

\_\_\_\_\_. **História de Divinópolis: 1684 a 1936**. 2. Ed. Divinópolis, MG: Gráfica Sidil, 1995. 70 p.

GOTTMANN, J. **Megalopolis: the urbanized northeastern seaboard of the United States**. Massachusetts: The M.I.T. Press, p. 26, 1961/1973.

GOTTMANN, J. et al. **L'aménagement de l'Espace-Planification Régionale et Géographie**. Paris: Librairie Armand Colin, 1961. 140 p.

\_\_\_\_\_. A urbanização e a paisagem Americana: o conceito de megalópole. In: JAMES, P. et al. **Geografia humana nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Fórum, 1970. p.38-48. (Estante de Ciências Sociais).

GOULD, P.; WHITE, R. **Mental Maps**. Harmondsworth: Penguin, 1974.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Caderno Regional do Centro Oeste de Minas**. Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão-SEPLAN. Belo Horizonte, 2014, 213 p.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado**. PMDI 2007-2023. Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão-SEPLAN. Belo Horizonte, 2007. 55p.

GRAVIER, J. F. **Paris et le Désert Français**. 2ª ed. Paris: Flammarion, 1947.

GUIA ILUSTRADO DE ANIMAIS DO CERRADO DE MINAS GERAIS. 2ª ed. CEMIG. Editare Editora, 2003.

GUY, C. **Aménager les territoires, de la loi au contrat**. Paris: Presses universitaires de Rennes, 2008. p. 77-78.

HONORIO, L. de M. **A produção do espaço em uma cidade universitária: o caso de Viçosa-MG**. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

HORWOOD, E. M.; BOYCE, R. R. **Studies of central business district and urban freeway development**. Seattle: University of Washington, 1959.

IBGE. **Cidades: Minas Gerais, Divinópolis, histórico**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php>. Acesso em 27 mar.2015.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão regional do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1972.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Cidade: editora, ano 1958. v. XXIV.

\_\_\_\_\_. **Regiões de Influência das Cidades 2007 - REGIC 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010**. Características da população e dos domicílios. Resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 270 p.

\_\_\_\_\_. **Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**, v.1. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010universo>>. Acesso em: 02/10/2013.

INPE. **Image Catalog**. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em 10/02/2014.

JARA, C. V. C. **¿Tejiendo redes urbanas en ciudades intermedias o metropolización de las problemáticas urbanas?: El caso de estudio San Felipe-Los Andes**. Santiago. 2013. 102 f. Tesis (Magíster en Desarrollo Urbano) - Pontificia Universidad Católica de Chile, Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos, Santiago, 2013.

JORDÁN, R., SIMIONI, D., OTROS. **Ciudades intermedias de América latina y el Caribe: propuestas para la gestión urbana**". **Comisión Económica para América Latina y el Caribe** - CEPAL. Junio 1998. Disponible en: [www.cepal.cl](http://www.cepal.cl)

KAYSER, B. et al. **Un système d'information sur les petites villes françaises**. Travaux et documents du C.I.E.U. France: 1972. 125 p.

KELLERMAN, A. Economic and spatial aspects of Von Thünen's factor intensity theory. **Environment and Planning A**, v. 15, p. 1521-1530, 1983.

KNEIB, E. C. **Subcentros urbanos: contribuição conceitual e metodológica à sua definição e identificação para planejamentos de transportes**. 2008. 206 f. Tese (Doutorado em Transportes) - Faculdade de Tecnologia/Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

KHUN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

JHONSON, J. H. **Urban Geography: un introductory analysis**. New York: Pergamon Press Inc., 1974.

JHONSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos**. A geografia anglo americana desde 1945. São Paulo: Difel. 1986.

JOSÉ, O. **Indígenas de Minas gerais**: aspectos sociais, políticos e etnológicos. Belo Horizonte: Ed. MP, 1965.

LABORIE, J. P. Les petites villes. **Persee Revues Scientifiques**. Paris, v. 92, n. 510, Anee 1983. Disponível em:<[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo\\_0003-4010\\_1983\\_num\\_92\\_510\\_20179\\_t1\\_0223\\_0000\\_1](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo_0003-4010_1983_num_92_510_20179_t1_0223_0000_1)>. Acesso em:04 jan.2014.

LAJUGIE, J. **Les villes moyennes**. Paris: Éditions Cujas, 1974. 216 p.

\_\_\_\_\_. **Les petites villes en France**; Travaux et recherches de prospectives. Paris, 1976.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia. 2004.

LANGENBUCH, J. R. **A estruturação da Grande São Paulo**: estudo de geografia urbana, 1968. 564 f. Tese. (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro da Universidade de Campinas, Rio Claro, 1968.

LELOUP, Y. **Les villes du Minas Gerais**. 1970. 301 f. Thèse (Doctorát em Géografie) – Institut des Hautes Etudes de L`Amérique Latine, Université Paris IV. Paris, 1970.

LLOP, J. M.; SPOSITO, M. E. B.; MELAZZO, E. S.; BELLET, C. (Eds.). **Urbanización, producción y consumo en ciudades medias/intermedias**. Urbanização, produção e consumo em cidades médias/intermediárias. Lleida: Ed. Milenium, 2015. 514 p.

LÖSCH, A. **The economics of location**. Yale: Yale University, 1954.

LINDEN, R. Técnicas de Agrupamento. **Revista de Sistemas de Informação da FSMA**, n. 4, p. 18-36, 2009.

LUZ, J. S. da. **A (re) produção do espaço de Anápolis/GO: a trajetória de uma cidade média entre duas metrópoles, 1970-2009**. 2009. 349 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Uberlândia, 2009.

MAFRA, F.; SILVA, J. A. da. **Planejamento e gestão do território**. Porto: Sociedade Portuguesa de Inovação, 2004. 96 p.

MAIA, D. S. **A geografia e o estudo dos costumes e das tradições**. Disponível em: <http://www.cibergeo.org/agbnacional/terralivre16/terralivre16artigo4.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2014.

MANZAGOL, C. **Lógica do espaço industrial**. São Paulo: Difel, 1985.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Ática, 1987 (Série Princípios).

MARCONIS, R. **France, recompositions territoriales**, La documentation photographique, La Documentation française, 2006. p. 37.

\_\_\_\_\_. **La France des villes, permanences et mutations**. Coll. U, Armand Colin, 2010.

MARTINS, T. J. **Quilombo do Campo Grande: a história de Minas Gerais roubada do povo**. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 1995. 318 p.

MERLIN, P. **L'aménagement du territoire en France**, La documentation française, 2007. p. 48.

MESQUITA, O. V. **O modelo de Von Thünen: uma discussão**. 1978. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFRJ, Rio de Janeiro, 1978.

MICHEL, M. Ville moyenne, ville moyen. *Annales de Géographie*, n. 478, p. 641-685, sep./oct. 1977.

MIYAZAKI, V. K. **Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista**. 2013. 307 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Presidente Prudente, 2013.

MOREIRA, G. **História e estórias da minha terra**. Divinópolis, MG: Fundação Municipal de Cultura, 1990. 163 p.

MOURA, M. G. A. de. **Itabirito, um centro urbano emergente, seu papel e suas transformações**. 2007. 169 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2007.

MOREIRA, G. **História e estórias da minha terra**. Divinópolis: Academia Divinopolitana de Letras, [S.d.].

MINVU. Estudios de Tendencias Urbanas de Ciudades Intermedias. Informes de los sistemas urbanos de Arica, Calama, Antofagasta, Copiapó, La Serena – Coquimbo, Gran Valparaíso, San Antonio, Rancagua – Machalí, Talca, Temuco – Padre Las Casas, Gran Concepción, Puerto Montt – Puerto Varas y Coihaique. **DPU MINVU**, 2004-2007.

MOURA, G. G.; SOARES, B. R. A diversidade de usos da periferia: um estudo de caso na cidade média: Uberlândia. In: GARCIA, M. C. (Org.). **Ciudades intermedias, problemas de su estructura y funciones, conflictos ambientales y sociales em los años 2000**. 1ed. Tandil - Argentina: Talleres Grafica Linhares - FCH/UNCPBA, 2006. p. 47-52.

MÜLLER, N. L. **O fato urbano na bacia do rio Paraíba, Estado de São Paulo**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1969. 375 p.

NADOU, F. La notion de “villes intermédiaires”, une approche différenciée du rôle des villes moyennes: entre structuration territoriale et spécificités socio-économiques. **Colloque Villes petites et moyennes, un regard renouvelé**, 09/12 – 10/12/2010 à Tours, France.

NOGUEIRA, M. de L. C. **Formação profissional e emprego: o caso das egressas do curso técnico em vestuário do Cefet-MG, campus Divinópolis**. 2010. 69 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Paulo, 2010.

NOGUEIRA, S. M. A. **Reflexões sobre o espaço intraurbano de Itaúna e sua gestão**. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2008.

O'KELLY, M.; BRYAN, D. Agricultural location theory: Von Thünen's contribution to economic geography. **Progress in Human Geography**, v. 20, n. 4, p. 457-75, 1996.

OLIVEIRA, G. C. de. **Solos da região dos cerrados: reconhecimento na paisagem, potencialidades e limitações para uso agrícola**. Universidade Federal de Lavras, Fundação de Apoio ao Ensino Pesquisa e Extensão – UFLA/FAEPE, 2009.

OLIVEIRA, H. C. M. de; SOARES, B. R. Cidade média: uma proposta metodológica a partir de indicadores ambientais, culturais e sociais. **Brazilian Geographical Journal: geosciences and humanities research medium**, v. 5, p. 220-230, 2014.

\_\_\_\_\_. Cidade média: apontamentos metodológicos e tipologia. **Caminhos de Geografia (UFU)**, v. 15, p. 119-133, 2014.

\_\_\_\_\_. Cidades médias: contribuição para o debate. In: PORTUGUEZ, A., MOURA, G.; COSTA, R. (Org.). **Geografia do Brasil Central**: enfoques teóricos e particularidades regionais. Uberlândia: Assis Editora, 2011. p. 17-38.

PANERAI, P. **Análise Urbana**. Trad. Francisco Leitão. Brasília: Ed. UNB, 2006.

PARRA, C. y WOLMAN, S. **Ciencias Sociales**: las ciudades de Argentina como centros de serviços. Orientaciones para el docente. Buenos Aires: Ministerio de Educacion Gobierno de La ciudad de Buenos Aires, 2007. 64 p.

PEREIRA, A. M. **Cidade média e região**: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. 2007. 350 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

PINTO, F. E. História e memória das Minas Gerais: uma contribuição para o resgate da memória dos povos indígenas. In: CORGOZINHO, B. M. de S.; FERREIRA, J. H.; CATÃO, L. P. **História e memória do Centro Oeste mineiro**: perspectivas. Confluências entre o urbano e o rural. Belo Horizonte: Ed. O lutador: 2012. 368 p.

PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE DIVINÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Divinópolis. Projeto de Lei complementar nº004/13.

PORTAL CENTRO-OESTE. **Teixeira entra na Justiça contra grupo de caronas**. Disponível em: <http://portalcentrooeste.com/teixeira-entra-na-justica-para-impedir-grupo-de-caronas-no-facebook/>. Acesso em: 23 mai. 2015.

PREFEITURA DE DIVINÓPOLIS. **Prefeito Sanciona lei de tombamento da habitação coletiva**. Disponível em: [www.divinopolis.mg.gov.br](http://www.divinopolis.mg.gov.br). Acesso em: 26 out. 2011.

PULIDO, N. Globalización y el surgimiento de las ciudades intermedias en América Latina y en Venezuela. **Revista Geográfica Venezolana**, v. 45, p. 91-121, 2004. Disponible en: <http://www.saber.ula.ve/db/ssaber/Edocs/pubelectronicas/revistageografica/vol45num1/articulo45-1-4.pdf>

RACINE, J. B. Le modèle urbain américaine: les mots et les choses. In: Annales de Géographie. 1971, t. 80, nº440. p. 397-427. Disponível em <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo\\_0003-4010\\_1971\\_num\\_80\\_440\\_15354](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo_0003-4010_1971_num_80_440_15354)>. Acesso em: 20 nov. 2014.

RAMOS, E. F. **As cidades médias em perspectiva**. Uma análise dos papéis e tendências de um grupo de cidades médias brasileiras. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia, Belo Horizonte, 2011.

RECIME. **Rede de Pesquisadores sobre cidades médias**: O conjunto da produção bibliográfica elaborada pela rede Disponível em: <http://www.recime.org/>. Acesso em: 15 mar. 2015.

RECLUS, E. **The Evolution of cities**. The Contemporary Review, v. 67, n. 2, 1895. p. 246-264.

REDBCM. Rede **Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias**: uma abordagem multidisciplinar. Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/>. Acesso em: 10 jun.2014.

REIS DE PAULA, A; SOARES, B. R. A centralidade nas pequenas e médias cidades: uma análise da microrregião de Frutal no Triângulo Mineiro. **Caminhos de Geografia** (UFU), v. 11, p. 1-8, 2010.

ROCHEFORT, M. **La structure professionnelle dans les villes d'Alsace**. Congrès international de la population. Rome, 1954.

\_\_\_\_\_. **Comment la présence d'une grande ville diversifie-t-elle les agglomérations d'une région?** Bull: AGF, 1959.

\_\_\_\_\_. **L'organisation urbaine de l'Alsace**. Paris: Les Belles Lettres, 1960.

\_\_\_\_\_. **Relations entre niveau d'équipement et population totale des Villes**. Congrès mondial de la population à Belgrade, 1964.

\_\_\_\_\_. **La notion d'armature urbaine**. Colloque franco-polonais de Varsovie, 1965.

\_\_\_\_\_. **Les activités tertiaires, leur rôle dans l'organisation de l'espace**. Cdu-Sedes, 1976.

\_\_\_\_\_. **Dynamique de l'espace français et aménagement du territoire**, L'Harmattan, Paris, 1995.

\_\_\_\_\_. **Redes e sistemas**. Ensinando sobre o urbano e região. Hucitec. São Paulo: 1998.

ROCHEFORT, M.; LABASSE, J. **Le rôle polarisateur des équipements tertiaires supérieurs**. Congrès de l'Union géographique internationale, Londres, 1964.

ROCHEFORT, M.; HAUTREUX, J. **Les métropoles et la fonction régionale dans l'armature française**. Revue Construction-Aménagement, 1964.

ROGERSON, P. A., **Statistical Methods for Geography**. London: SAGE Publications Ltd, 2001. 236 p.

RUIZ, R. M. Redes de cidades comparadas. **Cadernos BDMG**. Belo Horizonte, n. 9, outubro de 2004.

SÁ, P. R. C. **Os Centros Urbanos Emergentes de Minas Gerais**. 2001. 172 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2001.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Voyage aux sources du Rio São Francisco et dans la province de Goyaz**. Paris: Arthus Bertrand Libraire. Editeur, 1847-1848.

\_\_\_\_\_. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco**. Trad. Regina Regis Junqueira. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2004. 235 p.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Edusp: São Paulo, 2004.

SANTAMARIA, F. La notion de “ville moyenne” em France, en Espagne et au Royaume-Uni. In: **Annales de Géographie**, v. 109, n. 613, p. 227-239, 2000.

SCOTLAND. Town and Country Planning Act, 1947. **I & II. Geo 6**. Disponível em: <[http://www.legislation.gov.uk/ukpga/1947/53/pdfs/ukpga\\_19470053\\_en.pdf](http://www.legislation.gov.uk/ukpga/1947/53/pdfs/ukpga_19470053_en.pdf)>. Acesso em 18 ago. 2014.

SECRETARIA DE ESTADO DE TRANSPORTES E OBRAS PÚBLICAS DE MINAS GERAIS. **Relação das linhas intermunicipais (origem e destino); Pesquisa de itinerário e horários das linhas intermunicipais**, 2013. Disponível em: <<http://www.setop.mg.gov.br/cidadao/onibus-intermunicipais>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL. **II Plano Mineiro de Desenvolvimento Econômico e Social (II PMDES)**. Belo Horizonte. Governo do Estado de Minas Gerais, 1975.

SEEMANN, J. Geógrafos e Geografias: contribuições para a discussão sobre a (não) importância da geografia. Ceará: **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 2/3, n. 1, 2000/2001.

SENNA, N. **Etnografia Brasileira: os principais povos selvagens que habitaram Minas Gerais**. v. 1, Tomo XXV, 1924.

Serra, G. **O espaço natural e a forma urbana**. São Paulo: Nobel. 1987.

SILVA, R. V. da; BARROSO, L. C. Conhecendo a região metropolitana do Vale do Aço (MG) e seu colar metropolitano. **e-metrópolis**: Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais, ano 3, n. 10, .p. 37-47, set. 2012.

SILVA, L. de V. D.; BARROSO, L. C.; ABREU, J. F. de. Tipologia e Hierarquização no Sul de Minas utilizando métodos e técnicas de estatística multivariada, análise de componentes principais – ACP e sistemas de informações geográficas – GIS. In: \_\_\_\_\_. (orgs.). **Geografia, Modelos de Análise Espacial e GIS**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas. 2003. p.143-182.

SILVA FILHO, E. da. **A contextualização histórica e geográfica de mapas sobre as áreas quilombolas das Minas Gerais dos setecentos**: os quilombos da região de Campo Grande. 2011. 181 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, D. B; OLIVEIRA, Hé. C. de; SOARES, B. R. A espacialidade dos agentes econômicos em Uberlândia (MG): a análise de uma cidade média. **Caminhos de Geografia** (UFU), v. 11, p. 01-14, 2010.

SINDICATO DAS INDUSTRIAS DE VESTUARIO DE DIVINÓPOLIS. **Associados Confeccionistas (Indústrias do Vestuário)**. Disponível em:<http://www.sinvesd.com/associados-sinvesd-sindicato-da-industria-do-vestuario-de-divinopolis-mg>. Acesso em: 2 jul. 2015.

SOARES, B. R. Cidades médias: uma revisão bibliográfica. In: ALVES, A. F.; FLÁVIO, L. C.; SANTOS, R. A. (Org.). **Espaço e território**: interpretações e perspectivas do desenvolvimento. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005. p. 273-285.

\_\_\_\_\_. **Uberlândia**: da “Cidade Jardim” ao “Portal do Cerrado” - imagens e representações no Triângulo Mineiro. 1995. 290 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. **Formação**. Presidente Prudente: Editora da UNESP, n. 6, p. 55-64, 1999.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a produção de Geografia Urbana em Minas Gerais - 1940/90. In: CARLOS, A. F. (Org.). **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano** - 50 Anos de Geografia. 1ed.São Paulo: EDUSP, 1994, v. 1, p. 145-155.

\_\_\_\_\_. Cidades médias: uma revisão bibliográfica. In: ALVES, A. F.; FLÁVIO, L. C.; SANTOS, R. A. dos. (Org.). **Espaço e território: interpretações e perspectivas do desenvolvimento**. 1ed.Francisco Beltrão - Paraná: Unioste, 2005. p. 273-286.

SOARES, B. R.; BESSA, K. C. F. O.; MOURA, G. G. **A importância econômica das cidades médias do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**. Uberlândia: Instituto de Geografia, 2000. 120 p. (Relatório final de pesquisa - FAPEMIG/UFU).

SOARES, B. R.; RIBEIRO FILHO, V.; OLIVEIRA, H. C. M.; SOUZA, M. V. M. O Setor Terciário da Cidade Média: o caso da cidade de Uberlândia (Brasil). In: SANFELIU, C. B.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Las Ciudades Medias o Intermedias en un Mundo Globalizado**. 01 ed. Lleida: Edicions de la Universitar de Lleida, 2009, v. 01, p. 107-124.

\_\_\_\_\_. Os estudos dos espaços urbanos não metropolitanos em Uberlândia: a experiência da pesquisa em rede e na pós-graduação. In: SEIXAS, J. e CERASOLI, J.. (orgs). (Org.). UFU, ANO 30 **Tropeçando universos**. 1ed. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 263-273.

SOARES, B. R.; FERREIRA, W. Circulação viária em áreas centrais de cidades de porte médio: a questão do pedestre. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 3, n. 16, p. 37-48, 1997.

SOARES, B. R.; BESSA, K. C. Vazios urbanos e especulação imobiliária em Uberlândia - MG. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 3, n. 16, p. 163-168, 1997.

SOARES, B. R.; GOMES, M. A. S.; MARIA, L. X. de. Las vegetaciones en los centros: consideraciones sobre los espacios verdes en ciudades medias brasilenas. **Revista Veredas**, Xochimilco - UAM, p. 223-237, 2003.

SOARES, B. R.; MELO, N. A. de. Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: MERLIN, D.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010, v. 1, p. 229-251.

SOARES, B. R.; SILVA, P. F. J. da; FREITAS, M. P.; ARAÚJO, F. A. V. Os desafios da reflexão sobre as cidades médias e pequenas. **Geografia em Atos** (UNESP. Impreso), v. 2, p. 1-5, 2010.

SOARES, B. R.; RAMIRES, J. C. de L.; OLIVEIRA, H. C. M. de; MELO, N. A. de; SOUZA, M. V. M. de; RIBEIRO FILHO, V. Uberlândia (MG): leituras geográficas de uma cidade média. In: ELIAS, D.; SPOSITO, M. E.; SOARES, B. R. (Org.). **Agentes Econômicos e reestruturação urbana e regional** -Tandil e Uberlândia. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, v. 1, p. 157-285.

SOARES, B. R.; RIBEIRO FILHO, V.; RAMIRES, J. C. L.; OLIVEIRA, H. C. M.; SOUZA, M. V. M.; MELO, N. A. Uberlândia (MG): leituras geográficas de uma cidade média em transição. In: ELIAS, D.; SPOSITO, M. E. B.; SOARES, B. R. (Org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Tandil e Uberlândia**. São Paulo: Expressão Popular, 2010, v. 1, p. 159-285.

SOARES, B. R.; FLORESTA, L. Z. Planejamento Urbano e o Novo Urbanismo: uma discussão para Cidades Médias. In: LIMA, S. do C.; COSTA, E. M. da. (Org.). **Construindo Cidades Saudáveis**. 1 ed. Uberlândia: Assis Editora, 2013. p.219-253.

SOBARZO, O. Passo Fundo: uma cidade média do sul do Brasil na encruzilhada das horizontalidades e das verticalidades. In: BELLET SANFELIU, C. B.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs). **Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado**. Lleida: Universitat de Lleida, 2009 p. 145-148.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo, Editora Unesp, 2013. 360 p.

SPOSITO, M. E.B.; WHITACKER, A. M. **Cidade e campo**: relações e contradições entre o urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (orgs.) **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPOSITO, M. E. B. (org.). **Cidades Médias**: espaços em transição. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, M. E. B.; ELIAS, D.; SOARES, B. R.; MAIA, D. S.; AGUIAR, E. T. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007, v. 1, p. 35-68.

SOUZA, A. C. da S. **Pirapora, uma cidade média no Norte de Minas**. 2008, 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2008.

SOUZA, M. V. M. de. **Cidades médias e novas centralidades**: análises dos subcentros e eixos comerciais de Uberlândia (MG). 2009. 248f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Uberlândia, 2009.

SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, M. E. B (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente (SP): GASPERR/FCT/UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: 2001, p. 235-253.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Cidades Médias**: espaços em transição. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2007. 630 p.

\_\_\_\_\_. O estudo das cidades médias brasileiras. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2007. p. 35-67.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa em rede. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16, 2010, Porto Alegre (RS). **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos – ENG. Porto Alegre (RS): universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SPOSITO, E. S. Cidades Médias e eixos de desenvolvimento no Estado de São Paulo: metodologia de abordagem. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular. 2007. p. 215-132.

SPOSITO, E. S. **Redes e Cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

\_\_\_\_\_. Desafios para o estudo das cidades médias In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LA RED IBEROAMERICANA DE INVESTIGADORES SOBRE GLOBALIZACIÓN Y TERRITÓRIO, 11, 2010, Mendoza. **Anais...** Mendoza: UNCUYO - Universidad de Cuyo, 2010. p. 01-18.

SRTM.Brasil em relevo.Disponível em:[HTTP://www.relevobr.cnpm.embrapa.br/](http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br/)  
Acesso em 20 fev. 2008

STAMM, C. et al. A população urbana e a difusão das cidades de porte médio no Brasil.**Interações**. Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 251-265, jul./dez. 2013.

STODDART, D. R. **To claim the high ground: geography for the end of the century**. London, v. 12, n. 13, p. 327-336, 1987.

TAITSON BUENO, G.; AMORIM FILHO, O. B. **Forma, estrutura e função nos sistemas geográficos e o recorte espacial na pesquisa - considerações exploratórias**. 2011. (Notas de aulas da disciplina de Metodologia e Pesquisa em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas, ministrada em de outubro de 2011, em Belo Horizonte).

TEIXEIRA, C. **Apontamentos de história e chorographia de Divinópolis**. Divinópolis: Typografia Zé Pequy, 1922.

VALE JÚNIOR, J. F. do; SCHAEFER, C. E. G. R. **Solos sob savanas de Roraima**. Gênese, classificação e relações ambientais. Boa Vista: Gráfica Ioris. 2010. 219 p.

VANDIERENDONCK, M. R. **Projet de loi de modernisation de l'action publique territoriale et d'affirmation des métropoles**. SÉNAT, 2013. Disponível em: <http://www.senat.fr/rap/l12-580/l12-5803.html>. Acesso em 9 jul. 2014.

VASCONCELOS, D. P. **História Antiga de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

VIDAL DE LA BLACHE, P. **Atlas Général**. Paris: A. Colin, 1894.

\_\_\_\_\_. **La France de L' Est**. Paris: A. Colin, 1917.

\_\_\_\_\_. **Principes de Géographie Humaine**. Paris: A. Colin, 1922.

VRM. **Villes Régions Monde**: Les objectifs du réseau Villes Régions Monde 2008-2014 Disponível em: <http://www.vrm.ca/index.asp>. Acesso em 01 jun. 2014.

WAIBEL, L. A teoria de Von Thünen sobre a influência da distância do mercado relativamente à utilização da terra: sua aplicação à Costa Rica. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 10, n. 1, p. 3-40, 1948.

WHITACKER, A.; MIYAZAKI, V. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 2 (Dezembro). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, 2012. p. 307-327.

## ANEXOS

## ANEXO 1 – Variáveis utilizadas na análise da ACP

(continua)

População total	Refere-se à população residente em domicílios particulares permanente
Taxa bruta de natalidade	Razão entre o número total de nascidos vivos e a população total do município, multiplicada por 1000.
V082 - Taxa bruta de mortalidade	Razão entre o número total de óbitos de residentes e a população total do município, multiplicada por 1000. Expressa a frequência anual de mortes por município de residência. Dados de 2009 e 2010 são parciais.
V123 - Proporção da população coberta por planos privados de saúde	Razão entre a população beneficiária de planos privados de saúde e a população total do município, em percentual. Dados de 2000 a 2007 foram atualizados pela ANS.
Taxa de frequência bruta ao superior	Razão entre o número total de pessoas de qualquer idade frequentando o ensino superior (graduação, especialização, mestrado ou doutorado) e a população na faixa etária de 18 a 24 anos multiplicado por 100.
V175 - Taxa de crimes violentos	Razão entre o número de ocorrências registradas de crimes violentos (Homicídio, Homicídio Tentado, Estupro, Roubo e Roubo à Mão Armada - conforme a caracterização determinada pelo Código Penal Brasileiro) e a população do município, multiplicada por 100.
V185 - Habitantes por policial civil ou militar	Razão entre a população total e o número de policiais (militares e civis) lotados no município.
V284 - Renda per capita	Razão entre o somatório da renda de todos os indivíduos residentes em domicílios particulares permanentes e o número total desses indivíduos. Valores em reais de 01/agosto de 2010.
V337 - Taxa de emprego no setor formal	Número de empregados no setor formal, em 31 de dezembro, dividido pela população na faixa etária de 16 a 64 anos, em percentual.
V338 - Rendimento médio no setor formal	Valor do rendimento médio dos empregados do setor formal no mês de dezembro, em reais de dezembro de 2010. Os valores correntes foram convertidos em valores de dezembro de 2010 através de sua multiplicação pelos seguintes fatores (obtidos através do INPC )
V417 - Razão de dependência	Razão de dependência é medida pela razão entre o número de pessoas com 14 anos ou menos e de 65 anos ou mais de idade (população dependente) e o número de pessoas com idade de 15 a 64 anos (população potencialmente ativa) multiplicado por 100.
V421 - Percentual de população urbana	Razão entre a população residente em área urbana e a população total residente no município, multiplicado por 100.
V004 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	É obtido pela média aritmética simples de três subíndices, referentes às dimensões Longevidade (IDHM-Longevidade), Educação (IDHM-Educação) e Renda (IDHM-Renda).
V005 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Renda	Subíndice do IDHM relativo à dimensão Renda. Índice da dimensão Renda que é um dos 3 componentes do IDHM. É obtido a partir do indicador Renda per capita, através da fórmula: $[\ln(\text{valor observado do indicador}) - \ln(\text{valor mínimo})] / [\ln(\text{valor máximo}) - \ln(\text{valor mínimo})]$ , onde os valores mínimo e máximo são R\$ 8,00 e R\$ 4.033,00 (a preços de agosto de 2010).

(continuação)

V006 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Longevidade	Subíndice do IDHM relativo à dimensão Longevidade. Índice da dimensão Longevidade que é um dos 3 componentes do IDHM. É obtido a partir do indicador Esperança de vida ao nascer, através da fórmula: $[(\text{valor observado do indicador}) - (\text{valor mínimo})] / [(\text{valor máximo}) - (\text{valor mínimo})]$ , onde os valores mínimo e máximo são 25 e 85 anos, respectivamente.
V007 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Educação	Subíndice do IDHM relativo à Educação. Índice sintético da dimensão Educação que é um dos 3 componentes do IDHM. É obtido através da média geométrica do subíndice de frequência de crianças e jovens à escola, com peso de 2/3, e do subíndice de escolaridade da população adulta, com peso de 1/3.
V010 - % População residente na área rural	% População residente total na área rural
V012 - Mortalidade até um ano de idade	Número de crianças que não deverão sobreviver ao primeiro ano de vida em cada 1000 crianças nascidas vivas.
V016 - Taxa de fecundidade total	Número de filhos que, em média, as mulheres deverão ter tido ao terminar o seu período reprodutivo (considera-se período reprodutivo aquele de 15 a 49 anos de idade).
V038 - Percentual de pessoas de 18 a 24 anos que estão frequentando curso superior	Percentual de jovens nessa faixa etária que estão frequentando o ensino superior.
V072 - Índice de Gini	Mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Seu valor varia de 0, quando não há desigualdade (a renda de todos os indivíduos tem o mesmo valor), a 1, quando a desigualdade é máxima. Mede a desigualdade na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita, excluídos aqueles com renda domiciliar per capita nula. É o logaritmo da razão entre as médias aritmética e geométrica da renda domiciliar per capita dos indivíduos, sendo nulo quando não existir desigualdade de renda entre eles e tendente ao infinito quando a desigualdade tender ao máximo.
V073 - Índice L de Theil	Mede a desigualdade na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. É o logaritmo da razão entre as médias aritmética e geométrica das rendas individuais, sendo nulo quando não existir desigualdade de renda entre os indivíduos e tende
% de pobres	Proporção dos indivíduos com renda domiciliar per capita igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais, em reais de agosto de 2010. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes.
% de vulneráveis à pobreza	Proporção dos indivíduos com renda domiciliar per capita igual ou inferior a R\$ 255,00 mensais, em reais de agosto de 2010, equivalente a 1/2 salário mínimo nessa data. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes.
V092 - Número de habitantes por médicos ocupantes	Razão entre o total de residentes no município e o total de médicos que ocupam cargos de função médica na cidade.
V001 - Valor Adicionado (VA) da agropecuária a preços correntes (R\$ mil)	Valor que a agropecuária agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. É a contribuição da agropecuária ao produto interno bruto, obtida pela diferença entre o valor da produção e o consumo intermediário absorvido por essa atividade.

(continuação)

V002 - Valor Adicionado (VA) da indústria a preços correntes (R\$ mil)	Valor que a indústria agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. É a contribuição da indústria ao produto interno bruto, obtida pela diferença entre o valor da produção e o consumo intermediário absorvido por essa atividade.
V003 - Valor Adicionado (VA) da administração pública a preços correntes (R\$ mil)	Valor que a administração pública agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. É a contribuição da administração pública ao produto interno bruto, obtida pela diferença entre o valor da produção e o consumo intermediário absorvido por essa atividade.
V004-Valor Adicionado (VA) dos serviços a preços correntes (R\$ mil)	Valor que os serviços em geral agregam aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. É a contribuição dos serviços em geral ao produto interno bruto, obtida pela diferença entre o valor da produção e o consumo intermediário absorvido por essa atividade.
V008 - Produto Interno Bruto (PIB) per capita a preços correntes (R\$)	Indicador calculado dividindo-se o Produto Interno Bruto total do município em questão por sua população absoluta.
% da população em domicílios com energia elétrica	Razão entre a população que vive em domicílios particulares permanentes com iluminação elétrica e a população total residente em domicílios particulares permanentes multiplicado por 100. Considera-se iluminação proveniente ou não de uma rede geral, com ou sem medidor.
% da população em domicílios com água encanada	domicílios permanentes ligados a rede geral de abastecimento de água multiplicado por 100 e dividido pelo número total de residências permanentes. Razão entre a população que vive em domicílios particulares permanentes com água canalizada para um ou mais cômodos e a população total residente em domicílios particulares permanentes multiplicado por 100. A água pode ser proveniente de rede geral, de poço, de nascente ou de reservatório abastecido por água das chuvas ou carro-pipa.
% da população em domicílios com coleta de lixo	Razão entre a população que vive em domicílios com coleta de lixo e a população total residente em domicílios particulares permanentes multiplicado por 100. Estão incluídas as situações em que a coleta de lixo realizada diretamente por empresa pública ou privada, ou o lixo é depositado em caçamba, tanque ou depósito fora do domicílio, para posterior coleta pela prestadora do serviço. São considerados apenas os domicílios particulares permanentes localizados em área urbana.
PEA-População economicamente ativa de 10 anos ou mais de idade	População economicamente ativa. Corresponde ao número de pessoas nessa faixa etária que, na semana de referência do Censo, encontravam-se ocupadas no mercado de trabalho ou que, encontrando-se desocupadas, tinham procurado trabalho no mês anterior à data da pesquisa.
Razão 10% mais ricos / 40% mais pobres	Medida do grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Compara a renda per capita média dos indivíduos pertencentes ao décimo mais rico dessa distribuição com a renda capita média dos indivíduos pertencentes aos dois quintos mais pobres. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes.

(continuação)

Esperança de vida ao nascer	Número médio de anos que as pessoas deverão viver a partir do nascimento, se permanecerem constantes ao longo da vida o nível e o padrão de mortalidade por idade prevalecente no ano do Censo.
Expectativa de anos de estudo	Número médio de anos de estudo que uma geração de crianças que ingressa na escola deverá completar ao atingir 18 anos de idade, se os padrões atuais se mantiverem ao longo de sua vida escolar.
Taxa de analfabetismo - 11 a 14 anos	Razão entre a população de 11 a 14 anos de idade que não sabe ler nem escrever um bilhete simples e o total de pessoas nesta faixa etária multiplicado por 100.
Taxa de analfabetismo - 15 anos ou mais	Razão entre a população de 15 anos ou mais de idade que não sabe ler nem escrever um bilhete simples e o total de pessoas nesta faixa etária multiplicado por 100.
Taxa de frequência bruta ao ensino superior	Razão entre o número total de pessoas de qualquer idade frequentando o ensino superior (graduação, especialização, mestrado ou doutorado) e a população na faixa etária de 18 a 24 anos multiplicado por 100.
% de 25 anos ou mais com superior completo	Razão entre a população de 25 anos ou mais de idade que concluiu pelo menos a graduação do ensino superior e o total de pessoas nesta faixa etária multiplicado por 100.
Renda per capita máxima do 1º quinto mais pobre	Valor do 1º quintil da distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita, ou seja, valor máximo da renda domiciliar per capita dos indivíduos pertencentes ao quinto mais pobre dessa distribuição. Valores em reais de 01/agosto/2010.
Percentual da renda apropriada pelos 10% mais ricos	Percentual da renda total apropriada pelos indivíduos pertencentes ao décimo mais rico da distribuição dos indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes.
Percentual da renda apropriada pelos 80% mais pobres	Percentual da renda total apropriada pelos indivíduos pertencentes aos quatro quintos mais pobres da distribuição dos indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes.
% de trabalhadores por conta própria - 18 anos ou mais	Razão entre o número de trabalhadores por conta própria de 18 anos ou mais de idade e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária multiplicado por 100.
% de empregadores - 18 anos ou mais	Razão entre o número de empregadores de 18 anos ou mais de idade e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária multiplicado por 100.
% dos ocupados no setor agropecuário - 18 anos ou mais	Razão entre o número de pessoas de 18 anos ou mais de idade ocupadas no setor agropecuário e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária.
% dos ocupados no setor comércio - 18 anos ou mais	Razão entre o número de pessoas de 18 anos ou mais de idade ocupadas no setor de comércio e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária multiplicado por 100.
% dos ocupados no setor de construção - 18 anos ou mais	Razão entre o número de pessoas de 18 anos ou mais de idade ocupadas no setor de construção e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária multiplicado por 100.

(conclusão)

% dos ocupados no setor extrativo mineral - 18 anos ou mais	Razão entre o número de pessoas de 18 anos ou mais de idade ocupadas no setor extrativo mineral e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária multiplicado por 100.
Grau de formalização dos ocupados - 18 anos ou mais	Razão entre o número de pessoas de 18 anos ou mais formalmente ocupadas e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária multiplicado por 100. Foram considerados como formalmente ocupados os empregados com carteira de trabalho assinada, os militares do exército, da marinha, da aeronáutica, da polícia militar ou do corpo de bombeiros, os empregados pelo regime jurídico dos funcionários públicos, assim como os empregadores e trabalhadores por conta própria que eram contribuintes de instituto de previdência oficial.
% dos ocupados no setor serviços - 18 anos ou mais	Razão entre o número de pessoas de 18 anos ou mais de idade ocupadas e que já concluíram a graduação do ensino superior e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária multiplicado por 100.
% dos ocupados no SIUP - 18 anos ou mais (setores de serviços industriais de utilidade pública)	Razão entre o número de pessoas de 18 anos ou mais de idade ocupadas nos setores de serviços industriais de utilidade pública e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária multiplicado por 100. Esse setor inclui as atividades constantes das seções D e E do CNAE DOM 2.0: geração, transmissão e distribuição de eletricidade e gás; captação, tratamento e distribuição de água; esgoto e atividades relacionadas; coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais; descontaminação e outros serviços de gestão de resíduos.
% dos ocupados na indústria de transformação - 18 anos ou mais	Razão entre o número de pessoas de 18 anos ou mais de idade ocupadas na indústria de transformação e o número total de pessoas ocupadas nessa faixa etária multiplicado por 100.
Taxa de atividade - 10 anos ou mais	Razão entre as pessoas de 10 anos ou mais de idade que eram economicamente ativas, ou seja, que estavam ocupadas ou desocupadas na semana de referência do Censo e o total de pessoas nesta faixa etária multiplicado por 100. Considera-se desocupada a pessoa que, não estando ocupada na semana de referência, havia procurado trabalho no mês anterior a essa pesquisa.
Pessoas por automóvel	Razão entre a população total e o número de automóveis.
Eixos rodoviários asfaltados	Número de eixos rodoviários asfaltados que dão acesso a cidade

Fonte: IBGE, 2010

**ANEXO 2 – Migrações pendulares de trabalho entre os municípios da região Centro-Oeste Perimetropolitana de BH**

Municípios	Total	Bom Despacho	Pitangui	Leandro Ferreira	Carmo do Cajuru	São Gonçalo do Pará	Itaúna	Divinópolis	Itapecerica	Camacho	Pitangui	Japaraíba	Arcos	Santo Antonio do Monte	Itaguara	Pará de Minas	Itatiaiuçu	Lagoa da Prata	Iguatama	Itapecerica	Carmo da Mata	Itaúna	Florestal	Igaratinga
Nova Serrana	3336	580	486	412																				
Divinópolis	1910				1203	213	169																	
Itatiaiuçu	904						894								10									
São Sebastião do Oeste	690							452	211	14														
Conceição do Pará	630										630													
Lagoa da Prata	565											361	97	74										
Itaúna	550							176								247	105							
Arcos	488											27						159	273					
Cláudio	482																			314	168			
Pará de Minas	478																					96	88	80

Municípios	Total	Bom Despacho	Pitangui	Leandro Ferreira	Carmo do Cajuru	São Gonçalo do Pará	Itaúna	Divinópolis	Itapecerica	Camacho	Japaraíba	Arcos	Santo Antonio do Monte	Itaguara	Pará de Minas	Itatiaiuçu	Lagoa da Prata	Iguatama	Itapecerica	Carmo da Mata	Itaúna	Florestal	Igaratinga
Nova Serrana	3336	17,4	14,6	12,4																			
Divinópolis	1910				63,0	11,2	8,8																
Itatiaiuçu	904						98,9							1,1									
São Sebastião do Oeste	690							65,5	30,6	2,0													
Conceição do Pará	630		100,0																				
Lagoa da Prata	565										63,9	17,2	13,1										
Itaúna	550							32,0							44,9	19,1							
Arcos	488										5,5						32,6	55,9					
Cláudio	482																		65,1	34,9			
Pará de Minas	478																				20,1	18,4	16,7

Municípios	Municípios do COPm-BH/Total de trabalhadores (migrantes pendulares)									
	Nova Serrana	Divinópolis	Itatiaiuçu	São Sebastião do Oeste	Conceição do Pará	Lagoa da Prata	Itaúna	Arcos	Cláudio	Pará de Minas
	3336	1910	904	690	630	565	550	488	482	478
Bom Despacho	17,4									
Pitangui	14,6				100					
Leandro Ferreira	12,4									
Carmo do Cajuru		63,0								
São Gonçalo do Pará		11,2								
Itaúna		8,8	98,9							
Divinópolis				65,5			32			
Itapecerica				30,6						
Camacho				2,0						
Japaraíba						63,9		5,5		
Arcos						17,2				
Santo Antonio do Monte						13,1				
Itaguara			1,1							
Pará de Minas							44,9			
Itatiaiuçu							19,1			
Lagoa da Prata								32,6		
Iguatama								55,9		
Itapecerica									65,1	
Carmo da Mata									34,9	
Itaúna										20,1
Florestal										18,4
Igaratinga										16,7

Fonte: IBGE, 2010

## ANEXO 3 – Relação dos bens patrimoniais tombados em Divinópolis

### O NÚCLEO TRADICIONAL E OS MONUMENTOS HISTÓRICOS TOMBADOS EM DIVINÓPOLIS

O **Sobrado da Praça Dom Cristiano**: este patrimônio localiza-se no núcleo gerador da cidade e, de acordo com a Secretaria Municipal de Cultura (2008), constitui-se no último remanescente do conjunto arquitetônico desse núcleo. Apesar das regulamentações, muitos patrimônios no país somente são preservados por pressão da sociedade. Isto ocorreu com este monumento em Divinópolis: quando se ameaçava demoli-lo, a sociedade se organizou em 1982, em um movimento de defesa da sua preservação. Dessa forma, sensibilizou a Câmara Municipal, que embargou por ação judicial, a demolição total do edifício. Assim, o patrimônio foi reformado e restaurado em 1985, o que se repetiu em 1995. No ano seguinte à sua primeira restauração, passou a abrigar o Museu Histórico de Divinópolis e, finalmente, em 1988, foi tombado.

A **Estação Ferroviária**: esta era a estação do ramal da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), implantada em Divinópolis em 1890 que, anteriormente, levava o nome do engenheiro-chefe responsável pela construção, Henrique Galvão. A estação tem importância histórica, política e econômica para Divinópolis. Foi tombada em 1988, com o nome de Estação Divinópolis. Com o crescimento da cidade, a estação hoje se localiza na zona central, sendo aqui considerada um equipamento no limite desta unidade funcional.

A **Usina Hidrelétrica da Estrada de Ferro Oeste de Minas - EFOM**: é outro bem tombado no município. Este equipamento tem importância social, política e econômica para a cidade. Foi implementada para atender a demanda de energia que passou a existir na cidade com a implantação da Vila Operária no bairro Esplanada, que atendia a oficina da EFOM. A usina foi construída entre 1911 e 1914 e inaugurada em 1918. A usina, que hoje também se localiza na zona central, encontrava-se na entrada do bairro Niterói e era dotada de três geradores importados da Suíça e da Alemanha, com potência total de 840 KWA, com uma rede elétrica de 3 km. As telhas do prédio foram fabricadas em Marselha, na França. A usina foi desativada em 1981, depois de servir por mais de 7 décadas à EFOM, à Rede Mineira de Viação, à viação Férrea Centro Oeste e à Rede Ferroviária Federal S.A. Em 1985, foi adquirida pela Prefeitura Municipal e tombada em 1988. Em 2003, o município firmou contrato de concessão junto à iniciativa privada para operação e exploração da usina.

A **Usina do Gravatá**: essa construção levou o nome de seu primeiro diretor, o baiano Antônio Gonçalves Gravatá. Foi uma Usina de Álcool-Motor de mandioca do Estado de Minas Gerais, construída por sugestão do então governador do Estado, Olegário Maciel, em 1931, e inaugurada em

1932. Foi a primeira usina produtora de biocombustível da América Latina. Os maquinários da usina foram importados da Alemanha.

Em 1935, comemorou-se o primeiro milhão de litros de álcool motor produzido na indústria. Durante a 2ª Guerra Mundial, com a interrupção do fornecimento de gasolina para o Brasil, a produção foi mais incentivada. A partir da segunda metade da década de 1960, passou a ser administrada pela Companhia Agrícola de Minas Gerais (CAMIG), quando foi usada para fabricar polvilho e ração balanceada, e depois também foi utilizada como depósito e entreposto agrícola até ser fechada e o prédio abandonado à depredação. Adquirido pela Prefeitura Municipal, foi tombado em 1988, e desde este período vem sendo adaptado para abrigar o Teatro Municipal Usina Gravatá, inaugurado em 2007.

A **Sirene das oficinas do bairro Esplanada**: esse equipamento era o apito da Rede Ferroviária que soava em diversos horários, onze vezes por dia, indicando a partida do bonde que transportava os operários da Rede e mais alguns passageiros “caronistas” (ARAÚJO, 1998, p. 142). O bonde realizava o itinerário das oficinas à estação e vice-versa. Também serviu para prevenir os moradores ribeirinhos contra ameaças de enchentes, para anunciar fim de greves, assinalar aleluias e a queima do Judas. Cita-se que o tom musical do apito era a nota Lá da clave de sol e os músicos às vezes o utilizavam para afinar seus instrumentos.

Durante 86 anos, a cidade era despertada pelo monocórdico e doce som do apito da Rede Ferroviária Federal S/A. A sirene foi silenciada em 1997, mas voltou a soar em 2000, por solicitação da comunidade, sendo tombada em 2003.

O **Cristo Crucificado**, que é uma imagem do Cristo com os olhos fechados, produzida por autor desconhecido, feita em madeira policromada. De acordo com a Secretaria Municipal de Cultura, possivelmente a obra é do século XVIII e esteve por muito tempo na Capela de Santa Helena, no povoado de Lava Pés, em Divinópolis. Por dificuldade de acesso ao local, decidiu-se transferir a capela para outro terreno, período este que a imagem e outros acervos da capela ficaram aos cuidados de um vizinho. Posteriormente, a imagem foi repassada aos cuidados de diversas pessoas, até ser doada em 1988 ao Museu Histórico de Divinópolis. A capela recebeu obras de restauração e reforma, sendo reaberta em 1984, e a imagem do Cristo Crucificado foi tombada em 2003.

O **Centro Cultural do Povo**: a praça Dr. Benedito Valadares, mais conhecida como Praça do Santuário, já existia desde 1936, localizada no centro da cidade entre as ruas Rio de Janeiro e São Paulo, ao lado do Santuário de Santo Antônio. Recebeu sua primeira intervenção paisagística ou urbanística somente em 1965. Com o projeto de revitalização, denominou-se “Centro Cultural do Povo”. A composição arquitetônica da praça é composta por três elementos: O Plano Cívico ou Plano Monumental, o Monumento ao Trabalho e a Plataforma Acústica. O Centro foi tombado em 2003.

**As Pinturas-murais de frei Humberto Randag, OFM, que ornaram o interior do Santuário de Santo Antônio:** esses afrescos datam de 1949. Nesse ano, a cidade comemorava os 25 anos da chegada dos franciscanos à cidade de Divinópolis. As pinturas foram executadas pelo frade artista, que veio da Holanda exclusivamente para pintar os painéis, que ocupam um espaço de 222,65 m<sup>2</sup>. Toda a pintura foi realizada com temas sacros, sendo eles os painéis do altar-mor, do arco cruzeiro, das paredes laterais e do coro. O frade utilizou a técnica da têmpera à caseína. A obra foi tombada em 1988 e restaurada entre 1996 e 1997.

Os **Quartinhos da Rede:** datam de 1944, sendo um espaço de 307 m<sup>2</sup> de área construída, que tem 14 quartos com características simples sem traços de uma arquitetura rica em detalhes. O espaço localiza-se na Praça dos Ferroviários, entre as ruas Engenheiro Benjamin de Oliveira e Mestre Pedro da Silva, no Bairro Esplanada, e é habitado por alguns funcionários da ferrovia.

O **Monumento ao Ferroviário:** erguido em 1980, na Praça do Ferroviário, no bairro Esplanada. De acordo com o Jornal Oficial da Prefeitura Municipal de Divinópolis (2007), trata-se de uma homenagem da cidade àqueles que ajudaram no desenvolvimento do município, através da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM). O monumento é uma réplica da antiga estação de Assis Ribeiro e da Locomotiva 340, fabricada nas oficinas da Rede Mineira e Viação, no bairro Esplanada, em 1942, por ocasião da II Guerra Mundial. O equipamento foi doado pela Superintendência da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA) para compor o monumento. O jornal relata que, inicialmente, a máquina deveria operar à base de lenha e carvão, mas em 1958 passou a funcionar com óleo queimado, encerrando suas atividades em 1965.

O **Reinado:** é o primeiro bem imaterial de Divinópolis a ser tombado. Com uma tradição de 160 anos, as festividades são realizadas desde a criação do povoado do Divino Espírito Santo, datando as primeiras manifestações do ano de 1850.

Dados e informações coletadas na Secretaria Municipal de Cultura (2015) registram que, na cidade, as festas de Reinado são celebradas em 15 lugares diferentes durante todo o ano. As festas se concentram em pontos da cidade, normalmente, onde há igreja de Nossa Senhora do Rosário. Em alguns bairros onde não há igreja deste santo, a festa é celebrada em outra igreja que tenha no bairro. De acordo com o historiador Faber Clayton Barbosa<sup>161</sup>, pesquisas e relatos sugerem que estas manifestações remontem ao final do século XVIII e início do século XIX, portanto bem mais antigas na região.

Dentre as construções mais antigas de Divinópolis, há uma que não é um bem tombado e a área não representa oficialmente o núcleo tradicional da cidade, mas no espaço de ocupação original,

---

<sup>161</sup> Faber Barbosa é historiador com cargo efetivo na Prefeitura Municipal de Divinópolis e ocupa esta função no Arquivo Público Municipal.

próximo ao mercado central, localiza-se uma réplica da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que tem significado simbólico importante na cidade. Segundo Barreto (1992), a primeira igreja foi construída no espaço atualmente ocupado pelo mercado central, a igreja original edificada para que os negros que frequentavam o santuário de Santo Antônio e realizavam rituais sincréticos durante a missa pudessem frequentá-la e por lá assim procederem e não escandalizarem a população em geral. A igreja original foi demolida para a construção do mercado central e ao seu lado edificou-se, em 1985, uma réplica da igreja original, onde se realizam festas de reinado e outros rituais católicos.

A área construída do Mercado central não está em bom estado de conservação. Crenças populares relatam que existem forças negativas que atuam naquela área e nada do que instala ali prospera, tendo em vista que por ali já se instalou um cemitério, um hospital, uma igreja e todos já foram demolidos.

A Catedral do Divino Espírito Santo está edificada sobre a área de ocupação antiga de Divinópolis, citada anteriormente, e já foi reformada diversas vezes, não mantendo, assim, seus traços originais. Aliás, nesta área permanece, originalmente, apenas um sobrado que abriga hoje o Museu Histórico Municipal, já também descrito anteriormente.